

Hoje é um bom dia para você selar sua amizade com esta revista.



Hoje esta revista faz aniversário.

Comunique-se com ela do jeito que ela se comunica com você.

Escrevendo.

Mande uma carta, um bilhete, um cartão-postal, uma frase, um desenho, qualquer coisa que diga de sua admiração e do seu respeito pela aniversariante.

Porque esta revista é feita por gente que vive pensando e escrevendo para você.

Hoje, pense e escreva para ela.

Junte-se ao Banco do Nordeste na homenagem e no reconhecimento ao importante papel que esta revista desempenha na vida da gente.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

bnb BANCO DO NORDESTE
DO BRASIL S.A.

O Conterrâneo

ESTADO

Luis da Câmara Cascudo, nome definitivo	10
Depoimentos sobre o Mestre	23
15 Anos em Retrospectiva	34
A prática política	42
Exportações: o potencial do RN	50
A indústria da castanha	51
A vida das praças	53
Café São Luiz: ponto de encontro	62
A televisão que Natal vê	64
Empresário vê novo mínimo	66
Compositor, atividade secundária	67
A mania dos video-games	70
Um município de dificuldades	71
Radiografia da UFRN	74
15 Anos de Cultura	84
A crise ausente dos bares	87
Câncer, ainda um fantasma	90
Educação é ruim, apesar dos esforços	91
A crise dos transportes	98
O perfil de um pintor	98
Com a palavra, os chargistas	99

ARTIGOS

Ari Rocha	60
Economia	110
Monsenhor Américo Simonetti	114
Esporte	122

SEÇÕES

Homens & Empresas	4
Cartas & Opiniões	6
Cultura	104
Agenda do Empresário	111

HUMOR

Cláudio	118
---------------	-----

FOTOGRAFIA

João Maria Alves
Ivanísio Ramos

CAPA

Arte: Flávio Américo
Foto: J. B. Júnior



Uma edição histórica

Homenagear Cascudo é homenagear o Rio Grande do Norte. Ponto pacífico, uma vez que o Estado, à unanimidade, reconhece nesse seu mais ilustre filho, a cultura, a alma do povo brasileiro. Assim é que, na sua Edição Especial de 15.º Aniversário, RN/ECONÔMICO optou por Luis da Câmara Cascudo como personagem maior. E o perfil do **Mestre**, a partir da página 10, ocupa amplos espaços da revista, na visão dos seus amigos, nos fatos de sua vida, no depoimento dos seus admiradores e na vastidão da sua

obra. Sabemos que Cascudo e tudo o que ele representa não se esgotam aqui. No entanto, o farto material que pode ser encontrado na reportagem tem o valor de documento sobre um nome que, por seu amor às raízes, é pura história potiguar. Na outra metade da edição, vale consultar o Rio Grande do Norte em sua política, em sua economia, em sua cultura dentro desses 15 anos, registradas nas retrospectivas das páginas 34 e 84. E comprove: esta é uma edição histórica e, ainda assim, atual.

RN/ECONÔMICO

EDIÇÃO ESPECIAL DE 15.º ANIVERSÁRIO • ANO XV • N.º 159 • NOVEMBRO/84

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira

DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETORA DE REDAÇÃO: Josimey Costa

ARTE E PRODUÇÃO

CHEFE: Euryly Moraes da Nóbrega

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO: Moacir de Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Vanda Fernandes de Oliveira

GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócio/econômicos do Rio Grande do Norte. é de propriedade de RN/ECONÔMICO EM-

PRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Fone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 5.000,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 20.000,00. Preço do exemplar atrasado: Cr\$ 3.000,00. Consulta ao arquivo memória: Cr\$ 10.000,00. **COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:** RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA

PROTECIONISMO —

A Assembléia Legislativa aprovou projeto-de-lei que beneficia o comércio e a indústria do Rio Grande do Norte, concedendo, às empresas locais, privilégios nos processos de licitação de obras e serviços requisitados pelo Governo do Estado. Tão logo a lei seja sancionada pelo Governador José Agripino, as empresas industriais poderão exceder em até 14% o valor das propostas de firmas de outros Estados.

Para as firmas comerciais, o limite de excedência é de 10%, desde que, embora abastecendo seus estoques em outros Estados, recolham ICM aos cofres públicos do Rio Grande do Norte. Para as empresas de prestação de serviços, o limite percentual é de 7%. Segundo o presidente da Associação Comercial, Ronald Gurgel, a mensagem enviada à Assembléia pelo Governador — e que deu origem ao projeto-de-lei aprovado — resultou de sugestão da entidade.

○○○

ANISTIA AO CONSUMIDOR —

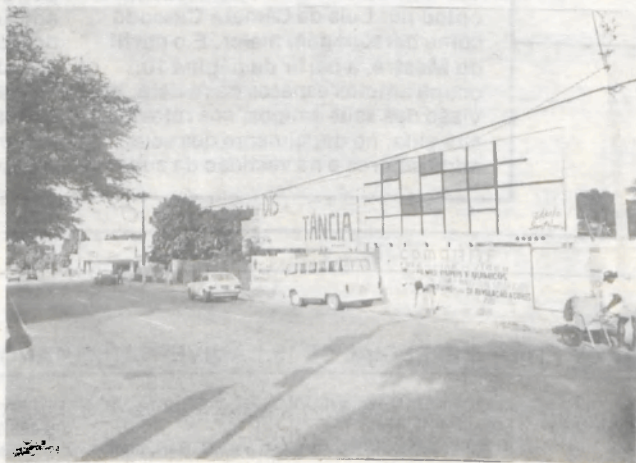
O consumidor natalense, que tem o seu nome inscrito nos fichários do Serviço de Proteção ao Crédito, tem uma chance de voltar a comprar a prazo a partir da campanha «SPC assume a causa do mau pagador», lançada pelo Clube de Diretores Lojistas. Desde agora, 50% dos juros acumulados ao longo do período do débito serão dispensados pelos lojistas, com o pagador livrando-se inclusive do



Centro de Convenções

rótulo de «reabilitado», que o colocava — durante noventa dias — na pendência de ser ou não ser atendido pelos lojistas nas compras a prazo.

O objetivo da campanha é reduzir o contingente de cerca de 22 mil consumidores fichados, o que perfaz um total de Cr\$ 9,4 bilhões em débitos por saldar. Para o presidente do CDL, Antônio Gentil, um índice de minimização de 20% do total «pendurado» já representará um bom investimento para os lojistas. “10% já pagam a campanha”, diz ele.



Art-Door

AS CORES DO NATAL — Os artistas plásticos e os poetas natalenses largaram na frente

dos lojistas e da Prefeitura na corrida para colorir a cidade com signos alusivos ao período natalino. Quarenta **out-doors** espalhados por toda a cidade comentam o tema «Natal em Natal», numa mistura de cores e palavras bem humoradas e irônicas.

Apesar do tema proposto, alguns trabalhos expostos fugiram à sua ótica e falam de outras coisas. A exposição de «Art-Door», como foi batizada a mostra, tem a coordenação dos artistas plásticos Paulo Bruscky, Daniel Santiago e J. Me-

deiros, e recebeu apoio material e financeiro da Prefeitura do Natal e da Divulgadora Bandeiran-

tes, empresa publicitária de Recife.

○○○

MÉRITO RN/ECONÔMICO —

Nevaldo Rocha (no setor da indústria), José Nilson de Sá (agropecuária), Radir Pereira (comércio), Luiz Maria Alves (comunicação), Américo de Oliveira Costa (literatura) e Túlio Fernandes de Oliveira Filho (artes plásticas) são os agraciados com o «Diploma do Mérito RN/ECONÔMICO», que a direção da revista entrega no dia 30 deste. A entrega do laurel, alusivo ao nosso 15.º aniversário, acontece em coquetel marcado para as 18:30 horas, no Centro de Convenções, na Via Costeira, durante a solenidade de lançamento desta Edição Especial de Aniversário.

Além dos diplomas e da edição de aniversário, os empresários, políticos, jornalistas e autoridades presentes ao evento recebem exemplares dos «Anais do RN», livro que reúne artigos publicados ao longo de quinze anos de atividade jornalística. O jornalista Manoel Barbosa, o ex-Governador Cortez Pereira, o advogado Ney Lopes de Souza, o Deputado Estadual Garibaldi Filho e o ex-Prefeito de Mossoró, Raimundo Soares de Souza são os autores dos artigos selecionados. Este último pronunciará discurso alusivo ao evento.

○○○

GUERRA CONTRA CAMELÓS — Cientes dos prejuízos provocados

pela presença maciça de camelôs nas calçadas e portas das suas lojas, os comerciantes de Natal submeterão, ao Prefeito Marcos Formiga, documento denunciando a situação e cobrando medidas saneadoras. Idêntica iniciativa animou os comerciantes de Recife-PE, sem que muito tenha sido obtido.

A presença de camelôs nas calçadas das áreas comerciais da cidade remonta ao período da última campanha eleitoral, quando candidatos a postos de destaque liberaram a área para uso dos ambulantes.

○○○

INFORMÁTICA — A Datanorte promove, entre os dias 12 e 14 de dezembro, o «Seminário de Informática para Administradores», destinado especificamente a administradores, gerentes e executivos interessados na área. As inscrições já estão abertas e o Seminário apresentará desde noções básicas sobre computação até informações mais sofisticadas que ilustram a utilidade da informática na vida da empresa.

○○○

O SUCESSO DA CONTERN — A Cooperativa de Têxteis do Rio Grande do Norte conseguiu provar que o operário também pode dirigir com sucesso uma empresa. Formada após a falência da Sítex — cujo controle acionário lhes foi transferido como pagamento de dívidas trabalhistas — a Contern ganhou importantes fa-



Camelôs prejudicam

tias do mercado têxtil local, produzindo etiquetas para indústrias têxteis do Rio Grande do Norte e de outros Estados.

Prova do sucesso e da competência da Contern é a contratação, pela Guararapes (dona da marca «Pool»), da fabricação de 600 quilômetros de etiquetas destinadas à sua linha de vestuário e outras confecções.

○○○

O TAHITI NA POLÍTICA — Parece não ter sido vão o esforço do Motel Tahiti para expressar o seu amor ao presidencial. Tancredo Neves durante a visita do ex-Governador mineiro a Natal. A edição de novembro da revista «Playboy», em ampla reportagem sobre as andanças de Tancredo e Maluf pelo País, menciona a surpresa de Tancredo ao deparar as faixas colocadas pelo dono do Motel, Alcyny Dowsley, em algumas ruas da cidade, saudando o político.

Além do inusitado da inclusão do Motel numa reportagem política, a revista registra a reação do presidencial apoiado

do pela Aliança Democrática ao ler a faixa «Tancredo, com amor». Disse Tancredo: «Para quem nunca foi a um motel, a saudação nada evoca. E, hoje em dia, nada provoca».

○○○

LIVROS — A poeta Zila Mamede lançará no próximo dia 7, às 20 horas, na Livraria Clima do CCAB-Norte, o seu sétimo livro — «A Herança», que reúne sua produção poética mais recente. A edição é da Fundação José Augusto. Um outro lançamento da FJA aguardado para dezembro é «Marrons, Crepons, Marfins», de Marize Castro.

○○○

CICLO NATALINO — Começa no próximo dia 03 — e prossegue até 23 de dezembro — o período de funcionamento noturno do comércio de Natal, tanto na Cidade Alta quanto no Alecrim, por conta do ciclo de vendas do período natalino. De segunda à sexta-feira, as lojas abrem até 22 horas; aos sábados, até 18 horas.

Já o programa de Crédito Natalino do Governo do Estado e da Prefeitura do Natal estão instalados desde o dia 26 passado, e permanecem atendendo aos consumidores previdenciários do IPE e do IPREVINAT até 30 de dezembro, último dia de validade das ordens de venda fornecidas aos inscritos no programa.

○○○

NOVA LOJA HONDA

— A Potiguar Veículos terá endereço novo dentro em breve, tão logo sejam concluídas as novas instalações na Prudente de Moraes. A nova loja da revendedora autorizada Honda no Rio Grande do Norte deverá contar, inclusive, com área destinada à implantação de escola de pilotagem para motociclistas.

○○○

ENCONTRO DA INDÚSTRIA — Um grupo de industriais do Rio Grande do Norte participa, no Rio de Janeiro, do «Encontro Nacional da Indústria», promovido pela Confederação Nacional da Indústria e iniciado no último dia 27. O temário do encontro — «As perspectivas da economia nacional» — adquire especial relevo por conta do momento de transição política que o País atravessa.

Os representantes da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte participam do encontro discutindo sugestões contidas em documentos elaborados e previamente divulgados pela CNI a respeito do tema.

O significado camaleônico do verbo malufar

Num almoço que jornalistas, radialistas e publicitários me ofereciam, em Lisboa, na altura de 1955, quando eu editava no Rio de Janeiro a revista Publicidade & Negócios, o ANUÁRIO BRASILEIRO DE IMPRENSA, o ANUÁRIO DE RÁDIO E TELEVISÃO e o ANUÁRIO DE PUBLICIDADE e presidia a Associação Brasileira de Propaganda, depois da sabatina que me impuseram sobre os assuntos de minha especialização, o meu amigo Mário Rodrigues Rocha quis saber minha opinião sobre quem ganharia as eleições presidenciais no Brasil. Eram candidatos Juscelino Kubitschek, Juarez Távora e Adhemar de Barros. Eu disse de minha preferência pessoal por Juscelino, que marcara sua ascensão política através de uma atuação dinâmica à frente da Prefeitura de Belo Horizonte e, em seguida, do Governo de Minas Gerais. Sua proposta de fazer o Brasil crescer 50 anos em 5, estabelecendo metas desenvolvimentistas para os setores básicos da economia nacional, no meu entender, repercutia favoravelmente na opinião pública. Mas assinalei que não era de descartar a eventualidade de uma surpresa desagradável com a possível vitória de Adhemar de Barros, ex-Governador de São Paulo.

— Por que surpresa desagradável? — indagou Mário Rodrigues Rocha.

Esbocei o perfil político do candidato do PSP, desde os tempos de sua interventoria em São Paulo, no famigerado Estado Novo. Mas, quando fiz alusão ao seu lema do “rouba, mas faz”, provoquei um mal-estar geral e um dos presentes me aparteou, em nome dos demais, para observar que “nós, portugueses, possuímos um acendrado amor pelo Brasil e não aceitamos qualquer insinuação que prejudique a imagem que temos do grande povo irmão”. Embora profundamente desrespeitosa no que dizia respeito aos direitos humanos, a ditadura salazarista se caracterizava pelo total repúdio à corrupção na administração da coisa pública. Em contrapartida, no Brasil, vivíamos um clima de ebulição política, sob a égide da Constituição liberal de 1946, que ensejava o total confronto de opiniões e o mais aceso debate público. Getúlio Vargas se matara um ano antes, face às pressões do capital estrangeiro através dos arautos da UDN — o partido da “eterna vigilância” —, que o acusara de promover um “mar de lama”. O homem da “caixinha do jogo do bicho” amealhara, durante a Governança de São Paulo, dinheiro bastante para aliciar votos “interessados” pelo Brasil inteiro. Mas eu compreendi que não adiantava, naquele jantar, aprofundar-me nos aspectos diferenciados entre a sombria austeridade da ditadura portuguesa e a alegre liberalidade, alcançando quase as raias do deboche, da então democracia brasileira. Apenas me limitei a redarguir que quando dizia que Adhemar de Barros era o homem do “rouba, mas faz”, não estava expressando uma opinião pessoal, mas dando uma informação. Prudentemente, tratei de mudar de assunto, no que

fui prontamente ajudado pela habilidade do amigo Mário Rodrigues Rocha, que colocou uma pergunta sobre o estágio incipiente do marketing no Brasil de então. O Presidente da Associação Portuguesa de Propaganda encerrou o ágape com um eloqüente discurso sobre o intercâmbio cultural luso-brasileiro, com muitos protestos de amor e respeito ao grande povo irmão (brasileiro) e votos de prosperidade qualquer que fosse o candidato vitorioso no pleito presidencial.

Recordo o quiprocó, 29 anos depois, pensando no embaraço que algum brasileiro teria que enfrentar hoje se tivesse que explicar a audiência lisboeta que malufar, no jargão universitário, é sinónimo de surrupiar.

— Você malufou minha caneta — diz o estudante.

— Protesto — responde o colega —. Eu não sou de malufar.

Se o visitante brasileiro explicar ao auditório lisboeta que malufar é também sinónimo, no jargão político, de corromper, corre o risco de gerar o mesmo mal-estar que eu causei em 1955 ao informar que Adhemar de Barros era o homem do “rouba, mas faz”.

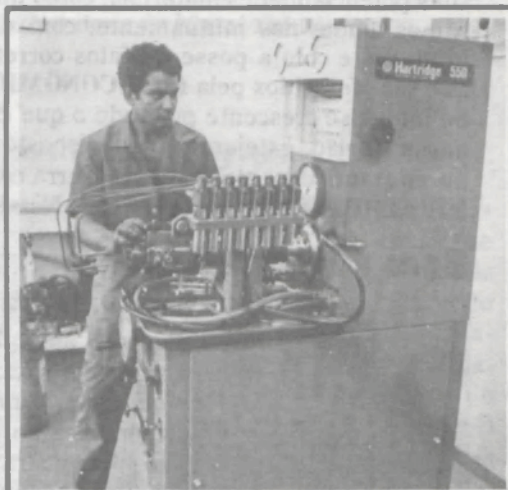
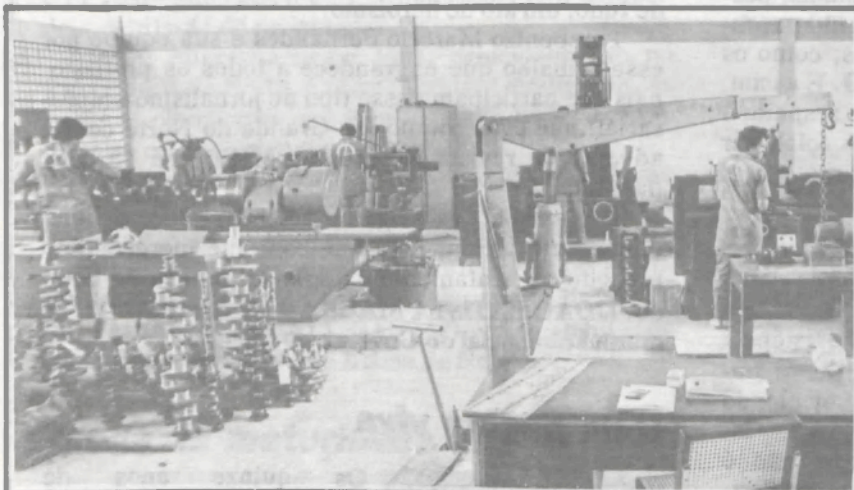
Pouco adiantará ao visitante brasileiro louvar-se nas inúmeras denúncias de corrupção em processo hoje no Brasil por parte do candidato Salim Maluf e seus agentes, pois o que deverá ser do conhecimento da opinião pública portuguesa, nesta altura dos acontecimentos, é que o Sr. Salim Maluf é candidato do PDS — o partido do Governo — e que o sistema, na luta pela manutenção do poder, está inteiramente ao lado do seu candidato, contando, inclusive, com o decidido e declarado apoio do Presidente da República — General João Figueiredo.

Mas, malufar é uma expressão camaleônica. Muda de cor (sentido), conforme o jargão que se use. Ainda ontem fui informado de que no BNDES, depois da recente mudança de diretoria, malufar significa estar com a bola branca e aquele que não malufa corre o risco de ser inquinado de corrupto e de ser atropelado por uma comissão de inquérito que se baseará não em provas materiais, mas no testemunho acusatório de quem esteja malufando. No jargão do Ministro Délio Jardim de Mattos, malufar é ser fiel ao sistema e o dissidente do PDS que não concorde com o candidato da associação do capital estrangeiro com a elite orgânica ao mesmo submissa será taxado de desertor, trânsfuga ou coisa que o valha.

Para o General Figueiredo, não malufar tem o significado ambíguo de oportunista, o que leva a crer que o homem do Torto está contando com a vitória do candidato Tancredo Neves, das oposições. Os governadores do Nordeste que não malufaram foram genericamente acusados pelo General Figueiredo de oportunistas. Sem contar com as últimas notícias que nos chegam do Maranhão: ou se malufa por bem ou por mal. O revanchismo do sistema ali é implacável. **GENIVAL RABELO — RIO DE JANEIRO/RJ.**

Cartas e opiniões para: Redator RN/ECONÔMICO, Rua São Tomé, 421 — Cidade Alta, Natal/RN.

RECONDICIONADOS COM GARANTIA



Na hora de entregar o motor de seu carro para uma retífica, pense na que lhe oferece as melhores condições: preço, prazo, qualidade e garantia. Pense na Retificadora São Cristóvão.

A Retificadora São Cristóvão dispõe de um moderno laboratório para testes de bico e bombas injetoras, um maquinário atualizado e mão-de-obra especializada. Peças originais de reposição de todas as montadoras nacional. É com toda essa segurança que os trabalhos executados

pela São Cristóvão recebem um certificado de garantia de até 6 meses. Escolha a qualidade da São Cristóvão e fique tranquilo.



RETIFICADORA SÃO CRISTÓVÃO LTDA.

Rua Interventor Mário Câmara, 3000-A — Tel.: 231-7037 — Dix-Sept Rosado
Natal-RN

1984 - 15 ANOS DE RN-ECONÔMICO

Problemas e soluções



RN/ECONÔMICO é uma revista especializada que se impôs desde os seus primeiros dias. Uma Revista séria, que procura, com objetividade, não somente situar o panorama econômico-financeiro de nosso Estado, mas, que, levantando problemas, tem ajudado a

ver melhor as possíveis soluções dos mesmos, sem um otimismo ingênuo, mas, também, sem um derrotismo irracional. Clara e objetiva em suas posições, ela induz a estudos aprofundados de nossa realidade, em busca de um melhor equacionamento em vista de soluções práticas.

Leitor assíduo e interessado desta excelente publicação, muito me tenho enriquecido com sua leitura. Espero cada dia que, com um melhor conhecimento de nosso Estado, tanto no que diz respeito às suas potencialidades materiais, como humanas, possamos ajudar-nos mutuamente, com estudos aprofundados e com a posse de fatos corretos, como os que são oferecidos pela **RN/ECONÔMICO**. E assim, no interesse crescente por tudo o que diz respeito à nossa Região, estejamos mais dispostos a colaborar no engrandecimento de nossa Terra comum (**DOM NIVALDO MONTE, Arcebispo de Natal**).

Sem concorrência



RN/ECONÔMICO chega aos 15 anos de existência sem concorrente. Fato singular para um veículo de Comunicação Social. Isto demonstra que não é fácil editar uma publicação desse nível no mercado local e, até mesmo, regional. Prova, sobretudo, a

competência dos que a administram e mantêm. Na Presidência da Companhia Editora do Rio Grande do Norte — **CERN** — há 4 anos, vi mais de perto surgirem e desaparecerem títulos os mais diferentes e sugestivos. A quase totalidade **bolados** por pessoas infiltradas no meio jornalístico — do qual se servem — mas que, em curto tempo, vêem que editar uma revista é fácil, mas o n.º 2 já tem passivo a contabilizar.

Há 20 anos na profissão, depor sobre os 15 anos da «RN» é falar de uma publicação que vi nascer

quando engatinhava no Jornalismo. A força de vontade de Marcos Aurélio de Sá, o idealismo de Cassiano Arruda aliados à vivência empresarial e experiência de Marcelo Fernandes se inserem na história editorial do Estado pela presença desta conceituada revista, hoje referencial e patrimônio da mídia impressa do Nordeste. (**WELLINGTON MEDEIROS é Jornalista e Presidente da Companhia Editora do RN — CERN**).

Ato de heroísmo



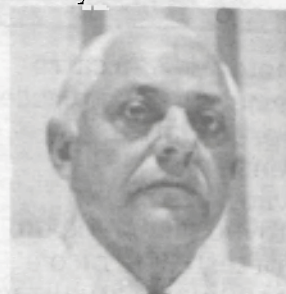
RN/ECONÔMICO completa a idade da menininha. Agora, já pode pintar-se e desfrutar das coisas que a vida permite a quem chega a essa idade. Manter uma publicação mensal no Rio Grande do Norte durante 15 anos, não é uma façanha é, antes

de tudo, um ato de heroísmo.

Parabenizo Marcelo Fernandes e sua equipe por esse trabalho que engrandece a todos os profissionais que participam desse tipo de jornalismo-empresarial, que começou no Rio Grande do Norte com o advento da revista **RN/ECONÔMICO**, há 15 anos passados.

Que a revista prossiga na sua linha editorial independente e lúcida, para que continue merecendo o respeito e o acatamento da opinião pública do Estado. (**JOÃO BATISTA MACHADO é Assessor de Comunicação Social do Governo do Estado**).

Uma página viva



Os quinze anos de **RN/ECONÔMICO** — são uma página viva, palpante e lúcida da imprensa do Rio Grande do Norte. É uma efeméride que recorda quantos, no decorrer de sua existência, ilustraram as páginas dessa Revista, que tantos e tão assinalados

serviços tem prestado ao nosso Estado, ao longo de sua trajetória.

A posição de serenidade e apuro possibilita não somente levantar questões, mas apresentar soluções para os principais problemas regionais, a exemplo

de vários problemas econômicos.

Associo-me assim às homenagens que, nesta data, serão certamente tributadas aos que, no passado e no presente, deram sua colaboração para que esse grande órgão se devotasse às melhores causas da história política, social e econômica destes últimos quinze anos.

Cumprimento efusivamente os seus diretores e redatores. Por tudo isso, merece o respeito, os aplausos e as homenagens de todos os norte-riograndenses. (ÉRICO DE SOUZA HACKRADT, é Vereador em Natal).

O dia-a-dia das redações



Trabalhar com informações não é fácil. No dia-a-dia das redações, há uma busca constante por notícias quentes, que precisam continuar interessantes até a hora da publicação chegar às bancas. Fazer este trabalho diariamente é um desafio. Repetir-lo por 15

anos consecutivos, uma vitória.

O Rio Grande do Norte, um pobre Estado rico do Brasil, sempre relegado a segundo plano nas decisões nacionais e que nunca conseguiu ser mais do que uma prioridade nacional, sem dúvida, tem feito bonito na imprensa. RN/ECONÔMICO é um exemplo. Séria, profissional, entregue a pessoal qualificado e respeitado nos meios jornalísticos, tem cumprido sua missão de revista mensal.

Fazer imprensa neste País, principalmente no Rio Grande do Norte, é tarefa árdua. Geralmente, as pessoas olham com bons olhos a imprensa apenas quando ela diz o que eles querem ouvir.

Por isso, os 15 anos da RN/ECONÔMICO são motivo de orgulho para a cidade, para o Estado, para a Região. São também, com muita alegria, motivo de orgulho para a categoria dos jornalistas profissionais, que dispõem de um mercado aberto de trabalho. (HELOÍSA MARIA GALVÃO é Jornalista, trabalhando atualmente no Diário de Natal).

Idade da maturidade



A Revista RN/ECONÔMICO circula neste mês comemorando os seus 15 anos de relevantes serviços prestados a comunidade do Rio Grande do Norte. Se ainda não atingiu a maioridade, no entanto apresenta a maturidade e um destaque de adulta.

No decorrer destes 15 anos não há um assunto econômico que mereça relevo para o Estado que não tenha sido abordado com profundidade por esta Revista.

Por tudo isto podemos afirmar que é expressiva a

contribuição que a RN/ECONÔMICO tem dado ao desenvolvimento do Rio Grande do Norte, razão pela qual merece o reconhecimento do povo potiguar, notadamente empresários e homens de negócios, bem como a comunidade estudiosa dos nossos problemas e potencialidades econômicas.

Parabéns pelos seus 15 anos e continue servindo a nossa terra. (LÚCIO TEIXEIRA DOS SANTOS é Secretário da Educação e Cultura de Natal).

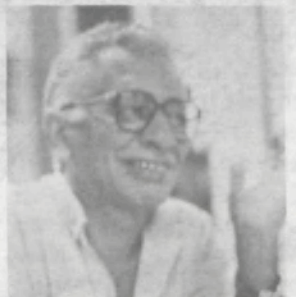
Menina moça



Como é duro e lindo uma revista chegar aos 15 anos! Já que chegou, é gozar e sofrer as delícias dessa idade, preparando-se, com alegria e coragem, para as futuras etapas de mulher e senhora. E não é fácil conseguir isso, numa terra tão

árida para quase todos, embora seja fértil, maravilhosa para quem trabalha e confia no futuro deste Estado. E RN/ECONÔMICO já provou que pode fazer isso. Vai dobrar a casa dos 30, utilizando as mesmas armas que são o segredo do seu sucesso: tradição e qualidade acima de qualquer dúvida. RN/ECONÔMICO é tudo isso, e já alia as qualidades de menina/moça e mulher madura: atualidade e sensatez, beleza e segurança, dinamismo e profundidade. Agora, é continuar na luta. Com amor. (ALCYONY DOWSLEY é dono do Motel Tabiti).

Fotografia para guardar



RN/ECONÔMICO é uma fotografia. Para chegar-se a essa conclusão, é partir do conceito mais difundido dessa arte — “uma imagem vale mais que mil palavras” — e perceber o quanto fala a revista. O quanto registra, na forma de reportagens, da história,

da vivência da gente potiguar. Como um veículo pioneiro, que durante 15 anos persistiu numa cidade onde poucas empresas jornalísticas sobrevivem, RN/ECONÔMICO merece a tradição de seriedade das informações e atualidade dos assuntos que conquistou.

E, assim como a fotografia foi evoluindo no tempo, a revista cresceu com a cidade e com o Estado. Abriu o leque de abordagens, dinamizou a sua diagramação e adaptou-se ao ritmo dos nossos dias. Hoje, RN/ECONÔMICO é para ler e, como uma foto, para guardar. (ADERSON CARVALHO FRANÇA é Jornalista e Professor da disciplina Fotojornalismo da UFRN).



Carlos José Soares 84.

ESPECIAL

Mestre

Luís da Câmara Cascudo,

sinônimo

potiguar de Brasil

Professor. Doutor. Comendador. Mestre... São muitos os títulos honoríficos que ressaltam o trabalho do pesquisador e folclorista Luís da Câmara Cascudo, considerado uma espécie de monumento cultural do Rio Grande do Norte. Não sem razão, os louvores à sua obra ocupam espaço privilegiado em livros e discursos de praticamente todos os intelectuais — ao menos os distinguidos como mais representativos — do Estado. A par disso, fica claro que o conhecimento sobre Cascudo se restringe ao que o pesquisador construiu durante o tempo de operário da palavra, quando a cegueira e a surdez progressivas ainda não impediam o seu debruçar incessante sobre as histórias, os costumes, a linguagem, as crenças religiosas e todo um vasto cabedal de manifestações da sensibilidade e da alma do povo.

Hoje, Cascudo é outro. O intelectual sobrevive exatamente nos louvores ainda presentes nos livros e nas páginas dos jornais, em ocasionais homenagens prestadas por instituições também reconhecedoras da magnitude da sua obra ou nas sucessivas reedições dos seus livros mais representativos, consumidos por pesquisadores da área em que Cascudo se sobressaiu. O homem comum, o cidadão igual a qualquer outro da cidade, porém, continua mais ou menos desconhecido, assim como a atualidade das suas opiniões sobre coisas e fatos que nem sempre afloraram nas milhares de páginas que dedicou ao homem do Rio Grande do Norte.

O MUNDO PELA TELEVISÃO — O Cascudo do final de 1984 lê pouquíssimo — sempre com o auxílio de uma lupa — e não escreve mais. As poucas coisas e as idéias que pretende perenizadas em memória de papel

e tinta são pacientemente ditadas à esposa, Dona Dahlia, que compensa a debilidade da sua visão. “Escrita e leitura são, para mim, uma espécie de alpinismo. Os olhos já não correspondem à necessidade”, revela Cascudo. Um fato deveras doloroso para quem fez da palavra escrita uma forma de revelação do que habita a existência da gente do povo, e que aponta inevitavelmente para a idéia de ocaso, de fim de linha.

Se aponta para tal, indica também que o dia-a-dia de Cascudo é recheado de ocupações compatíveis com esta idade do sossego. Segundo a esposa do pesquisador, muitas horas do dia de Cascudo são gastas diante do aparelho de televisão colorida, numa muda — e incompleta, pela deficiência da visão — apreensão da vida que passa além das janelas abertas para o Potengi. A surdez é compensada com as anotações feitas pela companheira, que se encarrega de transcrever o palavrório despejado pelos locutores.

Apesar de tanto, Cascudo diz-se em paz com a idéia de que a idade avançada — fará 86 anos no próximo dia 30 de dezembro — já não permite o bulício e o desassossego intelectual de antes. E identifica em tal condição um lado positivo, ligado à maturidade e a acuidade na percepção das coisas que, via de regra, estão ausentes durante a juventude intelectual de cada um. “A velhice é a hora da safra. É a hora em que a gente colhe o que semeou e o que encontrou pelo caminho. Tudo o que aparece é valorizado”, considera o pesquisador.

E prossegue sua apologia à velhice, permeando-a com algo de poético: “Durante a nossa mocidade, nós não valorizamos tudo. De centenas de coisas vistas, fica só a imagem, pela pressa em que vivemos. Na velhi-



A Inpa, indispensável



Cascudo e Gilberto Freyre

ce, há o tempo, a dimensão do pensamento. Tudo tem valor e nós nos demoramos a examinar, uma por uma, todas as coisas que aparecem à nossa frente. Uma árvore, que antes significava uma imagem, significa agora uma vida inteira, um mundo”.

A NATURALIDADE DE MORRER — Falar de vida significa remeter-se ao seu oposto: a morte. Que, na visão de Cascudo, é mais que um ponto final no feito e no vivido por cada um; é a continuidade, o prosseguimento biológico dos seres. “Eu fui estudante de Medicina até o quarto ano, e encaro a morte como uma consequência lógica da função da vida. Há a vida e, logo depois, a morte. Não só os homens morrem, não é? Morrem também os astros, as plantas, os insetos e até os micróbios”, contemporiza o folclorista.

Tanta naturalidade diante do encadeamento de dois extremos resultou no total desinteresse pela forma como virá a morte, até o ponto de rejeitar expectativas sobre qual emoção emergirá nesse momento. “Eu não sinto emoção nenhuma ante a idéia da morte. Até como legítima defesa contra o fenômeno, eu não penso nessa hora. Deixo ela chegar naturalmente, e não sei como me portarei”, adianta Cascudo, fundindo a blague à tranqüilidade.

O mesmo tom de suave resignação aos desígnios da natureza serve também para Cascudo comentar os louvores amealhados ao longo do seu trabalho de resgatar, para os meios eruditos, o vigor das tradições artísticas e da cultura popular. São muitos lauréis — medalhas, condecorações e diplomas — e seguidores gravitando em torno do mito que é Luís da Câmara Cascudo. Para ele, humilde na autonegação, as honrarias indicam o valor e a perpetuidade da sua obra: “Honra muito a um trabalhador intelectual provinciano, a um simples professor, a consagração que se faz ao seu nome. Comecei a trabalhar em 1918, com vinte anos, e estas honrarias e homenagens provam que o meu nome não passou”.

Cascudo ilustra a solidez da sua reputação como fol-

clorista com um fato recente, que ele diz narrar a outra pessoa pela primeira vez. “Agora mesmo, eu vivi a experiência de receber uma carta de um professor russo, escrita em inglês, elogiando e pedindo livros meus. Eu não podia imaginar nunca que era conhecido em Moscou. Agradei e mandei os livros para ele. Agora, recebi a resposta agradecendo e com a relação dos livros de que ele mais precisava”, relata Cascudo.

E explica o interesse do professor russo — e de tantos outros de nacionalidades diversas — como resultante das modificações que introduziu no estudo dos fatos folclóricos. Diz Cascudo que o método utilizado pelos folcloristas que o antecederam esgotava-se no simples registro das manifestações culturais do povo. Nas suas obras, porém, buscou o rompimento desta limitação, esmiuçando tais manifestações em busca das suas origens causais. “Daí, a curiosidade pelo meu trabalho; é um trabalho de pesquisa, de investigação profunda”, complementa.

UMA EXCEÇÃO À REGRA — Tamanha seriedade metodológica, segundo Cascudo, esteve sempre acompanhada de um senso de brasilidade que ele considera elemento de peso na multiplicidade de honrarias que recebeu e recebe. E exemplifica: “O Exército, a Marinha e a Aeronáutica não me fizeram grande oficial da ordem dos seus méritos apenas pelas minhas pesquisas de Folclore e de História, mas também pela minha condição de brasilidade, de amor ao Brasil, de defesa das suas tradições. Recebi condecorações também dos Ministérios das Relações Exteriores e da Educação”, disse. E emendou, com bom humor: “Até o Papa me prestou este tipo de homenagem. Eu, que sou pecador profissional, fico sem saber porquê”.

Se o granjeamento de simpatias em áreas tão díspares como as enunciadas por Cascudo apontam para a convergência laudatória em torno de si, há uma exceção que afronta essa regra. Em entrevista publicada num semanário da cidade, o professor Esmeraldo Siqueira,

contemporâneo de Cascudo, revelou o seu «desapontamento» com tantos elogios aos escritos cascudianos, reputando-os inferiores à grandeza propalada pelos seus admiradores. “Eu encaro essa opinião de Esmeraldo como uma opinião dele. Não é a minha”, ironiza Cascudo. E conclui, condescendente: “O que é que eu hei de fazer? Cada um de nós deve ter a liberdade de pensar por conta própria e diferentemente dos demais”.

Uma pequena rusga entre intelectuais, fato mais que corriqueiro entre os que fazem da palavra — ou de qualquer outra forma de expressão artística — o seu ofício. Ou o seu vício. E que não atrapalha Cascudo na apreciação genérica sobre o que têm produzido os nos-

sos artistas e intelectuais. O pesquisador observa que o aumento da população representou também o acréscimo na quantidade de intelectuais da cidade, provocando o surgimento de uma diversidade de estilos e de obras inscritas, para ele, numa esfera de qualidade. “Os nossos intelectuais têm trabalhado bem”, resume.

CADA VEZ MAIS VIVA — Se a produção dos que atuam na faixa «nobre» da área intelectual do Estado vai bem, o mesmo ocorre na faixa comumente relegada a planos secundários. É o que afirma Cascudo, analisando o estágio atual de sobrevivência da cultura popular, objeto de suas exaustivas incursões: “A cultura popular é imortal. Não depende do exame nem da pesqui-

Em datas, 86 anos da vida e da cultura de Cascudo

1898

- Nasce a 30 de dezembro, no sobrado da família, à rua Senador José Bonifácio — conhecida popularmente por «Rua das Virgens» — na Ribeira.

- Os pais: Coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo e Dona Ana Maria da Câmara Pimenta.

1904

- O pesquisador refere-se à data como sendo a do seu aprendizado de leitura, nas páginas do «Almanaque Tico-Tico» — publicação infantil da época — e do livro «Lição de Cousas», utilizado no processo de alfabetização das crianças.

1918

- Inicia-se no jornalismo, escrevendo uma coluna de crítica literária no jornal «A Imprensa», fundado pelo Coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo.

1921

- Ano da publicação do primeiro livro — «Alma Patrícia», coletânea de artigos publicados no jornal do pai. Três anos depois publicaria «Histórias Que o Tempo Leva», em que mescla artigos de crítica literária e pesquisas sobre costumes e manifestações da arte popular.

1928

- Bacharela-se em Direito, concluindo o Curso na Faculdade de Recife. Antes, abandonara o Curso de Medicina da Faculdade de Salvador (BA).

- Logo após, encontra-se com Mário de Andrade, que percorreu algumas regiões do Rio Grande do

Norte observando e coletando informações sobre a cultura popular.

1929

- Casa-se com Dona Dhalia.

1930

- Graças às ligações com o Governador Juvenal Lamartine, é escolhido deputado. Empossado no dia 1.º de outubro, vê o seu mandato expirar dois dias depois, por força do triunfo da revolução comandada por Getúlio Vargas e os demais líderes políticos congregados na «Aliança Liberal».

1936

- Liderado por Cascudo, um grupo de intelectuais de Natal decide-se pela fundação da Academia Norte-riograndense de Letras. Cascudo é convidado a presidir a entidade, mas não aceita; prefere ocupar a secretaria-geral.

- No dia 14 de novembro, a ANL é oficialmente instalada, sob a presidência de Henrique Castriciano. Cascudo ocupa a cadeira n.º 13, tendo como patrono o historiador Jorge Fernandes, autor de «História da Imprensa no Rio Grande do Norte».

1941

- Funda a Sociedade Brasileira de Folclore, sendo o seu primeiro presidente.

1943

- Incentivado pelo escritor gaúcho Augusto Meyer — que preparava uma «Enciclopédia Brasileira» — Cascudo começa a escrever o «Dicionário do Folclore Brasileiro», sua obra mais respeitada.

1948

- É nomeado «Historiador da Cidade do Natal» pelo Prefeito Sílvio Pedroza, de quem recebe uma miniatura em ouro da chave da cidade.

1955

- A rua em que nasceu, na Ribeira, é denominada «Rua Câmara Cascudo», por Decreto assinado em 31 de dezembro pelo Prefeito Wilson Miranda.

1964

- O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte presta-lhe significativa homenagem, com a «Semana Câmara Cascudo», que ocupa uma semana inteira do mês de dezembro.

1969

- É efetivado membro da Academia de Ciências de Lisboa, em Portugal.

- Recebe homenagem da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Em discurso proferido na ocasião, Cascudo reitera sua disposição de não pertencer à entidade por não querer ausentar-se de Natal.

1984

- Recebe, em outubro, a medalha Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco, de Recife. Rememora, então, a viagem por países africanos — «Massangana» é termo da língua angolana — em meados da década de sessenta, quando recolheu informações sobre a influência do elemento cultural africano na cultura popular do Nordeste.



Um ritual ...



... antigo e ...



... já consagrado .

sa de ninguém; ela vive independentemente da atenção que se tenha sobre ela porque é a mentalidade coletiva. É a primeira mentalidade humana, onde você procura e sabe muitas coisas”.

Coisas relacionadas com as mais primárias manifestações da linguagem humana — gestos, caretas, o ato de dançar. Dessa vinculação, surgem as condições que, no entender de Cascudo, determinam a transcendentalidade da cultura popular, feita de uma realimentação constante e de modo a prosseguir instigando pesquisadores a investigarem-na ininterruptamente. “É fácil você ver isso no número de associações que estudam a cultura popular e as modalidades diferenciadas em que é estudada. Antigamente era o registro. Hoje é a pesquisa humana, biológica”, sentencia o folclorista.

Cascudo anota realimentações evolutivas não somente na área da cultura popular, estendendo-as a formas de comportamentos coletivos que abrangem outros estratos sociais. Para ele, houve alterações radicais também em conceitos como casamento e sexo, e até mesmo no relacionamento entre gerações. “Hoje, os filhos e pais relacionam-se de maneira diferente do meu



Uma casa de recordações



Com Américo de Oliveira Costa



Cascudo e o pijama agora eterno

tempo de juventude. Os filhos têm mais liberdade e saem cedo pra ganhar a vida fora de casa. Houve um avanço de mentalidade que já não permite a subjugação de antes”, comenta ele.

Essa progressão no rumo da derrubada de ortodoxias tem razão de ser sobretudo na oscilação que atinge a sensibilidade de cada um e vai contaminar, depois, os pequenos e os grandes grupos sociais. “As modificações que você encontra hoje não são simplesmente modalidades novas de vida. São modalidades forjadas pelo temperamento de cada um, a maneira de cada um pegar o assunto. Isso é que dá a solução de continuidade ou de perpetuidade à vida. Conforme a sua sensibilidade, você produz. Você é, por exemplo, o que você escreve”, afirma.

SENSIBILIDADE MUTANTE — Assim, seguindo

esse fio de raciocínio, as modificações comportamentais surgidas com o curso dos anos são meros reflexos dessa sensibilidade. “A História da Arte, por exemplo, é a história do temperamento humano. E coisas como casamento e amor não são mais que modalidades de sensibilidade”, poetiza Cascudo. O tom poético transmuta-se em volta quando ele analisa um outro tipo de modificação da «sensibilidade» dos homens, que está bem mais à vista que as anteriormente comentadas. E que diz respeito às agressões praticadas contra locais e conjuntos paisagísticos que fazem parte da memória afetiva da cidade, resgatada por Cascudo na sua «História da Cidade do Natal».

O folclorista considera que as razões invocadas para justificar a substituição de antigos casarões e a edificação em áreas que sempre serviram à comunidade de forma sentimental — o progresso, a modernização e ou-

Um famoso autor de obras que o povo ainda não lê

Para alguém como Câmara Cascudo, que renunciou a cátedras e glórias — com exceção daquelas tributadas pela sua terra — a fim de permanecer, o «incurável provinciano» que é, no dizer de seus biógrafos, o reconhecimento do seu povo seria um prêmio inestimável. Esse prêmio, desde já, começa a ser concedido, pois o povo também conhece Luís da Câmara Cascudo, embora o conheça de forma diferente da que o conhecem os «cascudianos». Essa forma, porém, que amíde se confunde com a lenda — tema, aliás, tão caro a mestre Cascudo — não deve deixar de ser-lhe agradável e até gratificante. Lendário, ou simplesmente humano, Cascudo já é uma «instituição» popular. O que representa, de certa maneira, uma forma de consagração pública e distribuição coletiva à dedicação de Cascudo à cultura popular.

Para a técnica de Enfermagem, Marione Lira Dantas, 21 anos, lotada num posto médico da Bernardo Vieira, Cascudo é “uma figura muito importante em termos de folclore”. Revela não ter lido ainda seus livros, mas nem por isso Cascudo deixa de ser-lhe uma pessoa conhecida. Mesmo porque — esclarece — seu nome é comentado em muitas partes do Brasil por onde ela teve oportunidade de viajar. Cita alguns desses lugares: Salvador, Recife e São Paulo. Na opinião de Marione, “é muito bom

saber que o Rio Grande do Norte tem uma figura tão respeitada, quando tem gente lá fora (no Sul do País) que ainda acha que se anda de cavalo aqui no Centro da Cidade”.

«PRESERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES» — José Dias Júnior, 25 anos, proprietário de um box do Edifício Sisal e estudante de Economia, acha que “Cascudo é a viva expressão da cultura nordestina e brasileira”. E mais: “A preservação sublima das nossas tradições”. Enfático, ressalta que “sem sermos radicais, conhecer a obra de Cascudo é também uma forma de não se deixar envolver por qualquer mania americana que aqui chegue”. Para Júnior, Cascudo situa-se num contexto de resistência cultural que se nivela ao trabalho de outros nordestinos, como Capiba, Nelson Ferreira, Gilberto Freire e Luís Gonzaga, trabalho este que vem encontrando eco, mais recentemente “em toda essa rapaziada que vem dando à música nordestina (especialmente) seu verdadeiro valor”.

«HISTORIADOR E POETA» — Para a bancária Nadja Gama Macedo da Costa, 23 anos, natural de Alagoas, mas residindo há dois anos em Natal, Cascudo é “historiador e poeta”. E essa assimilação da imagem popular de Cascudo a poeta não é fenômeno isolado. Trata-se, mais precisamente, de uma forma carinhosa de «com-

pletar», por assim dizer, o perfil intelectual do historiador, biógrafo, etnógrafo, cronista e folclorista norte-riograndense, uma vez que tais atividades, ligadas a temas populares que muitas vezes se confundem com a lenda, são assuntos também dos poetas.

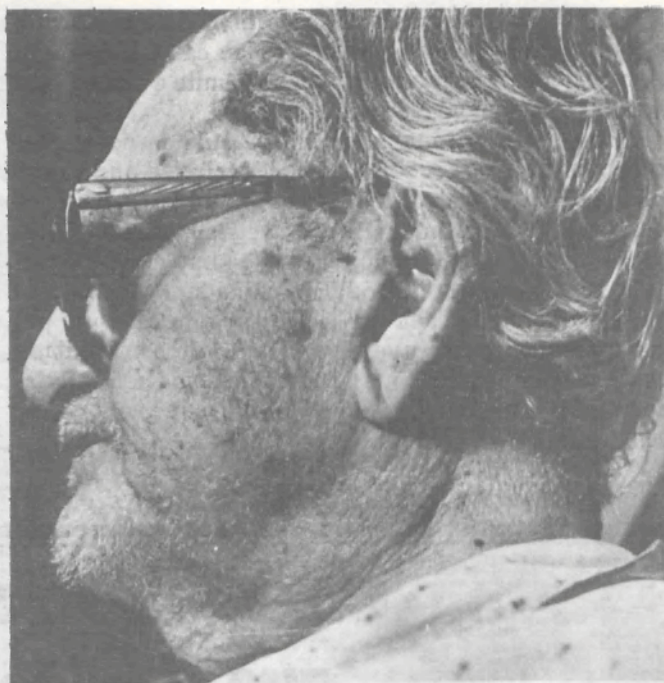
Nadja confessa que não conhece obras escritas por Cascudo, mas já esteve no Museu que porta seu nome e sabe que ele “é uma pessoa muito importante” em consequência das coisas que já ouviu falar a seu respeito.

“Uma potência em cultura aqui em Natal”. É assim que José Marcelino da Silva, proprietário de uma banca de revistas na Avenida Rio Branco e militar da reserva do Catre, vê Câmara Cascudo. Não leu seus livros, mas seu nome lhe é familiar através dos jornais, das revistas e da televisão. Sabe que Cascudo é conhecido internacionalmente e tem divulgado muito o nome do Rio Grande do Norte no exterior.

Do ponto de vista do bancário Manoel Teixeira Neto, 21 anos, Cascudo é uma “pessoa muito culta, que sabe a história do Rio Grande do Norte de cor e salteado”. Também não leu seus livros, mas confessa que pretende fazê-lo “na primeira oportunidade” e acha que Cascudo é um homem muito conhecido no Brasil e, portanto, é uma pessoa muito importante para o Estado.

tras do gênero — não passam de artifícios para encobrir a verdadeira motivação das agressões. E que está umbilicalmente ligado ao som dos dedos preenchendo talões de cheques (ou contando cédulas e cédulas) e ao que Cascudo chama de falta de sensibilidade com vocábulos mais requintados, que designam o desinteresse de grupos em preservar a beleza antiga da cidade: “E muito mais em nome do temperamento e do privilégio de grupos”.

O Cascudo de hoje mantém a mesma postura de antes em relação às coisas da política. Para ele, o que sempre contou foi a visão jornalística, isenta de preferências partidárias. O que traz, afirma, a impossibilidade de definição em torno do atual processo sucessório. Senhor de uma curtíssima experiência parlamentar, Cascudo demonstra-se algo cético em relação a como se encaminha politicamente o País: “Fui deputado constitucionalista eleito sem saber. Assumi no dia primeiro de outubro e no dia três veio a Revolução de Getúlio e acabou com o meu mandato. Não tive tempo de me contaminar com política partidária. Eu tenho uma opinião jornalística, não sou partidário. De maneira que não dá para dizer se eu prefiro isso ou aquilo”, conclui o Mestre (O. M.).



O humor transcende o rosto

Cascudiano: um adjetivo para muitos potiguares

Assim como alguns homens pautam suas vidas em torno de um ideal político, como são exemplos vivos os «malufistas» e «tancredistas» de hoje, outros há que preferem seguir as pisadas mais regulares e seguras de um homem de letras, tomando-o como exemplo e gravitando em seu círculo, como discípulos e admiradores. Caso mais raro, este. Poucos homens conseguem se impor a uma comunidade pelos seus méritos intelectuais, e menos ainda são aqueles que ganham notoriedade, fazendo-se respeitar pelo seu trabalho em outras partes além do seu círculo regional.

Luís da Câmara Cascudo destaca-se nesse meio e projeta-se para além das fronteiras regionais e nacionais, como raro modelo de homem de letras. Cascudo é unanimidade, e não é por outra razão que em torno dele giram dezenas e dezenas de admiradores, alguns vindos das mais distantes partes do mundo, apenas para privar por alguns momentos de sua erudição, sua sabedoria e sua amizade. São os «cascudianos», admiradores incondicionais do Mestre da Junqueira Aires, avenida onde montou desde sempre seu quartel-general e onde recebe os amigos inumeráveis que formou por este mundo afora e todos aqueles que o procuram para uma consulta ou um esclarecimento sobre coisas da nossa cultura. Do alto dos seus 85 anos, quando a visão e a erudição já não respondem com a mesma eficácia de outros anos, Câmara Cascudo permanece um homem voltado inteiramente para a vida, a família e o trabalho, e ri e se diverte junto aos seus amigos mais chegados.

Mas quem é, mesmo, Mestre Cascudo? Por que continua a exercer tamanho fascínio sobre três ou qua-

tro gerações, fascínio que se estende às gerações mais novas e não parece dar mostras de se esgotar? Deixemos falar os «cascudianos», especialistas no Mestre.

«**SINÔNIMO DE RIO GRANDE DO NORTE**» — De conformidade com o poeta Luiz Rabelo, «cascudiano» confesso, o Mestre lhe é familiar desde os seus tempos de estudante do Atheneu, embora já o conhecesse, de nome, pelas referências do seu círculo familiar como «sinônimo de Rio Grande do Norte». Luiz Rabelo confessa que recebeu de Cascudo um estímulo indispensável para sua afirmação como poeta. Destaca os inúmeros prefácios que Cascudo escreveu para centenas de iniciantes nas letras, dentre os quais se inclui.

Mas Rabelo vê outros aspectos igualmente importantes no trabalho intelectual de Cascudo. Dentre estes, cita a atualidade crescente de seus livros, onde tudo aparece impregnado de sua marca inconfundível: uma espécie de fluir inesgotável de sensibilidade, onde se destaca um amor extremado pelo rico folclore potiguar. Finalmente ressalta o “admirável bom humor de Câmara Cascudo, que em muitas ocasiões nos dá a impressão de ser um **gavroche** das nossas letras, com o seu espírito atilado, irrequieto, irreverente, cheio de malícia inofensiva, dessa malícia plena de sabedoria que só se bebe, como ele o fez, ao contato da alma do povo”.

«**LIÇÃO DE AMOR À TERRA**» — Hoje folclorista e poeta, ontem aluno de Câmara Cascudo na antiga Faculdade de Direito da Ribeira, Deífilo Gurgel confessa-se “multiplicamente em débito” para com o seu anti-

go Mestre. Para Deífilo, "foram tantas as lições recebidas, sem nenhuma retribuição, nesses vinte anos de convivência". E enumera: a lição de amigo. Lembra que nunca chegou à casa de Cascudo para não ser bem recebido, como se fosse o maior dos seus amigos, uma espécie de Embaixador da Rainha Ginga ou o próprio soberano da Mauritana gente, senhor do Sol e da Meia-Luz, ...". Em segundo lugar, destaca sua lição de vida. Aí acentua que, aos oitenta e cinco anos de vida, Cascudo "ainda é o mesmo brasileiro feliz de Diógenes da Cunha Lima, apesar de todos os problemas de vista e

audição". "Diante da paz que ele irradia, do seu contagiante bom humor, da sabedoria acumulada através dos anos", diz Deífilo, "não posso senão repetir o que já escrevi anteriormente: Cascudo é um sábio pra homem nenhum botar defeito".

Afora essas lições, Deífilo acentua, ainda, o exemplo de amor à terra em que nasceu, recebida do seu antigo professor de Folclore do Colégio Atheneu. Ressalta que "esse amor o levou a declinar de todos os convites e resistir a todas as tentações para continuar aqui, servindo jubilosamente à sua terra na pesquisa, no estudo

Do espírito e humor de Cascudo

Não há quem, entre os que conhecem Luís da Câmara Cascudo, tenha deixado de se deliciar com o bom humor do Mestre. Suas frases espirituosas, suas gozações com os visitantes — quaisquer sejam suas patentes e cargos honoríficos — fazem parte da sua história. Tanto que o escritor Veríssimo de Melo está elaborando um «Dicionário do Espírito e Humor dos Velhos Amigos», onde Cascudo figura com destaque. E este é um trecho inédito da obra, com o Mestre como personagem principal.

**LUÍS DA CÂMARA CASCU-
DÓ** — (Natal, 1898) — Bacharel em Direito, jornalista, folclorista de renome internacional, antropólogo, professor da Faculdade de Direito da UFRN, Consultor Jurídico do Estado, escritor dos mais fecundos da atualidade, historiador eminente, autor da «HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE» e da «HISTÓRIA DA CIDADE DÓ NATAL», tem a mais vasta bibliografia entre todos os escritores brasileiros. Já publicou mais de cento e vinte títulos, entre livros e ensaios menores. É um dos monumentos vivos do Estado.

Pessoalmente — quando mais moço — era figura esfusiante de alegria e bom humor. Sua presença, numa roda de amigos, era garantia de papo quase sem fim, com estórias e anedotas a respeito de tudo e de todos. Depois de aposentado, raramente sai de casa. A propósito, nos disse: "Lugar de aposentado é no aposento". Assim mesmo, recebe visitas em profusão, diariamente, de gente que transita por Natal e quer conhecê-lo, consultá-lo ou recordar outros encontros.

A respeito do autor deste Dicionário, que sempre foi muito ma-

gro, Cascudo o definiu, certa vez: — O corpo de Veríssimo é um pretexto para guardar a alma".

José Américo de Almeida, na última visita a Natal — quando recebeu o título honorário de Cidadão Norte-Riograndense — manifestou desejo de rever Câmara Cascudo. Fazia muitos anos que não se viam. Amigos o levaram até sua casa, na Junqueira Aires. José Américo de Almeida, beirando os noventa anos, subiu os degraus da escada que dá acesso à casa de Cascudo com grande esforço. O Mestre natalense e sua esposa, D. Dália, já o esperavam à porta. De braços abertos, José Américo aproximou-se e — fitando por um instante a fisionomia de Cascudo — exclamou:

— Cascudo, você está muito bem, Cascudo! Muito bem!

Ao que Cascudo respondeu, com seu eterno tom de pilhéria:

— Quais são as suas intenções, velho devasso?!...

José Américo — brabo como sempre — ainda contestou, rindo:

— Só você, Cascudo, me chamaria de «velho devasso»...

Ao receber, uma tarde, a visita do poeta Homero Homem, que escreveu belo poema sobre ele — Cascudo suplicou:

— Meu filho, escreva um poema ruim, que eu quero ler!...

○ ○ ○ ○ ○

Numa das suas viagens ao Rio de Janeiro, Cascudo foi visitar Renato Almeida, que era chefe do setor de imprensa do Itamaraty. Conversavam animados, quando entra na sala um bichão de quase dois metros de altura, gordo. Renato apressou-se em apresentá-lo a Cascudo. Tratava-se de um Embaixador do Brasil num dos países da Europa. Quando Renato apresentou Cascudo, dizendo tratar-se de grande escritor brasileiro, o Sr. Embaixador disse:

— Cascudo? Cascudo? Eu já ouvi falar num Cascudo...

Ao que Cascudo prontamente emendou:

— Pois Embaixador o Sr. é mais feliz do que eu, porque eu nunca ouvi falar no seu nome...

○ ○ ○ ○ ○

Guardamos uma recordação do I Congresso Brasileiro de Folclore, ao qual comparecemos juntamente com Cascudo, nos idos de 1950, no Rio de Janeiro. Pelo fato de termos saído da sessão, algumas vezes, antes do término, alguém foi fazer queixa contra nós a Renato Almeida, presidente do Congresso. Num encontro posterior, onde todos estávamos presentes, Renato voltou ao assunto, censurando-nos pelas fugas do Congresso... Cascudo fez apenas este comentário:

— Renato, deixa Vivi viver! Deixa Vivi viver!...

Nota — Vivi é apelido caseiro do autor deste Dicionário, que depois foi à rua.



Gumercindo Saraiva: músico desconhecido

e na divulgação de suas tradições. Principalmente, na defesa e valorização dessas tradições na imprensa, na cátedra, enfrentando incompreensões e o desinteresse da maioria”.

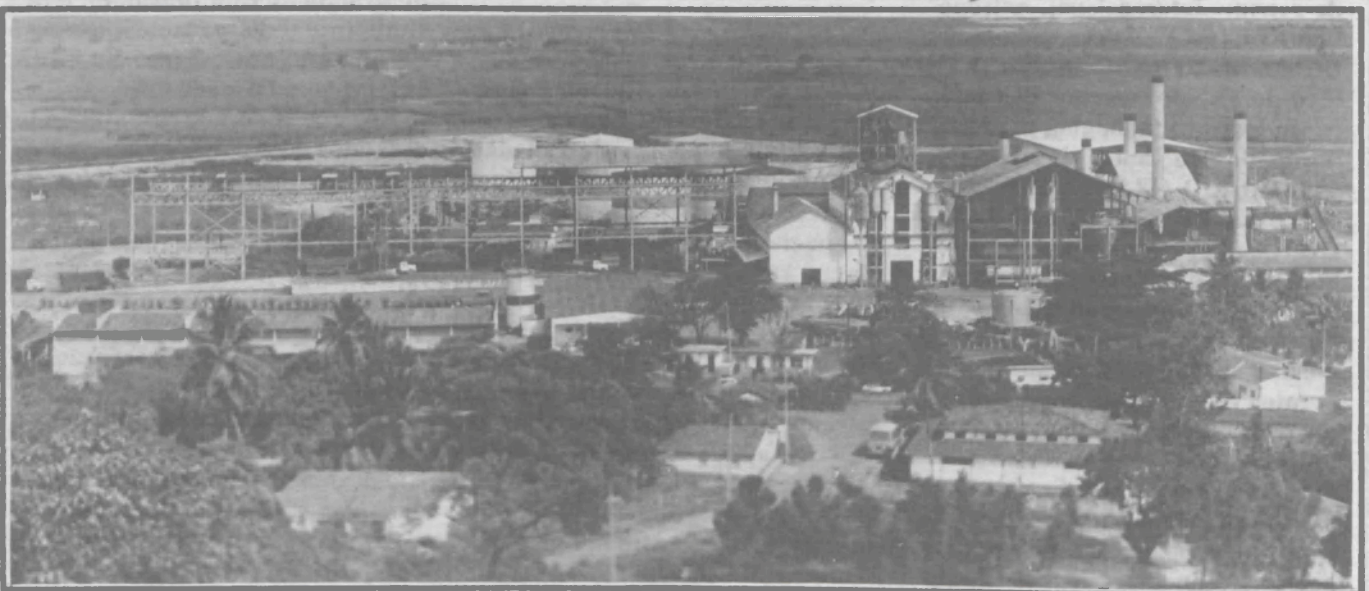
CREDOR DE TODOS NÓS» — De acordo com o escritor e acadêmico Nilson Patriota, “estamos todos em débito com Cascudo”. E observa: “O pior é que não temos como pagar a dívida”, alertando para que “se as gerações futuras não o fizerem, ele continuará credor de todos nós”. Segundo Nilson, Cascudo é, sem som-



Nilson Patriota: débito com Cascudo

bra de dúvida, a maior expressão cultural do Rio Grande do Norte, a quem devemos “a preservação de nossa História, o estudo e o levantamento detalhado de nossas tradições, um enorme acervo cultural que tem sido a fonte de conhecimento e até de inspiração de muitos estudiosos de nossos costumes, atitudes e gestos”.

Merece destaque, ainda na opinião do acadêmico Nilson Patriota, o exemplo dado por Cascudo de dedicação à causa das letras e até mesmo a existência de instituições culturais locais, como a Academia Norte-riograndense de Letras, que atualmente congrega considerável



A USINA ESTIVAS participa do desenvolvimento do Nordeste gerando energia, alimentos e empregos, criando riquezas:

16.000.000 de litros de álcool
2.009.000 de sacos de açúcar (maior produção do Norte/Nordeste) 2.850 empregos diretos

O MAIOR CONTRIBUINTE DE I. C. M. DO RIO GRANDE DO NORTE.



USINA ESTIVAS S/A

Rua Mipibu, 353 — Tel.: 222-3820 — Natal-RN.

A convivência feliz entre o mestre e o discípulo

Amigo pessoal e estudioso da extensa bibliografia de Luís da Câmara Cascudo há cerca de 25 anos, o advogado Diógenes da Cunha Lima é no Rio Grande do Norte um dos maiores especialistas da vida e obra do folclorista. Foi Diógenes quem, num momento de inspiração, denominou Câmara Cascudo de "Um Brasileiro Feliz" — título de um livro do advogado, publicado em 1978 numa homenagem aos 80 anos de idade e 60 anos de produção intelectual do folclorista. Diógenes confessa que Cascudo gostou e, ao mesmo tempo, fez uma observação ao título: "Ele me disse que dava a entender que os outros brasileiros não eram felizes. Entretanto, quando o Presidente Figueiredo o visitou ele disse ao Presidente que era um Brasileiro Feliz. Em sua crônica que abriu a série «Natal Vista Por», ele voltou a usar a expressão".

Diógenes lembra, ainda, que todos os Presidentes da República, no decorrer da vida intelectual de Cascudo, visitaram o folclorista em seu casarão da rua Junqueira Aires. "Assisti a visita que o Presidente Juscelino fez a Cascudo. Juscelino foi à sua residência praticamente sozinho, apenas acompanhado do ajudante de ordens, pegando-o de surpresa. Foi uma conversa agradabilíssima".

"No meu entardecer fico contente: fui fiel a mim mesmo", explicou-me o mestre Câmara Cascudo, conta ainda Diógenes: "Ele é feliz porque fez o que quis. Cumpre rigorosamente seu destino, vocação. Veio a glória sem que ele a procurasse. Quis fixar as coisas do povo".

O RIO DE NATAL — Diógenes depõe ainda que, quando veio para Natal em 1950, vindo de Nova Cruz, o seu pai disse: "Você vai para Natal e lá só tem um rio: Luís

da Câmara Cascudo. O resto é riacho". Admirador entusiasta do «monstro sagrado», Diógenes lembra que, na primeira oportunidade, foi à casa de Cascudo. "Foi rápido e fiquei muito encabulado", confessa o ex-reitor da UFRN. "Depois, Cascudo foi meu professor de Direito Internacional Público. O que ele menos falava era sobre Direito. Dava aula sobre Cultura Popular, História, Etnografia. E quando dava sobre Direito, este visto à luz da cultura popular. Ele encantava aos alunos pelo bom humor, erudição, simplicidade. Era um homem em amor com a vida, sempre de bom humor".

Além do livro em homenagem aos 80 anos de Cascudo, Diógenes escreveu um livro sobre a «Bibliografia de Luís da Câmara Cascudo», em 1965. "Antes disso, ele me cumulava de amizade e atenção. Me emprestava livros para depois eu comentar com ele. Me mostrava as falhas de interpretação. E elogiava as aproveitáveis". Convidado a falar sobre um fato pitoresco da vida intelectual de Câmara Cascudo, Diógenes sorri e relembra um bem picante: "Ele me disse que Mário de Andrade vivia sugerindo que ele fizesse um dicionário de pornografia, que Cascudo não fez. Ele fez uma pesquisa folclórica do meretrício e, com isso, ganhou a fama de contumaz freqüentador. Publicou um ensaio meio erótico, o Flor Obscena — que tem forma de órgão sexual".

Para Diógenes, um dos principais livros do mestre — "que vale por 500" — é o «Civilização e Cultura». "Este é um livro do mais absoluto entendimento, interpretação do homem". Acrescenta ainda que "ele segue a regra máxima de Renan — um dos seus autores prediletos — a maior aula de filosofia é tachez de compreender

(trate de compreender). É um pensamento que ele adotou como norma de vida".

A OBRA DO MESTRE — Diógenes cita, ainda, outros livros que ele considera muito importantes: «Dicionário de Folclore», tipo de livro que normalmente se faz em equipe e que ele fez praticamente sozinho; «História da Alimentação no Brasil», que é da maior importância para compreensão do homem brasileiro. Destaca, também, os livros da obra paralela: «Canto de Ouro» e «Prelúdio e Fuga do Real». O primeiro é um romance de costumes, e o outro é a imaginação do encontro dele com personagens históricas.

"É um homem cheio de contrastes", coloca Diógenes da Cunha Lima. E explica: "Recusou ir para a Academia Brasileira de Letras, apesar de contar com apoio dos acadêmicos. Mas pertence à Academia local, que ele mesmo fundou, com a única condição de nunca ser presidente da entidade".

"Ele dizia, numa placa na casa dele: "Não recebo de manhã". E eu sempre o visitava pela parte da manhã. Ele perguntava se eu não tinha lido a placa. Eu respondia que aquilo não é placa, é um mata burro. Ele gostava da brincadeira".

"Todo mundo no Rio Grande do Norte recebeu a influência de Cascudo. Ele nunca ligou para regras oficializadas de gramática. Por exemplo, sempre escreveu peor e não a palavra pior. Justificava que a palavra vem do Latim pejoren, e era melhor escrever assim. Enviava seus originais para os professores de Português revisarem, afirmando para estes que "colocassem os pingos nos is". Eu mesmo fui um dos que corrigiu. Eulício de Farias Lacerda e, tenho a impressão, José Melquíades e Arnaldo Arsênio de Azevedo também corrigiram os erros de Português. É um homem que preserva amizades. A sua correspondência daria livros e mais livros da maior categoria. Se correspondia com intelectuais de todo o mundo. É um homem lírico. Sem escrever poesia, ele nunca deixou de ser um lírico incorrigível. Mesmo nos estudos mais sérios, se encontra poesia em prosa", arremata o ex-reitor.

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

(Do Centro Polymathico — D' Academia Alagana de
Letras — Do Centro de Cultura de Letras — Da
Casa, Sociedad Argentina de Estudios Geographicos)

HISTORIAS QUE O TEMPO LEVA...

(DA HISTORIA DO RIO G. DO NORTE.)

1934
MONTEIRO LOBATO & Co.
Rua Victoria, 47 — SÃO PAULO



60 anos de história

Diógenes: Cascudo influenciou todos

parcela da intelectualidade potiguar.

Com relação a si mesmo, Nilson Patriota revela que deve tudo a Cascudo. E explica: "Foi através da leitura de seus livros e do conhecimento de sua obra que iniciei os primeiros passos no difícil caminho da Literatura; seu estilo ágil, vivaz e profundo, ao mesmo tempo, deu-me a exata medida do que um escritor poderia alcançar, mesmo que nem de longe pudesse se comparar com ele". Conclusivamente, Nilson faz sobressair a figura humana de Cascudo, que "inspira confiança" e cujo enorme saber "nos mantém satelizados em torno do seu grande astro". Parafraseando Monteiro Lobato, Nilson enfatiza: "Cascudo é um cetáceo neste nosso marzinho de arenques". (Em tempo: **cetáceo** diz respeito à espécie das baleias. Já o **arenque** é um peixinho tipo sardinha).

"Cascudiano" não menos convicto, o pesquisador e folclorista Gumercindo Saraiva lembra o modo pitoresco como conheceu "Cascudinho", nome carinhoso que era aplicado ao Mestre tempos atrás. Narra Gumercindo Saraiva que, "aborrecido com a vida do interior (Baixa Verde) resolvi morar em Natal, e meu pai deu-me uma carta de apresentação para Cascudo, dizendo: «Leve o violino e toque para o amigo, que sempre teve consideração a seu pai». E assim procedi", diz Gumercindo. "Quando o Mestre me atendeu, estando presentes o Coronel Francisco Cascudo e sua mãe Donana, leu a carta e perguntou:

— Você é filho do «Polvo»?

— Não entendi, sr. Cascudinho... — respondi.

— No «Bloco dos Peixes» seu pai tinha o apelido de «Polvo» — explica Cascudo.

Desde então, acrescenta, teve início uma estreita e proveitosa amizade com Cascudo, que colaborou com informações valiosas para as pesquisas sobre música regional desenvolvidas por Gumercindo e iniciadas com

a publicação de «Trovadores Potiguares».

Além de colaborar para esses trabalhos, Câmara Cascudo serviu de tema para três de seus livros, dos quais o mais importante, segundo observa o próprio Gumercindo Saraiva, é o «Câmara Cascudo — musicólogo desconhecido», onde trata de um aspecto pouco divulgado da obra cascudiana. A repercussão dessa biografia de Cascudo, diz ainda, "me deu mais destaque do que centenas de crônicas escritas em mais de 40 jornais e revistas onde meu nome ficou conhecido até em demasia".

Mas a admiração do «cascudiano» Gumercindo Saraiva não ficou por aí. Encontrou expressão também em trovas, como no exemplo abaixo:

"Nesta vida eu não me iludo,
Por isso conto a verdade:
— Mestre Câmara Cascudo,
foi minha Universidade!"

Historiando essa trova, Gumercindo explica que a escreveu em resposta à indagação de um aluno do Curso de Jornalismo, quando era sabatinado no programa «Xeque-Mate», há mais de dez anos atrás, na antiga Faculdade de Jornalismo então localizada na Fundação José Augusto.

Gumercindo entende que a bibliografia cascudiana ainda está incompleta, o que lamenta profundamente, pois falta editar os diversos prefácios que Cascudo escreveu, ao longo de sua intensa atividade intelectual, para centenas de autores natalenses e de outras partes do País, a exemplo do que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte vem fazendo com as «Atas Diurnas» de Cascudo, Gumercindo sugere que o mesmo seja feito com os prefácios de livros, e espera que sua sugestão seja aproveitada o mais rapidamente possível. (N. P.)

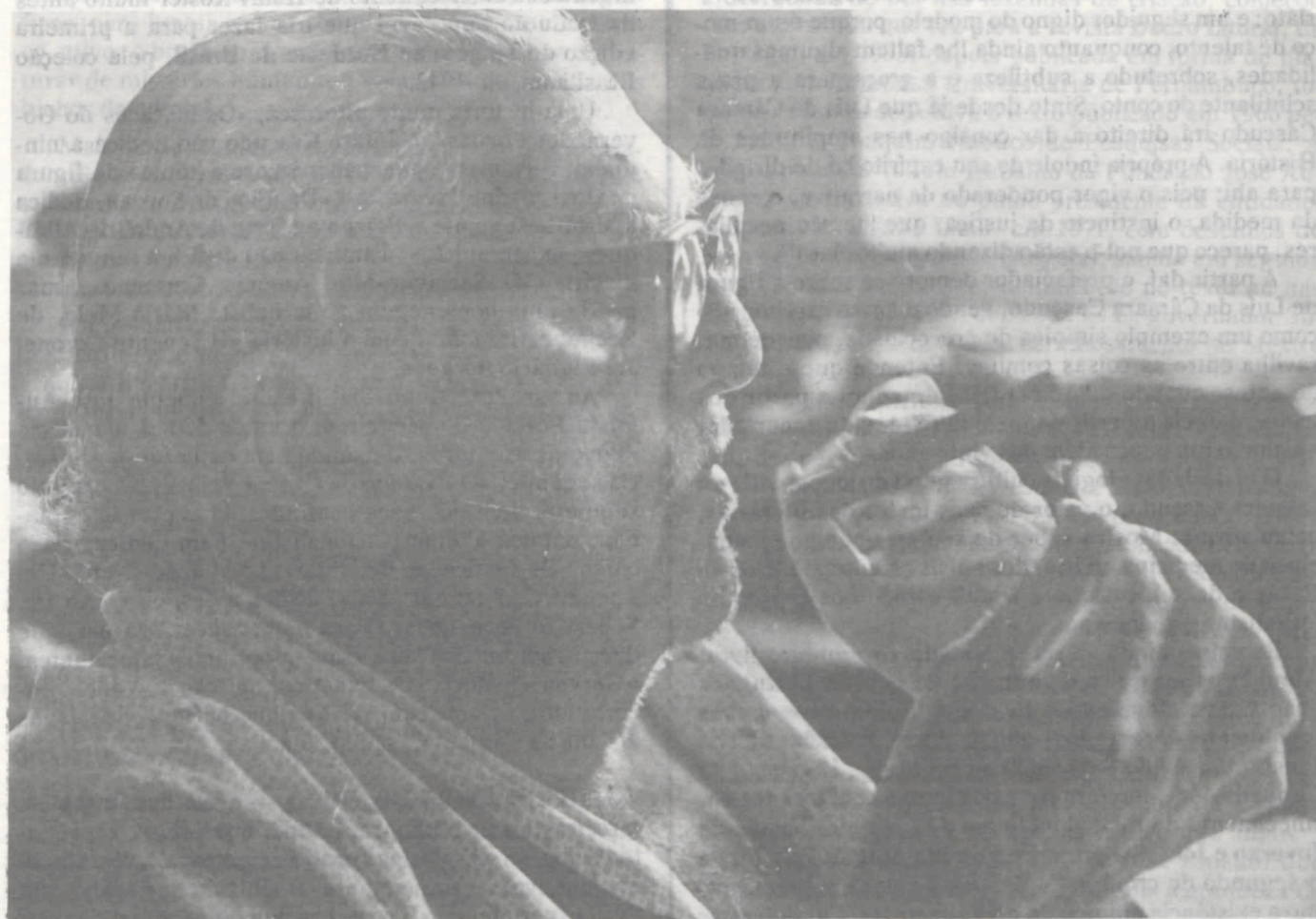
Lua-de-mel no Tahiti.



Vale a pena passar uma rápida e deliciosa lua-de-mel no Tahiti. Se você ainda não passou, não sabe o que está perdendo.

Vamos, experimente! Mesmo que você esteja perto de comemorar as bodas de prata.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui.



Cascudo, moço de 86 anos

Cascudo e os sessenta anos do “Histórias que o Tempo Leva...”

VICENTE SEREJO

*“Há de causar espanto que Luis da Câmara Cascudo
seja um moço de
apenas vinte e trez annos de idade”.*
(Rocha Pombo, 1924)

A data de um livro é a data de sua publicação. Aque-la que aparece na folha de rosto ou na sua ficha técnica, para ser lida pelos olhos do mundo. Não importa, a não ser como curiosidade suplementar, saber-se quando foi imaginado ou iniciado, concluído ou impresso, pois o li-vro, para os efeitos de sua vida efêmera ou eterna, nas-ce numa só data.

É assim, baseado na data da folha de rosto, que completa sessenta anos o **Histórias Que o Tempo Le-va...**, do mestre Luís da Câmara Cascudo. Um pequeno volume com 11 centímetros de largura por dezesseis de altura, publicado por Monteiro Lobato & Cia., em São Paulo, nas oficinas instaladas à Rua Victória n.º 47.

O livro foi considerado de publicação indispensável

depois de parecer do Centro Polimático de Natal, e a edição pela Monteiro Lobato & Cia. foi determinada pe-lo então governador do Estado, também escritor e ro-mancista Antônio José de Mello e Souza, cumprindo o que dispunha a Lei 145, de agosto de 1900.

Duas outras datas constam do volume. A primeira, «outubro de 1923», logo abaixo da dedicatória feita pelo autor à figura do historiador Rocha Pombo, onde regis-tra ainda seu endereço em Natal, à rua Jundiáí n.º 20. A outra, no próprio prefácio de Rocha Pombo, onde consta «Rio, 1922».

E o que representa, afinal, o **Histórias Que o Tempo Leva...**? Para o prefaciador, Rocha Pombo, a influência benéfica de um Viriato Correia. É Rocha Pombo quem

afirma: "Luís da Câmara Cascudo é um seguidor de Viriato; e um seguidor digno do modelo, porque é um moço de talento, conquanto ainda lhe faltam algumas qualidades, sobretudo a subtileza e a graça para a prosa scintilante do conto. Sinto desde já que Luís da Câmara Cascudo irá direito a dar consigo nas amplitudes da História. A própria índole do seu espírito há de dirigi-lo para ahi; pois o vigor ponderado da narrativa, o senso da medida, o instinto da justiça, que lhe são peculiares, parece que nol-o estão dizendo muito claro".

A partir daí, o prefaciador demora-se sobre a figura de Luís da Câmara Cascudo, vendo o nosso escritor não como um exemplo simples de precocidade, mas de maravilha entre as coisas comuns. Entende que o tempo de antes, quando o homem ficava maduro a partir dos trinta, parecia a partir daquele livro ter sido encurtado, bastando um pouco além dos vinte anos.

O historiador elogia a cultura geral do jovem Luís da Câmara Cascudo, o valor de suas instruções literárias, como afirma. Mostra saber de seu segundo ano inconcluso de medicina no Rio, dos novos estudos médicos na Bahia e de seu retorno a Natal, caindo nos braços do jornalismo provinciano.

Registra, ainda, a receptividade ao primeiro livro, *Alma Patrícia*, transcreve trecho do escritor português João Grave elogiando o livro e fala de outros nomes igualmente encantados com o *Alma Patrícia*. Rocha Pombo faz elogio destacado ao conto «As Lágrimas do Capitão-Mór», terceiro conto do livro e confessa ter conhecimento de mais dois livros de Cascudo: *Sertão de Inverno* e *João*. "O primeiro é de literatura e Folk-lore e o segundo de crônicas". Estas informações, assim como a existência anunciada de *Vaqueiros e Cantadores* e do romance *O Destino dos Ídolos*, deve ter tomado conhecimento nos originais de *Histórias Que o Tempo Leva...*, pois consta das obras do autor, escritas e em preparo. Dois títulos, por sinal, nunca publicados, segundo sua bibliografia estudada e anotada por Zila Manede e seu monumental «50 Anos de Vida Intelectual — 1918-1968», editado pela Fundação José Augusto em 1970.

Vencida a descrição informativa do volume, restam ainda muitas informações. *Histórias Que o Tempo Leva...* é um volume de 231 páginas, distribuídas em vinte histórias, além de umas notas finais, explicativas do autor e do livro. Cada história, no caso cada capítulo se assim alguém preferir definir, abre com uma citação de autor nacional ou estrangeiro e algumas são dedicadas a amigos do autor.

O livro começa com «O Forte dos Santos Reis», dedicado ao Monsenhor Almeida Barreto. Em seguida, «O Brabantino Verdonck». Depois, «As Lágrimas do Capitão-Mór», dedicado «Ao Rocha Ferreira». A quarta história ou conto, como quer Rocha Pombo, é «Veados de Santo Huberto», dedicado «Ao Lucílio Varejão», tradução de uma lenda. Quinto capítulo, «As Quatro Investidas do Batavo», dedicada a Dioclécio Duarte. Em seguida «A Santa do Azourague», dedicada certamente a Jaime Adour da Câmara, devendo ter sido erro tipográfico o José Adam da Câmara, pois sendo seu amigo, dificilmente grafaria seu nome com incorreção tão banal. Depois, vem «Guerra dos Índios», que dedica à memória do historiador Vicente de Lemos. Ao seu editor Monteiro Lobato, dedica o conto ou história «Sem juízo e sem temor...». Ao historiador e biógrafo de Nísia Floresta, Aducto da Câmara, o autor de *Histórias Que o Tempo Leva...* dedica «O Exacto Koster», o que

mostra seu conhecimento de Henri Koster muito antes da tradução impecável que iria fazer para a primeira edição de *Viagem ao Nordeste do Brasil*, pela coleção Brasileira, em 1942.

Uma história muito pitoresca, «Os macacos do Governador Povoas», Câmara Cascudo não dedica a ninguém, certamente pelo sabor jocoso e irônico da figura do Governador Povoas. Ao «Dr. Eloy de Souza», dedica a história seguinte, «Paixão e Morte de André de Albuquerque Maranhão». Também não dedica a ninguém a história «O Sargento-Mór Antônio Germano», mas presta uma homenagem ao jornalista Mário Melo, de Recife, certamente, com a história «O Tenente-Coronel José Ignácio Borges».

Ao «sr. José Augusto», presumivelmente José Augusto Bezerra de Medeiros, o autor dedica a história «Fôgo de Monturo», deixando sem dedicatória a história seguinte, «O Evadido da Cadeia Velha». No capítulo seguinte, dedicado «aos confrades da imprensa bahiana», publica «Velho Nacionalista». Sem dedicatória o conto «Os Justicados de Natal». Logo depois, em «Um Theatro Campal em 1868», dedica a pesquisa «Ao Dr. Sebastião Fernandes». Para homenagear seu pai, que declara ser um dos seus mais importantes informantes, reservou a história «Os Fanáticos de João do Valle», encerrando o volume com as «Reminiscências», dedicadas a Anna da Câmara Cascudo, sua mãe.

IMPORTÂNCIA DO LIVRO — Seria livro simples, terceiro de uma bibliografia superior a cento e cinqüenta títulos, se o *Histórias Que o Tempo Leva...* fosse apenas um livro de principiante. É mais do que isto, é um livro experimental. E só existe como um marco da criatividade em 1924, porque certamente o autor foi mesmo um seguidor de Viriato Correia e, mais do que isto, um conhecedor da nossa história, capaz de buscar nos motivos antigos e quase esquecidos, os modelos de reações e de hábitos, costumes e tradições, recriando no ambiente original, como se a realidade não bastasse e fosse preciso complementá-la com a imaginação. Por isso, imagina diálogos e não exagera quando descreve o olhar triste de André de Albuquerque, sua paixão e sua morte, como se fosse o nosso Cristo bem ali, no encontro do rio com o mar, nas áreas de servidão da Fortaleza da Barra do Rio Grande, o Potengi.

O livro foi publicado em 1924, mas foi escrito antes de 1922, data do prefácio de Rocha Pombo, embora o registro do endereço do autor contenha a data intermediária, outubro de 1923. De qualquer maneira, inaugurara entre nós o conto baseado na realidade histórica, indo a História ser quase estória, as datas e os episódios ditos em forma de conversa, contando estória, narrando história. Na opinião do escritor Manoel Onofre Jr. e seu *Estudos Norte-Riograndenses* (Fundação José Augusto, 1978), "livro bom de ler, indicado para a juventude de nosso Estado. Urge uma segunda edição a ser distribuída nas escolas".

Teria a crítica de Rocha Pombo quase sepultado as veleidades literárias de Câmara Cascudo? Ele que chegou a anunciar títulos profundamente literários como *Persephona* (Romance de uma cidade triste), *Terras d'Antanho*, *Sertão d'Inverno*, até a novela praieira *Cajueiro Florido*, na verdade, continuaria. E se não publicou os romances e novelas anunciadas, terminou manifestando sua capacidade literária em *Canto de Muro*. Um livro que encanta pelo texto e pela criatividade, fu-

gindo aos estudos históricos, antropológicos e etnográficos, para juntar-se aos sonhos da mocidade. O médico, talvez o botânico, a conversar com os bichos e a misturar de mistérios humanos a vida meio misteriosa dos bichos do quintal.

Mais tarde, também revelou-se o grande historiador. E por suas mãos tivemos a grande **História da Alimentação no Brasil, Civilização e Cultura, História do Rio Grande do Norte, História da Cidade do Natal, Dicionário do Folclore Brasileiro**, uma obra histórica e, ao mesmo tempo, sociológica, etnográfica, monumental.

E a grande obra de Câmara Cascudo como historiador não reside apenas nos grandes volumes de suas grandes histórias e pesquisas de consagração nacional e internacional. Mas até nas pequenas histórias das pequenas coisas. É ele o autor da história do Atheneu Norte-Riograndense, Coleção Juvenal Lamartine, Natal, 1961. A convite do então governador Aluizio Alves, escreveu a **Breve História do Palácio da Esperança**, publicada em 1961, com apresentação do próprio governador. É interessante registrar que, em 1978, sairia uma «segunda edição», mas com o título de «Breve História do Palácio Potengi», conservando na capa o mesmo desenho de Newton Navarro, mas já incluindo o decreto do ex-governador Cortez Pereira que devolveu ao Palácio o Potengi que havia sido substituído pela Esperança do aluizismo, no início dos anos sessenta.

É também, a pedido de Assis Chateaubriant, o autor de **Uma Nota Sobre o Cachimbo Inglês**, uma pequena história do cachimbo publicada em forma de separata pela Junta Distrital do Porto, Portugal, publicação do Museu de Etnografia e História.

A Vaquejada Nordestina e sua Origem, onde estuda

a derrubada do boi nas fazendas de criação, começou com um estudo que fez para a revista **Douro Litoral**, de Portugal, em 1953, depois publicada em forma de plaquete pela Imprensa Universitária de Pernambuco, tomando a forma definitiva o texto publicado em 1966 pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. A edição potiguar foi um trabalho da Fundação José Augusto, por iniciativa do então presidente da entidade, Diógenes da Cunha Lima, em 1971, com desenhos de Neves e Souza, de Luanda (Angola), saindo em seguida uma segunda edição sem modificação no texto ou nas ilustrações, igualmente dedicada ao ex-governador Sílvio Pedroza, a quem chama carinhosamente de Mestre das Vaquejadas.

Eis o grande historiador, grande exatamente porque também voltado para as pequenas histórias, como se ao lado dos pesados e eruditos volumes que escreveu, sentisse necessidade de fazer conviver a pequena história de cada coisa vista e amada. Daí sua preocupação com a cachaça, que mereceu um prelúdio publicado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool. A grandeza de Câmara Cascudo e sua erudição são exemplos que podem ser seguidos na surpreendente **História dos Nossos Gestos** (Melhoramentos, 1977), mas também em **A Carnaúba**, uma verdadeira história da carnaúba que publicou na Revista Brasileira de Geografia, em 1964. Por isso não é muito repetir Rocha Pombo e sua antevisão de 1924, quando leu Câmara Cascudo no **Histórias Que o Tempo Leva** e disse: "Há de causar espanto que Luís da Câmara Cascudo seja um moço de apenas vinte e trez anos". Hoje, sessenta anos depois, ainda causa espanto que seja um moço de oitenta e seis anos. Com a grandeza de perceber nas coisas grandes e pequenas o eterno que o homem foi capaz de descobrir ou de inventar.

DEPOIMENTOS

NILO PEREIRA

Como conheci Cascudo



— É aquele.

Um colega me apontava Luiz da Câmara Cascudo. Eu era estudante em Natal. Fazia já os meus Preparatórios e era aluno da Escola de Comércio, pela qual sou diplomado. Falava-me muito em Cascudo. Ele já formado. Bacharel de anel no dedo. Tive, certa vez,

vontade de ir à casa dele. Certamente, ele me receberia.

Cascudo era, então, um personagem de Eça de Queiroz. Um fradiqueano. Usava monóculo. Guiava o seu carro próprio, o maior que havia em Natal, um Grand Page. Era tão grande que, dificilmente, fazia a volta na Avenida Tavares de Lyra.

Num certo dia de data incerta e ano duvidoso lá ia ele, o já Mestre Cascudo, dirigindo o seu cruzador. Meu colega não resistiu:

— É aquele.

Fomos atrás do carro, que subiu, arfando, a ladeira da Avenida Junqueira Ayres, onde mora o Imperador de Natal, como o chamou, em carta, um dos seus admiradores. O automóvel venceu o teste. Pareceu-me à primeira vista que Cascudo — o Príncipe da Grã-Ventura — não dirigia lá muito bem o seu veículo. Mas, dava para chegar em casa na santa paz.

Não o vi mais. O mito desaparecia. Deve ter ido para o seu palacete no Tirol — o Principado — como recorda no seu livro de Memórias.

Como fisgá-lo? Eu tinha vontade de chegar junto dele e dizer-lhe, timidamente:

— Mestre, eu o admiro.

Talvez não fosse o bastante. Não que ele quisesse mais, bem o sei hoje, mas era um semi-deus.

Um dia — há sempre um dia na vida de cada um — ele entra na redação do **Diário de Natal**, trazendo um artigo. Toda a redação (Oscar Wanderley, Raimundo Macedo, Francisco Veras e outros que tais) se pôs de pé. Ele sorriu. Era não mais «aquele», mas ele. Ali diante de nós todos.

Trouxe um artigo. Assinava-se L. da C. C. Por que não punha o nome por extenso? Não era necessário. Toda gente sabia, em Natal, de quem eram aquelas iniciais.

Lembro-me muito bem da cena. Ele de jaquetão cinzento, colete, gravata «plastron», sapatos de verniz,

monóculo. Seria Eça de Queiroz? Era bastante gordo para ser Eça, o magriço. Mas era Fradique Mendes, um alfacinha. Muito elegante. Mas muito simples. Dava-se à primeira vista. Boa praça. Grande «causeur». Só Agripino Grieco poderia comparar-se a ele. Cascudo tinha o encanto da palavra exuberante, sonora, esguedelhada; Grieco era o Sagitário. Cascudo tinha mais adjetivos; Grieco mais setas. Sempre mereceram respeito.

Lévamos o colaborador, que nos visitava, ao carrão que ele comandava. Era o «Minas Gerais» no seco. Tinha não sei quantos lugares o carro. Ainda que viesse cheio, só enxergaríamos ele. (Já agora «ele» e não mais aquele...)

Animado por esse encontro redacional, fui visitá-lo. Anunciei-me como um estudante. Ouvi quando ele disse lá de dentro:

— Vá perguntar se é do Atheneu.

Respondi que era aluno dele. De certo, ficou pensando que eu vinha dos bancos do Atheneu, mais um «gola azul» que Umberto Peregrino tão romanticamente fixou em recordações literárias que nada deixam a desejar às de Raul Pompéia.

Ao me ver, lembrou-se da ida ao jornal. Mas não sabia o meu nome. Como eu era feliz, nesse tempo! Não tinha nome. Ainda hoje não tenho, mas ele me conhece e sabe que, numa distância de mais de quarenta anos, tenho sido seu amigo, seu companheiro de pesquisas e seu devoto.

Cascudo foi para mim uma aparição. Continua sendo. Quando vou à sua casa — o «chalet» da Junqueira Ayres — onde mora uma estrela, que é ele, sinto-me o mesmo adolescente que o visitou pela primeira vez.

Agora, porém, com a maior intimidade. Tanto que a nossa saudação é invariavelmente a mesma: cada um estira a língua para o outro. Uma saudação que muda os estilos e as tradições.

Muitas e muitas vezes Veríssimo de Melo («lui, toujours lui») tem assistido a esse encontro. Quase sempre me ajoelho para receber a bênção apostólica. Sou um catecúmeno diante dele.

Pertenço a uma das gerações mais cascudeanas de Natal. A geração que o viu deixar a Faculdade de Medicina da Bahia (graças a Deus Cascudo não foi médico) e formar-se em Direito no ano da graça de 1928. Era tanto de Natal quanto da Bahia e do Recife.

Hoje, é tanto de Natal quanto do mundo inteiro. Em Paris encontrei-o Mr. Cascudo; em Lisboa o Douroire Quescudo; e por aí afora o grande nome, esplendendo no seu talento.

E tudo isso vindo do seu canto de muro. Da sua Província. De Natal. Da casa da Junqueira Ayres, com uma janela acesa até altas horas da noite. Um monge, um asceta, um anacoreta trabalhando. Fazendo do Rio Grande do Norte potência mundial.

Quando conheci Cascudo, ele ainda era Cascudinho. Depois, foi Cascudo. Hoje é Cascudão. Aumentativo de um homem e de uma época.

Sua biografia, traçou-a ele mesmo, no LIVRO DAS VELHAS FIGURAS, editado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, apresentação de Thadeu Villar de Lemos, Natal, 1978. Não há itinerário mais seguro do que esse. Ele próprio o escreveu.

É um resumo muito breve para uma vida longa e tão rica. Mas dá para ver o escritor nas suas andanças (não

O TESTEMUNHO DA “VOVÓ”

A Revista RN-ECONÔMICO tem idade pra ser a nossa neta, mas em matéria de experiência jornalística e publicitária, 15 anos valem mais do que os nossos 72 anos bem vividos.

Porque criar e manter uma Revista especializada em economia num Estado como o Rio Grande do Norte, ainda muito carente de industrialização e desenvolvimento, precisa de muita vocação, competência e obstinação.

A “vovó” A SERTANEJA, cada dia mais jovem pela confiança e prestígio conquistados na Capital e no interior, inclusive na Paraíba, entende, como poucos, o que é determinação de servir.

Por isso fica feliz em saber que o seu exemplo, direta ou indiretamente, está sendo seguido por outros grupos norte-rio-grandenses nas mais diferentes atividades empresariais e individuais.

A RN-ECONÔMICO é um exemplo disso. Exemplo que é um dos orgulhos do Estado do Rio Grande do Norte, especialmente do seu empresariado.



Radir Pereira & Cia.

fala das viagens ao exterior), indo e vindo pelos sertões do Rio Grande do Norte e da Paraíba, mudando sempre de casa, espécie de cigano, até firmar-se no «chalet» onde reside, na confluência urbana dos xarias e canguleiros, celebrados em ensaio sociológico por Veríssimo de Melo.

O resultado é que, ficando ali definitivamente, Cascudo nem é xaria nem canguleiro. O tipo do Juiz ideal para dirimir pendências entre os dois grupos radicais, se tais divergências ainda existissem. Quando ele foi morar na casa 377 da Avenida Junqueira Ayres, tudo estava pacificado. Talvez a sua presença tenha imposto a paz social ainda hoje reinante. Já podia ser professor de Direito Internacional.

Biografia pobre a dele, escrita por ele mesmo. Mas Américo de Oliveira Costa, viajando pelo universo de Câmara Cascudo, salvou a situação. Ele próprio, o biografado, um mundo inteiro, meio tumultuado. O brasileiro feliz do achado de Diógenes da Cunha Lima.

Só Anália, a empregada feliz que, há quarenta anos, trabalha na casa de Cascudo, acha que ele, o patrão, não é o homem preparado de que tanto se fala.

— Por que, Anália?

— Ele passa o dia todo estudando com o livro na mão...

Delicioso julgamento, capaz de confundir as Academias de Letras e de Ciências do mundo.

Cascudo deve ter adorado esse juízo crítico. Porque os outros, os sérios, os autênticos, os jubilosos, ele diz sempre:

— É mentira, mas é gostoso...

MARIZE CASTRO

Olhos nos olhos



Na minha opinião há uma «idolatria exagerada» em torno da figura de Câmara Cascudo. Não quero com isso negar a importância cultural que o historiador tem. O que eu contesto é o seguinte: da mesma forma que há essa idolatria exacerbada, há também uma certa desinformação

acerca da obra de Cascudo. A maioria dos jovens não conhece a real importância dele. Se Cascudo é um patrimônio histórico do Rio Grande do Norte, como dizem, porque não colocam sua obra nos currículos escolares e universitários, para que os jovens saibam a razão de toda essa movimentação em torno da figura do historiador? Garanto que mais da metade da minha geração desconhece a participação de Cascudo no movimento modernista, e que ele foi o primeiro intelectual no Rio Grande do Norte a aderir ao movimento, em 1924.

Proponho uma maior aproximação da obra de Cascudo conosco, os jovens, contanto que isso seja feito de uma forma consciente e crítica, com um olhar de lince. Afinal, a História e Arte estão aí para serem reavaliadas, contestadas e estudadas através de uma postura crítica e lúcida, jamais endeusadas. Não estou fazendo apologia ao iconoclasmo, apesar de admirar tal doutrina. O que eu quero dizer é que muitas vezes o endeusa-

mento atrasa e cega. Fechou-se, no Rio Grande do Norte, um círculo em torno da figura do historiador Câmara Cascudo que impede de ver além da esfera do historiador, tratando com certa indiferença os outros artistas locais. Um exemplo: o poeta Othoniel Menezes sofreu, do Projeto Memória da UFRN, uma injustiça para a qual não tem perdão. O Projeto gravou, certa vez, algumas obras do poeta e por ignorância, ou simples descaso, foram identificadas como sendo de «autor desconhecido». Isso é um absurdo. É desinformação. Se esse descaso ocorre com a obra de Othoniel Menezes, imaginem a indiferença que não cerca o trabalho de outros artistas.

Já entrevistei Câmara Cascudo algumas vezes; portanto, conheço-o pessoalmente. Gosto muito da sua ironia nas respostas e da sua indiferença (pelo menos aparenta) diante das homenagens e solenidades, por vezes enfadonhas, que ele geralmente recebe.

Ainda não li metade da extensa obra de Cascudo, talvez até por falta de tempo e de idade, mas ele é, sem dúvida, um dos grandes expoentes da cultura brasileira. Portanto, deve ser cumprimentado de pé, olhos nos olhos. Jamais de joelhos e olhos baixos.

FRANKLIN JORGE

Ao mestre, com carinho



Deus me perdoe o esnobismo de apreciar tanto a leitura de Luís da Câmara Cascudo. Ninguém antes dele, no Rio Grande do Norte, conseguiu amearhar, livro após livro, numa longa e fecunda carreira de escritor, maior conhecimento dos homens, das ciências e da vida.

Não me canso de reconhecer, nele, o depositário de um saber atemporal, comum a todos os povos civilizados ou em processo de civilização. Um erudito jovial, mestre em seduções. Um Schollar, um homem, em suma, sequioso de saber, a escavar tenazmente em busca das emaranhadas raízes da vida, do pensamento, das idéias e dos homens na sua interrogação perplexa do mundo in-visível. Não saberia dizer, pois, qual o Cascudo que prefiro, como leitor, aluno e amigo, em sendo ele, por natureza, um daqueles seres espiritualmente desmedidos, misto de monge contemplativo, de Marco Polo, de alquimista e criador, sempre debruçado sobre os livros, mas sem descuidar dos pequenos acontecimentos diários e das vozes que se erguem a sua volta, vindas de todas as direções.

Há um Cascudo escritor, acima de tudo, fino estilista, a encantar-nos com a transluminosidade de uma linguagem articulada pelo humor sutilíssimo, machadiano até, de velho aristocrata. Há um Cascudo causeur a desgastar-se, perdulário, no brilho das conversas. Há um Cascudo humanista, irmão de Montaigne, íntimo de Aristóteles, de Dante, de Virgílio, de Mário de Andrade, de Jorge Fernandes, leitor de todos os livros. Há um Cascudo globe-trotter, a ancorar em todos os portos do mundo, comparando costumes e tradições, eterno aprendiz.

O Mestre, com **M** maiúsculo, por toda a gente reconhecido. Até mesmo por Dona Dhalia, sua mulher e companheira, que me corrigiu, uma tarde, delicadamente:

— Senhor, não; Mestre Cascudo...

De fato, Mestre. E o que é raro: sem aquele ranço professoral dos professores, apenas. Platão teria aprovado a sua companhia.

Tive o privilégio de colaborar, certa vez, com o Mestre. Em '78, no Ceará-Mirim, recebi uma carta de Cascudo, convidando-me para escrever um dos capítulos de sua Geografia da Superstição no Brasil. Fiquei abismado. Pedi a minha avó que lesse em voz alta a carta. Mesmo assim, continuei abismado.

Os invejosos apodam Cascudo de mau historiador. Vão mais longe: desentranham de sua bibliografia, possuídos de gozo perverso, deslizos e cochilos. Que deslizos, meus senhores, que cochilos? Chafurdam em viscosa baba os invejosos. Mas Luís da Câmara Cascudo é um rio a fluir perenemente, sobrepondo-se aos diques da ignorância provinciana, fecundando-nos, generoso, com a seiva do conhecimento.

VERÍSSIMO DE MELO Cascudo é nume tutelar



Luís da Câmara Cascudo foi verdadeiramente a nossa primeira universidade. Na sua biblioteca, todos nós — os da geração de 30 em diante — nos dessedentamos longamente de todos os saberes. A orientação das leituras inumeráveis era sugestão de todos os dias. A empolgação de sua

alegria interior e erudição transbordante nos fascinavam.

Quem disser, em Natal, que não sofreu influências do mestre eminentíssimo — no mínimo, está faltando com a verdade.

No nosso caso particular, por exemplo: ele nos envenenou pelos estudos de folclore. Porque éramos ainda jovens, nos dirigiu para os estudos do folclore infantil, lendo nossos primeiros ensaios e prefaciando o primeiro livro publicado. Depois levantamos vô sozinho.

Influências políticas? Em sua casa, Cascudo recebia jovens de todas as tendências políticas. Jamais procurou influenciar ninguém por essa ou aquela ideologia. O que nós sabíamos, em certa época, é que ele era monarquista — coisa que sempre nos pareceu estranha e fora de moda.

Com ele aprendemos que a vida é construção. Vivendo intensamente a vida, assim mesmo ele ia construindo, livro por livro, sua obra monumental. Renunciou a todos os convites de figuras importantes do País para mudar-se e ir residir em grandes centros. Fez finca-pé na Província, porque tinha missão irresistível e definitiva a cumprir: a construção de sua obra. Hoje, a maior bibliografia de autor brasileiro em todos os tempos.

Pessoalmente, Cascudo é um encanto pelo humor, lucidez, generosidade, manancial imenso de erudição

acumulada através de tantos anos de vivência e lombada de livro, como ele gostava de dizer.

Foi sempre o maior conversador do seu tempo. Seu repertório de epigramas, ditos, citações curiosas, anedotas, tudo isso é infinito. Sua memória prodigiosa era um dos milagres de sua saúde mental. Citava, constantemente, em palestra, título, autor do livro e o número da página.

Hoje, está aposentado, na sua cadeira — no aposento, como diz — apenas lendo o que se pergunta e respondendo caudalosamente. Continua recebendo visitas de gente de todo o País e até do estrangeiro. Todos querem conhecê-lo, ouvi-lo, homenageá-lo.

Cascudo é o nosso nume tutelar. O nosso monumento vivo.

Cada livro de Cascudo é um curso de inteligência, informação e sabedoria.

Sua obra gigantesca e imortal vencerá o Tempo.

TARCÍSIO GURGEL

Rei Cascudinho, 1º e único



Há aproximadamente dez anos, trabalhando na Fundação José Augusto, preocupei-me em levar pessoalmente a Cascudo o primeiro exemplar confeccionado de **Prelúdio e Fuga do Real**.

Cumprido o ritual de praxe, eis-me respeitoso na senhoria sala de jantar de sua casa quando, saindo de algum dos múltiplos aposentos ele chega. E um espetáculo. O gesto largo, familiar, cascu-deano. O olhar malicioso, o riso, traje e cabeleira — cascu-deanos.

Entrego-lhe o exemplar, sem dizer palavra.

Que reação — traduzo minha expectativa — poderia ter o mito diante de um livro já precedido de fama em seu próprio ineditismo? (A historinha da edição e da fama precedente: Diógenes da Cunha Lima conseguira arrancar-lhe os originais, reservados, segundo me explicara Sanderson Negreiros, para uma publicação quando o autor tivesse ultrapassado o meramente tangível).

Com ares de menino travesso, parente próximo de ancestrais dessacralizadores do **Royaume d'Enfance** da **Fête des Fous** medieval, demonstrando excitação, ele toma do livro, apalpa-o, mas acaba por atirá-lo sobre o assento de uma poltrona.

Assustado, ensaio uma indagação do tipo defensivo:

— Mas o que houve? Não gostou?

E ele, cascudinho:

— É a emoção, meu filho!

Relaxo um pouco, transformando em muleta mental uma frase tipicamente sua: "É mentira, mas é gostoso". Mas, a risada, que agora ressoa, com modulações de ironia me recoloca — e ao pássaro que **begeava** no alpendre — no terreno perigoso da tensão. É que ele retomando o livro lê com voz pausada, sílabas proposi-

tadamente escandidas, o título de um dos seus textos mais curiosos.

— “E-ras-mo de Ro-ter-dam — a ur-ti-ga no ca-mi-nho”.

Pára, teatralmente, e aponta a gola, num gesto de aparente ressaibo:

— No arminho, meu filho! A urtiga no arminho!

Ganho uma aula sobre nobreza e moda renascentistas, capaz de justificar a ambigüidade contida no título pressurosamente modificado pelo revisor.

E ele riu. E fez blague, contou «causos», eruditou o quanto quis, diante de um interlocutor embasbacado. Depois, claro, me mandou baixar em outro terreiro.

Ora, dessa perspectiva, afirmo que um dos aspectos mais generosos do trabalho de Cascudo é esse, de uma postura carnalizadora, dessacralizadora, a-hierarquizante, que é canalizada, da vida, para a parte mais instigante de sua obra.

No livro citado, por exemplo, ele justifica vários dos pressupostos da teoria bakhtiniana, especialmente aqueles do «livre contato familiar» e da «atualidade viva». Pois é eliminando barreiras hierárquicas e temporais, que se põe em contato com alguns dos vultos mais

expressivos da cultura ocidental. E com Erasmo, Arisófanes, Maquiavel, Cascudo conversou com um à vontade idêntico ao demonstrado para com o escriba que ora escrevinha.

Isto é, portanto, um dado extremamente marcante em sua obra.

O episódio já clássico, do assanhamento que ele provocou ao falar de folclore no espaço da escola hierarquizante, reacionária, é outra comprovação dessa postura.

Ao demonstrar preocupação pelo estudo e preservação das manifestações artísticas populares, ele, um menino «bem nascido» começa a inverter, no Rio Grande do Norte, a perspectiva em que, ainda hoje, se coloca o conceito de cultura como sinônimo de saber acumulado elitisticamente. E quando endossa o «futurismo» de Jorge Fernandes, em 27, assume integralmente sua condição de «folião» da modernidade, comprovando, como defensor da tradição, que o novo nasce do velho e depois morre e se renova, exatamente como no ritual do carnaval, onde morte e vida se conjugam.

Cabe-lhe, em razão disso, um título de alegre realza, melhor do que o respeitoso (quase que eu diria

CASCUDO VISTO POR MAURÍCIO DA SILVA



naftalinoso) «Mestre», tão utilizado nas citações tradicionais; é o de Rei. Rei Cascudinho, I e Único. A quem dirigimos um competente Evoé!, em nome da sabença do povo.

SANDERSON NEGREIROS

Cascudo e seu lirismo audaz



Pouco se tem enfatizado na obra de Luís da Câmara Cascudo o poder de sugestão lírica que está presente em grande parte do que escreveu, com mão inaugural de quem surpreende a intacta e poderosa poesia das coisas — «sunt lacrimae rerum». Não só do tradutor de Walt

Whitman e do estudioso de poeta Antônio Nobre, o tíscico genial português, que arrancou de Cascudo um estudo de uma simpatia humana profunda, muito além do que permite a visão puramente crítico-literária.

Quem relê, por exemplo, o prefácio de «Vaqueiros e Cantadores» — este livro que serviu também de prefácio à extraordinária obra de etnologia do Mestre da Junqueira Aires, cuja **suma teológica** é o nunca assaz louvado «Cultura e Civilização» —, vai encontrar uma prosa poética das mais inesquecíveis. A memorialística nele confunde-se com o poema em prosa, tão patente, tão vitorioso, que fácil seria publicar de Cascudo, o que se fez em torno de Gilberto Freyre — um livro igual ao seu «Talvez Poesia»: poemas desentranhados de uma prosa em estado permanente de exaltação lírica.

Certa vez, em tarde libérrima do bairro da Ribeira, ouvimo-lo falar horas inteiras, em tom menos professoral, mas de evidente didatismo empático, sobre a história da poesia no mundo, desde as antigas civilizações, a caldeia e a mesopotâmica, quando o homem olhava nas estrelas do céu, contando-as astronômicamente, seu encantório espanto diante de Deus, que se revelava, em poesia, na mecânica celeste. Até chegar aos poetas modernos de sua admiração. E, ninguém, mais moderno, dentro da moldura do seu espírito, do que, por exemplo, Dante, lido e relido religiosamente, a cada ano, na época do carnaval, que o fez escrever um livro único — a presença da Divina Comédia na poesia popular.

Cascudo tem uma cordialidade espantosa na compreensão goetheana do mundo e do universo. Estudioso dos crepúsculos, extasiou-se quando, na África, viu o pôr-do-sol no mar, singrado pela sua imaginação, sertaneja e brasileira. Quantas vezes, acordou Dona Dália, sua mulher, em plena madrugada, para mostrar-lhe a estrela-dalva!

Outro tema ainda não explorado: o epistológrafo. Foi o diuturno escrevente de cartas, para o mundo inteiro, que o fez relacionar-se, em qualquer lugar, com tudo e com todos. Tivemos em mãos, para leitura apressada, toda sua correspondência recebida. Eram mais de 40 cartas de Mário de Andrade, hoje, obviamente significativas para o estudo da cultura brasileira. Como também as de Monteiro Lobato. Mas o maior número de cartas, que seria a história de uma bela e humana amizade, relaciona-se com a correspondência entre ele

e Nilo Pereira, o barão do Guaporé, que deve cobrir quase cinquenta anos de confidências e anotações à margem de duas vidas riquíssimas.

Outro tema para o estudioso de Cascudo: suas amizades e admirações através dos oferecimentos dos livros, recebido de todos centros culturais do mundo, mas também do autor anônimo, perdido na pequena cidade, a quem Cascudo nunca negou uma palavra de incentivo, um prefácio fulgurante, de simpatia e apreço intelectuais. Isso, em certa época, serviu de crítica e remoço a ele: Cascudo nunca negara um prefácio a ninguém. A vida é tão curta e a matéria literária e intelectual tão relativas, que uma palavra coberta de ânimo e prêmio nunca fez mais mal a ninguém... Mas é de assinalar os belos oferecimentos escritos por Guimarães Rosa e Gilberto Amado a LCC — vindos de dois grandes espíritos, lá dos cimos olímpicos, para quem a planície muitas vezes não conta. No caso, a planície submersa da província.

Isso tudo, para quem nunca somou fracassos, como ele mesmo disse. E procurou ser o que quis: um pesquisador da sabedoria do povo, que em 1928, como professor do Atheneu Norte-Riograndense, por falar em lobisomem, quase perdeu a cátedra. E o bonde famoso da história.

FLAVIO REZENDE

Comentário pessoal sobre Cascudo



Como um jovem escritor e uma pessoa interessada em assuntos esotéricos e, conseqüentemente, um observador do mundo, dos seres e dos acontecimentos, tenho algumas observações particulares a fazer sobre o Mestre Luís da Câmara Cascudo.

Durante o meu ginásio e o 2.º grau, não tive quase nenhuma informação sobre Cascudo. Os nossos professores ainda continuam insistindo em adotar os escritores antigos ou mesmo do Sul do País para os alunos lerem.

E o tempo passou até que, numa disciplina do Curso de Comunicação Social da UFRN, o professor, escritor e poeta Sanderson Negreiros nos deu uma série de nomes de livros para que analisássemos um deles.

Foi aí que me defrontei com o livro «Ontem» do Mestre Cascudo. A cada página que lia, sentia uma identificação total com as observações do Mestre. Ele narra impressões imediatas, reflexões dos comportamentos dos alunos e analisava as situações criadas no cotidiano das aulas.

Fiquei completamente apaixonado por ele. Imaginava-o aquela figura acima de tudo e de todos. Nunca tinha lido nada dele, e o que escutava a seu respeito eram histórias de glórias, títulos, honrarias e fama. Aquela figura ficava muito distante de mim, um simples estudante que, como ele, também gosta de escrever. Mas, quando li «Ontem», a barreira quebrou, a distância sumiu. Me senti UM com ele. As observações, as análises, tudo aquilo que ele narrou com tanta

capacidade, eu também fazia e faço em meu cotidiano, principalmente em sala de aula.

A partir dessa paixão, surgiu um interesse em descobri-lo. Aí, vi a sua biografia: professor, estudante, folclorista, ensaísta, e muitos *istas* mais. Meu Deus!, pensei. Quanta luta, dedicação, carinho e, acima de tudo, cultura.

Aí, começo a refletir em cima disso. Hoje em dia é barra ser tão heterogêneo, é tão difícil encontrar pessoas, com um espírito polivalente na área da pesquisa cultural, e o Mestre Cascudo foi fundo.

Não desistiu; muito pelo contrário, sempre escreveu. Quebrou todas as barreiras, venceu todos os obstáculos e conseguiu estabelecer um canal direto e potente com as pessoas. Todo o produto de sua mente fértil atravessou a ponte e alcançou, em forma de livros, documentários, artigos para jornais, etc, o público.

E assim, podemos entendê-lo em toda a sua complexidade, em toda a sua inteligência.

Como um jovem escritor, um amante da polivalência e um buscador da verdade suprema, vejo a figura do Mestre Cascudo, como um exemplo. Exemplo de um homem que transformou seus pensamentos e suas observações em livros, exemplo de um homem que lutou, ensinou, amou e iluminou, com a clareza de sua mensagem, muitos jovens de hoje, de ontem e, certamente, influenciará muitos do amanhã.

CASCUDO VISTO POR EDMAR



AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA

Cascudo: um mestre de sabedoria



Nas proximidades dos seus 86 anos, que se completarão no próximo dia 30 de dezembro, já não contemplamos mais Luís da Câmara Cascudo, já não nos debruçamos mais somente no estudo e na apreciação de seus grandes livros. O homem Cascudo, a criatura humana que há nele, se re-

veste, hoje, de proporções e de uma densidade que não são apenas de um autor, de um escritor, sem embargo dos múltiplos setores em que se veio desdobrando, ao longo do tempo, a sua atividade intelectual. Hoje, ao seu contacto, hoje, ao senti-lo do fundo de sua surdez, de Prometeu encadeado ao rochedo do silêncio exterior, e em tudo que ele significa de conhecimento e cultura, adquiridos pela longa caminhada no tempo, acabamos por concluir que, nele, o *savoir* transfigurou-se em *sagesse*, ou seja, o saber em sabedoria. Eis a sua última e gloriosa encarnação: o sábio, o filósofo. O filósofo de uma filosofia terenciana do que nada do que é humano lhe é estranho. O filósofo pleno de compreensão e bondade diante da vida. E que pode proclamar, como já o fez, imune a qualquer espécie de agressão ou de dores do mundo: "Sou homem que não desanimou de viver e para quem a vida é sempre uma experiência nova e uma revelação". Ao ser homenageado, certa vez, confessou, magnificamente, uma das regras de seu código de conduta pessoal, como que justificando, sem que ninguém lhe perguntasse, por que irradiava sempre tanta alegria: "Jamais comuniquei tristeza para os outros. As notícias desagradáveis, não dou. Deixo que os outros dêem". — "Não some seus desenganos". Bem se classificaria ele, assim, entre aquelas pessoas felizes a que aludia o inglês Robert Louis Stevenson: aquelas que, ao entrar numa sala, como que a tornam mais clara, tal se fora acesa uma nova luz.

Jamais as portas de sua casa (o endereço mais ilustre do Rio Grande do Norte) naquela barrésiana colina inspirada da Avenida Junqueira Aires, 371, deixaram de abrir-se a quem quer que fosse, para a lição, para o estímulo, para o abraço, para o dito espirituoso e espontâneo.

A figura do mais eminente e respeitado escritor de nossa terra, do grande professor catedrático e emérito, *honoris causa*, e, por consenso, indiscutível, vitalício, acima e além das aposentadorias burocráticas ou compulsórias; de patriarca intelectual, em sua legítima, lúcida e verde velhice goetheana, confunde-se, porém, miticamente (não o esqueçamos), com esta outra personagem que ele nunca deixou de ser: a do mago, do feiticeiro de sua tribo, de guardião, do oráculo e do intérprete dos mistérios e dos segredos do cotidiano coletivo, primitivo, rural, cidadão, regional, universal, nas suas relações milenares homem-espaço-tempo-circunstâncias.

Folclorista, etnógrafo, antropólogo; historiador, sociólogo, memorialista, jornalista, cronista, com pesqui-

sas e trabalhos assim tão prodigiosamente repartidos por domínios superiores da inteligência e do espírito, através de decênios preciosos de labor, — não há outra atitude face a Luís da Câmara Cascudo senão as da admiração e gratidão pela obra realizada, lustre de nossa cultura, — obra una e plural, rosa dos ventos, soma e estuário, ilha e arquipélago, aldeia e continente ou aldeia global.

Seu isolamento dos ruídos do mundo é, em conclusão, apenas aparente, diante das riquezas do seu mundo interior. Pois não há isolamento possível para quem convocou, introduzindo-os na intimidade de seus livros, tantas criaturas e seres fantásticos, daquém e dalém terras e mares, cavaleiros de gestas medievais, ativos e rudes homérides sertanejos, damas de gentil convívio como a princesa Magalona e a donzela Teodora. Isto para não falar nas personagens do seu incrível e inenarrável fabulário, aqueles de imprevisíveis cantos de muro.

Hábitos e horários alteraram-se, na sua rotina. O gabinete-biblioteca não está esquecido, naturalmente, mas o mestre, desde algum tempo, prefere certo recanto de uma ampla sala central, onde se senta numa cadeira de espaldar, próximo a uma janela dando para um pequeno pátio de sombra amena, um livro nas mãos, lápis e papel ao lado, inclusive para ajudar no diálogo que a inaudição dificulta.

Essa sua presença, enorme e fundamental, pela força única do talento criador, inunda a cidade e o Estado, com as irradiações de seu renome e de sua legenda. Por ele, o Rio Grande do Norte é uma das grandes matrizes da cultura brasileira.

“Esta é a glória que fica, eleva, honra e consola”, como no verso tão oportuno de Machado de Assis.

ANNA MARIA CASCU DO

Câmara Cascudo, meu pai



Começaria dizendo como é difícil ser filha de Luís da Câmara Cascudo: as cobranças, as antipatias gratuitas, os ciúmes... Mas o depoimento não é sobre a filha, — deixemos para outra oportunidade — e sim acerca do pai. E a RN/ECONÔMICO, nos seus quinze anos de vida construti-

va, teve um gesto bonito, dedicando ao meu pai seu número festivo. Vamos falar de Cascudo na intimidade?

Olhando no passado, uma recordação bate forte: a ausência de preconceitos. Revejo-me de tranças, longas, negras, uns sete anos de idade. Minha mãe está contrariada (mas nunca fala alto, ela é uma dama, e adora meu pai, jamais discutiria); e papai ri, gargalhando sonoramente. Eu estou no meio do problema. Por que? Fui levada, segurando o braço de papai, não apenas aquela voz da lembrança, mas inúmeras, contra a vontade de mamãe, que considerava a presença de uma menina «de família» nesses lugares «altamente impróprios». Eu adorava o contato com o povo: aprendi a cantar e dançar «pastoril», «lapinha», alguns autos do «Bumba-Meu-Boi», xotes e xaxados com papai e Djalma Maranhão, «Peixe-Boi», «Ararunas», «Polcas». Fui

a alguns terreiros de umbanda (“em silêncio, minha filha, todas as religiões merecem ser respeitadas, nada de risadinhas” — segredava papai) arregalando os olhos, coração batendo, já pensando na tristeza em ter de confessar tudo ao padre que rezava missa no Colégio Imaculada Conceição. Tudo feito às claras, sem subterfúgios, com naturalidade: “Essa aqui é minha filha, Anna Maria”, e lá estava eu, cumprimentando, apertando a mão de Pedro Pescador, que contava as mais inesquecíveis lendas (ou seriam estórias?) de pescadores, ou abraçando uma mãe de Santo num terreiro. Minhas canções de ninar foram, principalmente, desafios dos cantadores. No colo de papai, dormia e acordava com aquelas vozes fortes, mas monótonas. A babá reclamava: “Any quer dormir”. Papai retrucava com firmeza: “Ela dorme aqui mesmo, vai aprendendo a valorizar a cultura do povo”. Acostumei.

Essa ausência de preconceitos, essa união com o povo, também se manifesta no anti-convencionalismo de papai. Por um lado, aprendi a comer à francesa, todas as regras de etiqueta, assistia óperas e operetas, com livreto na mão, concertos clássicos (“para educar o ouvido”); de outro lado, não poderia negar uma dança ao mais esquisito dos frequentadores do Alecrim Clube, aonde papai ia de vez em quando (“é falta de cortesia, e ele merece, a não ser que se porte mal”) e lá ia eu, pedindo a Deus que a foto, tendo como par um marinheiro negro e alto, nunca chegasse aos olhos chocados de minha doce mãe...

Papai nunca ligou ao dinheiro, e por isso sofri muito, usando as roupas de segunda mão das queridas primas Lagreca, pois algumas ficavam lindas e outras apertadas em lugares errados, folgadas aonde eu queria apertar, assim por diante. Mamãe ficava firme ao lado dele: “Intelectual é assim mesmo” e, por isso, desde 13 anos comeci a trabalhar e ganhar dinheiro em «A República»: queria ter meus próprios vestidos... Se por um lado meu guarda-roupa era fraco, por outro lado nossos convites eram sempre do primeiríssimo time: lá entrava Sylvio Pedrosa, e com ele vinha um Embaixador, ou chegava o Presidente da República; vinham convites para reuniões na casa de D. Pedro e D. Esmeralda (os Reis, se o Brasil fosse Império, dizia papai) estávamos presentes em todos os lugares bonitos, chiques. E a roupa? Mero detalhe, afirmava papai. O importante é você saber conversar bem, ser espontânea. Ninguém presta atenção à roupa. (Diga isso a qualquer garota de 13 anos, para ver o que acontece).

Mas se as Lagrecas doavam seus vestidos, vinham alegremente (para minha ventura, que as amava muito) passar as férias de fim-de-ano conosco: papai sempre foi adepto de «mesa farta», nem que isso lhe custasse ficar sem um centavo no bolso. Assim, vinho tinto e branco, queijos os mais variados, presuntos (dos grandes, com osso), eram comuns às nossas refeições. Caviar também, mas ele sempre preferiu ova de peixe nacional. Seus pratos favoritos? Pimentão recheado de carne moída; cozido; paçoca; peixe cozido com pirão e mangaba; feijão verde; macaxeira. Frutas? Abacaxis, mamões, mangas (cortadas em fatias), pinhas (sem os caroços), sapatís, laranjas, nunca faltaram à nossa mesa. E goiabas, em fruta ou em doce (de «bandinhas»), bananas também amassadas com açúcar ou em doce «de rodinhas». Champagne sempre presente (até hoje) às datas mais importantes: aniversários (“que a

gente deve sempre comemorar, para agradecer à Deus por ter nascido”, me dizia papai), noivados, primeiras comunhões, bodas, Natal e passagem do ano. Champagne associada ao seu charuto constante. Nada feito escondido: tinha 15 anos, fumava lá fora, ele se chegou, acendeu meu cigarro apagado (de susto) e perguntou, com ar inocente: “Por que está aqui e não na sala? Temos convidados”. Nas lições diárias de cortesia (“nunca deixar de dar bom dia quando passar, seja pela mais humilde ou maior pessoa, falar com licença, pedir por favor, agradecer um envio, mandar um presente ou recordar as datas, se quiser que as suas sejam lembradas”) que sempre me deu...

E assim, deixando a máquina (que 20 anos de Comunicação em Imprensa falada, escrita, e televisada me tornaram íntima, e mais os tempos de Adjunto de Promotor, Promotor de Justiça e finalmente Procuradora de Justiça), correr à vontade, no barco das lembranças sobre destaques da personalidade paterna, surge outra: a da autenticidade, ser a gente mesma, se assumir. Papai sempre detestou “fazer o que está na moda”: começou a estudar folclore quando era feio, subversivo, um professor viver no meio do povo, estudando bobagens, como afirmaram; pedir favores, para si ou para outrem (e assim meu irmão e eu tratamos de voar com as próprias asinhas); desquites ou divórcios (casamento deve ser pra valer) e assim, cultivou o amor de Dhalia, e ainda cultiva, em pequeninas atenções e declarações afetuosas, gestos românticos.

Um dia, quando ninguém me cobrar, nem esperar, vou escrever um livro sobre o dia-a-dia com meu pai, e revelações vão vir à tona. Como o boêmio, que tantas vezes chegou baqueando, nunca confessou nenhum deslize à mamãe (“Imagine, Dhalia, meu amor, estava simplesmente conversando, nem vi o tempo passar, estou é com problema no estômago; querida, vou dormir. Como? São 4 horas da madrugada? Esse relógio está é errado”). Sempre nos obrigou a receber seus amigos exatamente como eram e a aceitá-los assim (“não interessa com quem Eneida está, eu gosto é dela, e fim de papo”), nos ensinou a não julgar ninguém, uma máxima do Cristianismo.

Outro contraste interessante: enquanto sentimental, lisonjeiro, «levantando o astral» de qualquer um, (“minha filha, já lhe disse hoje o quanto está bonita? Seu pai a acha cada vez mais linda”), ou para um visitante: (“Em que novela está trabalhando?”) é, também, adepto total do palavrão, sonoro, que “serve para evitar doenças cardíacas”. (Parece ter funcionado! Completará, dia 30 de dezembro, 86 anos, se Deus o permitir, enquanto minha caçula, Camilla, seu atual «xodó», fará 14, ela que nasceu no dia e hora do avô).

Mesmo perdando (“deixe de lado as pessoas”), estilo lacrau (“minha filha, elas só vivem para aleijar, fazer mal, destruir”), papai nunca deixou uma ofensa sem recíproca, e suas respostas prontas até hoje fazem sucesso e são repetidas como anedotas.

Finalizo com seu bom-humor. Às vezes impaciente, porque tal comida não está bem preparada, até comodista (“Dhalia, quer destampar o açucareiro?”) ele nunca deixa de ter um espetacular bom humor. E pontifica: “As coisas ruins vão e vêm. O negócio é delas tirar proveito e valorizar os momentos bons da vida. Não será essa a felicidade?”

Para alguns que pensam que ele está «desligado», já que ouve nada e pouco vê, um dia desses me chamou

e mostrou inúmeros livros: “Leia da página tal até a página qual: é tudo copiado de **Civilização e Cultura**, é ser muito **cara-de-pau**, não mudou nem a pontuação. Mas não comente que seu pai notou, é só para você saber”.

Outra vez, depois de receber visitantes hipócritas, com mil louvores (ele, simpático e gentil como sempre), falou-me baixinho: “É, filha, depois de algum tempo, a gente brinca de faz-de-conta mesmo sendo grande...”

Por que nunca quis sair de Natal? Puro amor, disse mamãe. Besteira, repeti, chorando, quando assistia serem recusados convites de Getúlio Vargas, de Juscelino, de Chateaubriand (que quis, inclusive, me educar na Suíça), de Sourbonne, de Harvard. O prazer de recordar, talvez: passando em frente ao Teatro Alberto Maranhão disse ao meu marido, Camilo: “Quantas vezes passei de iole, remando, por aqui...”

Tanto o que contar deste homem especial que é meu pai, olhos verdes ainda brilhantes, cabelos de prata, olhando para a televisão sem ouvir, tentando adivinhar qual a música que o pianista toca (“parece **Noturno**, de Chopin”) ele que foi Professor de História da Música e não ouve nem uma nota, nem o riso dos netos, mas se consola afirmando: “Não preciso ouvir tanta bobagem, tanta falta de respeito com o Brasil e com o povo”.

É um homem que afirma: a amizade não se mede pelo número de visitas, mas pela alegria do reencontro. Um sábio, pois. Mesmo no cotidiano...

ZILA MAMEDE

Noturno em lá maior para Luís da Câmara Cascudo

Em cada noite o sentimento do que és
e a espera a que te submetes
para que a brisa do Potengi salgue teu rosto.

Confundes teu chapéu com a própria noite,
e as calçadas nem percebem o contato
dos teus sapatos.

No entanto, confabulas com a noite
a quem revelas o que de mais secreto e terno há em ti
e o que mais intimamente te define:
noite, teu momento universal de criação, tua memória.

Porisso o reencontro: em cada noite,
os teus dedos, os teus óculos, a tua máquina de
[escrever,
os teus **havanás**, tua cadeira de balanço,
tua bela cabeleira desalinhada, Dona Dália
— todos os livros atentos em derredor.

Teu sorriso é diurno e maroto,
teu pensamento é noturno e científico,
tua figura erudita é popular
nos caminhos que desvendaste
com as páginas da cultura do teu povo,

Mapeaste todo o tempo em tua noite:
compreendeste as limitações do teu humano;
sabes-te prisioneiro e cúmplice,
pois a noite confirma-te forma e nome
no silêncio-abandono que tu tocas
com a tua ensolarada presença em lá maior.

Açúcar já fez história no Brasil



Agora está fazendo história no Rio Grande do Norte.

Contar essa história não é tarefa nossa. É do RN-ECONÔMICO que há 15 anos acompanha o esforço que vem sendo feito pelo desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

COMPANHIA AÇUCAREIRA  VALE DO CEARÁ MIRIM

Centro de Convenções abre portas ao turismo do RN

Localizado na Via Costeira, o Centro de Convenções de Natal é um dos mais importantes equipamentos da indústria de turismo — a chamada «indústria sem chaminés», do Rio Grande do Norte. Em pleno funcionamento, já tendo se realizado em suas dependências importantes encontros, o moderno e bem projetado Centro de Convenções — próximo à Praia de Ponta Negra — está aberto à realização de pequenos e médios eventos, dispondo de completa estrutura de apoio em serviços para seu funcionamento.

O Centro de Convenções é de propriedade da Rionorte Hoteleira S/A — Nortel, empresa vinculada à Secretaria da Indústria e Comércio. A Nortel é proprietária também dos seguintes Hotéis no interior do Estado: o Termas, em Mossoró; Tibau, na Praia de Tibau; Serrano, na Serra do Martins; e ainda os Hotéis Salinas, em Macau, e o de Alexandria.

Para o presidente da Nortel, Roberto Moura, o Centro de Convenções oferece incentivo tão poderoso quanto indispensável para o seqüenciamento seguro do crescimento do Estado, em termos de turismo, uma vez que propicia a esse setor espaços próprios e mais adequados para o seu efetivo desenvolvimento.

EM DIA COM O TURISMO

— O Parque Turístico da Via Costeira é formado por uma avenida pavimentada, de oito quilômetros de extensão, ligando as praias próximas do centro de Natal a Ponta Negra. A Costeira margeia praias ainda inexploradas, mas sem comprometer a ecologia local. O Centro de Convenções ocupa seis mil metros quadrados e está equipado com dois auditórios, um com 800 e outro com 120 lugares, além de possuir salas de reuniões para 80, 50 e 30 pessoas; salão para exposições, área externa para feiras e lojas de artesanato. Possui ain-

da central de som independente para cada auditório e sistema de iluminação cênica. Além disso, conta com equipamento para projeções cinematográficas (35 mm) e ar-condicionado.

Desde o início do funcionamento, este ano, ali já foram realizados seis eventos. De destaque, foram realizados: o I Encontro Nacional de Diatomita; I Seminário de Pequena e Média Empresa do Rio Grande do Norte; Reunião dos Prefeitos com a LBA (o qual contou com a presença da presidente da LBA, Dr.^a Léa Leal), e cerca de mil participantes; e o VII Simpósio Avícola do Nordeste, que contou com cerca de 400 participantes. O diretor Roberto Moura lembra também a realização de encontros esporádicos de empresas como a Petrobrás, etc; lançamentos de veículos novos — por exemplo, Uno e Santana.

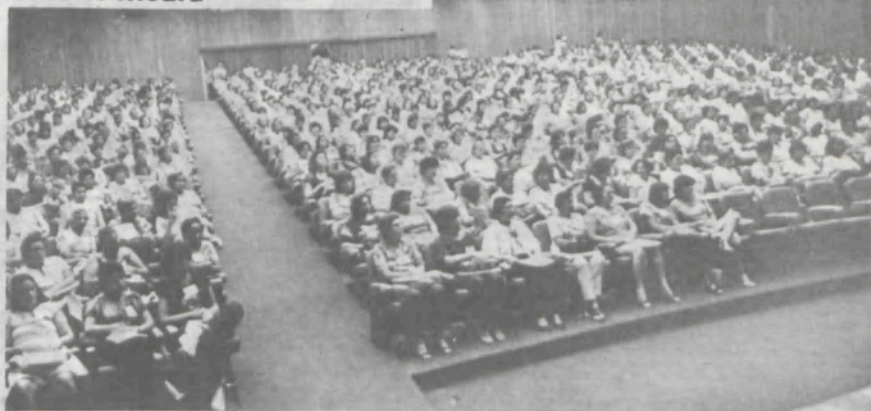
A pauta de eventos do Centro de Convenções já tem programados encontros para serem realizados até 1986. Para o próximo ano, um dos que mobilizará o maior número de convencionais na cidade — cerca de 1.500 — é a XXVI Convenção Nacional do Comércio Lojista, que será realizado em setembro de 1985.

A importância do Centro de Convenções para a economia e o desenvolvimento do turismo no Rio Grande do Norte é destacada pelo seu presidente: «A importância é grande, na medida em que, por exemplo, um evento traga à cidade 400, 1.000, 1.500 participantes. Essa presença na cidade, aumenta o movimento da rede hoteleira, da frota de táxis, das lojas de artesanato, bares, restaurantes, que por sua vez geram lucros para o Estado através de impostos. Além do mais, o Centro de Convenções não está aberto apenas para os turistas. Mas também para encontros de entidades de classe.

A Diretoria da Nortel é formada de presidente, Dr. Roberto Moura; diretor administrativo-financeiro, Dr. José Rodrigues da Costa; diretor-deoperações, Dr. Fernando Gomes da Silva; e diretor técnico, Dr. Francisco de Assis Freitas de Amorim.

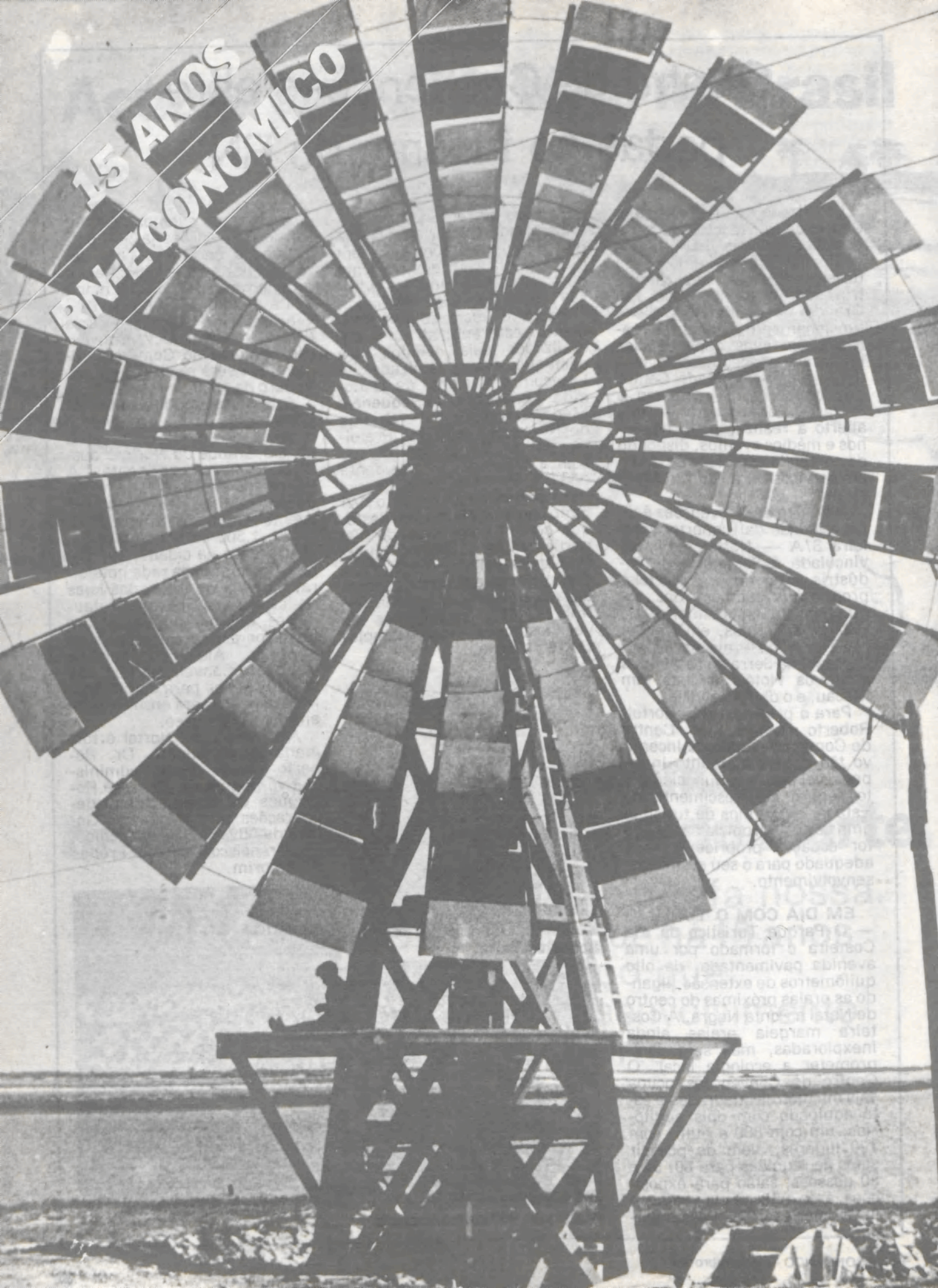


Roberto Moura



Auditório: 800 convencionais

15 ANOS RN-ECONOMICO



1969 foi um ano de grandes transformações sociais. Um ano antes, havia acontecido, a nível internacional, o revolucionário «Maio de 68» levando jovens a contestações radicais nas principais cidades do mundo: em Paris, Londres Nova Iorque, São Paulo e até mesmo em Natal.

Era época também do autoritário AI-5, amordaçando mentes e corações. Era um final de década que renunciava ainda revoluções tecnológicas, como a chegada do Homem à Lua; ou — mais modestamente, porém não menos importante — a chegada do escritório da Sudene ao Rio Grande do Norte, anunciando a nova era da industrialização e traçando novas políticas de combate ao subdesenvolvimento. Foi mais ou menos dentro deste contexto que surgiu uma revista pioneira e independente:

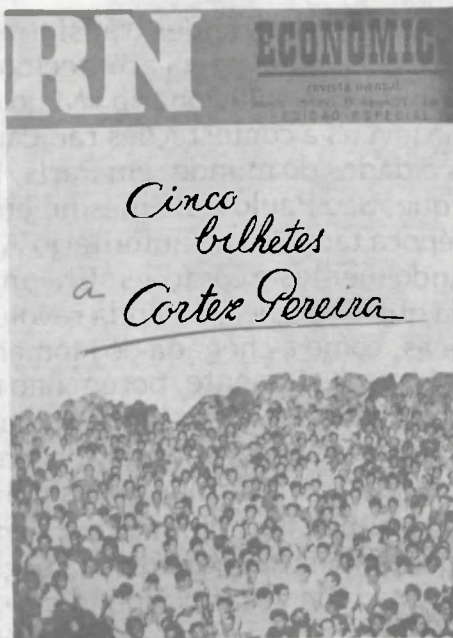
RN/ECONÔMICO. Em 1.º de novembro de 1969, chegava às bancas de jornais de Natal, o primeiro número da revista. Começava como uma publicação quinzenal e trazia como sua primeira manchete: «Em Dezembro, Vá ao Recife de Carro. É só Asfalto». A capa trazia, ainda, chamadas para as matérias da área econômica e veiculava seu primeiro anúncio de capa — o do Banco S. Gurgel S/A, localizado em Mossoró e Natal. A publicação contava com 16 páginas. Já no editorial do número especial de primeiro aniversário, os editores destacavam:

“Tivemos o nosso primeiro ano de circulação todo voltado para a abordagem séria e otimista dos grandes problemas que o Estado vive, sempre apontando soluções fundamentadas em elementos técnicos, e sempre encorajando nossos Homens de Empresas e de Governo para que participem com ânimo da luta pela redenção econômica da nossa terra”. Estava provado que a revista vinha para ficar. E para vencer as adversidades naturais de uma publicação jornalística num Estado como o Rio Grande do Norte, lutando contra o tempo, consolidando seu espaço. Hoje, ao completar seu 15.º aniversário a revista sai com essa edição especial. Porque não é fácil chegar onde RN/ECONÔMICO chegou. Certamente, é a primeira do Nordeste e uma das poucas do Brasil a conseguí-lo.

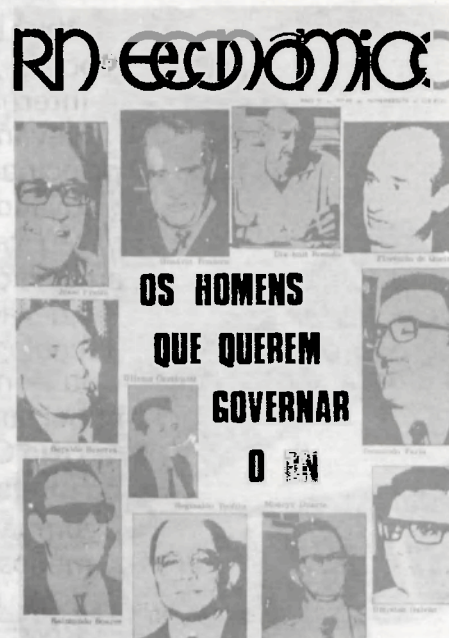
A coleção completa com todos os números da RN/ECONÔMICO, por exemplo, é um arquivo vivo da história sócio-econômica e político-cultural do Rio Grande do Norte. Suas edições especiais — do Oeste, do Seridó, de Aniversário, As 100 Maiores Empresas Contribuintes do ICM, As 100 Maiores do ISS, formam um documento indispensável para o conhecimento dos problemas do Estado.



RN/ECONÔMICO, n.º 1



RN/ECONÔMICO, n.º 23



RN/ECONÔMICO, n.º 49

A cobertura jornalística do Estado de 1969 a 1984

RN POLÍTICA — “Nos próximos quatro anos, a administração municipal será voltada, especialmente, para a periferia da capital, que há muito não vem recebendo a atenção que merece”. Essa declaração, publicada na edição de fevereiro de 1979, foi prestada por José Agripino em 13 de janeiro, data da confirmação oficial do seu nome como prefeito de Natal pelo então futuro Governador Lavoisier Maia. Estavam lançadas sobre a mesa as cartas que, a partir daí, mudariam completamente o destino da política estadual nos últimos cinco anos, com o advento de uma espécie de neo-populismo técnico-político.

Três anos depois, Agripino tomava posse como Governador do Rio Grande do Norte, na primeira eleição direta para Governador desde 1964.

Dez dias depois de eleito, Agripino deu uma longa entrevista para RN/ECONÔMICO. Já sem vestígios de ressentimentos ou marcas aparentes dos duros combates da campanha, desembaraçado na exposição de idéias e fascinado com a tarefa que teria pela frente. Hoje, dois anos de-

pois da eleição, Agripino «tancreudou», gerando muita especulação em torno do comportamento dos políticos face à sucessão presidencial, driblando malufistas (Aluizio Alves indo de lado — tipo *escanteio*), e parecendo estar com os trunfos na mão para dirigir os caminhos da política estadual.

Na entrevista quando da sua posse, Agripino foi questionado se o seu comportamento, já então meio independente, poderia gerar problemas com o Governo Central. Ele respondeu que “não, de forma alguma. Isso é uma questão de habilidade e compreensão do Governo Central. Eu não vou contestar nenhum Governo. Eu vou apresentar dificuldades e problemas, dentro de uma realidade que eu enxergo. Eu não vou contestar nada. Eu não vou dizer que o Governo está errado. Até porque os programas que o Governo Central elabora estão corretos. Mas não são programas que cobrem um universo de dificuldades do Rio Grande do Norte. E a minha obrigação é tentar cobrir todo esse universo”.

Também os deputados e vereado-

res eleitos em 82 tiveram que partir para uma nova atuação. Na Assembleia, foram quentes os debates sobre a crise econômica do Estado, visitas de comitivas parlamentares a locais de projetos duvidosos ou incertos — como o Projeto Camarão — participação em documentos reivindicatórios das grandes causas do Nordeste e uma permanente posição de vigilância. Os vereadores, por sua vez, parecem ter ultrapassado a fase em que a Câmara só servia para entrega de títulos honorários ou discursos por questões pessoais, partindo desde logo para atender às reclamações dos seus eleitores e se unindo para encontrar soluções para os problemas da comunidade natalense.

CULTURA — Desde as primeiras edições, RN/ECONÔMICO abria suas páginas também para informar sobre arte e a cultura do Estado, especialmente a natalense. Questionando o mercado de artes, fazendo balanço do movimento cultural da cidade; noticiando sobre as promoções culturais — e também políti-

cas — na UFRN, na Fundação José Augusto, na Prefeitura, na Emproturn; e comentando sobre os lançamentos de livros, vernissages, apresentações de shows e peças de teatro, num saudável ecletismo.

COMPORTAMENTO — RN/ECONÔMICO também foi, por exemplo, uma das primeiras publicações a comentar com seriedade o feminismo no Rio Grande do Norte. Nesse sentido, é antológica a matéria feita pelo escritor Alvarado Furtado: «De Iaiá a Mary Quant», publicada no número 25. Ou, ainda, sobre o surgimento de novos espaços boêmios, como por exemplo o chamado «Baixo Petrópolis», na Praia dos Artistas, publicada em novembro de 1982, muito antes que os jornais locais se apercebessem do fenômeno.

TRANSPORTES/URBANISMO — No início dos anos 70, a revista comentava ainda sobre a crise que afetava o setor de transportes, pelo excesso de ônibus na então provinciana Natal: 250 veículos, quando a frota atual é de 350. Era um exemplo de desorganização. Ou, mais recentemente, sobre os novos rumos da política de planejamento dos transportes urbanos, que surgiu com a criação de 1982 para cá, do órgão para gerenciar o sistema de ônibus: o GETU, que logo se transformaria em STU — Superintendência de Transportes Urbanos.

SEGURANÇA — Com o aumento dos níveis de violência e insegurança, Natal deixou, nos últimos anos, de oferecer aquela antiga tranqüilidade de se andar nas ruas, para se transformar numa cidade onde já é comum, de dia ou de noite, o medo de ser assaltado, morto. Hoje, ninguém deixa mais seu automóvel estacionado em qualquer lugar, com receio de que, na volta, este já tenha sido furtado. Medo também de namorar nas praças, na praia. É prioridade governamental, porém, reaparelhar a Polícia do Estado.

TURISMO — Sol e praias foram as palavras indispensáveis em todos os slogans publicitários da Emproturn para atrair turistas. A revista também marcou presença ao criticar as deficiências do turismo local, seus hotéis, a falta de uma melhor infraestrutura. Apontou soluções, registrou as boas — ou polêmicas — idéias do Governo para o setor, como no ca-



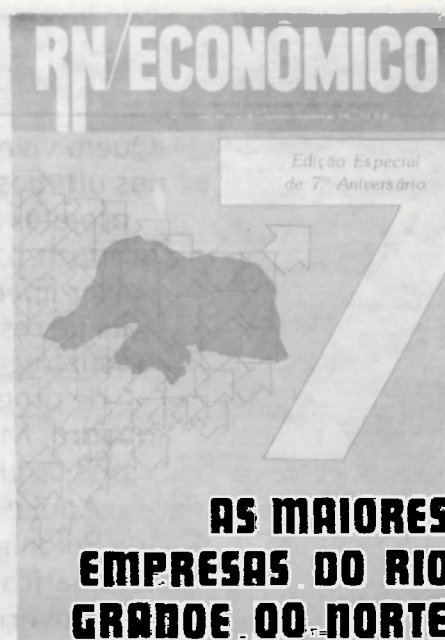
RN/ECONÔMICO, n.º 124

so da Via Costeira, o maior projeto de turismo do Rio Grande do Norte, um dos melhores do País, e onde já está sendo implantada a rede hoteleira que vai consolidar a indústria turística local.

SAÚDE — A política de planejamento familiar, ou de controle da natalidade é um tema sócio-econômico que suscitou, ao longo desses últimos 15 anos, muitos debates e controvérsias no Rio Grande do Norte, onde se praticou pioneiramente essa política. Milhares de mulheres potiguares foram assistidas pela Bemfam nos 150 municípios do Estado. A maioria absoluta usando regularmente a pílula anticoncepcional — de distribuição gratuita — e uma outra parcela usando o DIU — Dispositivo Intra-Uterino. A Igreja, através do Arcebispo Dom Nivaldo Monte, chegou a acusar o Programa de estar distribuindo indiscriminadamente pílulas às mulheres da zona rural, sem uma necessária assistência médica. O pro-



A aridez do Seridó registrada



RN/ECONÔMICO, n.º 78

nunciamento do Arcebispo teve repercussão nacional, recebendo solidariedade, enquanto os setores responsáveis pela Bemfam se apressavam em explicar os fatos denunciados. RN/ECONÔMICO (N.º 58) mais uma vez abria suas páginas para um importante debate de longo alcance social.

SECA — Nesses 15 anos de existência da revista, os últimos cinco foram marcados por um longo período consecutivo de secas. Várias foram as abordagens do fenômeno — social, política, ecológica. Denúncias de irregularidades na administração dos recursos públicos para o setor foram muitas. Polêmicas sobre programas paliativos como a Emergência Contra a Seca. A questão da desertificação do Sertão (N.º 156). O inevitável êxodo rural. Todos esses temas foram analisados, minuciosamente, em reportagens frequentes nas páginas de RN/ECONÔMICO. (JOÃO ALBERTO) □

ECONOMIA

Quem viveu a economia do Rio Grande do Norte nos últimos 15 anos, pode assegurar que todos os projetos aqui desenvolvidos não chegaram a produzir o impacto esperado. O que não se pode taxar apenas de incompetência. As causas são mais de responsabilidade da política restritiva de recursos. Recursos pulverizados e paralelismo de programas, para agravar ainda mais o quadro. Mais uma vez, é forçosa a conclusão de que os programas precisam ser repensados.

Aqui e em todo o Nordeste. Exemplos: o Polonordeste sofre entraves com atrasos sistemáticos da liberação das verbas por parte do Governo Federal, sem falar nos valores inferiores ao comprometimento governamental com o programa. Persistindo esse sistema, não é difícil imaginar o que acontecerá com o que foi proposto nos PDRI (Programa de

Desenvolvimento Rural Integrado), que compõem o Polonordeste. E o Projeto Sertanejo? Todos sabem que os recursos de crédito rural injetados no programa não cresceram na mesma proporção dos projetos contratados. A política monetarista impôs uma violenta retração de crédito, conduzindo o programa a um custo social bastante elevado. A cada cruzeiro aplicado em crédito rural, o Governo teve que gastar a mesma quantia a fundo perdido. Quanto ao Prohidro (Programa de Aproveitamento de Recursos Hídricos), falta até uma estrutura oficial para coordenação e acompanhamento do programa. Um paciente levantamento das 158 edições de RN/ECONÔMICO acusa as mesmas críticas, idênticos apelos: tratamento discriminatório que o Governo sempre dispensou ao Nordeste; falta de recursos para o custeio da atividade agropecuária, desde a aquisição de sementes à compra de fertilizantes e ao pagamento de implementos; ineficácia no trato das questões fundiárias; inexequibilidade de se incentivar o plantio com base na política de incentivos do Governo; juros altos. O artigo do Governador Cortez Pereira «Barrilha: fábrica ou miragem...», publicado no número 158 de RN/ECONÔMICO dá uma idéia precisa, cristalina, do tratamento dispensado ao Nordeste.

ALUIÍSIO LACERDA



Em 1979, BNH ainda acertava



No algodão, redução de incentivos

RETROSPECTIVA

A economia do Estado muda muito pouco em 15 anos

Quando RN/ECONÔMICO começou a circular, em 1969, encontrou no Governo do Estado o Monsenhor Walfredo Gurgel, que anunciava: "Não devemos nos abater pela constatação de uma realidade chocante". Não se satisfazia com pequenos projetos, a exemplo do seu sucessor, mas pouco pôde fazer. Em 1970, o Estado permanecia, em termos de composição de renda **per capita**, o mesmo de 1947. Agosto de 1984: estudo realizado pela revista «Conjuntura Econômica» aponta uma renda anual dos potiguares que vivem nas cidades, de 832 dólares, sessenta por cento abaixo da média nacional.

Ninguém pode deixar de reconhecer que a economia do Rio Grande do Norte diversificou-se nesses 15 anos, mas a população não teve suas necessidades básicas atendidas.

No final do Governo Walfredo Gurgel, 50 por cento das nossas cidades estavam eletrificadas. 1970 não prenunciava nenhum marco para estabelecer o início de uma nova fase. O flagelo da seca se abatia sobre todos, castigando 90 por cento do território

potiguar. Resultado: 84 mil trabalhadores rurais inscritos nas frentes de Emergência.

SUDENE — Somente no começo dos anos '70, o Estado iniciava sua corrida à Sudene. Ainda no Governo Walfredo Gurgel, era criado o nosso Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte — BDRN, hoje voltado muito mais para uma política de apoio ao médio e pequeno empresário.

Tudo que existe atualmente começou a ser traçado a partir de 1971. O «milagre» tomava conta de todos os setores. Euforia total, fase de crescimento: Guararapes, Soriedem, Fiação Borborema, T. Barreto, EIT, Jossan, Mineração Tomaz Salustino, Algodoeira São Miguel, Confecções Reis Magos, etc. Em implantação: Maisa, Inpasa, Algimar e outros. O natalense, de quebra, começava a mudar seu comportamento social com a chegada da era dos supermercados.

1972 foi o ano dos projetos: óleo de mamona (grupo Salha), sabonetes (Dubom), coco da bahia (COIRG),

avicultura (Lawar), castanha e caju (Maisa), produtos plásticos (Planosa), hotéis (Monte Líbano), embalagens industriais (Incarton) e cooperativismo. Resultado: 24.634' empregos.

Mas havia um preço por tudo isso. De início, dois problemas tiravam o sono dos empresários: o Governo relutava em prorrogar as isenções de ICM para alguns empreendimentos, e o sistema de captação de recursos do 34/18 se transformava num jogo sujo, onde a propina falava mais alto, tráfico de influência, agiotagem sem fronteiras. Para os grupos menos capitalizados, as coisas começavam a ficar negras.

PAU NA SUDENE — O órgão desenvolvimentista, que já havia aprovado 50 projetos industriais e 27 agropecuários para o Estado, era apontado como principal responsável pelo fracasso de muitos desses empreendimentos, pelo fato de não assegurar a contrapartida de recursos suficientes para a implantação dos mesmos. Alguns escritórios de capta-

ção de recursos do Sistema 34/18 cobravam comissões de até 50 por cento para conseguir dinheiro dos incentivos fiscais. A denúncia era oficial, colocada no papel e assinada pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte. Uma bomba. Outros Estados detonaram seus petardos, numa rejeição total ao Sistema. Gerido pelo Banco do Nordeste do Brasil, cuja função seria destinar recursos em tempo hábil para que todos os projetos aprovados pudessem ser efetivamente implantados, surge o FINOR — Fundo de Investimento do Nordeste, cujo apoio financeiro é feito através de sua participação acionária nessas empresas, ou através da aquisição de debêntures por elas emitidas.

Atualmente, o FINOR apoia mais de 760 empresas, pertencentes a 50 ramos de atividade, o que, em termos monetários, representa inversões totais da ordem de Cr\$ 6,3 trilhões, quando totalmente implantados os projetos.

Diante da indefinição do Governo Federal em regular o FINOR, a maioria dos projetos industriais e agropecuários aprovados pela Sudene, para o Rio Grande do Norte, continuou paralisada em 1975. Durante todo o ano de 1977, o único projeto industrial de porte para o Estado foi o da Siderúrgica Jossan S/A, encaminhado à Sudene e aprovado no ano seguinte. Também em 1977, ficou definitivamente caracterizado o insucesso do projeto da Indústria Química de Alginatos (ALGIMAR).

CONSTRUÇÃO CIVIL — A crise dos derivados de petróleo, somada à valorização dos terrenos, a partir de março de 1974, motivou um novo hábito do natalense: morar em edifícios de apartamentos. Recursos não faltaram. O BNH começou a financiar «espigões». Um ano depois, 1975, o mercado imobiliário batia todos os recordes. Na verdade, a explosão do mercado começara dois anos atrás. O mercado de capitais não merecia a confiança dos investidores. Comprar casas, terrenos ou construir imóveis era a grande saída. A construção do Campus Universitário foi o marco do início da expansão urbana da capital, gerando extraordinária valorização dos imóveis situados na zona sul da cidade.

Os programas habitacionais desenvolvidos pela COHAB e INOCOOP expandiram a cidade. Resultado: o grau de urbanização de Natal, hoje, assusta as autoridades. De 21 por

cento em 1950, passou para 49 por cento em 1980. E o crescimento deverá continuar a ocorrer, gerando transbordos, pois é quase impossível ao poder público atender à demanda de serviços nas áreas de educação, saúde e assistência infantil.

Após um período negro, observa-se um ligeiro crescimento dos investimentos na construção civil. Isso é significativo. A construção civil é um ramo industrial de dupla importância social, na medida em que emprega mão-de-obra não especializada e produz imóveis para o Sistema Financeiro da Habitação. Todos torcem por sua reativação. Embora parcial, será uma solução para o problema do desemprego e da criminalidade. A novidade no setor é o Projeto «João

de Barro», de construção de casas realmente populares, pelo sistema de mutirão. Mas o projeto chegou muito tarde para algumas cerâmicas do Estado.

AGRICULTURA — Apoiada no setor primário, a economia do Rio Grande do Norte sofreu bastante nesses últimos 15 anos, com seis anos de seca: 1970 e todo o período de 1979 a 1983. Principalmente, nos últimos cinco anos. A iniciativa privada, sob os efeitos negativos da difícil e insegura conjuntura econômica nacional, da inflação incontrolável, da escalada dos juros e das crises sociais, recuou. O Governo Federal reduziu praticamente a zero os estímulos à atividade empresarial nordestina, com o grada-

Em números, a atuação da Sudene na indústria local

Desde a criação dos incentivos fiscais, inicialmente o 34/18, posteriormente (1974) o FINOR, 111 projetos foram aprovados no Rio

Grande do Norte, representando 28.787 empregos diretos. Desse total, apenas 39 continuam dentro do sistema FINOR.

ATIVIDADE	APROVADOS	EMPREGOS	CONTINUAM DENTRO DO SISTEMA
Agropecuária	44	800	20
Indústria	67	27.787	18
Turismo	01	—	01

Fonte: SUDENE/Escritório do Rio Grande do Norte

Em 1984, apenas um projeto foi aprovado — o da RAROS/Agroindustrial de Produtos Aromáticos, no município de Macaíba, com investimento total de Cr\$ 20 bilhões

e 943 milhões, representando 271 empregos diretos.

Nos diversos setores de atividades (agropecuária, indústria e turismo), é o seguinte o quadro:

CARTAS-CONSULTAS/1984

• Aguardando análise	04
• Em análise	07
• Aprovadas/aguardando projeto	04
• Projetos aguardando análise	05 (*)
• Projetos em análise	11 (**)

(*) Isenção ou Redução do Imposto sobre a Renda: para projetos de implantação, modernização, ampliação ou diversificação e prorrogação de prazo.

(**) Reinvestimento de 50 por cento do Imposto sobre a Renda: a empresa deverá fazer a opção pelo

incentivo em sua declaração de rendimentos e efetuar o recolhimento do valor correspondente ao incentivo, acrescido de 50 por cento de recursos próprios. O incentivo não depositado dentro do exercício financeiro correspondente, será recolhido como imposto.

tivo esvaziamento da Sudene. O longo período de seca provocou um verdadeiro desastre na economia potiguar: diminuição do rebanho bovino, reduzidas safras, êxodo rural, carência de recursos, negação de incentivos — fome. Projetos surgiram. Poucos prosperaram. Muitos faliram. Dezenas foram arquivados.

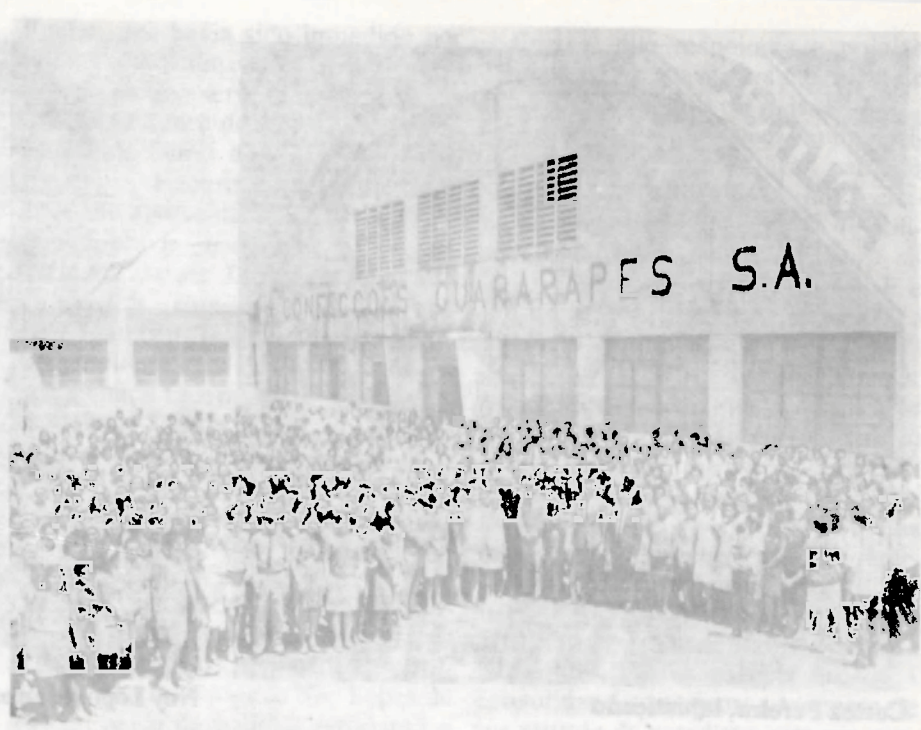
Na esfera oficial, um empreendimento iniciado em 1979 dividiu a opinião pública estadual: a construção da «Barragem Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves», no Vale do Açu. Seus 2 bilhões e 400 milhões de metros cúbicos de água inundarão brevemente 50 mil hectares de terras de boa qualidade. Foram desapropriados 100 mil hectares. Somente no município de São Rafael, dez mil pessoas, hoje, enfrentam sérios problemas com a construção do reservatório, forçando a Sudene a iniciar ali um pequeno Programa de Emergência, com a liberação de 300 milhões de cruzeiros.

O «Diagnóstico Estrutural do Estado», documento elaborado pela Fundação Instituto de Desenvolvimento — IDEC, da Secretaria do Planejamento do Estado, indica, dentro de uma visão setorial, que a agricultura, no período 1971/1977, apresentou participação declinante no PIB estadual em torno de dez pontos percentuais.

Ao definir o setor agropecuário como prioritário na estratégia de desenvolvimento econômico e social, o mesmo documento sugere: implementação de ações integradas, elevação dos níveis de produtividade agropecuária, adequação dos sistemas de comercialização e de abastecimento e melhor e mais adequada oferta de empregos no meio rural.

Ao assumir o Governo do Estado, em março de 1983, José Agripino reuniu uma equipe de técnicos da Secretaria do Trabalho/FETAC, e perguntou: «O que podemos fazer?» Nada além de algumas ações no campo social, que minimizem as consequências do desemprego atual e do que está por vir, foi a resposta. A partir de então os programas assistenciais da LBA têm sido a salvação.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA — Nesses últimos 15 anos, o setor comercial registrou uma grande expansão. Hoje, sua realidade não é diferente da dos demais setores. Em outubro de 1983, os empresários do setor encaminhavam memorial ao Presidente da República, denunciando



As Confecções Guararapes S.A. empregam 1.718 pessoas. Aborda uma empresa em fase de expansão.

O «milagre» da indústria: 1971

“o estado de penúria”. O documento é um verdadeiro libelo, onde todos os nossos problemas foram colocados, e feitas sugestões abrangentes: reforma agrária, apoio ao artesanato, desenvolvimento da piscicultura, armazenamento e distribuição da água, reforma educacional e adequada política de recursos minerais. Em síntese, o documento sugere a criação de uma comissão de alto nível “para, analisando-o, buscar soluções e dar início a uma nova fase”.

Respostas aos apelos não foram dadas. A crise persiste. Pelo menos é o que se observa no artigo «Dramática Conjuntura», do Deputado Marcílio Furtado, publicado na «Carta do Comércio», de responsabilidade da Federação do Comércio do Estado do Rio Grande do Norte, quando afirma: “As empresas estão sendo asfixiadas por problemas de capital de giro e não têm, portanto, a menor condição de usufruírem estímulos que estejam condicionados a prévios investimentos ou manutenção de média de depósito bancário, pré-requisitos esses na maior parte das vezes absolutamente irrealizáveis. É, comparativamente, o caso de exigir-se de um doente que fique bom para iniciar o tratamento que lhe devolverá a saúde”.

NEM TUDO ESTÁ PERDIDO — Há sinais de ligeira recuperação. O setor industrial deve registrar, no último trimestre do ano, pequena me-

lhoria no nível de produção, o que implica uma redução na ociosidade dos equipamentos instalados. Pelo menos é o que esperam os técnicos do IDEC ao promoverem a sondagem conjuntural da indústria de transformação. No setor têxtil, uma novidade neste final de ano: a Alpagatas Nordeste pode ser incorporada ao grupo Almaco Malhas e Confecções Ltda., de São Paulo, que investe no nosso pólo têxtil.

Ainda no setor têxtil, após laborioso parto, o Grupo Coteminas assume o controle acionário da Seridó, e a Guararapes Têxtil anuncia sua entrada em funcionamento ainda no primeiro semestre do próximo ano.

A proposta do superintendente da Sudene, Marlos Jacob, formalizada em pronunciamento na última reunião do Conselho Deliberativo da autarquia, em Recife, pode abrir novas perspectivas. Jacob recomenda esforço comum para que a conquista dos meios necessários ao efetivo desenvolvimento regional “se faça pela via parlamentar”. Um grupo de trabalho, integrado por representantes dos Governos Estaduais nordestinos, Sudene, Ministério do Interior, Secretaria de Planejamento da Presidência da República, Câmara dos Deputados e Senado Federal, já elabora um elenco de propostas que consolidem uma política permanente para a região, submetidas posteriormente à apreciação do Congresso Nacional. □



Cortez Pereira, injustiçado



Ney Lopes: cortezismo

OS FILHOS DO AI-5

Que transição política é essa que dura 15 anos?

Estávamos sob o Império do AI-5.

O golpe dado na tentativa de normalidade democrática depois de 1964, "para acabar a bagunça das passeatas" ou "punir os corruptos que escaparam da justiça revolucionária" chegava ao Rio Grande do Norte desequilibrando as forças políticas estaduais que davam apoio incondicional à Revolução, todas elas protegidas sob o manto da Arena, considerada pelo hoje liberal Francellino Pereira como "o maior Partido do Ocidente".

Aqui, se vivia uma outra transição.

O Monsenhor Walfredo Gurgel, que não dispensava a batina preta com debrum vermelho, realçando os seus cabelos brancos e pele rosada nas campanhas eleitorais, de **clergyman**, no Governo, tentava superar o clima de radicalismo implantado dez anos antes.

Ele significa também uma espécie de transição na política local. Leal aos seus correligionários, nunca se submeteu ao modelo administrativo desejado por eles. Sua força moral tam-

CASSIANO ARRUDA CÂMARA

bém servia para conter o ímpeto revanchista que pretendia transformar o AI-5 em algoz dos que haviam elegido o próprio Walfredo e que se identificavam nas bandeiras verdes que ainda tremulavam nas campanhas eleitorais dos potiguares.

Quando a RN/ECONÔMICO apareceu, o Rio Grande do Norte parecia estar vivendo o fim de um ciclo.

O RN, talvez de forma inconsciente, parecia resultante desse pensamento, e até se colocava como instrumento de mudança.

Numa hora em que a sociedade era dividida em «dinartistas» e «aluizistas», tendo como única diretriz o combate sistemático de um grupo contra o outro, surgia uma publicação querendo falar em outra coisa.

A frase da moda, nos meios intelectuais ou rodas boêmias, não sei se cunhada por Berilo Wanderley ou Sanderson Negreiros, garantia que "o Rio Grande do Norte é inviável".

Tentava-se modificar essa tendência, com a discussão dos temas econômicos, a busca de alternativas de

desenvolvimento ou estudo das potencialidades estaduais.

A Universidade ainda engatinhava, protegida pela dedicação de seu fundador e único Reitor, professor Onofre Lopes.

Na Federação das Indústrias, parecia surgir uma nova força capaz de influir na vida estadual, ainda motivada somente pelas arengas paroquiais. O seu Presidente, José Nilson de Sá, um empresário em fase de expansão nos negócios, parecia encarar um novo ciclo por vir. Oriundo do dinartismo, ele conseguia estabelecer diálogo com elementos do aluizismo. Um comportamento revolucionário para os padrões da época.

O uso cirúrgico do AI-5 punindo o sr. Aluizio Alves, então um disciplinado Deputado Federal da Arena, dois irmãos dele e mais alguns correligionários, parecia definir nova era política que se renunciava apenas com elementos que passaram conviver no dinartismo.

Monsenhor Walfredo seria o nome de peso capaz de — no futuro — fazer

frente a forças tão poderosas.

CONFIRMAÇÃO DAS URNAS — O fato mais importante das eleições de 1970 ocorreu antes delas. Foi a escolha do professor Cortez Pereira, ex-Deputado Estadual, Suplente do Senador Dinarte Mariz, Diretor do Banco do Nordeste, para Governador do Estado.

Cortez, para chegar ao Governo, havia conseguido entusiasmar alguns coronéis do IV Exército — então uma espécie de padraos da Pátria — com palestras que pronunciou.

O nome apontado como mais forte, e preferido pelo dinartismo para assumir o Governo, era o do Senador Dix-Huit Rosado, tido como mais radical.

Mas todo mundo se acomodou com a escolha do Palácio do Planalto e Cortez pôde levar a Arena — “maior Partido do Ocidente” — a uma vitória maiúscula. Elegeu os dois Senadores, Dinarte Mariz e Jessé Freire (um da Arena-vermelha e outro da Arena-verde). De novidade, apenas a entrada de Antônio Florêncio, que havia chegado 40 dias antes, convocado por Cortez, para ser candidato a Deputado Federal no lugar de Chico

Rocha, que havia sido impedido por falta de domicílio eleitoral.

Esta eleição serviu, ainda, para introduzir a figura dos filhos na política estadual. Como o filho de Aluízio, Henrique Eduardo, então com 21 anos, se apresentava candidato “para ocupar o lugar do meu pai”, Wanderley, filho de Dinarte — para se apresentar como força antagônica — também foi candidato. E também eleito.

Na chapa federal, esta eleição ofereceu outro sintoma a ser interpretado como sinal de novos tempos: a derrota do **majó** Theodorico Bezerra e Clóvis Motta, dirigentes dos extintos PSD e PTB, na chapa de Deputados Federais.

Com a posse do Governador Cortez Pereira, o primeiro movimento político dos novos tempos foi proposto pelo jovem advogado Ney Lopes de Souza, saído da política estudantil e de uma romântica experiência anterior no MDB para a pasta política do Governo, ora na Casa Civil, ora na Secretaria de Governo.

Ney propunha os tempos do **cortezismo**.

Ele queria que o Governador biônico se transformasse em líder popular.

Cortez, que respeitava a opinião pública e exercitava os seus dotes de orador, também desejava isso.

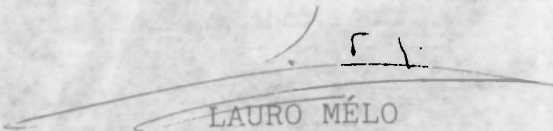
E adotou um modelo administrativo excessivamente liberal para os austeros tempos de um regime fechado e ainda caindo na tentação de utilizar mecanismos de arbítrio para silenciar a imprensa oposicionista. E a grande imprensa o elegeu como alvo e nunca o perdoou.

A morte prematura do Monsenhor Walfredo, poucos meses depois de deixar o Governo, ampliava o vazio político nos quadros legais, e o Senador Jessé Freire, nome de maior expressão da Arena-verde, nunca quis assumir a chefia de facção e os ônus de uma política no varejo.

Sem aparente contestação no grupo que representava mais de 70% do eleitorado, Cortez parecia fadado a consolidar o cortezismo. Ao ponto de ter atitude de estadista com um grupo econômico de pouca tradição industrial e beneficiado por acúmulo de favores governamentais, que se lançava numa aventura aqui no Rio Grande do Norte pelas mãos de Aluízio Alves que, embora cassado, mantinha e fortalecia o seu grupo político, representado pelo filho.

A nossa mensagem

Informando e documentando os principais acontecimentos do processo sócio-econômico do Rio Grande do Norte, a revista RN/ECONÔMICO chega aos 15 anos de circulação na melhor performance de sua nobre tarefa de manter o registro fiel dos fatos históricos. A Câmara Municipal, casa do povo desta leal e valorosa cidade do Natal, dá seu testemunho de louvor ao trabalho que a revista continuará prestando à nossa cultura e ao desenvolvimento da terra comum.


LAURO MÉLO

Presidente

A UEB, também com favores do Governo do Estado dados por Cortez, ampliava o poder de Aluízio, que contemplava correligionários com uma pródiga distribuição de empregos nas diversas empresas que surgiam, como coelhos da cartola de um mágico. Empresas cuja produção ninguém chegou a ver, mas que puderam custear festas memoráveis como uma, que deixou dois **Boeings** estacionados no Aeroporto de Parnamirim, lotou os hotéis e motéis de Natal e ainda teve de alugar convidados em João Pessoa.

Na sua sucessão, Cortez tinha seis candidatos.

Ou melhor, não tinha nenhum.

Foi o seu maior erro. E custou a sua própria carreira política.

No Palácio do Planalto, dizem que, por alquimia do bruxo Golbery do Couto e Silva, que começava a sair das sombras, de uma lista já de 12 nomes, terminou saindo um 13.º — Tarcísio Maia, há dez anos ausente do Rio Grande do Norte.

NOVO CURSO — De início, nada indicava que mostrasse divergência entre o Governador que terminava o mandato e o que chegava. Cortez, que já havia perdido um ano de mandato (foi eleito para um mandato de cinco), não quis disputar nenhum posto. Seu desejo era exercer o mandato até o fim.

Representando os dois Governadores, disputava uma eleição majoritária o Deputado Djalma Marinho.

Com isso, se buscava reparar uma injustiça.

Sua eleição era tão líquida e certa que o MDB não conseguia sequer um candidato para o sacrifício. Muitos foram convocados, mas ninguém topava se expor ao ridículo.

Djalma, de tão eleito, nem se preocupava em fazer campanha.

Para não ficar sem motivação na disputa, o MDB foi buscar Agenor Maria, que havia obtido uma votação ridícula numa eleição para Prefeito de Currais Novos, e o lançou às feras.

Agenor começou com um problema sério para dar partida na sua campanha. Não conseguia um carro para se movimentar.

Depois, foram surgindo as primeiras desavenças entre Tarcísio e Cortez, e os primeiros percalços da campanha.

Tarcísio foi inspirado para assumir o comando da Campanha de Djalma, e Cortez, que começava a se sentir magoado pela evasão de «cortezistas» rumo a rua Enéas Reis, onde



Jessé e Faustino, frutos da paz

Tarcísio havia montado seu escritório, aceitou de bom grado a idéia e passou a fazer corpo mole na campanha de Djalma.

Com a retumbante derrota eleitoral da Arena, Cortez e os doze nomes preteridos pelo Palácio do Planalto se sentiram vingados.

Tarcísio aceitou a derrota resignado e isolou-se ainda mais para preparar seu futuro Governo.

Aluízio, que pouco tinha vindo ao Estado durante a campanha de Agenor, resolveu assumi-la integralmente, embora o MDB tivesse, naquela época repetido o fenômeno em quase todos os Estados. Aqui, a vitória de Agenor era vista como fato isolado.

Muitos viam Cortez como uma liderança projetada para '78.

Tarcísio parecia não se interessar

pela política paroquial. Sua casa era pouco freqüentada, enquanto a Afonso Rique, onde morava Cortez, fervilhava de Prefeitos.

Na Assembléia Legislativa, a oposição tinha efeito retroativo. O MDB combatia o Governo de Cortez, que já havia acabado e sofria uma série de denúncias formuladas por antigos auxiliares seus e eram investigadas pelo Governo de Tarcísio, cuja grande maioria dos Secretários vinha da administração anterior.

O AI-5 ainda vigorava, embora o Presidente Geisel falasse em distensão política, desmontando o aparelho repressivo representado pelo DOI-CODI, quando **O Estado de São Paulo**, numa série de reportagens, coloca em xeque o próprio Sistema.

Pela primeira vez, o Brasil ouvia



Djalma Marinho, um dos nomes perdidos

falar na farra das mordomias.

Geisel resolve, então, utilizar o AI-5 e punir o ex-Governador do Rio Grande do Norte, cujas denúncias também chegavam à grande imprensa. A revista *Veja* da semana seguinte publica uma foto de Cortez na capa e o título: «Corrupção punida».

O escândalo das mordomias havia saído das manchetes, Cortez era afastado da vida pública e, com ele, Ney Lopes, eleito Deputado Federal, e também arrastado numa cascata de punições que foi até o terceiro escalão do Governo.

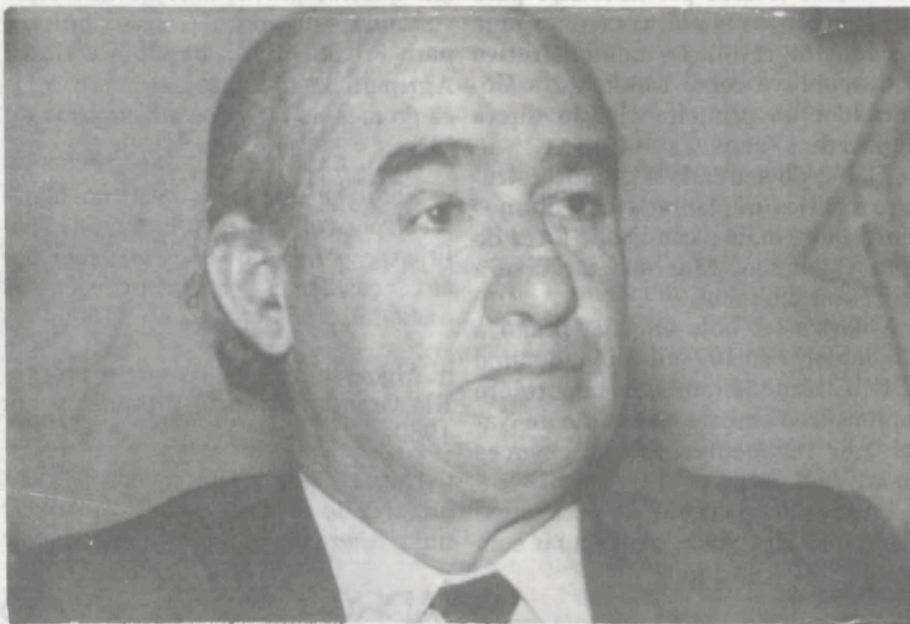
Aqui no Estado, a Oposição, mesmo sem se regozijar, aplaudia a cassação de Cortez, que então desejava representar o anti-aluizismo.

Manhoso, Tarcísio Maia mantinha o seu isolamento. Não tinha oposição e recebia, em seu gabinete, o sr. Aluizio Alves, com direitos políticos cassados, "para tratar de assuntos das empresas do Grupo UEB".

O velho Dinarte, que havia rompido com Cortez no fim do Governo dele, fazendo uma carta onde sugeria o uso do AI-5 para punir o correligionário, parecia distante. Cuidava apenas da política nacional.

Foi nesse clima que se renunciava a sucessão de Tarcísio, com Dinarte — pela terceira vez — apoiando a candidatura de Dix-Huit Rosado para Governador e, com ela, esperando deixar as coisas nos seus lugares.

Enquanto Dinarte insistia num no-



Antônio Florêncio: novidade

me já duas vezes queimado, Tarcísio levava ao Planalto uma solução que merecia o aplauso até da Oposição, e, de lambuja, ainda garantia a certeza da eleição do candidato do Sistema para Senador, com o apoio da Oposição.

Estava instituída a paz pública.

O único peemedebista que tinha chances de vitória, o ex-Deputado Radir Pereira, concunhado de Cortez, e se dispunha a enfrentar o adversário, foi combatido até o fim pelos chefes do Partido, que lançava uma nova estrela: Carlos Alberto.

Radir era acusado de ter o apoio da família Rosado, «pecado» praticado quatro anos depois, sem maiores explicações, pelo próprio Aluizio.

E o fruto da paz pública, além da eleição de Jessé, foi a indicação de Lavoisier Maia, que Tarcísio havia tirado do magistério na Maternidade-Escola para a Secretaria da Saúde. Aparecia também o nome de João Faustino, eleito Deputado Federal.

Com Lavoisier, a paz pública resuscitava Geraldo José de Melo, que integrou a primeira geração de tecnocratas da Sudene e havia se transformado em empresário ao assumir a Usina São Francisco em Ceará-Mirim, que havia pertencido a um dos fundadores do MDB, Odilon Ribeiro Coutinho.

Parecia ter surgido uma nova aliança, capaz de representar uma nova era da política potiguar com Tarcísio e Aluizio no primeiro plano, enquanto o velho Dinarte, escanteado, teria o próprio tempo como adversário.

TEMPO DE ABERTURA — A aliança da paz pública não resistiu à abertura política.

Os Maia, que aparentemente preparavam Geraldo José de Melo para suceder a Lavoisier, tinham outros planos, e Aluizio queria voltar ao Governo de qualquer maneira.

Com a reformulação partidária, Tarcísio no PDS e Aluizio no PP, o rompimento foi inevitável. O grupo perde Jessé Freire e Djalma Marinho, que, com suas mortes deixam novos espaços.

Enquanto isso, José Agripino, filho de Tarcísio, engenheiro que veio do

DO JARDIM
DE INFÂNCIA
À UNIVERSIDADE

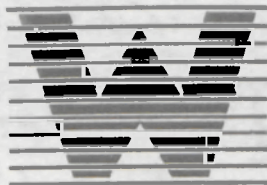


LIVRARIAS:

- ISMAEL PEREIRA (Ribeira)
- UNIVERSITÁRIA (C. Alta)
- WALDUPE (C. Alta)
- MODERNA (Alecrlm)

O melhor em artigos de desenho, pintura, material para escritório, livros técnicos, didáticos e científicos.

LIVRARIA E
PAPELARIA LTDA.
WALTER PEREIRA



Maranhão trazido por Lavoisier para ser Prefeito de Natal, começava uma verdadeira revolução administrativa e despontava como candidato a Governador na primeira eleição direta depois de 17 anos.

Tinha, do seu lado a grande estrutura política implantada nos últimos vinte anos, mais a camisa de força do voto vinculado. Mas sua tarefa era enfrentar um mito.

Valoriza-se, hoje em dia, muito a sua maioria de 107 mil votos, quando o fato verdadeiramente importante tenha sido o empate na eleição de Natal, que realmente tirou as chances do adversário.

E tudo parecia tranqüilo para a instituição da Era Maia, a continuar com

um quarto, provavelmente Lavoisier voltando, quando a eleição indireta para Presidente da República afasta Agripino do seu antecessor e o coloca do mesmo lado dos adversários de '82.

Ele sabe que essa união no plano local pode significar um suicídio político, e por isso quer estabelecer desavenças locais para convergências nacionais.

Algo semelhante ao que o próprio Rio Grande do Norte presenciou em 1960.

Naquele tempo, um jovem político, na faixa de 40 anos tentava consolidar uma liderança popular para duelar

com um velho líder sexagenário, que se sustentava pela ação política nos Gabinetes.

As atitudes do sr. José Agripino e sua própria ação mostram que sua meta é manter uma sólida base popular no Rio Grande do Norte, cujo poder o sr. Aluizio Alves deseja conquistar pela ação política desenvolvida em Brasília, ao lado de Tancredo Neves, da mesma forma que Dinarte — falecido este ano — fez com Costa e Silva e Médici, quando RN/ECONÔMICO surgia há 15 anos, e quando parecíamos viver uma fase de transição política.

Uma transição sem AI-5.

Amém. □

QUADRO DE INDEFINIÇÕES

A prática política no RN simboliza o dinamismo

Definido o quadro da sucessão presidencial, com a vitória assegurada ao candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves, o exercício político, no Rio Grande do Norte, volta-se para 1986 quando, dentro de um novo quadro partidário e extinto os casuismos que vigoraram até o pleito de 1982, as lideranças voltarão à praça pública em defesa do fortalecimento de seus partidos.

Quem fica com quem? Esta tem sido a pergunta mais repetida nos últimos tempos, provocadas não apenas pelas mudanças nas regras do jogo político, possíveis a partir do momento em que o País começou a viver o clima e o exercício da abertura política, mas também pelo próprio fisiologismo de nossas lideranças. Um recuo, nesses últimos quinze anos na vida da política potiguar, mostra que aqui o dinamismo político é uma prática efetivamente dinâmica.

Quem estava com Dinarte Mariz quando ele assumiu o Governo e quem com ele ficou quando deixou o Palácio Potengi? Quem estava contra Aluizio Alves quando foi candidato da oposição ao Governo e quantos com ele habitaram o Palácio da Esperança, quando tornou-se o Chefe do Executivo? Quem permaneceu no Governo e quem dele se afastou quando, na administração do Monsenhor Walfredo Gurgel houve a reforma partidária

(o bipartidarismo, com MDB e Arena, por força do AI-5) e, depois, a cassação de Aluizio Alves, em 1969?

À época, dizia-se que o MDB cabia dentro de um Volkswagen. Para ilustrar esta situação, veja-se por exemplo, a dificuldade que o partido da oposição enfrentava para encontrar um candidato à eleição majoritária de senador. Foi por isso que Agenor Maria foi resgatado de Currais Novos, onde enfrentava a vida como feirante, para chegar ao Senado Federal.

Final da administração do Monsenhor Walfredo e início dos Governos

da era AI-5, começava uma nova história ou um novo ciclo dentro da política do Rio Grande do Norte. A polarização Dinarte/Aluizio, que durante uma década inteira dividiu o Rio Grande do Norte em dois gestos, dois hinos e duas bandeiras, como então definiu Djalma Marinho, iniciava a marcha a caminho do fim. Alves condenado, por força do AI-5, a ficar anos longe da prática partidária. Mariz perdia, com a ausência do maior adversário, a grande motivação de seu eleitorado.

Estava aberta a chance para lide-



Tarcísio: projeto bem elaborado



Carlos Alberto, ainda forte

ranças novas, que trazia no nascedouro um pecado imposto pelo regime de exceção: a ausência do voto popular. O **aprovo** do eleitor. Ser governador de Estado era uma concessão do Governo Central, que era senhor de todos os instrumentos para dispor do cargo a qualquer momento. Quem ousaria, à época, tomar decisões como as que agora foram tomadas por governadores do PDS, apoiando a candidatura de oposição?

No Rio Grande do Norte — a exemplo de todo o País —, a oposição lutava muito para sobreviver. E conseguia apenas pela herança popular deixada por Aluizio Alves, de cassação ainda recente. No Governo do Estado surgiu a figura de Cortez Pereira, que no currículo político tinha vitórias em eleições proporcionais. Fez uma pausa na luta partidária e foi ser diretor do Banco do Nordeste, de onde foi retirado para subir o Palácio, que voltou a ser chamado de Potengi.

Foi o Governo que enfrentou a maior ação oposicionista. Não houve um só dia de trégua, nem mesmo no final do mandato, quando tudo parecia ter marchado para um entendimento. Em quatro anos, teve de dividir o mandato entre a difícil tarefa de administrar e contra-atacar as investidas oposicionistas. Conquistou um lugar entre as lideranças do Estado que já não se dividiu entre dois pólos. Havia uma terceira força que tendia a crescer cada vez mais. Foi esta perspectiva que estancou, precocemente, a liderança de Cortez Pereira no Estado.

É evidente que o surgimento de uma terceira força, em igualdade de condições com as outras duas tradicionais, não interessava nem a Dinarte Mariz nem a Aluizio Alves. Foi nestas circunstâncias que Tarcísio Maia, surpreendentemente, foi lembrado por Golbery do Couto e Silva, então o todo-poderoso Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, para governar o Rio Grande do Norte. E de novo, e de forma ainda mais acentuada, a absoluta ausência da participação popular. Agora, nem mesmo através de suas lideranças.

Dez anos depois de ausente, volta Tarcísio Maia, que também queria formar sua própria liderança. E trouxe, talvez, o mais bem elaborado projeto político dos últimos anos no Estado. Pacientemente, teceu a rede em que, uma a uma, foram caindo as lideranças do Estado. Já sabia qual teria de ser a primeira vítima: Dinarte Mariz e Aluizio Alves não aceita-



Aluizio, dez anos ausente

vam o crescimento da liderança de Cortez Pereira. Uniu-se aos dois e o Estado assistiu à mais agressiva investida feita contra uma de suas lideranças. Governo e oposição contra um político que não tinha mais qualquer força de mando. Volumosos processos foram formados e levados ao Governo Central. Hoje, ninguém quer assumir a autoria deles. E Cortez foi afastado da vida pública, casado pelo AI-5.

Primeiro obstáculo afastado, Tarcísio Maia passou a trabalhar, sem pressa, o segundo embate. Para lutar contra Aluizio e Dinarte, optou por uma estratégia perfeita: unir-se a um deles e enfrentar o outro. Estendeu a mão a Aluizio, que a aceitou. Fez uma administração inteira sem oposição. Isto irritou Dinarte Mariz, que não fugiu ao desafio. Teve o mérito da coragem, mas ficou com o eleitorado enfraquecido. No primeiro plano da política, finalmente, estavam Tarcísio e Aluizio, ainda comemorando o vitorioso acordo de 1978, que deu a Maia a garantia da continuidade no poder, através do primo-irmão Lavoisier Maia e, na Prefeitura de Natal, em tempos de maré alta, o filho José Agripino. Tarcísio cumpria, ano a ano, seu plano. Tinha consciência de que já possuía poderes para enfrentar a liderança de Aluizio Alves, enfraquecida por dez anos de ausência das campanhas, pela falta de estrutura do

partido oposicionista no interior, pelo próprio acordo de 78 (em Natal, Tarcísio e Aluizio, juntos, não conseguiram derrotar Radir Pereira, candidato da oposição em 78 ao Senado) e pelos casuísmos do Governo. Estava amadurecido o tempo de enfrentar a **fera**, voltando à polarização.

Aluizio não aceitou as regras impostas pelo tarcisismo. Rompeu o acordo e anunciou a disposição de enfrentar os Maia, então absolutamente senhores da máquina administrativa estadual. Os órgãos federais, nas mãos de deputados e senadores do PDS. Paralelamente a tudo isso, era preparada, dia-a-dia, a candidatura José Agripino ao Governo, a sucessor de Lavoisier Maia, atropelando aos que ameaçassem obstacular o projeto. Foi assim com João Faustino, com Geraldo Melo, com Fernando Bezerra. Dinarte Mariz tentou uma reação. Já não tinha o cacife necessário para ameaçar o plano Maia em andamento.

Veio o voto vinculado; veio a necessidade do partido ter candidato a prefeito para poder ser votado para governador. Vieram os 107 mil votos de maioria. Veio a posse de José Agripino, o terceiro Maia no Palácio Potengi. Esta, é uma etapa do projeto de Tarcísio, que está completada. Hoje, os tempos são outros. De abertura. Mais do que de poder, os lances terão que ser de habilidade. O primeiro já foi dado: dividir com a oposição (e com Aluizio Alves), o apoio ao candidato da oposição, Tancredo Neves, à Presidência da República. É preciso saber se permanecerá, o partido do governador, sendo o dono absoluto da máquina administrativa federal no Estado. Sendo dividido, já haverá um forte avanço oposicionista.

Depois de tudo isto e com o surgimento de um novo quadro partidário, extinto os casuísmos, quem fica com quem em 1986? A polarização já não tem a mesma intensidade dos anos 60 nem do curto período até chegar 82. Quem fica com Geraldo Melo, candidato já lançado ao Governo, pela oposição e que vem trabalhando pacientemente a reestruturação do PMDB em todo o Estado? Quem será o candidato do Governo? Com quem fica Carlos Alberto, ainda com forte poder eleitoral? O que acontecerá com a liberdade de se fazer coligação partidária? 86 é quase agora. Mas as mudanças, grandes, impedem a previsão do futuro quadro. E os grandes lances só serão jogados depois de 15 de março. (ALBIMAR FURTADO). □

VENHA CONHECER SEU NOVO CARRO, O MÉDIO-GRANDE DE LUXO DA VW

A VOLKSWAGEN RESOLVEU LANÇAR O SEU CARRO SOFISTICADO. POR ISSO, SE VOCÊ PROCURAVA CLASSE, CONFORTO, ESPAÇO E TECNOLOGIA AVANÇADA, TUDO NO MESMO CARRO, PODE PARAR DE PROCURAR: O SANTANA É ASSIM.

ELE TEM O MESMO REQUINTE QUE OS ESTRANGEIROS EXÍGEM EM SEUS MELHORES CARROS E A QUALIDADE VOLKSWAGEN, QUE TODOS OS BRASILEIROS CONHECEM E CONFIAM. VOCÊ MESMO VAI COMPROVAR ISSO AO DIRIGÍ-LO. ALIÁS, SÓ MESMO ESTANDO

DENTRO DO SANTANA PARA CONHECÊ-LO DE VERDADE.

NO PAINEL, POR EXEMPLO, ELE TEM LUZES DE SEGURANÇA TIPO LEDS, COMANDO ELÉTRICO DOS VIDROS, RÁDIO TOCA-FITAS AM/FM DE 50 WATTS DE POTÊNCIA, AR-CONDICIONADO E TODOS OS INSTRUMENTOS QUE VOCÊ PRECISA PARA TER MUITO CONFORTO E CONTROLE ABSOLUTO DO SANTANA.

SE VOCÊ ACHA QUE ISSO TUDO É LUXO, É PORQUE VOCÊ AINDA

NÃO CONHECE OS DETALHES MECÂNICOS DO SANTANA: SUSPENSÃO DO TIPO McPHERSON, IGNIÇÃO ELETRÔNICA, FREIOS COM DUPLO CIRCUITO DIAGONAL, CÂMBIO DE 4 OU 5 MARCHAS, OU AINDA CÂMBIO AUTOMÁTICO E MAIS O REVOLUCIONÁRIO MOTOR 1.8 QUE DÁ AO SANTANA UM EXCELENTE DESEMPENHO. ATÉ PARECE UM CARRO IMPORTADO, NÃO PARECE? MAS PODE ACREDITAR QUE O SANTANA É EXATAMENTE ASSIM.

A VOLKSWAGEN NÃO IRIA ESPERAR TANTO TEMPO PARA LANÇAR UM CARRO SOFISTICADO COMO

NENHUM OUTRO, SE FOSSE PARA DECEPCIONAR VOCÊ. VENHA CONHECÊ-LO.

CONCESSIONÁRIOS AUTORIZADOS



MARPAS S.A.

TAVARES DE LIRA, 159 - PTE. SARMENTO, 592

DIST. SERIDÓ S.A.

AV. NASCIMENTO DE CASTRO, 1597

SANTANA



Alguns itens são opcionais ou referem-se a versões específicas

Em 1984, SIC aumentou seu apoio às empresas do RN

A fixação das bases para implantação de grandes Projetos de Verticalização de Atividades do Setor Mineral, foi a grande meta alcançada em 1984 pela Secretaria de Indústria e Comércio. Dois segmentos importantes para o desenvolvimento sócio-econômico do Estado, saíram beneficiados: Salineiro, mediante a constituição de empresa com salineiros locais e grupo Unipar, para a exploração das águas-mães das salinas; e o setor scheelitífero, através da associação como os grupos Tenenge e Tomaz Salustino, para a produção de FW e Carboneto de Tungstênio. Neste campo, a iniciativa governamental está surtindo outros efeitos, como os empreendimentos já anunciados da Eletrometal e da Centroligas/Zangareilhas, para a metalurgia de tungstênio, agregando valores à economia do Estado.

Ainda no campo mineral, a SIC/RN desenvolveu várias outras atividades, com o objetivo de dimensionar jazimentos e estimular incentivos na extração e beneficiamento de minérios menos conhecidos do que a scheelita mas capazes de empregar grande contribuição ao desenvolvimento estadual. É o caso, por exemplo, da diatomita, que tem no RN o maior produtor nacional e numa empresa local, capacidade instalada para garantir o abastecimento de todo mercado nacional.

Além do apoio específico às empresas já instaladas, a Secretaria procurou despertar o interesse de potenciais investidores situados no Centro-Sul do País, promovendo com o DNPM o «Primeiro Encontro Nacional da Diatomita», no Centro de Convenções de Natal. Há apoio também à pesquisa mineral, com a participação conjunta da UFRN, via CDM/RN. Uma das pesquisas tecnológicas capazes de grandes repercussões é a desenvolvida pelo Projeto Tântalo/Boro. A Secretaria tem se dedicado muito à verticalização da indústria extrativa de caulim, nos



Atividade mineral



Jussier Santos

municípios de Parelhas e Equador, com vistas ao Pólo Cerâmico de Macaíba.

A SIC/RN tem demonstrado interesse todo especial pelo aspecto social em cada panorama divisado. No caso da mineração, isto fica patente no exame do desempenho da Secretaria em relação aos garimpeiros de pedras preciosas em Tenente Ananias, com o «Projeto Garimpo», ou «Programa de Apoio ao Pequeno Minerador».

TÊXTIL E CONFECÇÕES — A Secretaria de Indústria e Comércio avançou muito também no seu apoio aos setores tradicionais, como o têxtil e o de confecções. Apesar da crise porque passa o setor, esta ação se desenvolveu em vários planos, como o apoio às pequenas confecções, através do recentemente criado «Clube da Moda

Nossa». Negociações com vistas à reativação da Seridó. Contribuição à Secretaria de Trabalho e Bem-Estar Social no apoio à criação e implementação das cooperativas de têxteis de Natal e de confeccionistas de Mossoró, diante da situação criada pelo fechamento de suas empregadoras.

Em 1984 também foi incrementado o programa de apoio à microempresa, coordenando à nível estadual as ações de todos os órgãos envolvidos com a temática e a problemática. Do aprofundamento do estudo desse problema, aliás, nasceu um relatório de Jussier Santos apresentado ao Ministério da Indústria e Comércio como representativo do quadro e das sugestões dos secretários do setor em todo o Nordeste. Tal programa deverá melhorar ainda mais a partir da absorção do CEAG pela SIC, outra sugestão feita, à nível nacional, por Jussier.

Merece destaque ainda a atuação da Pasta junto ao importante setor da indústria do turismo no Estado. Como o apoio à manutenção dos hotéis da capital e interior, a inauguração e funcionamento do Centro de Convenções, na Via Costeira, onde está sendo implantada uma nova rede hoteleira.

O potencial do RN ainda é maior que a arrecadação

Num Estado subdesenvolvido e pouco industrializado como o Rio Grande do Norte, o normal são as exportações serem mais de matérias-primas do que de produtos industrializados — semi ou integralmente manufaturados. Mas há males que vêm para o bem. A seca, de certa forma, é um exemplo. Porque o Rio Grande do Norte, nesses cinco anos consecutivos de seca, não pôde exportar algodão em pluma, o que possibilitou a exportação e venda do fio de algodão — um produto manufaturado, já

incremento na quantidade foi em torno de 60 por cento, resultante da comercialização de aproximadamente 190 mil toneladas contra cerca de 119 mil toneladas comercializadas de janeiro a junho último. Esses dados são do primeiro semestre, porque vêm para o Promoexport local a partir da Cacex do Rio de Janeiro.

Segundo a técnica do Promoexport local, Sandra Maria Gomes, responsável pela computação dos dados, esse acréscimo na quantidade foi em decorrência do grande número de to-



Lagosta made in RN

que o Estado importou algodão — que liderou no primeiro semestre deste ano a pauta de exportações do Rio Grande do Norte, totalizando US\$ 5 milhões, o que representa cerca de 19 por cento da arrecadação com as exportações locais.

De janeiro a agosto deste ano, as exportações do Estado renderam US\$ 26 milhões, contra US\$ 28 milhões e 600 mil em igual período do ano anterior. Assim, houve uma redução de aproximadamente nove por cento no total da renda dos produtos exportados. Entretanto, se diminuiu o volume dos saudáveis e robustos dólares, aumentou a quantidade de toneladas exportadas, especialmente para os maiores compradores que são, naturalmente, os Estados Unidos e o Mercado Comum Europeu. O

neladas de sal marinho exportado. Já a redução no valor deu-se em consequência da diminuição das exportações de quatro dos 10 principais produtos exportados do Rio Grande do Norte. Ou seja, scheelita (cerca de 35 por cento), castanha de caju (34 por cento), couro bovino (29 por cento) e cordas de sisal (dois por cento). Sandra Gomes explica, ainda, o declínio como consequência da queda do preço e restrições de mercado.

Já o presidente da Associação de Exportadores do Rio Grande do Norte, João Antônio Coutinho da Motta, prefere não falar em aumento de toneladas porque a quantidade de sal exportado dá em torno de 80 por cento do total, mas o valor em dólares arrecadados fica bem abaixo do que é obtido, por exemplo, com fios de al-

godão, scheelita e lagosta. A arrecadação com o sal foi de US\$ 1 milhão, 822 mil e 859, ficando mais ou menos na média do lucro com cordas de sisal, tantalita e castanha de caju beneficiada.

MADE IN RN — Embora estejam registradas, na Cacex local, 59 empresas, apenas 20 a 25 mantêm permanente atividade exportadora. Mesmo comparando-se somente com os Estados exportadores do Nordeste, o Rio Grande do Norte fica em quarto ou quinto lugar. Se comparado com outros Estados, a constatação pode parecer pessimista, mas é real: a atuação do setor aqui é incipiente e não chega a representar sequer um por cento da exportação brasileira. Entretanto, a diversificação dos produtos exportados revela um grande potencial exportador no RN.

Mas o setor de exportações é importantíssimo para a economia do Estado: “É um setor de grande significado econômico e social. Gera a circulação de riquezas, proporciona absorção de mão-de-obra. Pelo seu lado econômico, representa um mercado adicional. Todo empresário — da agricultura, indústria e comércio — deve pensar no mercado externo como uma alternativa para venda de sua produção”, explica João Motta. “Com as exportações, trabalhamos com uma moeda forte e não corroída pela inflação: o dólar. Esse é o seu lado monetário. Já financeiramente, destaque-se a importância da liquidez e o pagamento por carta de crédito, vantajoso porque o empresário não se submete às altas taxas de juros, como acontece no mercado interno”.

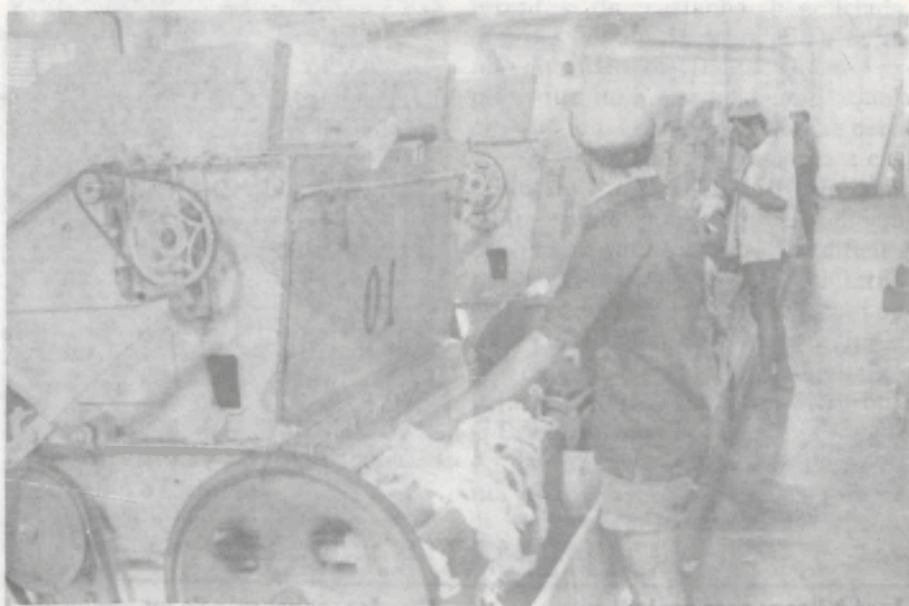
Quanto à desvantagem, a que existe é a da precariedade do Porto de Natal, a ausência de mais navios para exportação. O que implica no deslocamento de produtos para outros Portos, como o de Cabedelo (PB), Fortaleza e Recife. “Quando estes produtos têm um preço baixo, como por exemplo o sisal, o frete rodoviário tem incidência significativa nos custos. O que, inclusive, tira o poder de competir até mesmo com outros Estados da região”. João Motta informa, ainda, que os exportadores já se reuniram com o Governador José Agripino e este já está a par do problema e buscando solução junto ao Governo Federal. O Porto de Areia Branca é adaptado apenas para exportar sal, explica Motta. Por aeroporto é exportada apenas uma peque-

na quantidade, por causa das limitações desse tipo de transporte.

POLÍTICA DA EXPORTAÇÃO — A política de incentivos às exportações, pelo menos teoricamente, está fundamentada em instrumentos que visam proporcionar, ao exportador, melhores condições de competitividade no mercado internacional. É aplicada em três acepções básicas: os incentivos fiscais (redução, isenção e dedução de impostos, **drow-back**, programas de exportação); os incentivos creditícios (financiamentos, inclusive linhas de crédito) e a política cambial. Estes aspectos dependem, exclusivamente, da política adotada pelo Governo Federal. Porém, as repercussões favoráveis com relação ao crescimento do nível de renda, de emprego, de investimento, de desenvolvimento tecnológico e, finalmente, de progresso e bem-estar poderiam estar orientados por uma política definida à nível estadual.

Nesse sentido, João Coutinho da Motta comenta: “Não entendo bem porque as autoridades deram uma guinada de 180 graus ao esforço nacional para produzir um grande **superávit** na balança comercial. Ainda no início deste ano, todas as atenções estavam dirigidas para se exportar o máximo e importar o mínimo. Verifica-se, hoje, que os incentivos creditícios à exportação estão praticamente eliminados, e os incentivos fiscais estão com seus dias contados para desaparecer até março de 85, o que significa um desestímulo muito grande à atividade exportadora. Ora, tínhamos, por exemplo, um compromisso com o FMI de alcançar um **superávit** na balança comercial de US\$ 9 bilhões. Mas o que é melhor: vamos alcançar os US\$ 12 bilhões, este ano. Será que é esse o ônus que devemos pagar ao FMI pela excessiva eficiência do setor exportador? Deixo a pergunta no ar”.

OS 10 PRINCIPAIS — Apesar dessas dificuldades, seis dos dez principais produtos exportados apresentaram incremento: o fio de algodão — o mais vendido no primeiro semestre deste ano — lagosta congelada, sal marinho, tantalita, minério de berilo e confeitos. A esses seis, acrescentam-se a scheelita, cordas de sisal, castanha de caju sem casca e couro bovino. Todos totalizaram US\$ 18,5 milhões, representando 92,7 por cento do valor total da pauta de exportações.



Algodão, o mais vendido

A maior parte desses produtos foi exportada para os Estados Unidos. Para lá, foram exportados 173 milhões, 455 mil e 146 quilos de produtos os mais variados, o que representou a entrada de Us\$ 9 milhões, 254 mil e 836. O que dá, aproximadamente, a metade do dinheiro arrecadado com as exportações locais. Em segundo lugar em termos de quantidade, vem a Associação Latino-Americana, que importou 7 milhões, 316 mil e 270 quilos. Mas em dólares, isso representou apenas US\$ 285 mil e 362. Por isso, o que vale mesmo é computar o Mercado Comum Europeu — Alemanha Ocidental, Bélgica, Luxemburgo, Dinamarca, França, Itália, Países

Baixos e Reino Unido — como o segundo grande comprador: Afinal, adquiriram 3 milhões, 129 mil e 61 quilos, o que representou valiosos US\$ 6 milhões, 863 mil e 508.

O Rio Grande do Norte também exporta para o Canadá, Europa Oriental (Alemanha, Hungria e Polônia), Associação Européia do Livre Comércio — ALEC — Áustria, Noruega, Portugal e Suíça. Exporta para Ásia, Oriente Médio, África e Oceânia. Desses Continentes, os maiores compradores são países africanos, especialmente a Nigéria. Outro bom comprador é Hong-Kong. O que compra menos é o Chipre, seguido de Nova Zelândia e Iraque. □

INDÚSTRIA

Com safra do caju em alta, Estado lucra com castanha

O caju já inspirou inúmeros poemas em seu louvor. É símbolo do semi-árido nordestino, é motivo de festa do povo natalense em janeiro, na Redinha; dele se extrai seu conhecido e apreciado suco e também uma espécie de vinho chamado cajuína, além de servir para produção de doces e, claro, para tira-gosto da popularíssima cachaça. Já em 1637/39, o secretário de Maurício de Nassau, Zacharias Wagener, em carta escrita em Recife, informava Paris sobre as plantações naturais do cajueiro: “Todo Brasil é por assim dizer coberto desta árvore”.

O que poucos sabem, entretanto, é que a parte comestível dessa fruta é chamada de «falso fruto». O verdadeiro fruto é a castanha. O que poucos sabem também é que o Rio Grande do Norte é o segundo Estado produtor e exportador da castanha do caju, perdendo apenas para o Ceará. E mais: que depois dos lamentáveis cinco anos consecutivos de seca, e com a volta das boas chuvas, o Estado recuperou boa parte da sua plantação de cajueiros e a previsão é a de que haverá senão uma super-safra, pelo menos uma muito boa safra do produto: 30 mil toneladas, o que re-



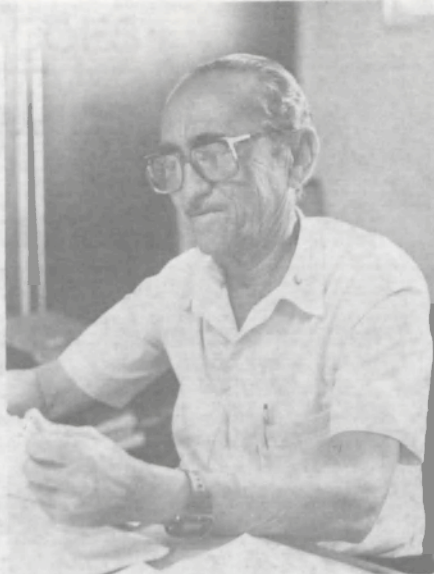
José Nilson: seca prejudicou

presenta o dobro da média anual.

PRODUÇÃO RECUPERADA — Ocupando 15 mil hectares, nos quais estão plantados cerca de um milhão e duzentos mil cajueiros, o cajueiral da Indústria de Sucos e Doces Maísa poderá dar uma produção entre 1 mil e 500 e 2 mil toneladas. A previsão é do presidente da EIT, José Nilson de Sá, membro do Conselho de Administração da Maísa. Entretanto, se não tivesse ocorrido o longo período de seca ou se houvesse água suficiente para o cajueiral, a produção poderia ser dez vezes maior.

José Nilson de Sá explica que, entre 1970 e 75, a Maísa plantou um milhão e 500 mil cajueiros, dos quais boa parte se perdeu devido à seca. Apesar de não ter um número exato — porque o cálculo *in loco* ainda não foi feito — José Nilson de Sá calcula que houve uma perda de cerca de 300 mil pés. Fazendo um histórico da produção da empresa, que não tem fábrica própria e vende para as diversas empresas de beneficiamento no Rio Grande do Norte e Ceará, José Nilson explica: “Até 1977, a produção de castanha da Maísa vinha numa curva ascendente, de tal ordem que, naquele ano, a Maísa colheu 2 mil e 500 toneladas de castanha. A partir de 1978, a produção começou a decair”.

“Se não tivesse deixado de chover, pelo comportamento da curva ascendente de produção, em 1980 a empresa deveria ter colhido 10 mil toneladas”, conclui ele. A situação ficou tão precária que, em 1983, a produção foi de apenas 20 toneladas. Daí, que com a previsão de safra em torno dos



Guedes: concorrência internacional

1.500 a 2.000 toneladas neste final de ano, a produção voltará aos índices de antes da seca, em 77. “Por consequência, a empresa nesses cinco anos de seca, fazendo uma projeção expontencial do seu previsto faturamento, teve um prejuízo bruto de Cr\$ 30 bilhões”, acrescenta o empresário.

Os terríveis cinco anos de seca trouxeram apenas uma pequena vantagem: “O cajueiral da empresa, quando do começo da seca, estava em formação, era novo e não tinha idade adulta de agora. Na época, não sabíamos quais as árvores que iriam ser boas produtoras. A seca indicou os cajueiros que não iriam ter um desenvolvimento satisfatório, mesmo com chuvas”.

O PREÇO DA CASTANHA — Embora nos bancos oficiais, haja falta de capital de giro destinado às cooperativas agrícolas para a compra da castanha, as empresas particulares são atendidas em condições satisfatórias pelos estabelecimentos de crédito e até especula-se que poderá haver redução no preço da castanha *in natura* para menos do seu preço mínimo: Cr\$ 900. Enquanto isso, os comerciantes atravessadores já estão comercializando por Cr\$ 1.000, o quilo. José Nilson de Sá também acredita que haja uma queda no preço da castanha *in natura*, mas que fique em torno de Cr\$ 1 mil e 500 o quilo, haja vista o preço atual da tonelada oscilar entre 1 milhão e 500 mil. “Basta não subir para se ter uma queda no preço, porque não acompanharia a inflação”, explica ele.

Os cálculos feitos sobre a comercialização da castanha de caju *in natura*



NOVIDADES EM TECIDOS E CONFECÇÕES

Na hora de comprar tecidos, no varejo ou no atacado, o melhor endereço de Mossoró é no Armazém Esplanada. Com estoque sempre renovado e as mais recentes novidades da moda Brasil. O Armazém Esplanada dispõe ainda de confecções e artigos de cama, mesa e banho. Sempre com os melhores preços.



ARMAZÉM ESPLANADA

Armazém Esplanada — Filial,
Rua Coronel Gurgel, 146,
Mossoró-RN Tels.: 321-3045
321-1231

e sobre o beneficiamento industrial para o mercado exterior, dão conta de que a exportação de amêndoas a partir do início do próximo ano, após a colheita, poderia render ao Rio Grande do Norte mais de Cr\$ 60 bilhões, enquanto a castanha sem o tratamento industrial, não renderá mais do que Cr\$ 30 bilhões.

MAIS RENTÁVEL — Embora a Maísa não tenha usina de beneficiamento da castanha, a produção e venda do produto é mais rentável do que a de suco e doces. A explicação é simples: para se industrializar o suco, se gasta com os insumos, “que são muito caros”, segundo José Nilson, além de custos com a garrafa, tampa, rótulo, aditivos, propaganda. Enquanto que, para a castanha *in natura*, basta colher, ensacar e vender. Além das plantações de caju, a empresa tem também sua produção voltada para exportação de melão e maracujá *in natura* e sucos. Está entre as três maiores empresas do setor, ao lado da Maguary e da Cajubrás.

Também o diretor administrativo da Cisaf — Comércio e Indústria de Fibras S/A, Dantas Guedes, acredita que a próxima safra de castanha *in natura* fique em torno de 30 mil toneladas. A Cisaf, que é produtora de fios e cordas de sisal — o seu grande negócio — só depois de junho de 1983 começou a trabalhar com o beneficiamento da castanha em sua nova fábrica, em Extremoz. A primeira fábrica, na Ribeira, produz os fios e cordas. Além da Cisaf, há outras empresas de beneficiamento como: Cibraju, em Eduardo Gomes; Frutal, da Cooperativa Central; e no interior: Usibrás, em Mossoró; Medeiros e Cia., em Jardim do Seridó; Cooperativas Agrícolas de Umarizal, entre outras.

O beneficiamento é feito a partir de dois processos básicos: corte manual ou corte mecanizado. Depois de separar a castanha do falso fruto, se corta a castanha e se retira a amêndoa, que é exportada. O líquido extraído da castanha de caju também é exportado para a fabricação de lonas para freios de carros. O maior comprador são os Estados Unidos. A Cisaf, por enquanto, não está exportando o líquido, que este está sendo armazenado, para uma futura exportação.

Após o beneficiamento da castanha, o preço pode variar de Cr\$ 1.500 a Cr\$ 20 mil o quilo. O primeiro preço é da farinha de castanha e o último é o da melhor amêndoa, daquela mais graúda. Existem mais de 30 tipos di-



Castanha, o fruto real

ferentes de castanha beneficiada, que dependem da qualidade e tamanho da amêndoa. Dantas Guedes explica que de boa qualidade é aquela em que, em um quilo, contenha cerca de 400 amêndoas. E considera a castanha do Rio Grande do Norte como de excelente qualidade. “É fácil vender”, comenta Guedes, “o difícil é ganhar dinheiro no mercado internacional, devido à concorrência com outros países. Especialmente a Índia, que é o primeiro produtor mundial e o principal exportador para a Europa. O Brasil é o segundo produtor, seguido da Tanzânia, Moçambique e Quênia”.

COMPORTAMENTO I

Vende-se tudo nas praças, menos segurança à noite

“Senhoras e senhores, comprem um santinho e ganhem um milagre de quebra”.

(Apelo de um vendedor da Praça Pe. João Maria).

É por apelos como esse que a Praça Padre João Maria, mais conhecida como «a Praça da Fé», vem ganhando aos poucos o aspecto de um bazar oriental. Essa característica — a de bazar — não é, como pode parecer, prerrogativa apenas da Praça Pe.

João Maria. Todas as praças natalenses, em maior ou menor grau, possuem vendedores próprios, legais ou não, e freqüentadores cativos, constituindo um mundo peculiar e rico. Rico de pessoas porque, na maioria das vezes, a riqueza está ausente dos jardins, dos bancos, dos coretos — quase sempre relegados ao esquecimento pelas equipes públicas de manutenção.

Para quem se disponha a visitar as praças de Natal, o passeio pode começar exatamente pela Pe. João Maria. Nessa praça, se vende desde artesanato local até santinhos. As velas acesas atestam a religiosidade do po-



Pe. João Maria: artesanato e fé



André de Albuquerque: coreto inútil

vo potiguar e o busto do venerando padre, voltado para as proibidas capas de revistas como que indignado, escurece com o tempo. A singularidade desta praça é que, diferente das outras, suas árvores não convidam para um repouso mais demorado. A praça funciona muito mais como ponto de encontro e passagem obrigatória no centro da cidade.



SISUDEZ POLÍTICA — Num outro ponto movimentado de Natal está a mais estranha e popular das praças. Centrada no bairro do Alecrim — o

agitado bairro comercial da cidade — a Praça Gentil Ferreira oferece, ao visitante mais observador, o mais variado leque de tipos humanos. Nessa praça, está montado um tipo de comércio até agora inexplicável para os menos entendidos. Vende-se desde galinhas e rádios de pilha a motocicletas. E o aspecto mais flagrante é que este local é o preferido da Polícia para encontrar os mais renitentes ladrões da província. Mas a Gentil Ferreira, em dias de comício, fica sisuda e expulsa seus habitantes exóticos, adquirindo o perfil de praça eminentemente política. Nela aconteceram e continua acontecendo fatos relevantes da política potiguar.

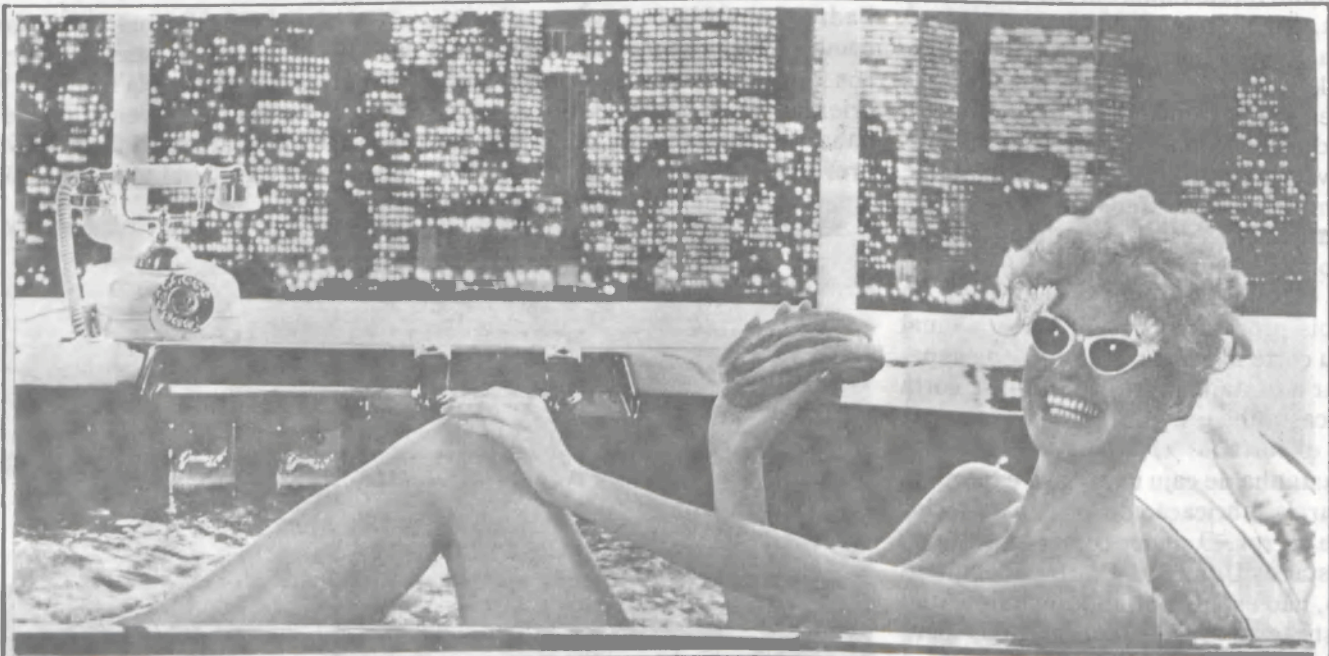
Em um local oposto a esta praça tão popular em suas raízes, fica a enciumada Praça Pedro Velho que, por não poder rivalizar com a outra em preferências políticas, resolveu se intitular Praça Cívica. Que, em dias de muita pompa, exhibe espadas, canhões, tanques e medalhas. Quando de folga, convive com a inquietante presença dos jovens estudantes que procuram suas poucas árvores frondosas para um **namorico** rápido.

Quem caminha do Cemitério do Alecrim descendo o Baldo na direção

CODIF TEM

Um Departamento Especializado em: piscinas, equipamentos e acessórios, sistemas de iluminação e som subaquático.

produtos químicos p/tratamento d'água, banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas e sistema de pressão.



Com pessoal tecnicamente capacitado para orientar, dimensionar e construir sua piscina, obedecendo aos mais modernos padrões de qualidade e aos mais atualizados critérios técnicos para seu maior conforto e segurança.



Companhia Distribuidora de Ferragens

Rua Dr. Barata, 190/192 — Ribeira
Fone: 222-3571 — Natal-RN

da Cidade Alta, pode encontrar uma simpática pracinha que com o tempo foi perdendo sua beleza: a Praça Carlos Gomes. Nela está plantada, em flagrante solidão, a imponente Coluna Capitolina, presente de Benito Mussolini ao povo de Natal. Os aviadores romanos Arturo Ferrari e Carlos Del Pretti atravessaram o Atlântico no pequeno avião Savoia em 1927, e em 1931 o Governo italiano homenageou o feito com o monumento que foi extraído do Capitólio Romano. Como se vê, é uma pracinha cheia de história. Mas o distraído visitante pode ter deixado passar a pequenina Praça Pedro II, que fica situada na frente da Igreja São Pedro e do Colégio Nossa Senhora das Neves. Tem algumas árvores, bancos e alguns quiosques, mas não se aconselha a ninguém transitar por ali depois das dez horas da noite.

HÁBITOS ETERNOS — Mas a praça que oferece maior condição de repouso do corpo e do espírito é, sem dúvida, a Praça André de Albuquerque. As árvores da praça, como que namorando com o Potengi, servem de abrigo para namorados, barulhentos pardais de fim-de-tarde e velhos conservadores. O coreto construído no centro da praça sofre de um mal incurável: a saudade do que não houve. Relativamente jovem, o coreto, que deveria abrigar retretas dominicais, apenas serve de cenário para pálidas fotografias de casais com pouca imaginação. No canto da praça dorme, preguiçosa, uma inútil passarela que, por sua inexplicável presença, passou a servir de suporte para faixas publicitárias de corretoras de imóveis. E talvez seja a única praça de Natal que oferece o mínimo de segurança para se ficar conversando à noite. Desde que a noite não seja muito avançada.

O natalense gosta de cultivar manias e, algumas vezes, essas manias se eternizam. É o caso dos frequentadores dos banquinhos na calçada do Banco do Brasil. Esta é uma deliciosa mania que ameaça ficar para sempre nos costumes da cidade. Mesmo porque este é o lugar que oferece a melhor sombra do Centro da Cidade. Contudo, mania mesmo é esperar o sol morrer na Pedra do Rosário, que nem ao menos é uma praça, mas conjugua desde o risco de assalto a uma visão panorâmica inesquecível. Mais para os lados da Praia dos Artistas, para quem pretende descer a Ladeira do Sol, existe um local que também não é praça, embora tenha outra óti-



Gentil Ferreira: Babel do comércio

ma visão: é a amurada que separa a cidade de sua praia mais querida. Fica nas proximidades do Hospital das Clínicas e é muito freqüentada por turistas com suas máquinas fotográficas.

PROPRIEDADE DO POVO — Ali em Petrópolis, na curva da Hermes da Fonseca, sobrevive, a duras penas, a Praça Aristóфанes Fernandes que, por sua característica dúbia, serve até de campinho de futebol. Tem uma ótima iluminação, mas sua proximidade com o morro de Mãe Luíza obriga à presença de policiais armados e acompanhados de cães. Não é o melhor local para se repousar ou levar um bom papo. Talvez os frequentadores de praças mais distantes, como os da Praça Augusto Leite, sofram os mesmos problemas. Mas, na Augusto Leite, o que vale mesmo é o namoro depois do cair da noite. Talvez por ser uma praça de gente jovem e lamentavelmente precária em arborização. Talvez por isso seja mais preferida à noite.

Muitas outras praças de menor porte e menor fama se espalham por Natal, que começa a tomar ares de grande cidade. Os imensos conjuntos residenciais têm as suas praças e suas preferências. Mas o bom é fazer como Caetano, carnavalesco, e cantar

“a Praça Castro Alves é do povo como o céu é do avião”. Eis uma verdade, porque todas as praças de todo o mundo têm uma mesma característica: são do povo, seus únicos e verdadeiros amantes e não importa muito o nome que cada uma receba. O que importa é que é lá onde todos se sentam e se encontram para esquecer um pouco os problemas do cotidiano.

O curioso é que as autoridades administrativas se esquecem desse tão importante pormenor, e constroem praças sem atentar para a sua indispensável manutenção. Felizmente, em alguns casos o bom senso supera a omissão, e o melhor exemplo disso é a restauração da Praça Augusto Severo, na Ribeira. Quando a Rodoviária Presidente Kennedy era a única da cidade, esta praça funcionou como um verdadeiro pólo de convergência dos diversos tipos humanos que desembarcavam do interior para tentar a vida na Capital. Paraíso dos vendedores ambulantes, a velha praça sofreu durante muitos anos o abandono, a depredação, a imundície. Agora restaurada, dá um novo brilho à antiga Ribeira. Quem saiu ganhando foi o Teatro Alberto Maranhão, que há muito sofria com a maltrapilha companhia da praça. E hoje, o povo novamente vai poder desfrutar de sua praça em paz. □



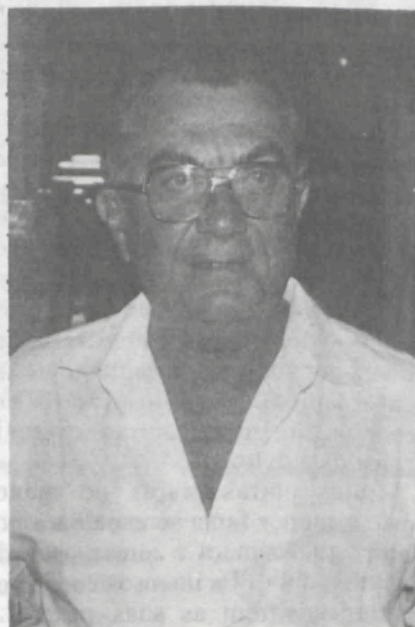
Edgar Varela: praça auto-sustentável

Um polo turístico para desenvolver Ceará-Mirim

O Rio Grande do Norte é apontado como viável para a indústria do turismo. E nessa busca de melhorias de receita e um maior emprego da mão-de-obra especializada, há um grande incentivo governamental para a montagem de uma estrutura turística na capital. De olho, também, nessa viabilidade econômica, uma cidade — a terceira em arrecadação e a quarta em população do Estado — se prepara para viver a era do turismo: Ceará-Mirim.

A cerca de apenas 28 quilômetros de Natal, o município de Ceará-Mirim não entra de graça na exploração do turismo como fonte de renda. Em seu território, estão algumas das mais belas praias da zona norte do Estado, como Jacumã, cujos coqueirais já deslumbraram muitos potiguares. Na zona urbana do município, os velhos casarões históricos, em perfei-

to estado de conservação, somam-se as belezas das praças. Hoje, não é difícil de afirmar



Roberto Varela

que a organização urbana de Ceará-Mirim é uma das melhores do RN.

TUDO AJUDA — O acesso a Ceará-Mirim não é difícil. Os cerca de 28 quilômetros para se atingir a sede do município são em asfalto, leito da BR-406. A essa rodovia, estão ligadas seis outras municipais, das quais apenas uma ainda é em piçarro. As demais são pavimentadas com o sistema Bripar, tornando a viagem confortável. Os ônibus mantêm a periodicidade com uma hora de intervalo entre cada viagem.

As opções do turista estão tanto na zona urbana da sede do município, como numa esticada pelos arredores dos 36 distritos municipais. E é nessa esticada que os olhos se encherão do verde do canavial, que domina quase toda a zona rural de Ceará-Mirim, transforman-

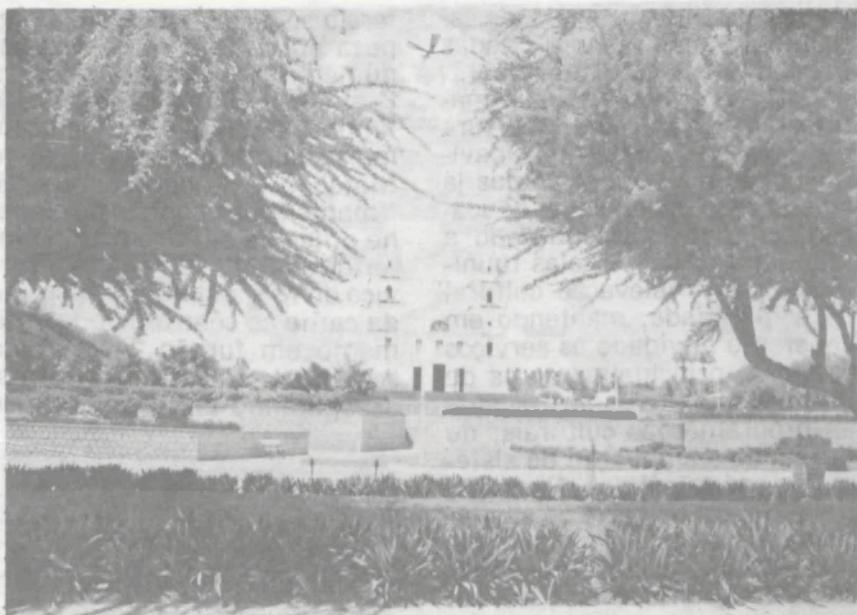
do-se na principal atividade econômica do município. O verde também predomina nas águas do Atlântico e nos coqueirais praianos, onde o contraste é acentuado pela brancura das dunas. Os olhos comprovam, **in loco**, as mensagens dos cartões-postais sobre a região.

BELEZA URBANA — Mas a beleza não existe só pela ação da natureza. O centro de Ceará-Mirim também tem suas prendas. Um choque satisfatório, para quem chega na cidade, é a constatação da limpeza urbana, quadro difícil de ser encontrado nos maiores centros turísticos do País. A permanência dessa situação é ponto de honra para a cidade, segundo explica o Prefeito Roberto Varela, eleito pela segunda vez pelo voto popular em novembro de 1982.

É ele quem afirma que a idéia é colocar Ceará-Mirim como atuante na indústria turística. Para tanto, ainda na zona urbana, a cidade conta com a maior parte das suas ruas pavimentadas, além de várias praças em alto padrão de conservação. Esses espaços urbanos são encarados, pela administração municipal, não apenas como motivos de cartões-postais, chamativos de turistas, mas — e principalmente — são uma questão de humanização. É colocar a cidade para quem mora nela, possibilitando o espaço para os ceara-mirenses se encontrarem com tranqüilidade para a conversa amiga e a prática do lazer.

Esse lazer, entretanto, já pode ser a própria admiração pela obra de paisagismo das praças. Todas muito bem arborizadas e iluminadas. É a Barão de Ceará-Mirim ou a Monsenhor Celso Cicco. Tanto faz. Ceará-Mirim apresenta, ainda, a sua história através dos seus monumentos. O prédio da Matriz, com as suas proeminentes torres em direção ao céu, é um belo exemplo da arquitetura neo-clássica. O estado de conservação da Igreja Matriz não deixa a desejar ao do velho Solar Antunes, hoje abrigando a Prefeitura Municipal de Ceará-Mirim.

SAINDO NA FRENTE — Apesar de tudo o que já possui, Ceará-Mirim se prepara para



Ao fundo a Matriz

uma outra investida no campo do turismo. Um pólo turístico está sendo elaborado para, nos próximos anos, ser montado no município, pegando principalmente a Praia de Jacumã. A Praia contará com um hotel — o Marinas — colocando à mão dos turistas tudo que ele possa encontrar nos demais centros turísticos do País.

A diferença é a privilegiada situação de Jacumã, que possibilitará até mesmo um pequeno ancoradouro com barcos levando turistas a Fernando de Noronha. O projeto turístico conta com o apoio de particulares, mas a administração Roberto Varela vem assegurando a parte de infra-estrutura para que o

pólo turístico vingue. E para que isso aconteça, no momento tramita junto a Empresa Brasileira de Turismo — Embratur — um projeto no valor de Cr\$ 20 bilhões.

ADMINISTRAR O AMANHÃ — Há 22 meses à frente da Prefeitura Municipal de Ceará-Mirim — quase 30 anos depois de ocupar o cargo pela 1.^a vez —, Roberto Varela acredita que a parte mais importante de todo o projeto são os recursos que aportarão no município com o fluxo turístico. Sem falar, diz ele, no aparecimento de mais um segmento de oferta de emprego para a população local. É que, para que tu-



Ruas em obras: uma constante

do se consolide, assinala, as estruturas estão sendo criadas pela administração municipal.

Estruturas essas que se manifestam através da abertura de novas estradas, ou a pavimentação e recuperação das já existentes; do apoio à educação, criando e assegurando a manutenção das escolas municipais para a elevação cultural da comunidade; mantendo em constante atividade os serviços urbanos, principalmente os de limpeza pública; incentivando as programações culturais; ou buscando a ampliação do sistema de saúde pública. Nesse último, dentro da parte de sanitário, está inserido o cuidado que recebe o Matadouro Público: "Uma hora após a matança você não encontra uma mosca", coloca Roberto Varela.

MAIS RUAS — Mais de cem mil metros quadrados de calçamentos foram construídos nesses 22 meses de administração, "beneficiando com o Projeto CURA a população mais carente de Ceará-Mirim", assinala Varela. Aponta ele, ainda, que só no primeiro ano de sua gestão, 90 quilômetros de estradas foram construídos, melhorando a interligação viária entre a sede do município e seus distritos. Isso, diz, tem significativa importância no escoamento da produção da agricultura da região.

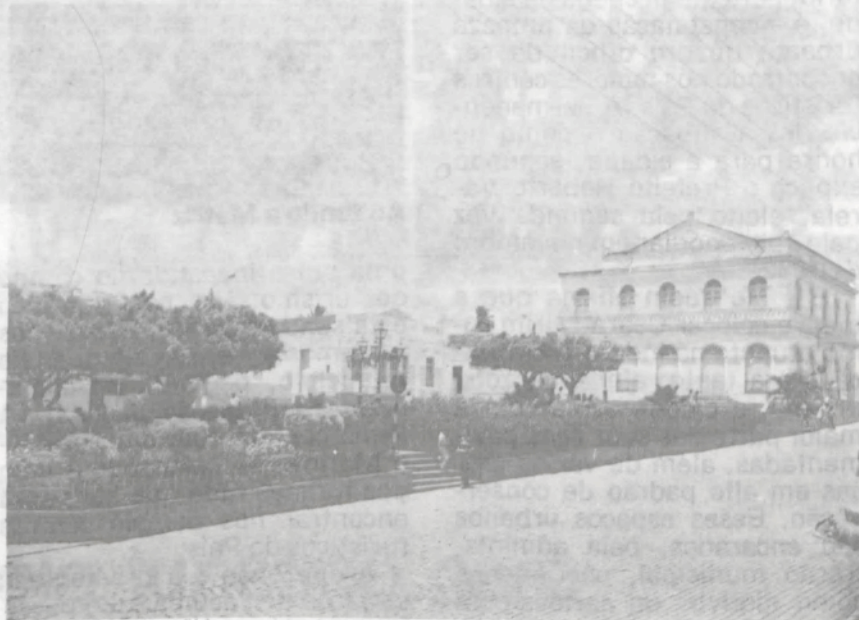
Os distritos como os de Mineiro, Betânia, Aningas, Várzea de Dentro, Primavera e Tabuão tiveram suas estradas melhoradas há menos de um ano. Até bem pouco tempo, Ceará-Mirim contava apenas com a rua Enéas Cavalcanti como única ligação com a BR-406. Hoje, além da Enéas Cavalcanti — que passou por uma reforma na sua pavimentação e iluminação, numa obra de Cr\$ 80 milhões, Cr\$ 30 milhões dos quais só de iluminação — a cidade conta com mais outras cinco estradas de ligação com a rodovia federal. São as ruas Luiz Lopes Varela, recém-construída, a Juvenal Antunes, a José Augusto, a Valdemar de Sá e a Oscar Brandão.

SERVIÇO URBANO — "Tenho uma preocupação muito grande com a limpeza da cidade e a sua higiene", frisa Roberto Varela. Daí, explica, que

fora o setor da educação, a limpeza pública emprega o maior número de funcionários da Prefeitura. O cuidado com a limpeza e a higiene chega com mais rigor, segundo Varela, no Matadouro Público, onde se "mantém um padrão de higiene difícil de se encontrar no interior do RN". Completa o serviço do Matadouro o transporte da carne ao centro de abastecimento em furgão — utilizado somente para essa finalidade e assegurando um produto mais

assépticas. Só na atual gestão, foram construídas 3.600 unidades, basicamente na área rural. Grande parte dos distritos dispõe da estrutura básica — água, luz, posto de saúde e calçamento. Os demais, frisa Varela, estão no programa da sua administração.

"Acho indispensável humanizar a cidade", assinala ele, se referindo ao cuidado dispensado às praças marcadas pela arborização. Mas confia que não se pode apenas construir



Solar dos Antunes: um valor histórico

saudável à população.

Ceará-Mirim, hoje, tem cadastrados perto de 15 mil imóveis na sua zona urbana. Segundo o Prefeito Roberto Varela, desses, 20 por cento estão saneados. A meta da sua administração, assinala, é deixar a cidade como a segunda do Estado totalmente saneada (a única é São Rafael). Mas a dependência está nos recursos federais através da Fundação SESP. A estação de tratamento d'água já está concluída, diz Varela, e se todo o projeto de saneamento da cidade não será concluído este ano é porque faltaram recursos federais.

HUMANIZAR — Na área de saúde, Ceará-Mirim dispõe de um Hospital com 28 leitos na sede, além de postos de saúde espalhados na maior parte dos distritos. A educação sanitária é incentivada pela Prefeitura que, através da Fundação SESP, mantém um permanente programa de construção de fos-

levando os cofres da Prefeitura a sentirem o ônus da manutenção. Daí, buscar sempre coadunar a humanização com o retorno financeiro. Uma prova desse esquema é a Praça Edgar Varela, que praticamente provê sua manutenção com a produção dos 29 pés de coqueiros que a embelezam.

Um outro projeto parecido acontecerá no Museu do Guaporé. Ali, Roberto Varela diz querer construir um horto e um grande jardim com estufa e tudo. O objetivo é transformar o local num atrativo turístico. E para que não exista, também, o ônus de manutenção para o erário público, flores e mudas de plantas serão vendidas.

EDUCANDO — Não existe distrito no município de Ceará-Mirim que não conte com uma escola municipal oferecendo da 1.^a a 4.^a série do 1.^o grau. Na zona urbana da cidade, duas outras funcionam com o 2.^o grau. No Colégio Santa Águi-

da, um convênio com a Prefeitura possibilita o oferecimento de um curso técnico, também a nível de 2.º grau. Dos 10 mil alunos que freqüentam as escolas, hoje em Ceará-Mirim, 70 por cento estão matriculados em escolas municipais. Os demais se distribuem nas escolas da rede particular e estadual de ensino.

Roberto Varela diz ter recebido as escolas em boas condições de funcionamento, mas as poucas que apresentavam pequenos problemas estão acabando de sofrer restaurações. E o caso das escolas dos distritos de Ponta do Mato, Várzea Grande, Primeira Lagoa, Massaranduba, Oitizeiro e Tabuão. Os distritos de Tamanduá e Coqueiros receberam escolas novas. Mais dois projetos "que considero da maior importância", afirma Roberto Varela, estão sendo firmados com a Fundação Roberto Marinho: um de supletivo de 1.º grau e, o outro, de um curso de treinamento para professores leigos. Ambos utilizando circuito fechado de televisão.

A cultura também é preocupação da atual administração. Lembra Roberto Varela que concertos com o pianista Oriano de Almeida e a Banda de Música do Catre foram realizados na cidade, promovidos pela Prefeitura. Um prêmio de ensaio também é mantido pela Prefeitura — o «Edgar Barbosa» — que esse ano contemplou o escritor potiguar Francisco das Chagas Pereira. Além disso, cita o Prefeito, existe a preocupação com os monumentos históricos: no momento, em convênio com a Fundação José Augusto, está sendo restaurado o Mercado Público da Cidade.

Voltados para a população, a Prefeitura mantém ainda uma Biblioteca Pública com um acervo disponível de 10 mil títulos e um programa de apoio alimentar. Roberto Varela cita a importância da Biblioteca, que só o ano passado registrou 24 mil consultas. No Programa de Complementação Alimentar, 2.300 famílias são assistidas, sem falar nas que se beneficiam com as dez creches de emergências que funcionam em convênio com a LBA.

DINHEIRO E POLÍTICA —



Praças Barão do Coorá-Mirim...



... e Monsenhor Colso Cicco

Roberto Varela situa, hoje, a Prefeitura de Ceará-Mirim numa posição privilegiada. "Embora o Fundo de Participação tenha caído 42 por cento em outubro e 42 por cento em novembro, eu disponho de recursos para cobrir todas as obrigações do município até o final do mês e esperar a arrecadação de dezembro". Isso, diz ele, representa que todo o funcionalismo está sendo pago em dia, assim como as obrigações sociais, ficando a Prefeitura ainda com dinheiro em caixa.

Apesar de não registrar déficit, a Prefeitura teve seu orçamento estourado. A previsão, para este ano, era de Cr\$ 734 milhões, quando já foram ultrapassados os Cr\$ 1 bilhão e 200 milhões. Segundo Varela, a sua

arrecadação principal é o ICM e o Fundo de Participação, somados ao IPTU. E o maior gasto com pessoal está na Educação — cerca de 26 por cento — e limpeza pública. Para o próximo ano, o orçamento municipal prevê Cr\$ 4 bilhões e 303 milhões.

Ceará-Mirim, hoje, ocupa os seus 708 quilômetros quadrados de superfície com uma população aproximando os 60 mil habitantes. Em importância política, é a quarta cidade do Estado com cerca de 15 mil eleitores, e ocupa a terceira posição em arrecadação. Para administrar essa cidade, Varela diz não encontrar aristas na Câmara Municipal, onde mantém bom relacionamento político com ambas as bancadas.

RN/Econômico, 15 anos de evolução

Imobilismo não pode ser confundido com convicção e, muito menos, com firmeza de propósitos, como fazem algumas pessoas. Erra também quem pensa que organizar é «pôr em fila». Na prática a teoria é outra, como diz Joelmir Beting.

Para saber o que é bom e o que é ruim, use um princípio elementar que pode, aliás, ter validade para quase todas as atividades humanas: as melhores coisas são simples.

ARI ANTÔNIO DA ROCHA

Afinal, o que é um logotipo?

Uma assinatura.

Assim como as pessoas assinam seus nomes, as empresas e instituições utilizam seus logotipos e suas marcas. E essa afirmação não implica na imutabilidade desses signos, pois, quem acompanha seu tempo se transforma e evolui. Essa é a garantia da modernidade, sobretudo numa época em que as conquistas tecnológicas sucedem-se em ritmo crescente.

Faça um teste simples para compreender o que se afirmou: compare sua assinatura na adolescência com a atual. As transformações verificadas são a manifestação de seu amadurecimento.

Para as empresas, o princípio é igualmente válido e, inclusive, os grandes grupos apresentam periódicas modificações de suas marcas e logotipos. Dois exemplos recentes podem ser citados: Olivetti e Kodak renovaram integralmente seus programas de identidade visual, adequando-os a novas necessidades operacionais, decorrentes da racionalização a que o crescimento obrigou essas empresas.

No Rio Grande do Norte, no entanto, pouquíssimas instituições perceberam a importância de um programa bem estruturado de comunicação visual. Esse tipo de atividade, que exige uma sólida formação profissional, freqüentemente é solicitada a pessoas não habilitadas, sob as mais diversas alegações. Por exemplo, o custo, que no caso de um trabalho sério não pode ser barato, anulando a possibilidade da agência de publicidade fazê-lo gratuitamente, como (ingenuamente) acreditam alguns empresários (despreparados). Existe também o (pseudo) comodismo, que se apoia em afirmações (insensatas) como: — “Minha sobrinha, que estuda desenho (ou pintura), tem muito bom gosto para essas coisas”; ou então, “há vinte anos, quando fundamos a empresa, a secretária teve uma idéia genial para a marca, que usamos até hoje”. Só por acaso a identidade empresarial desse tipo de firma poderá ser de boa qualidade. Mas, seguramente, essa programação visual espelhará a instituição e a competência de seus dirigentes; para bem ou para mal. Gerando confiança ou descrédito.

O LOGOTIPO DE RN/ECONÔMICO — Quinze anos de existência, por si só, uma afirmação de credibilidade. E, também, uma boa oportunidade para que se analisem as alterações de seu logotipo, para compreender as diversas fases dessa evolução da RN/ECONÔMICO.

Os primeiros números, impressos pelo sistema tipográfico, representam uma espécie de «infância», percebida até na diagramação das capas, mas que se evidencia no logotipo, formando uma espécie de monograma.

Impresso por meio de um clichê, ele permanece em uso mesmo quando a revista assume, no ano seguinte, a frequência mensal e a palavra econômico passa a ser grafada em letras minúsculas (caixa baixa).

As fotos passam a predominar com relação aos textos, característica que se mantém até o presente, como a anunciar as transformações subseqüentes, que representam a busca da simplificação e do aumento da legibilidade do título. RN/ECONÔMICO ingressa na era do «off-set», mesmo antes de ter o domínio total dessa técnica.

As letras R e N são associadas, não mais por superposição, mas em seqüência, apesar de que a escolha do tipo serifado (serifas são os pequenos traços que definem o limite das letras) não permite, ainda uma leitura mais fluente e clara. A palavra econômico volta, momentaneamente, a ser maiúscula (caixa alta). A mudança, que era iminente, acontece. Cai a serifa e retorna a caixa baixa para o texto, o que vai perdurar por um longo período (num «visual» que lembra o utilizado atualmente). Termina a «infância» e inicia-se a «juventude».

Juventude comporta excessos e RN/ECONÔMICO não fugiu à regra. Seu logotipo apresenta uma curta fase de «regressão», em que o título perde a legibilidade pela adoção de um tipo gráfico que dificulta sua compreensão. Como no caso das «modas» jovens, dura pouco. A tendência ao equilíbrio leva a mais uma transformação, em que o logotipo assume, finalmente, sua forma atual.

Não imagine, porém, que a evolução terminou por aí. As fotos, agora, alternam-se com ilustrações, o que permite destacar o tema da «reportagem de capa». Cores mais vibrantes podem ser utilizadas, permitindo que a revista sobressaia entre as demais, quando levada às bancas. As estratégias de «marketing» são exploradas ao limite e, para tanto, contam com todos os fatores, inclusive formato e diagramação.

Qual será a próxima modificação?

Observe atentamente o mundo que o cerca, analise as tendências e arrisque uma opinião. Talvez você esteja descobrindo uma vocação escondida...

DESCUBRA O SEGREDO DE VIVER NATAL



Natal de Barra de Tabatinga a Barra de Maxaranguape. Passando por Pirangi e Búzios, vencendo as dunas de Genipabu e Muriú. Este é um trajeto turístico que você não poderia fazer a pé. Vá de Buggy. Do Cais do fazendeiro de Lira à Igreja do Galo, do Museu de Lira Cascudo ao Termino Tavares Câmara Alecrim ao Termino que Museu Câmara Alecrim ao Termino Rodoviário da Cidade da Universidade de Lira Cascudo. Só você poderia ir de ônibus. Se deixaria de fruir as delícias da paisagem, que teria de ceder um pouco do seu espaço ao desconforto. E o que é pior: perderia tempo, e talvez um negócio importante. Então, vá de Monza. Com ou sem motorista, com ou sem ar condicionado — seguramente, com roteiros turísticos e toda a assistência indispensável para sua comodidade, prazer e necessidade comercial. Alugue um carro, de qualquer marca e para todos os gostos. Sem maiores despesas e sem nenhuma preocupação, a não ser a de viver Natal. Vá de Auto Locadora Dudu.

AUTO LOCADORA
DUDU

Av. Rio Branco, 420 — Tel.: 222-4144 — Cidade Alta — Natal-RN



Café à sombra do ficus

COMPORTAMENTO II

A prosa é a tradição na calçada do Café São Luiz

Aos olhos de um estranho, os nove nomes inscritos a canivete no pé de ficus defronte ao Café São Luiz, talvez nada representem. Mas para um **habitué**, são nomes significativos. São eles: Meroveu, Sinésio, Raimundo, Eugênio, Pedro, Neles, Juvino, Luciano e Amon. Foi há pouco mais de 10 anos que um grupo de frequentadores dos mais assíduos do Café São Luiz teve a idéia de registrar seus nomes naquela árvore, como forma de distinguir-se dos demais grupos, bem numerosos, aliás, que faziam ponto nesse Café. De fato, esses nomes são familiares não só aos frequentadores dali, mas também a muitas pessoas que residam há mais de dez anos em Natal. Basta acrescentar-lhes sobrenome. Por exemplo: Meroveu Dantas, Raimundo Batista, Eugênio Neto, Neles Pinheiro, Juvino Falácio, Amon Melo... comerciantes, advogados, jornalistas, juizes, enfim, profissionais liberais e funcionários

públicos bastante conhecidos em Natal. Alguns deles ainda repetem o gesto diário de ir até à calçada do Café São Luiz "para saber das novidades", "tomar um cafezinho", "falar de política", "ouvir uma anedota, ou contá-la".

O jornalista Eugênio Neto lembra um fato pitoresco acerca da inscrição no ficus que deita sombra na calçada do Café. Observa que, junto ao seu nome, fora acrescentada uma cruz, indicativa de falecimento. E explica. Em 5 de abril de 1984, completaria 50 anos de idade, data que lhe parecia premonitória de sua morte. Tanta era a certeza de morrer naquele dia (seu pai falecera também aos 50 anos) que despediu-se, na véspera, dos amigos do Café, certo de não torná-los a ver. Dois dias depois, ao voltar ao São Luiz dirigiu-se até o ficus. O símbolo mortuário estava lá. Em vista, porém, de ter sobrevivido, resolveu riscá-lo. Não fazia mais sentido. Tudo

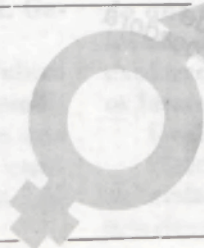
voltou à normalidade, exceto que amigos do grupo insistiam que ele deveria estar morto...

A exemplo dessa roda de **habitués**, muitas outras concentram-se e desfazem-se diariamente na calçada do São Luiz, local privilegiado de muitas pessoas que buscam, em horários diversos, um momento de lazer e descontração, enquanto tomam um cafezinho, fumam um cigarro ou, simplesmente, escutam as novidades, muitas das quais nascem «espontaneamente» no próprio Café.

«UNIVERSIDADE POPULAR» — Para o **habitué** Meroveu Dantas, juiz aposentado e veterano incontestado da calçada do São Luiz, esse local é uma verdadeira "Universidade, porque aqui se conversa sobre tudo e se sabe de tudo". Trata-se, segundo acentua, de uma universidade popular, diferente das tradicionais, portanto, vez que é frequentada pelas mais diversas camadas sociais. Outra coisa: é uma universidade totalmente democrática: cada grupo debate sobre o assunto que quiser, sem que ninguém interfira nas escolhas dos temas. Afora isso, Meroveu Dantas chama a atenção para um fato curioso: a calçada do Café São Luiz é pródiga de imaginação, sobretudo quando se trata de divulgar meias-verdades ou puros boatos, que ganham repentinos foros de verdade, pela simples razão de nascerem ali. É que, por paradoxal que pareça, a «universidade popular» de Natal é uma instituição que goza de ampla credibilidade, desde os anos 50, quando nascia na esquina das ruas Ulisses Caldas e Princesa Isabel.

Desde então, seu prestígio só fez aumentar, tornando-se sinônimo de urbanidade só comparável à dos grandes centros demográficos do País. Onde encontrar em Natal, numa mesma calçada, grupos de políticos, de esportistas, de intelectuais, ou de tudo isso junto, ou ainda de simples curiosos, de piadistas, de pessoas circunspectas que debatem a hecatombe nuclear e o futuro Governo do País, ou simplesmente espalham supostas verdades, refazem ve-

Não existe sexo frágil.



Você já chamou o seu marido para uma esticada no Tahiti? Se ainda não, experimente. É o tipo do convite que nenhum homem resiste.

Para o Tahiti não existe esse negócio de sexo frágil: tudo forte, lindo e maravilhoso.

MOTEL TAHITI

O paraíso é aqui.

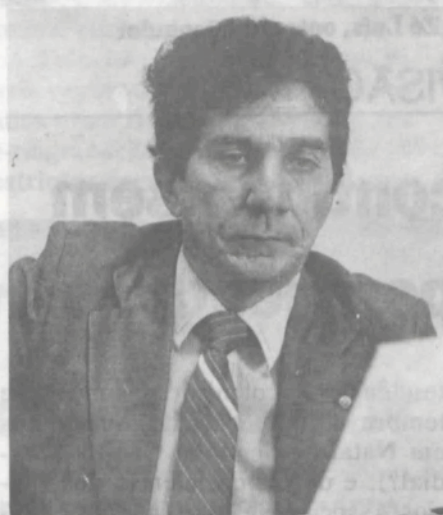
lhos boatos ou lembram histórias de antigamente? Eis aqui um retrato sem retoques do Café São Luiz, onde é possível encontrar-se simultaneamente o prefeito municipal, o poeta Luiz Rabelo, o contista Otacílio Cardoso, o Deputado Jeová Alves, o jornalista Zé Luiz, afora a população flutuante de curiosos, velhos conhecidos e alguns «penetras».

Na roda dos intelectuais, Jarbas Martins, poeta; Franklin Jorge, crítico literário e Racine Santos, teatrólogo. Os assuntos literários são muitas vezes substituídos por amenidades, o que em nada desmerece o valor dessas conversas. É comum, porém, que em ciclos mais populares, estejam sendo debatidas questões urgentes sobre o futuro do País, enquanto o petista Osório Almeida tenta vender o mais novo exemplar do seu jornal alternativo «Rangal». São as ocorrências diárias, embora aparentemente paradoxais, do urbano São Luiz. E todas essas rodas, tão diversas entre si, convivem em plena harmonia. Ou conviviam.

É que, para um **habitué** veterano como Otacílio Cardoso, contista premiado e colecionador de revistas e jornais antigos, o Café São Luiz apresenta graves sinais de crise, que podem antecipar a sua decadência. Mas, otimista, ele observa que apesar de tudo, o São Luiz continua sendo único. "Isso aqui faz bem à saúde", diz, "porque aqui se ouve uma



Osório Almeida, um habitué



Paulo Macedo: na lista mal recebida

piada, se ri e se relaxa". Mas segundo o escritor, estão faltando os velhos amigos no São Luiz. E isso o entristece. Confessa que, embora ainda costume ir no horário da tarde à calçada do Café, quase sempre se decepciona, pois raramente encontra um amigo, em meio às muitas caras novas que fervilham por lá.

Eugênio Neto chega a admitir que algo vai mal com o velho São Luiz, pois no seu entender, muita gente deixou de frequentá-lo, afastado pelos «penetras». Destaca também que, até bem pouco tempo, havia no Café uma verdadeira confraria de amigos, fraternais e constantes. Hoje, observa que há muitos grupos heterogêneos, o que facilmente provoca o acirramento dos ânimos entre os frequentadores. Para o popular José Matias, uma das causas da decadência, é a má qualidade do Café que ali se serve, fato que leva muitas pessoas a buscarem outras cafeterias que estão proliferando no Centro, mais modernas e mais competitivas.

OS PIORES DO ANO» — Com ou sem decadência, o Café São Luiz continua um local marcadamente irreverente, buliçoso e crítico, mas profundamente divertido para muita gente. Sobretudo quando da aproximação do fim do ano. É que nessas ocasiões, os grupos mais tradicionais se municiam para elaborar a «lista dos piores do ano», uma espécie de «lista negra» das personalidades norte-riograndenses em diversos setores em que se tenham destacado. Assim é que um Diógenes da Cunha Lima, um Ney Lopes de Souza, um Vicente Serejo, um Augusto Severo Neto, uma Zila Mamede, um Paulo Macedo e tantas outras personalidades eminentes da vida intelectual, artística e social do mundo natalense passam a encabeçar a «lista dos piores», lista esta, todavia, que não extrapola os círculos de amigos chegados, apesar de alguns já haverem tentado publicá-la em veículos da imprensa natalense, sem sucesso. Tudo, porém, é apenas uma brincadeira, um ato de irreverência inofensiva, segundo alguns dos colaboradores da lista, e serve tão-somente para divertir e desafiar a imaginação dos seus criadores com respeito às realizações dos contemplados de cada ano. Outros, vêem a «lista dos piores do ano» como uma forma «diferente» de «homenagear» aqueles pessoas que ocupam efetivamente postos de destaque na sociedade local.

VOCÊ JÁ FOI AO TERMAS?



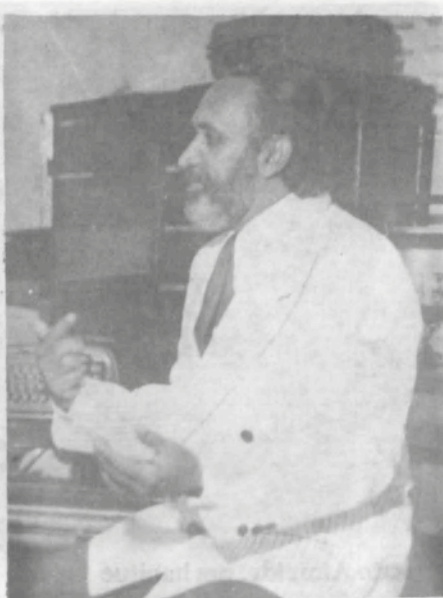
Você já foi a Mossoró? Então vá. E desfrute uma das melhores atrações turísticas da chamada Capital do Oeste: o Hotel Termas. São dez piscinas térmicas em cascata, com água de fonte hidromineral; 54 apartamentos e quatro suites acarpetadas, mais: TV, telefone, frigobar, ar condicionado, música ambiente, cozinha e restaurante de classe Internacional. E também duas quadras de tênis, futebol de salão, vôlei, ringue de patinação e um campo gramado.

HOTEL TERMAS DE MOSSORÓ H ★★★

Av. Lauro Monte, 2001 — Tel.: (084) 321-1200 — Mossoró-RN.



Mas se outros cafés começam a ameaçar a hegemonia do São Luiz, se a qualidade do café que ali se serve já não é «ímpar» e «inigualável», como antigamente, se os «penetras» estão invadindo sua calçada, como reclamam velhos freqüentadores, se sua decadência começa a se materializar na soma desses sintomas, ainda é cedo para se dizer. O que é certo é que o Café São Luiz é uma instituição popular, ou melhor, uma «universidade popular», que ainda serve de local de encontro dos mais aprazíveis para dezenas de natalenses de todas as classes, que ali têm algumas horas de descontração, bom-humor e puro divertimento, indiferentes às crises da moda, antes fazendo chacota delas, apesar de tudo. (NELSON PATRIOTA).



□ Zé Luís, outro freqüentador

TELEVISÃO

O natalense continua sem opções nem perspectivas

A padronização dos costumes e conseqüente descaracterização das mais diversas e longínquas regiões deste País, causados pela influência dos meios de comunicação de massa e em especial da televisão — e, porque não citar, da toda-poderosa TV-Globo — tem sido motivo de incontáveis estudos, debates e teses de mestrado. Mas esse fato incontestável não é motivo de esquecimento do assunto, principalmente no caso do Rio Grande do Norte, e de Natal como capital potiguar, onde o massacre cultural se dá não só pela invasão da televisão, de um modo geral, mas da Globo de uma maneira única e particular. Não há argumentos ou gestões que se faça para diversificar as opções nesse campo, porque as barreiras têm se tornado intransponíveis e a falta de apoio do Governo, seja na esfera estadual ou municipal, tem somado pontos para a continuidade do monopólio global. E o que se vê pelas calçadas são «pastoradores» de carro dançando «break», moda padronizada, independente até das diferenças climáticas e tantos outros novos costumes imitados grotescamente do que se vê no chamado sul maravilha, via TV-Globo.

Em termos culturais, o Rio Grande do Norte tem demonstrado uma certa

tendência à colonização (quem se lembra da influência de americanos em Natal na Segunda Guerra Mundial?), e depois da falência dos Diários Associados e conseqüente extinção da TV-Tupi, a Globo aqui se instalou e se deu bem. Sem nenhuma outra concorrente e beneficiada com a existência de uma trôpega TV-Educativa (a TV-Universitária, que tropeça em sérias dificuldades financeiras), a Globo desfranchou e, como no

resto do Brasil, aqui lançou seus modismos e refez os hábitos, inclusive nos lugares mais escondidos deste Estado. Com uma programação calçada nas novelas, apresentando umas quatro diariamente, a televisão do Sr. Roberto Marinho não traz muitas opções e nada diz à cultura de nosso povo. Mesmo assim, ela impera, revoltando parte da população.

Lojista encarregado pela instalação de um novo canal de televisão em Natal, de preferência a Bandeirantes, o Sr. Luís Cavalcanti, escolhido pelo CDL, se empenhou seriamente no assunto, até porque ele sente-se envergonhado porque em Natal, «uma capital», a população é servida apenas por um canal de televisão, enquanto que cidades do interior da Paraíba (tomando apenas como um exemplo) recebem imagens de mais de um canal. E, por essa situação daqui, ele culpa os Governos Estadual e Municipal que, de última hora, retiraram o apoio prometido, que era Cr\$ 30 milhões em publicidade.

Luís Cavalcanti, proprietário da «Casa das Máquinas», conta que foi combinado que os lojistas dariam Cr\$ 10 milhões em publicidade e ele chegou a conseguir todo material para a instalação da torre, cabendo ao Governador os Cr\$ 30 milhões, que de última hora foram negados. A TV-Manchete, cuja direção já está formada e alguns convites haviam sido feitos a profissionais daqui, também ainda não deu o ar de sua graça. Comentou Luís Cavalcanti que, quando estava para entrar no ar, a Globo solicitou ao Dentel o canal que



Luís Cavalcanti: promeças

seria da Manchete para melhorar a sua imagem em Ponta Negra.

POTIGUAR — Além dessas gestões frustradas, havia a promessa de concessão de um canal novo para Natal, disputados pelos grupos da TV-Potiguar, de Tarçísio Maia, e TV-Ponta Negra, de Luís Maria Alves (e outros sócios, como Vicente Serejo e funcionários do jornal «Diário de Natal»). Esses dois projetos foram apresentados ao Dentel em fevereiro passado, que fez sua avaliação técnica, elaborou um parecer e enviou ao Presidente da República, a quem cabe a decisão final.

Ninguém sabe se os projetos foram devolvidos ao Dentel ou continuam na gaveta do Presidente João Figueiredo que, nessas alturas, deve estar mais preocupado com os rumos que poderão tomar seu partido nessa tumultuada questão presidencial, do que em definir quem sairá ganhando na disputa pelo canal de televisão co-



Jânio Vidal: dificuldades

mercial em Natal.

A Televisão Universitária, que poderia ser uma alternativa para os cansados olhos dos telespectadores norte-riograndenses, está sofrendo as restrições impostas pelo atual siste-

ma econômico, e nada mais é do que um reflexo da crise que atravessa a Universidade, a qual está vinculada. E Jânio Vidal, seu diretor geral, reconhece isso e se diz impotente para resolver tais problemas, embora não fique de mãos cruzadas, tentando de uma forma ou de outra conseguir recursos para dar uma injeção na mal falada TV-U. Ele conta que tem feito reuniões com os funcionários, para discutir o perfil da TV, seus objetivos e dificuldades para, daí, preparar um diagnóstico, que será submetido ao Reitor da UFRN, ao Governador e aos demais órgãos que podem solucionar os problemas.

“A crise da TV-U é institucional. O País atravessa uma fase de transição, em que todas as instituições, o próprio modelo econômico estão sendo questionados. Se isso tem reflexo na Universidade, imagine nas partículas que fazem essa Universidade. A própria Universidade está encontrando dificuldades em resistir”. E, reco-

Especial de TV critica as mudanças de costume no RN

Com poucos e precários equipamentos e muita disposição e dinheiro do próprio bolso, os jornalistas Manoel Barbosa e Rosemilton Silva acabaram de produzir um programa para posterior comercialização sobre a televisão comercial, dando um enfoque crítico às modificações nos costumes do Rio Grande do Norte, provocados pela informação eletrônica. Ou seja, a televisão mais especificamente.

A idéia de produzir programas para a televisão, juntando a experiência de Rosemilton em cinema, e a de Manoel Barbosa no Canal 2 de Recife (hoje Bandeirantes), surgiu há algum tempo, e há mais de um ano foi feita uma proposta a Jânio Vidal, diretor da TV-U, para produção de especiais e, em troca, os produtores ficavam com a cópia, que poderia ser comercializada, também em canal comercial, dependendo do interesse.

O trabalho foi iniciado e, durante um ano, foram visitados alguns municípios do interior do Estado, com depoimentos de pessoas, de

grupos folclóricos, como o «Araruna», sendo feita, inclusive, uma comparação entre uma festa num clube do bairro das Quintas e a apresentação de um grupo folclórico, nas Rocas. Manoel Barbosa contou que, nessas tomadas, o que impressionou foi a destreza com que os meninos das Quintas dançavam rock e a tristeza com que, em outro bairro, pessoas da mesma faixa de idade dançavam folclore. Foi feito trabalho também em cima de dados estatísticos, mostrando que, em bairros extremamente pobres como Bom Pastor, Carrasco e Quintas, de quatro casas, pelo menos uma tinha televisão, mesmo as mais humildes. No Vale do Ceará-Mirim, por exemplo, foi focado o tipo de vida de alguns agricultores, que têm terra, água e eletricidade e, comodamente, nada fazem para melhorar o padrão de sobrevivência, vivendo no falso sonho de que tudo está bem. À noite, “nada melhor do que a imagem da TV”.

Nesse trabalho, eles tentam

mostrar a desvalorização das coisas da terra, com narração da jornalista Vânia Marinho e uma hora de duração. Manoel Barbosa diz que a qualidade técnica não é das melhores, pela falta de recursos e precariedade dos equipamentos: “A qualidade está comprometida, porque eu pretendia comprar fitas de vídeo, mas não conseguindo, fiz mesmo com fita usada. Mas a minha intenção era mostrar o que a nossa produtora pode fazer, para daí partir para novos trabalhos”.

“As pessoas estão sendo dominadas e não sentem o domínio, mesmo os esclarecidos”, afirma Barbosa que, questionado também sobre as opções da única TV comercial de que dispomos, diz que o especial que acabou de produzir é também uma tentativa de reagir, para ver se conseguimos um veículo local.

O natalense, diz Barbosa, tem obsessão por modismos e imita todos os hábitos do Sul, mas ele não acredita que o monopólio da Globo vá durar muito. Ele acha que a Globo está cercada, embora reconheça que, para entrar outro canal aqui, vai ser difícil, uma vez que o problema do domínio é basicamente econômico “e a Globo chegou aqui, num Estado pobre, encontrou espaço e ocupou esse espaço”.

nhecendo as deficiências da televisão que dirige, Jânio esclarece que não se deixa intimidar pelas críticas à programação porque, se há má qualidade, raciocina, é consequência da má qualidade técnica (lembrar a péssima qualidade e impossibilidade de aquisição de novos equipamentos), e não de conteúdo: "Os assuntos e idéias trazidos pela TV-U superam em muito as deficiências puramente estético-visuais".

Com uma programação voltada quase que exclusivamente para a Teleeducação — e são esses programas que carregam a maior parte dos recursos — a TV-U, o único canal de televisão de Natal, diz Jânio, não pode fazer uma programação sem abrir espaço para as mais diversas correntes, de religiosas ou culturais: "Não podemos desconhecer a realidade". Ele cita os programas que faz com estudantes, com o profissional liberal ou envolvendo os bairros de Natal e frisa que "é preferível isso do que um programa bonito e bem elaborado de

outras emissoras, que nada dizem de nossa realidade".

O jornalismo na TV-U é também uma tentativa de se fazer uma programação local, mesmo enfrentando as dificuldades. Mas essa atividade é prejudicada pela falta de equipamentos, e não de pessoal. Falta pessoal em alguns setores, enquanto noutros há uma superpopulação. O que acontece, informa ele, é que o corpo de servidores vai ascendendo profissionalmente à medida que os anos vão passando, e não foi dada cobertura para as vagas que iam surgindo, principalmente quanto ao pessoal de base.

Para dar uma idéia das dificuldades financeiras que enfrenta o Canal-5, Jânio Vidal informa que foi liberada, este ano, uma verba de Cr\$ 98 milhões para produção de programas durante todo o ano, "e apenas um quadro de Chico Anísio custa Cr\$ 30 milhões". Com essa verba, explica, foram feitos mais de 30 programas (CIONE CRUZ). □

LEIS

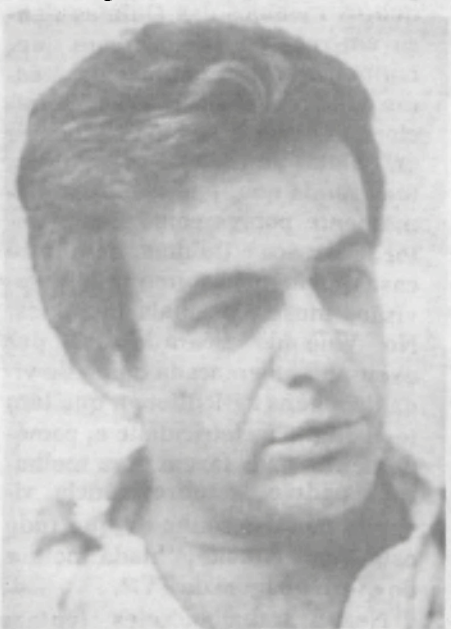
Empresário vê mais ganho que perda no novo mínimo

De um lado, a esperança de que o aumento do salário-mínimo represente um acréscimo nas vendas para o comércio, ainda convalescente de uma prolongada crise que afetou o setor; do outro, a constatação de que o novo mínimo sobrecarregará as folhas de pagamento das empresas, onerando ainda mais o custo das atividades industrial e comercial do Estado. É no centro dessa situação-limite que vivem os empresários do Rio Grande do Norte após a decretação do novo salário-mínimo — Cr\$ 166 mil — pelo Governo Federal, desde o dia 1.º de novembro.

Um paradoxo bem definido pelo presidente da Federação das Indústrias, Fernando Bezerra — "é baixo para quem ganha, e alto para quem paga" — que vê no conflito a repetição de um círculo vicioso instalado na vida econômica do País em decorrência da política implementada pelo Governo Federal para o setor. "Todos os empresários reconhecem que o salário-mínimo é baixo e não chega a satisfazer todas as necessidades do trabalhador, diminuindo o seu poder

de compra e atuando como elemento realimentador da recessão", pondera o presidente da Fiern.

Embora ressaltando o ônus acrescido às empresas, Fernando considera que há uma necessidade urgente de reposição do poder de compra



Fernando Bezerra: conflito

UMA QUESTÃO DE BOM SENSO



O slogan "pensou em construir, pensou na Saci", já está tão difundido e acreditado no Rio Grande do Norte que são raras as pessoas que constroem ou reformam suas casas e não compram o material na Saci — Material de Construção Ltda., ou mesmo vão até a loja pedir informações sobre produtos e detalhes técnicos. É, primeiramente, uma questão de bom senso. A empresa já é uma tradição de mais de vinte anos, vendendo bons produtos ao norte-riograndense, comercializando as grandes marcas. Depois, são os bons preços e os convidativos planos de pagamento. Engenheiros, arquitetos, investidores do setor e até mesmo donas-de-casa "na hora de construir, pensam na Saci". E, se você vai construir, pense também na Saci.



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

da população sob pena de perdurarem os males provocados pela recessão. E exemplifica tal premência citando o caso do setor da construção civil do Rio Grande do Norte, presa de uma situação de dependência quase absoluta ao programa do Banco Nacional da Habitação: "Neste caso, o aumento do salário-mínimo não atrapalha. É preciso um mais alto poder aquisitivo para que os mutuários, por exemplo, paguem as suas prestações em dia e ensejem uma expansão do programa habitacional".

O GRANDE PROBLEMA — Assim, no juízo do dirigente classista, o reajuste do salário-mínimo constitui mal necessário e não chega mesmo a representar o grande inimigo da construção civil. Este atende por outro nome e foi gerado nos laboratórios onde os alquimistas governamentais engendram as fórmulas que conduziram o País à recessão presente. "O principal problema enfrentado pelos empresários continua sendo a elevação nas taxas de juros, não o salário-mínimo", revela Fernando Bezerra. Para ele, este tem sido o grande obstáculo ao processo de reaquecimento da economia do País. Mesmo assim, no caso do Rio Grande do Norte, o empresário identifica sinais positivos no setor industrial têxtil.

"Já há sinais de recuperação na indústria têxtil. E talvez a partir do novo Governo, com o estabelecimento de novas diretrizes econômicas, esses sinais se multipliquem e comece realmente o processo de reaquecimento da nossa economia", espera o empresário. No setor da construção civil, a regra é a mesma: esperar, confiando que as modificações introduzidas no Sistema Financeiro da Habitação continuem gerando reflexos satisfatórios.

"No caso do BNH, percebe-se que o bônus tem ajudado na absorção das unidades produzidas. Se isso continuar, haverá necessidade de construção de mais unidades porque em dois anos o atual estoque estará superado", analisa Fernando. Como superada está a nova lei salarial, que delimita em 100% do INPC os reajustes semestrais para as faixas salariais de um a três salários-mínimos, e em 80% do índice para as demais faixas: "Os empresários do Sul já superaram a lei, ultrapassando os seus valores", diz Fernando, referindo-se às conquistadas dos metalúrgicos paulistas.

REAÇÃO MÍNIMA — Uma reali-



Vendas para o Natal crescem

dade que levará muito tempo para ser introduzida no Rio Grande do Norte, se depender, por exemplo, da situação do comércio, talvez o setor mais atingido pelas dificuldades econômicas que grassam no País. Embora os últimos meses do ano sejam pródigos no incremento das vendas, os índices de reaquecimento não são ainda tão vigorosos quanto desejariam os empresários. Para o presidente da Associação Comercial do Rio Grande do Norte, Ronald Gurgel, o crescimento

das vendas e uma realidade, ainda que aquém das expectativas.

"Com a proximidade do final do ano, as vendas vêm realmente crescendo. Mas esperamos que até lá esse crescimento seja ainda maior", diz Ronald. O crescimento, segundo o presidente da Associação Comercial, reflete a maior disponibilidade de dinheiro para o consumidor, principalmente em função do aumento do salário-mínimo: "Quando a situação do consumidor melhora, há um aumento do consumo e o dinheiro reverte sempre em mais compras. Sempre foi assim".

Esse é o lado positivo no aumento dos salários. Mas, como no caso do setor industrial, as empresas comerciais também têm os seus custos aumentados, principalmente porque o grande contingente dos empregados na atividade comercial ganham salário-mínimo. Mesmo assim, Ronald Gurgel considera que a lei salarial deveria ser ainda mais abrangente, concedendo reajustes segundo o índice integral do INPC para todas as faixas.

"A nova lei atende as necessidades atuais do País, em função da situação econômica conjuntural. Mas eu acho que o reajuste deveria ser integral em todos os níveis. Reconheço, porém, que a crise não permite", conclui. □

MÚSICA

Uma atividade das horas vagas e pouco rentáveis

Música, aqui no Rio Grande do Norte, não é uma ocupação ou profissão. Para uns, é uma abstração, e mesmo uma atividade das horas vagas. Há aqueles que intercalam todos os momentos de sua vida com a música, mesmo que exercendo atividades diversas e não tenham pretensão de viver (ou sobreviver) da atividade musical. Marcelo Mariz, estudando violão na Escola de Música da UFRN e trabalhando com publicidade no setor de arte da «Dumbo», já tem uma música gravada por Sivuca — «Festa do Caju» — e tem na gaveta uma série de composições, conhecidas apenas de um círculo fechado de Natal, que costuma frequentar os **shows** de artistas da terra.

Apesar de se tratar de uma terra que tem artistas em profusão, o Rio Grande do Norte não oferece oportu-

nidades de profissionalização, de sucesso aos seus filhos, que são engolidos pelo monopólio das grandes capitais brasileiras e, no caso específico da música, pelo interesse estritamente comercial das gravadoras — em sua maioria, multinacionais. As barreiras impostas pela pobreza da economia potiguar, e, conseqüentemente, do povo, pela intransigência das gravadoras e até pela distância geográfica entre Natal e cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, faz com que a veia musical de nossos artistas não chegue aos ouvidos de um público mais amplo, ou mesmo tenha uma oportunidade como esta de Marcelo Mariz.

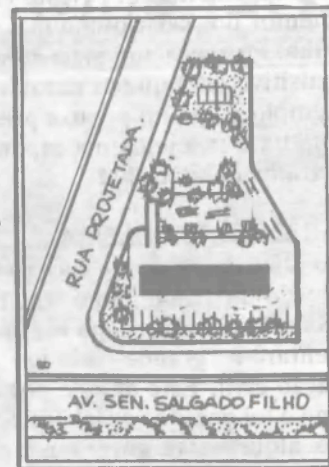
Essa porém, não é a preocupação principal de Marcelo, que mostrou seu trabalho a Sivuca, um dos músicos mais respeitados do Brasil (que

VENHA PARA ONDE VEM A CIDADE



- * Junto ao Centro Administrativo
- * Tem quadra poliesportiva
- * Sem poupança
- * Sem entrada

ED. JACUMÃ



Uma planta funcional para dois quartos e sala, na medida certa de espaço e localização onde viver bem.

Na Avenida Salgado Filho, onde começa a bater o novo coração da cidade.

VENDAS: IMOBILIÁRIA SANTOS

Av. Deodoro, 480 — TEL.: 222-2802

DOMUS IMOBILIARIA COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.

Av. Hermes da Fonseca, 1044 — Tel.: 222-0181



O prédio compõe um complexo arquitetônico de quinze andares, cuja beleza domina toda a área urbana de Lagoa Nova.

ele diz ser seu amigo pessoal), e este escolheu uma música («Festa do Ca-ju»), de parceria com Sando (ex-integrante do grupo Quinteto Violado), para integrar seu LP mais novo. Até certo ponto, essa gravação empolgou Marcelo, mas ele confessa que não tem ilusões com a música, considerada a segunda atividade de sua vida: “Se eu fosse viver de música, morreria de fome”, afirma, lembrando que seu trabalho é com a publicidade, onde faz parceria de criação com o poeta Ney Leandro de Castro, que é também um de seus parceiros musicais.

Ele não descarta a grande importância da música em sua vida, mas não vê como uma atividade prioritária, muito mais pela falta de condições ou oportunidades aqui ofereci-

mais dois irmãos (Marcílio, que toca sax, e Marconi, flauta transversal) e mais dois percussionais, Carlinhos (fotógrafo do «Diário de Natal») e Antoniel. Com esses amigos, ele procura fazer um trabalho junto às escolas, às comunidades de bairro, que ele considera mais importantes do que se apresentar no Teatro Alberto Maranhão, por exemplo. “Eu acho que a minha música é melhor absorvida nos bairros”, diz. Além do que, conta ele, o músico natalense enfrenta uma grande barra para apresentar seus trabalhos, pois tem os problemas com direitos autorais, pagamento da pauta, do som e a montagem de um **show** fica inviável para se bancar sozinho, pois os órgãos de apoio à cultura não se manifestam quando solicitados.

Seria um LP independente. Ele acha que sua idéia é viável, principalmente porque “há uma disposição muito grande de se divulgar as coisas da terra”. Nesse caso ele cita o exemplo da Prefeitura, Bandern e Motel Tahiti, “sem querer fazer propaganda disso”, brinca ele.

Deixando um pouco de lado o regionalismo, que tem caracterizado os compositores nordestinos nos últimos anos, Marcelo Mariz faz uma análise de seu trabalho e diz que “está mais para o jazz”, uma música mais instrumental, embora não tenha se desligado das composições.

FÁBIO E O XOTE — Falta de apoio e desinteresse do público, são dificuldades comuns aos músicos natalenses, e Fábio Fernandes, um músico de apenas 21 anos que já tem dois xotes gravados pelo Projeto Memória (UFRN) também as enfrenta. Músico que não foge à regra e tem uma parceria mais constante (Romildo), Fábio faz parte de uma família musical, que consta de Ana e Abdon Fernandes, com quem está preparando um **show** para fechar o projeto «Noites Potigüares», do Alberto Maranhão, dia 29 de janeiro do próximo ano.

Sem nunca ter promovido um trabalho individual, sempre se apresentando com amigos, Fábio acha que não vale a pena bancar um **show**, pois invariavelmente ocorre o prejuízo, e ele lamenta que isso aconteça porque, na sua opinião, um compositor potiguar se revela mais quando promove uma apresentação, que tem se tornado impossível pela total falta de apoio. Além disso, o público é insignificante. Esse problema, argumenta, é consequência da desorganização de muitos músicos que, quando mostram seus trabalhos sem a mínima estrutura, fazem com que os outros artistas da terra também fiquem descreditados. E isso é mal. Mesmo assim, ele se mostra empolgado com o «Noites Potigüares», para o qual já está ensaiando nos finais de semana e pretende fazer um trabalho diferente. “Eu ouvi falar que o melhor grupo que se apresentar, será escolhido para uma apresentação na Sala Funarte, no Rio”, confessa.

Fábio Fernandes tem dois xotes «O Que é Que o Xote Tem» e «Xote na Ribanceira», gravados pelo Projeto Memória, da UFRN, na voz de Lucinha Lira e Emanuel. Mas esse fato na sua carreira musical não o empolga muito, porque esses discos quase



Marcelo: junto à comunidade

das. Ir ou não ir aos grandes centros e procurar mostrar um trabalho que é tão importante, não é muito necessário, diz Marcelo, citando o seu caso pessoal: não precisou ir até o Rio, por exemplo, para ter uma música gravada por um artista, reconhecidamente, do melhor naipe. Como a maioria de nossos músicos, ele também quer oportunidade, e cita o caso do Janela para o Pixinguinha, há um ano, que apontou agora o músico Pedro Inácio Filho para se apresentar na Sala Funarte, no Pixingão — “na época eu não participei do Janela porque estava doente”.

Sempre em parceria com Sando, mas diversificando também com Ney Leandro e Celso da Silveira, por exemplo, Marcelo Mariz continua compondo e participa de um grupo — «Cor Local» — formado com

E por falar em direitos autorais, Marcelo conta em tom sarcástico que, uma vez, Sando quis fazer um **show** e desistiu diante das dificuldades, quando foi exigido até que ele pagasse direitos autorais pela execução de músicas de Bethoven e Chopin.

PLANOS DE UM DISCO — Com alguns **shows** coletivos, o trabalho com a «Cor Local» e as composições que continua fazendo, além de dois **jingles** já feitos, Marcelo agora quer partir para a gravação de um disco. Um LP com Carlinhos Moreno, Sando e Saliel. Não tem nenhuma gravadora em vista, mas ele considera esse projeto viável porque conta com o apoio do Estúdio «Tony Som» e está pensando em patrocinador, numa intenção de “divulgar o trabalho da gente, e não com a preocupação de vender”.

ninguém ouve. "Foi pouco divulgado".

Mas diz um ditado que "quem não tem cão, caça com gato". E os músicos natalenses, tentando driblar as dificuldades, estão procurando outras alternativas em termos de espaço para apresentar seus trabalhos, e os bares têm sido uma opção, embora muitos (ou a maioria) deles exijam que se cante músicas de compositores já conhecidos do grande público — como Caetano Veloso, Elba Ramalho, entre outros. Mas em meio a isso, o compositor da terra tenta mostrar uma ou outra música sua, que passa despercebida do público assistente.

Fazer um trabalho bem feito é a sua preocupação, afirma Fábio.

Ainda com pouca experiência — faz quatro anos que a música é sua principal atividade (faz inclusive o Curso de Música/Educação Artística, na UFRN) — Fábio compõe em vários ritmos, desde xotes, baiões, a frevo, marcha e até seresta. Ele também gostaria de ver sua música tocada nas rádios e cantada ou assoviada nas ruas, mas sabe das barreiras de conseguir gravação por um músico já reconhecido na MPB. Fábio acha, inclusive, que não "estão olhando Natal com olhos abertos, porque aqui há muitos bons compositores". □

COMÉRCIO

Tecnologia da brincadeira tem boa vendagem em Natal

Está chegando o período natalino, e com ele a expectativa da troca de presentes, da confraternização e todas as simbologias que tradicionalmente são usados em épocas de final de ano. A criançada — cujo desejo de ganhar presente é simbolizada através da figura de Papai Noel — também está em expectativa, e o comércio se agita, esperando que os índices

de venda aumentem um pouco mais. Usando uma frase já conhecida, há no entanto «algo de novo no front», e as crianças, para quem é dirigido o maior número de compras, já não querem mais «brinquedinhos» simples. Elas estão voltadas agora para a era da informática, e querem brincar com jogos eletrônicos e até mini-computadores.

Atingindo apenas uma pequena fatia privilegiada da população, os jogos eletrônicos são a grande pedida nas lojas, e não raro um filho classe média pede a seu pai, no aniversário ou para este Natal, um «Odyssey», «Atary», ou seja, os vídeo-games que viraram mania e hoje são conhecidos muito mais pela marca do que pelo produto. É bem verdade que o modismo chegou à Natal com um certo atraso, uma vez que nas principais capitais brasileiras o gosto da criançada está mais adiantado em termos técnicos.

Em Natal, poucas lojas vendem jogos eletrônicos e, até há bem pouco tempo, quem quisesse um jogo teria de se valer da viagem de algum amigo aos grandes centros para satisfazer essa vontade. Lojas como «J. Resende», «Ponto Quente» e «A Sertaneja» vendem os vídeo-games ao preço de Cr\$ 300 a 400 mil, dependendo da loja, e em «suaves prestações mensais». Além do jogo, eles vendem também os cartuchos (fitas), que ficam em torno de Cr\$ 39 a 50 mil.

Para algumas lojas revendedoras, os jogos eletrônicos se transformaram em bom negócio para quem produz e para quem vende, e a preferência é explicada por Joaquim Severiano Neto, da Ponto Quente, porque trata-se de um brinquedo "que serve para adulto e para criança". O gerente da J. Resende, sr. Francisco Ferreira Neto, também se diz satisfeito com a venda dos vídeo, cuja maior saída se dá com o Odyssey, e comenta que a tendência é aumentar neste final de ano. Ele informou ainda sobre o lançamento de um outro modelo, o super-game, ainda para este ano.

ALUGUEL É POUCO — «Brinquedo» adquirido exclusivamente pelas classes de elite, o vídeo-game criou um novo hábito, que também é seguido em Natal: o mercado de aluguel de fitas, o que para muitos é vantagem. Se você compra uma fita, fica com ela para o resto da vida; em compensação, o alto preço não permite a compra constante de outros cartuchos. A saída encontrada foi o aluguel.

Em Natal já há várias lojas de aluguel de fitas. No entanto, não é desse aluguel que vivem, por exemplo, a «Locavídeo» ou o «Canal Um», onde as fitas para vídeo-cassete têm sido o grande negócio. No caso da «Locavídeo», o aluguel de um cartucho de «Atari», o mais procurado, está por Cr\$ 1.500 cada 24 horas, mas quem

DENTERN

ED. "RÔMULO LEITE"

Artigos
odontológicos,
médicos e
farmacêuticos.
Representante
exclusivo
(Dabi-Atlante).



**DENTERN
LTDA.**

Rua Princesa Isabel, 751
Tel.: * 222-2272.



Vídeo-games: só para a garotada de alta classe

leva a melhor são os filmes (outra mania que chegou aos natalenses), que aluga uma fita por Cr\$ 2 mil/dia.

Diz Paulo Bruno, gerente da Locavídeo, que a média de aluguel de cartuchos de vídeo-games chega a 10 por dia e 15 nos finais de semana. Esse índice é bem menor no «Canal Um», de Domingos Peron. Lá o aluguel é mais barato, Cr\$ 1.000, mas a saída é pouca: cinco a cada dia, e às vezes nem isso, reconhece Eduardo de França Varela, funcionário da «Canal Um».

Como não poderia deixar de ser, todos os jogos são importados (as fitas, evidentemente, são cópias) e os mais procurados são «River Raid», «Sequest», «Mag Mania», «Soccer» (futebol) e «Snoopy». Na «Canal Um», existem vinte variedades de jo-

gos, embora haja uma infinidade que não são adquiridas pelas lojas locais, mais por uma questão comercial.

Para muitos, motivo de alegria, principalmente para as crianças, que se deslumbram com os jogos e têm a possibilidade de brincar com um amigo e «disputar uma partida», os jogos eletrônicos chegam a chatear uma grande parcela da população, principalmente aqueles que não têm paciência com o barulho irritante provocado pelo jogo. Há quem diga até que pode ser motivo de separação de casais, especialmente quando o marido deixa o divertimento a dois e se refugia na brincadeira eletrônica. O que pode ser um bom argumento para quem defende que a evolução da tecnologia pretende substituir o homem pela máquina. □

MUNICÍPIO

Sem dinheiro, Prefeitura de Natal vive em sufoco

Decorridos menos de 2 anos após a sua ascensão à Prefeitura de Natal, o economista Marcos Formiga tem buscado soluções alternativas para atender setores vitais como saúde e educação, tentando fazer frente à deficiência orçamentária que asfixia as administrações municipais em todo o País, comprimidas entre uma quantidade insuficiente de recursos para as necessidades básicas e a excessiva centralização de recursos na Capi-

tal Federal. O que obriga prefeitos de todos os quadrantes a “rodar o pires na mão a cada 1 mês ou 15 dias”, como reconhece, cansado, Marcos Formiga.

Com um crescimento de 6% ao ano e uma população atual de 520 mil habitantes, a capital potiguar amarga um índice de contribuição pequeno, num contexto sócio-econômico deficitário, onde 92% das famílias ganham até 3 salários mínimos, sendo que

dessas, 50% arrecadam mensalmente para o seu sustento apenas 1 mínimo. Com esse nível de contribuição, insuficiente e precária — que o prefeito julga inviolável e impossível de aumentar — Natal caracteriza-se conjuntamente como uma cidade do porte médio, com necessidades de serviços crescentes, como destaca Marcos César Formiga, para atender aspectos infra-estruturais como iluminação, limpeza, esgotos, etc.

SOLUÇÕES BARATAS — “Um corpo-a-corpo diário com os problemas”, em forma dos contribuintes que lotam — quando ele se encontra em Natal — o seu gabinete, é como o prefeito revela vir enfrentando a situação, numa procura inevitável de soluções rápidas e imediatas, mesmo instantâneas, que sanam temporariamente os problemas menores de cada comunidade. São os problemas encaminados pelas lideranças comunitárias que proliferam no Palácio Felipe Camarão e que dão conta de ruas esburacadas, praças visivelmente abandonadas e até cartas-emprego.

Quando os problemas atingem áreas vitais e de interesse geral — como a preservação das dunas ou mesmo a recente recuperação da estrutura básica do Castelão — carecem, segundo Formiga, de um arsenal de recursos capazes de fornecer, à administração, condições mínimas para a recuperação de áreas-problema reclamada pela população. Nesse aspecto, há pontos conflitantes, já que a boa manutenção da cidade exige retorno financeiro não assimilado pela maioria.

SISTEMA OBSOLETO — Profundamente dependente dos Governo Federal e Estadual, já que o município gera apenas 1/3 dos próprios recursos, o prefeito convive com “a limitação dos instrumentos legais para dar as mínimas condições” à administração, e cita como exemplos a deficiência da legislação que regula o funcionalismo municipal — a Prefeitura emprega 1% da população da capital — que atrela “a mecanismos obsoletos” o sistema de admissão e remuneração do pessoal.

Identificando aí o paradoxo entre a necessidade e as condições de realizar uma administração, Marcos Formiga garante, a exemplo de seus comandados responsáveis por setores da administração direta, que “um serviço só funciona bem quando é bem pago”, aludindo à carência tri-

butária com que convive a Prefeitura de Natal.

Na busca desenfreada por mais recursos, o «Moreninho» — como passou a ser chamado em vários bairros da periferia — reconhece que a “disponibilidade do cidadão é pequena”, insignificante até, diria um contribuinte agastado com a última declaração de imposto.

Queixando-se do sistema de redistribuição dos 2/3 que a União e o Estado destinam e aos quais o município faz jus, ele mostra os números da arrecadação do ICM no Estado, para o que Natal contribui com 45%, embora somente seja aquinhoada com 9% desse total, na divisão final do bolo.

Apresentando números que falam por si, o prefeito revela que, do orçamento recebido para esse ano, num total de Cr\$ 24 bilhões, Cr\$ 8 bilhões são oriundos de recursos do próprio município, enquanto os outros Cr\$ 16 bilhões “dependem da boa vontade da União”, que os repassa quase sempre defasados.

A CRIATIVIDADE, ÚLTIMO RECURSO — Se conviver com um simples orçamento doméstico provoca dores-de-cabeça em quem se arvora administrador do lar, mais difícil é cuidar de um orçamento «contadinho» para o funcionamento da máquina administrativa, e que já demonstra um déficit de Cr\$ 2 bilhões. “Sem nada para investir”, como o Prefeito mesmo diz, a saída é mobilizar recursos extra-orçamentários em Brasília



Proden, atendendo crianças

(leia-se pires na mão) para programas básicos como o projeto «Em Casa Também se Aprende a Ler», que planeja atender no próximo ano, 31 mil alunos na idade pré-escolar, programa focado com Cr\$ 400 milhões ao ano. Na rede normal, o gasto anual chega aos Cr\$ 12 bilhões.

O «Programa de Assistência Dentária à Criança» — PRODEN, segue a mesma linha substitutiva de soluções mais caras, caso do ônibus a gás — experiência que barateia a passagem de transporte coletivo — e do programa do Hamburger, que já abastece

a cidade em larga escala, através de postos do Frigonorte.

Apregoando a necessária participação da comunidade no somatório de esforços para soluções de problemas, Marcos Formiga incentiva a mobilização freqüente como forma até de uma cobrança mais respaldada junto ao Governo Federal. Para ele, o próximo Governo terá que fazer uma reforma tributária que redefina o papel institucional dos municípios, sob pena deles, e também da cálida «Nossa Cidade Natal» do anúncio, tornar-se insuportável enquanto aglomerado urbano. □

NOVO ENDEREÇO

O Serviço de Atendimento ao Assinante de RN/ECONÔMICO existe para atendê-lo. Utilize-o para comunicar mudanças de endereço, eventuais atrasos na entrega, renovação de assinatura, etc. Entre em contato com RN/ECONÔMICO pelos telefones 222-4722 ou 222-8517. Envie correspondência para Rua São Tomé, 421,

Centro. Natal-RN. Serviço de Atendimento ao Assinante.



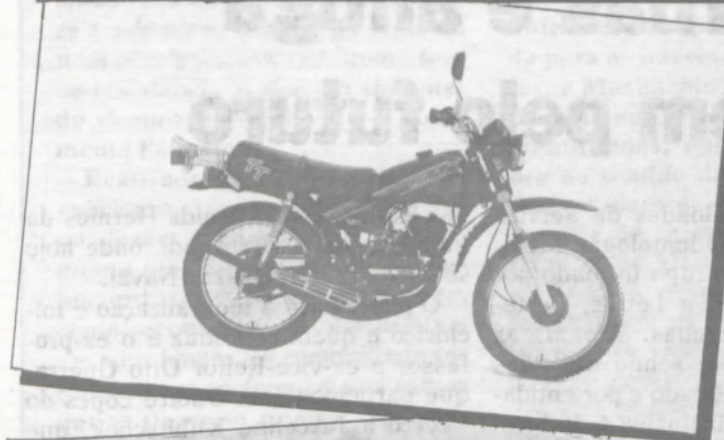
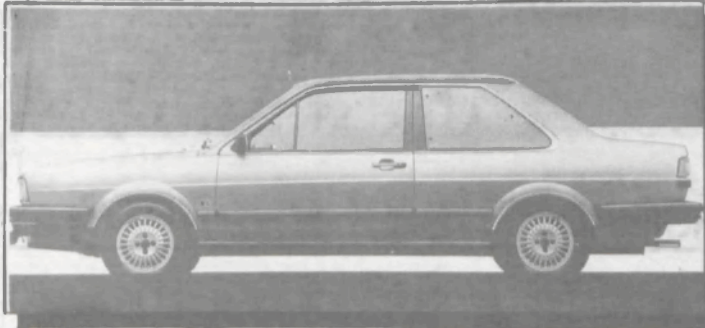
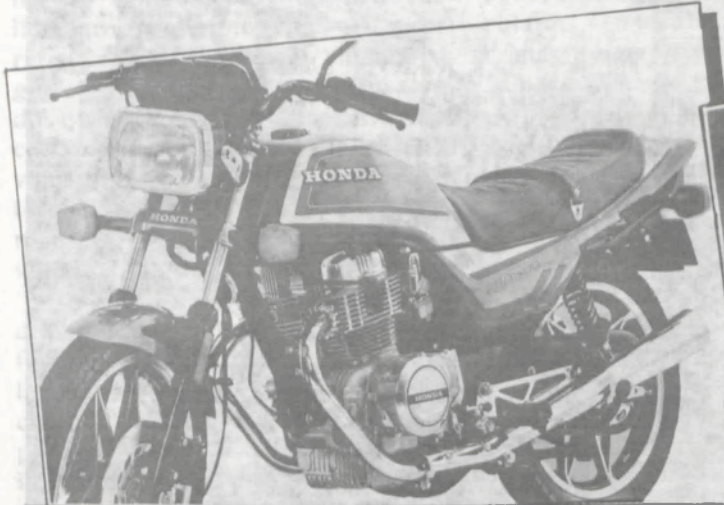
Endereço Anterior: _____
Bairro: _____ CEP: _____
Cidade: _____
Estado: _____

Caro assinante: Se você mudou de endereço, envie-nos este cupom comunicando o seu novo domicílio, para RN/ECONÔMICO

Novo Endereço: _____
Bairro: _____
Cidade: _____
Estado: _____

Os exemplares chegarão em seu endereço após o dia 30 de cada mês.

A CHAVE DO TESOURO ESTÁ NO ELDORADO, O CONSÓRCIO NATALENSE.



O Consórcio Eldorado é o caminho que leva você do sonho à realidade do carro novo ou usado, de todas as marcas. Motos também. A álcool ou a gasolina. Parece um sonho, mas não é. Afinal, o Consórcio Eldorado trabalha com duas maravilhas da vida moderna, o automóvel e a moto. Em três anos de atuação, por exemplo, o Eldorado já entregou a seus consorciados 810 veículos novos. Para facilitar ainda mais a aquisição de seu automóvel, o Eldorado acaba de lançar o primeiro grupo de consórcio do carro usado de Natal. As muitas solicitações já comprovam o sucesso. O Consórcio Eldorado, nesses três anos, já formou 14 grupos de consorciados, sendo 11 para carros novos e três de motos. Com aproximadamente 1.500 associados. E mais dois grupos abertos: para carros usados, e novos. E outros dois para motos. Se a alegria é a prova dos nove, os 18 grupos são a prova de que o Eldorado vende mais. Além do mais é o único consórcio local, que trabalha com todas as marcas, sem burocracia e sem perda de tempo. Visite agora o Consórcio Eldorado. Fique à vontade em suas novas instalações com amplo estacionamento e exposição de veículos de todas as marcas, para sua maior comodidade.



**ELDORADO ADMINISTRADORA
DE CONSÓRCIO LTDA.**

Av. Prudente de Moraes, 1108 — Tel.: 222-9246 — Tirol — Natal-RN.



Estudantes mudam política

UNIVERSIDADE

Falta de verbas é antiga e todos temem pelo futuro

Palco e vítima de debates e críticas tão freqüentes quanto a constatação de que atualmente ela mal sobrevive em meio à exigüidade de verbas, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte vem se afirmando como um exemplo de unanimidade, acossada pela comunidade que a compõe e pelos seus próprios administradores. E, a exemplo das demais instituições de nível superior em todo o País, vem colocando o outrora luminoso e promissor patamar do ensino superior em níveis jamais imaginados pelos seus idealizadores.

Em terras potiguaras, a Universidade nasceu há 26 anos atrás, por iniciativa do médico Onofre Lopes, que conseguiu o aval do então Governador Dinarte Mariz através do Decreto 2.307, de 25 de junho de 1958, que agregava à Universidade Estadual as

já existentes Faculdades de Serviço Social, Farmácia, Odontologia, Medicina, Direito, e o grupo formado por Filosofia, Ciências e Letras, posteriormente desdobradas. Até aí, as Faculdades vinham sendo mantidas pelo Governo do Estado e por entidades particulares, inclusive pela Igreja, que controlava o Curso de Serviço Social.

Criada a Universidade, foi elaborada a primeira lista tríplice, composta pelos pioneiros Onofre Lopes, Edgar Barbosa e Paulo Pinheiro, após a definição de um estatuto para a nova instituição formalizada, a partir do modelo universal e abasileirado. Por abnegação ou mérito político, o Reitor escolhido foi Onofre Lopes, com Otto de Brito Guerra como vice-Reitor. Definido o corpo administrativo, o Governo comprou o prédio situado

nas esquinas da Avenida Hermes da Fonseca com a rua Apodi, onde hoje se encontra o III Distrito Naval.

O passo para a federalização é folclórico e quem reproduz é o ex-professor e ex-vice-Reitor Otto Guerra, que participou com Onofre Lopes do "cerco a Juscelino Kubitschek, que veio a Natal em '59 para participar de uma reunião dos bispos do Nordeste".

Na ocasião, foi entregue, ao idealizador de Brasília, um memorial com proposta de federalização da Universidade potiguar, sob a pressão de uma pequena multidão presente ao local, utilizada por Onofre Lopes como recurso apelativo, sob a alegação de que "todos ali eram da Universidade".

E a federalização veio sob forma de Lei 3.849, de 18 de dezembro de 60,

após o que foi elaborada nova lista tríplice, sendo escolhido Reitor Onofre Lopes mais uma vez, permanecendo no posto durante 10 anos consecutivos.

UM PARTO DIFÍCIL — Testemunha dos primeiros passos da UFRN, Otto de Brito Guerra conta que, no início — por absoluta carência de melhor nível de professores — recorria-se aos de nível médio, além de alguns minguados mestres consagrados que faziam a honra da instituição, como Câmara Cascudo e Floriano Cavalcanti, com o que fez coro o escritor Veríssimo de Melo, na época um modesto funcionário do setor de divulgação da UFRN. Repetindo que “todo parto é difícil”, ele comenta que a necessidade de recorrer a professores convidados era agravada pela inexperiência dos que aqui se iniciavam nas letras superiores. O que parecia ter feito escola, a julgar pela insatisfação que se observa hoje em

amplos setores da comunidade universitária. Embora Otto Guerra, apelando para a tradição, argumente: “Sempre existiram bons e maus professores, desde o tempo do meu pai”...

Reportando-se aos primórdios, Veríssimo de Melo julga a Universidade “o acontecimento do século no RN”, por representar mais dinheiro em circulação, às custas das verbas, e pela criação de uma nova categoria profissional. Além de possibilitar a especialização de qualquer pessoa, numa época em que só havia duas alternativas para o natalense menos abastado: ser funcionário público ou comerciante”. Adiantando-se no tempo, Veríssimo afirma que é “a incultura do homem médio”, o fator decisivo da situação precária do ensino superior. A isso acrescentando que há uma “carência de pesquisadores que decorre da falta de vocação”.

Para Otto Guerra, em contraponto à situação atual, havia muito entu-

siasmo no início, vez que os professores atuavam até sem remuneração — o que parece até jocoso, considerando-se que hoje os professores param de dar aulas pela falta de condições básicas de trabalho, que lhes mina também os salários. Otto admite que não há estímulo quando se ganha uma ninharia, mas acredita que o maior problema do ensino universitário reside na baixa formação das escolas de nível básico, também elas sujeitas às deficiências de ordem financeira. “É o subdesenvolvimento, essa patologia que afeta tudo”, diz ele, a maior responsável pelo estado de perplexidade que caracteriza a Universidade hoje.

A SOMBRA DA ELITIZAÇÃO — Entre livros que criam um clima propício ao tema, o ex-vice-Reitor é realista ao dizer que alguns cursos não deveriam existir, “por que só enganam os pobres desgraçados” que se formam e deparam com a realidade

Líderes estudantis do passado vêem UFRN hoje

A crise por que passa a Universidade não é restrita à sua estrutura acadêmica, mas atinge também uma trincheira utilizada como foco de resistência às dores e sintomas de doença universitária: o Movimento Estudantil.

Reativado em 1979, no rastro da «abertura», como enfatizam os que fazem o chamado ME, o Movimento tem se estruturado de forma instável e pouco convicente, como reconhecem os que militam em suas hostes e a comunidade estudantil, insatisfeita com os rumos que o Diretório Central de Estudantes — DCE — tem imprimido à política estudantil.

Dono de um dialeto característico, iniciado invariavelmente com uma «falação» que estabelece as «questões de ordem» e «colocações» que podem demonstrar as «posições sectárias» de uns e outros «alienados», o ME convive com a sombra dos «20 anos de ditadura militar», amplamente responsabilizada pela sua «falta de respaldo».

Analisado por antigos dirigentes, que pregam a necessária redefinição de uma política mais voltada para os interesses dos estudantes, o Movimento parece ter parado no tempo, a julgar pelas falhas identificadas, que apontam sempre no sentido da desmobilização dos estudantes, quer pela «forma evasiva de fazer política», como julga Hugo Manso, remanescente do DCE-82, como ainda pelo «distanciamento da diretoria das bases», e do «não encaminhamento das propostas concretas», como acredita Moisés Domingos, membro da 1.ª Diretoria do DCE após a reformulação do Movimento, em 79.

Um ex-militante do Movimento em seus primórdios pós-64, o atual Secretário da Educação, Hélio Vasconcelos, remonta saudosamente, ao «espírito acadêmico» existente, que se opõe ao que hoje chama de «dispersão no meio estudantil».

Naquela época, em plena década de 50, a efervescência do Move-

mento produzia líderes em larga escala, comenta Hélio, impressionado com a alienação dos dias atuais, causada (via da regra), por projetos políticos que reduziram a juventude a «mera consumidora de drogas e amor livre», entre outras «válvulas».

Em meio aos céticos e otimistas, surgem novas lideranças, agora encarnadas por Cláudio de Oliveira, recém-eleito para o Diretório Central de Estudantes (versão 85), através dos ventos que apregoam que “é preciso mudar”, baseados nas falhas, erros e omissões do Movimento até o presente.

Prometendo revertê-los e preencher o vazio que há entre a entidade e os estudantes, a nova Diretoria acredita que, enquanto não muda o País, a Universidade pode sair do impasse em que vive, através do «encaminhamento das questões específicas», como maior participação estudantil nos Conselhos Superiores e nas eleições dos administradores da Universidade. Provocando um racha nas «tendências» que compõem a vasta galeria partidária do ME, a nova Diretoria vem confirmar o sentimento de anti-radicalismo que grassa nos meios políticos nacionais e que traduz a sabedoria popular do «mais vale um pássaro na mão do que dois voando».

de um mercado de trabalho claramente saturado, provocando expressões como “por que formar?”, ouvida nos corredores longos e não tão claros (há lâmpadas queimadas) do Campus Universitário.

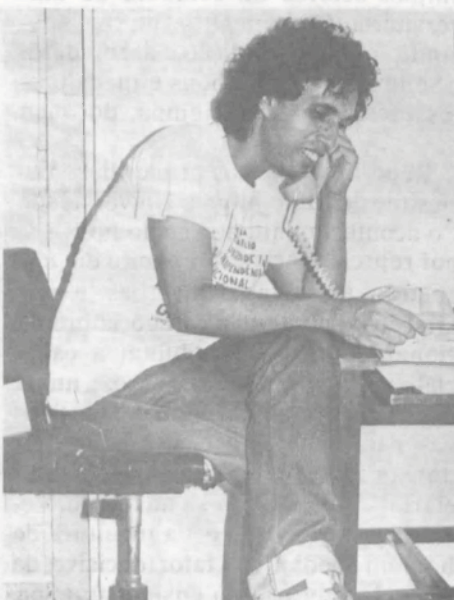
Atacando o flanco de acesso à Universidade e seus inevitáveis riscos da chamada «elitização», Otto Guerra crê que deve prevalecer a capacidade do alunado, insuficientemente medida pelo Vestibular, que despeja nos meios universitários pessoas sem o menor preparo intelectual. O curso secundário que o diga, mas já houve tempo, recorda-se Otto, em que o ensino primário no RN era dos mais conceituados do País.

Ainda sobre a composição do corpo de aprendizes da Universidade, o ex-professor e escritor Américo de Oliveira Costa — um outro remanescente da fase inicial — defende que a instituição deve ter um caráter seletivo, destinado à formação das elites dirigentes. E, mais adiante, afirma acreditar que a Universidade deve ser pública e gratuita, acrescentando, grave, que se o “Governo gasta dinheiro com tantas obras supérfluas”, por que não gastar com ensino?

A CISÃO PROGRAMADA — Situada numa área fisicamente privilegiada, a UFRN se comprime entre três bairros de largas proporções. O Campus Universitário, hoje ponto de referência turística, é caracterizado pela dispersão dos setores de aula, cinco ao todo, onde se distribuem cursos tão díspares como Comunicação Social e Ciências Contábeis. Os alunos do primeiro, por sinal, estão mal situados, abrigados em salas de aula não idealizadas para o curso, o que a vã burocracia hoje não explica.

A situação, para o líder estudantil Christian Vasconcelos, é resultante da reforma universitária de '68, que objetivava “a desmobilização dos estudantes” e que “minou a convivência e a troca de idéias”. Os males do movimento estudantil, que converge em torno de suas bandeiras um número reduzido de estudantes, são explicados por Christian como advindos do espírito de '64, que trouxe a desmobilização dessa “geração formada sob o medo” e “nascida sob a ditadura militar”, sabatina repetida por todos os que fazem, nos meios universitários, o movimento estudantil.

Um exemplo citado com estardalhaço é a diferença entre os números de cursos da UFRN — 40 — e de Cen-



Christian: espírito de 64



Marlúria: salário/repasso



Hugo Manso: críticas

tros Acadêmicos — 19 — que constituem os focos do movimento estudantil e atuam especificamente dentro dos cursos que os elegem, funcionando ainda como elo entre o Diretório Central e os demais estudantes.

OS ESCÂNDALOS SE SUCEDEM

— O quadro da Universidade, delimitado por todas as pessoas que o compõe, é eminentemente pessimista, até mesmo por parte dos que administram e responsabilizam-se pela aplicação das verbas e diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação e Cultura — MEC. Que, a propósito, tem submetido as Universidades a inanições financeiras constantes e crescentes, a julgar pelos números mostrados nas mesas do outrora “faraônico prédio da Reitoria”, fértil argumento das retóricas estudantis à época de sua inauguração, em '80, durante a administração do ex-Reitor Diógenes da Cunha Lima, que foi criticada em vários ângulos. Foi nela — diz Waldson Pinheiro, professor da UFRN há 15 anos — que o escândalo dos professores visitantes aconteceu, com a contratação, mediante “critérios escusos”, de um número superior a mil profissionais. O que Waldson reputa ao renomado “apadrinhamento”, muito em voga para designar as formas mais frequentes de conseguir emprego, principalmente em Estados nordestinos.

Na época das contratações, a UFRN fazia conviver sua cátedra doméstica com a dos visitantes — em torno de 200 — dos quais poucos foram aproveitados, a despeito da Universidade carecer deles.

Sem concurso, apenas para suprir essa necessidade, levas de pessoas entraram na Universidade, sem qualquer qualificação, coloca Waldson, irregularidade que foi posteriormente formalizada através de exigência estabelecida pelo MEC, em '81, para a contratação definitiva do contingente como professores-assistentes. Além do critério nada seletivo — que numa escala de 0 a 10, aprovava quem conseguisse nota 3 — houve uma verdadeira indústria monográfica, com alguns professores sobrecarregados com encomendas dos colegas, afirma o professor. E quase todas foram publicadas, dispendendo dinheiro e atulhando salas da Reitoria.

SUCESSÃO DE MAGNÍFICOS

— Aclamado, pelos círculos intelectuais, como um instrumento de retorno da Universidade ao seu mister se-

cular — a produção cultural aprimorada — o advogado e escritor Diógenes da Cunha Lima mereceu, inclusive, reportagem em revistas de circulação nacional, que enalteciam o pioneirismo de sua administração voltada para as Letras e as Artes, numa espécie de mecenato pouco em voga nas demais instituições de nível superior do País.

Generoso com seus antecessores, Diógenes alinha os efeitos dos ex-reitores. A começar por Onofre Lopes, cuja maior contribuição, segundo ele, foi criar o CRUTAC — Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária — em '66, programa que promoveu a interiorização da Universidade, através de estágios em áreas rurais, de universitários de vários cursos, e que foi posteriormente aplicado em outros Estados e até países. Sob a égide de Genário Fonseca, de 72 a 75, ocorreu a doação do terreno e a construção onde hoje se encontra, imponente, a UFRN. Cujo restante da construção hoje está sustado, em virtude da falta de verbas.

Com Domingos Gomes de Lima, que foi Magnífico entre os anos de 75 a 79, o ponto alto foi o início de cursos de pós-graduação e a contratação

temporária de professores-visitantes para melhorar o nível de ensino da UFRN, cuja produção doméstica não atendia às necessidades de expansão da instituição.

Enfim, sob o seu próprio comando, Diógenes desfia interminavelmente feitos e realizações do seu período — de 79 a 83, época de grande efervescência política na Universidade, que assimilava os ventos favoráveis de festejada abertura.

A discutida autonomia universitária sempre produziu focos de polêmicas infundáveis, e, se referindo à orientação política dispensada à época, Diógenes revela ter desfrutado de independência, apesar do empenho do Governo Estadual em direcionar politicamente a UFRN, e da influência do falecido Senador Dinarte Mariz na indicação dos reitores, inclusive dele próprio. Correspondendo ou não às expectativas, Diógenes conta que foi responsável pela publicação de mais de 400 monografias de professores (inclusive dos que foram admitidos), até de estudantes e funcionários, numa valorização da cultura potiguar, a exemplo do Projeto «Memória Viva», que lançou 31 discos de artistas da terra.

Defendendo uma “administração aberta e democrática, mas sem **sacanagem**”, Cunha Lima recorda não aceitar o que chamou de “mando” das entidades reivindicatórias (Associação dos Docentes da UFRN e Diretório Central de Estudantes), na Universidade, mas “promovia o diálogo franco”, apesar da rejeição dos estudantes, onde simples referência ao seu nome vinha acompanhada de um inevitável «autoritário», que hoje prega a não privatização do ensino nos Estados pobres do País e que reconhece que a instituição está “a reboque da situação nacional”. Preocupado com a possibilidade de fechamento das Universidades Federais, Diógenes argumenta que ela não forma apenas mão-de-obra, mas traduz cultura, conhecimento e responde pela criação de mercado de trabalho.

UMA EMENDA INEFICAZ — Assumindo a Reitoria após uma autêntica «briga de foice» pelo posto, ao fim da qual prevaleceu o peso político do, à época, atuante Senador Dinarte Mariz, o atual Magnífico, Genivaldo Barros repete, insistentemente, que a crise que assola a UFRN é uma extensão da que atinge a Univer-

Nível superior hoje é pouco mais que título

Se a impressão de quem conduz a política universitária ou dela participa é pessimista, o que não dirão os estudantes, peças-chave de um sistema que, se entra em colapso, fará frustrados, na mesma proporção dos sonhos acalentados pelos que ainda se arvoram em buscar a especialização do curso superior?

Para Mônica Pereira, aluna do 7.º período do Curso de Engenharia Química, a Universidade está «falida», acrescentando que “enquanto a política (do País) não mudar, tudo fica como está”. Hoje, ela espera concluir o curso o quanto antes, “para ter mais tempo de estudar para qualquer concurso que pintar”, numa alusão à opção maior do mercado de trabalho, que segundo ela, conta com 80% de desempregados em relação ao seu

curso.

O seu desencanto é partilhado por Vamíbia Araújo, do Curso de Farmácia, que fazia planos de encontrar «aquele mundo» na Universidade, descobrindo afinal que “estar dentro ou fora é a mesma coisa”.

Mais experiente, Terezinha de Jesus, concluinte do Curso de Letras, revela que aprendeu mais em corredores do que nas salas de aula, esclarecendo que o curso, por ser “cansativo e atrelado a muitos pré-requisitos” provoca o desinteresse do aluno. Quem quiser aprender, ensina Terezinha, deve utilizar seus próprios recursos. Ao seu lado, Elizabeth Dantas, do Curso de Letras, queixa-se do pagamento das apostilas, substitutas naturais da “falta dos li-

vros nas bibliotecas”. Atribuindo parte da culpa do mau ensino aos professores, “com raras exceções”, ela acusa ainda os alunos de «acomodação», denunciando a arcaica «marcação» dos que se rebelam contra “os abusos de certos professores”.

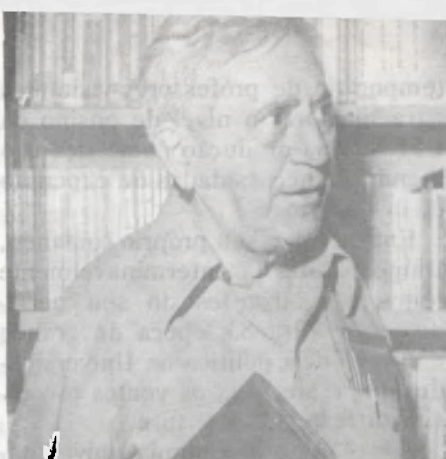
Também Maria Auxiliadora de Souza, jornalista e estudante de Comunicação Social, que credita uma parcela de culpa aos estudantes, que “não reivindicam dentro da sala de aula”, onde “a preguiça impera”. Para amenizar um pouco o quadro, Auxiliadora declara o seu interesse profissional pelo diploma, acrescentando porém, que a formação intelectual não pode ser esquecida, com o que concorda uma vizinha curso, Sebastiana Gomes Bezerra, que decidiu fazer um curso superior por “se achar marginalizada na sua vida social”, reduzida que estava às lides domésticas. Apesar de tudo, diz, repetindo a cantilena dos otimistas, “adquiri consciência crítica”, em função da convivência com a má qualidade de ensino.

PEÇAS PARA VOLKSWAGEN E FIAT

A Casa do Volks já é um ponto de referência no comércio de peças e acessórios para Volkswagen e Fiat, em Natal. Agora, uma boa notícia para sua clientela: a Casa do Volks é distribuidora da caçamba reboque Ribotta, fabricada em São Paulo. Os modelos das caçambas Ribotta são especiais para praia e campo, usadas também em várias utilidades, como depósito para gelo, converte em armário, espaço para pneu de suporte. Capacidade para 300 quilos de carga. Facilmente adaptável a todos os tipos de carros.



CASA DO VOLKS
Av. Prudente de Moraes, 1804
Tel.: 223-2488



Otto Guerra: Inexperiência

sidade Brasileira, que “nos joga todos no torvelinho”. Tanto que o Reitor convive diariamente com a falta de recursos, insuficientes para cobrir o déficit cumulativo que esse ano já atinge Cr\$ 2 bilhões e 500 milhões, incluindo uma suplementação da ordem de Cr\$ 900 milhões de cruzeiros.

Preocupado com o desestímulo provocado pelos baixos salários dos docentes, Genivaldo defende um amplo diálogo com a comunidade, e exemplifica com a sua atuação na ocupação da Reitoria pelos estudantes, em abril desse ano, quando foi acusado, por diversos órgãos de imprensa local, de conivente e flexível.

“Uma Universidade deve ofertar inteligência e produção voltada para a realidade regional”, declara Genivaldo Barros, ajuntando que essa deve ser uma diretriz administrativa. E defende, inclusive, a aplicação da

Emenda João Calmon, que destina 12% do orçamento da União para a educação.

A ressalva do Reitor quanto à aplicação da Emenda, no que refere-se às formas de interpretação possíveis, é endossada pelo professor Waldson Pinheiro; que participou da 1.ª Diretoria da Associação dos Docentes da UFRN — ADURN, e acompanhou toda a fase de implantação do movimento docente.

E, nessa área, o objeto dos temores de todos é o possível desvio das verbas «da educação», para fins como escolas de preparação de militares ou campanhas de trânsito, entre outras, segundo preconiza Waldson, acompanhado pelo Reitor, que julga imprescindível a real definição do que seja Educação, para evitar dispêndios infrutíferos e mal-direcionados.

Realista, Genivaldo Barros alerta para a possibilidade das Universidades Federais fecharem, caso não haja reposição de recursos em curto espaço de tempo. Embora ressalte, cauteloso, que “não estou dizendo que vou fechar”..., e pede “otimismo, união” e outras expressões positivistas que pregam a redenção da Universidade através da correlação das forças que a compõem.

A INSUFICIÊNCIA DOS BILHÕES
— Sobram razões para a quase inadimplência universitária, a julgar pelos números apresentados pelo or-

Material elétrico industrial.

SIEMENS

Peterco



É com a gente



Queiroz Oliveira

COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA
MATERIAL PARA MONTAGEM E MANUTENÇÃO INDUSTRIAL

Av. Rio Branco, 185 - Telefone: 222-2056 - Ribeira - Natal-RN

çamento da UFRN aprovado pelo MEC, que destinou para o próximo ano apenas 36,7% dos Cr\$ 16 bilhões e oitocentos milhões solicitados. Ou seja, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte «passará» 85 com magros Cr\$ 6 bilhões, 170 milhões e 600 mil, distribuídos por sete setores claramente delimitados.

Desse total, a distribuição ocorre mediante certas prioridades estabelecidas a partir do "estritamente necessário", como diz Dalton Melo, Pró-Reitor de Planejamento, sendo entendido como o ensino de graduação.

Indignado com a "falta de prioridade do Governo para com a educação", Dalton identifica a defasagem dos salários dos professores com a certeza de quem convive com números e verbas em administrações consecutivas, e mostra que em 76, o salário médio do professor universitário correspondia a 37 salários-mínimos e hoje não passa de 11 SM, considerando-se o índice astronômico atingido pela inflação do mesmo período.

Seguindo a máxima do "faz o que pode, dentro do que recebe", o Pró-Reitor comenta que o dinheiro para o custeio das atividades acadêmicas diminui gradativamente, o que repercute na precária situação e até desativação dos laboratórios, na falta de papel e outros materiais de uso indispensável.

Experiente no setor das finanças e acomodado aos seus fluxos e reflu-



Setores de aulas isolados

xos, Dalton arrisca prever "que a carreira vai piorar cada vez mais", e que grande parte dos serviços que funcionam hoje de forma claudicante terminará, "a curto e médio prazo". Exímio na arte de «tapar buracos», Dalton Melo revela que, para manter o Restaurante Universitário em funcionamento, "é obrigado a prejudicar áreas de ensino", cujos recursos originais são reaplicados.

A redução orçamentária é enfatizada pelo documento expedido em agosto último pela ADURN sob o título "O MEC (mal) trata a Educação", que mostra a delegação que os reitores receberam do Ministério no

sentido de promover uma redução de 50% no pedido orçamentário para 85, o que significa em termos reais, que, para cada Cr\$ 100 liberados em 80, as Universidades só receberão Cr\$ 22 no próximo ano.

Essa precariedade financeira é conclusivamente exemplificada pela atual presidente da ADURN, Marlíria Ferreira, no momento em que alega que um professor universitário necessita de 20% do seu salário médio, somente para manter-se atualizado em sua área. "Salário hoje é repasse", diz Marlíria, acrescentando que "vai tudo pro supermercado". (STELLA GALVÃO). □

Os estudantes, segundo a visão singular da ASI

Enquanto o Campus Universitário transpira movimentação, debates e conversas de corredores, além do inconfundível matraquear dos teclados administrativos da Reitoria, um órgão silencioso colhe dados, descobre intenções e vasculha os meandros do pensamento universitário, numa «coleta de informações que interessa à comunidade». Essa é a definição que Adriel Lopes Cardoso dá ao órgão que dirige: a Assessoria de Segurança e Informação — ASI.

Incólume às críticas apimentadas dos militantes da esquerda universitária, Adriel Cardoso julga «deturpada» a imagem criada em torno do órgão, cuja linha de ação «parte do abstrato para o pensamento concreto», como ele próprio intitula a necessidade do Reitor ser bem informado sobre o que se passa nos recantos de sua unidade administrativa.

Ao contrário do que é apregoa-do, a ASI tem «no estudante, toda a sua finalidade», justifica Adriel,

acrescentando que "é difícil fazer análise ideológica e científica", o que o obriga a recorrer a uma gama de conhecimentos minuciosos que permitem "a tomada de decisões acertadas", favorecidas pelo trinômio serviço, informação e política.

Sobre o estudante, suposto alvo da ASI — que adivinharia possíveis agitadores dentro do Movimento Estudantil — Adriel Lopes Cardoso define como pacífico, embora caminhando a passos firmes e decididos para a politização, "bastante salutar", a seu ver, "porque leva à formação de líderes". O que deve mudar, finaliza ele, é a imagem do órgão que, integrado ao processo de abertura que vive o País, "não é bicho de 7 cabeças", como insistem "em apregoar por aí". □

Em Mossoró, a arrancada para o futuro já começou

Mossoró se prepara para mais uma vez assinar seu nome na história do Brasil. Além das suas iniciativas pioneiras no reconhecimento dos direitos humanos, sendo a primeira cidade brasileira a declarar seus escravos livres, e — também — a primeira a conceder o direito eleitoral a mulher, Mossoró arranca na frente como a segunda cidade do País a se preocupar com a preservação da história do seu povo, através dos seus patrimônios históricos.

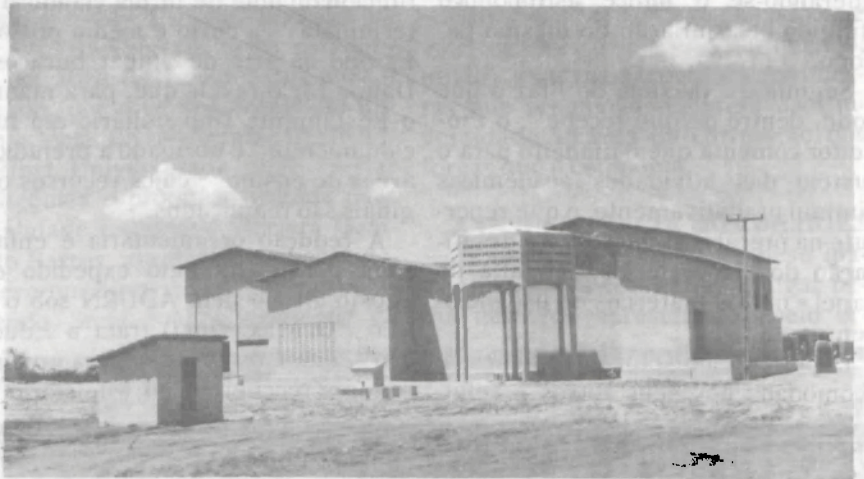
Surge na metrópole oestana, seguindo a ação pioneira do Rio de Janeiro, o «Corredor Cultural», projeto que objetiva restaurar e preservar todos os monumentos arquitetônicos de valor histórico do centro da cidade. Mas a cópia da iniciativa carioca é permeada de pioneirismo, como bem reconheceu o diretor geral do Departamento Cultural do RJ, arquiteto Ítalo Campofiorito: em Mossoró o «Corredor Cultural» — que Campofiorito chama de «Projeto Poético» — acontece antes da deterioração dos monumentos existentes. O que não ocorreu no Rio de Janeiro.

IMORTALIZAÇÃO DA CULTURA — A preservação da história dos mossoroenses através dos seus monumentos, vem pela iniciativa da administração municipal de Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia, ocupando a Chefia do Executivo pela segunda vez. É ele que abre mais o leque de objetivos do projeto «Corredor Cultural» que, no futuro, possibilitará às novas gerações o reencontro com as suas raízes pelo legado arquitetônico. «Guardar e promover a história da cidade, guardar e conservar o patrimônio histórico e preservar o aspecto paisagístico de Mossoró» é o que se busca com o «Corredor Cultural», assinala Dix-Huit.

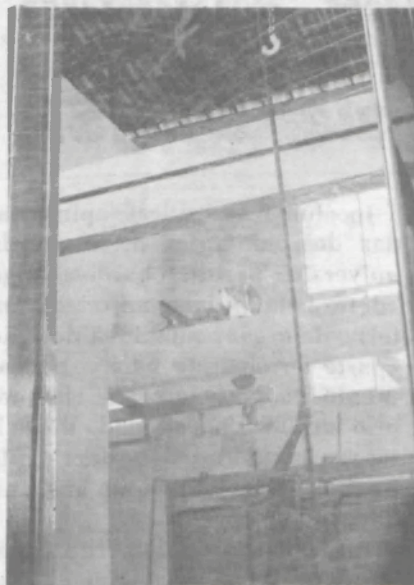
Hoje, Mossoró já segue o caminho do seu «Corredor Cultural», restaurando seus monumentos e devolvendo-os à po-



O Abatedouro Industrial...



... com 4.849 m2 de área construída...



... e modernos equipamentos...



... um marco em Mossoró.

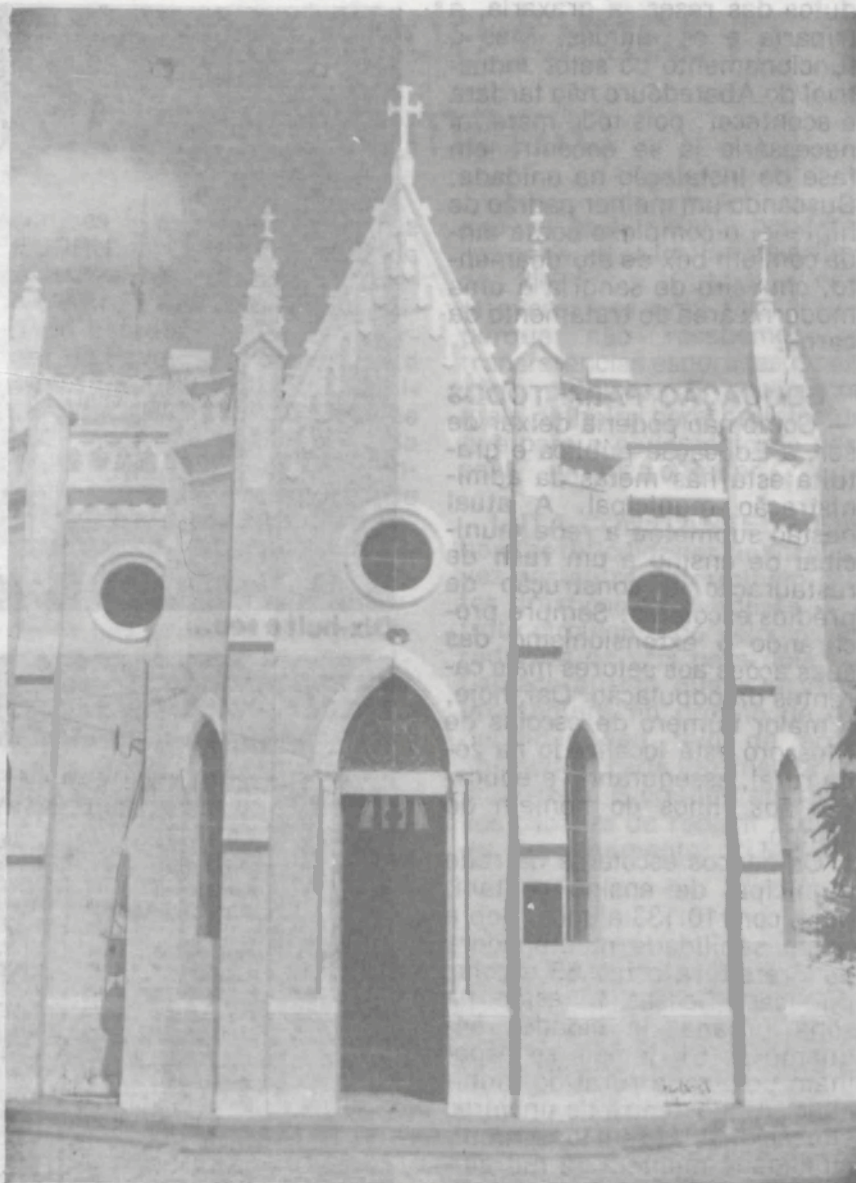
pulação de forma mais utilitária no contexto sócio-cultural. A antiga Casa de Câmara e Cadeia, depois de totalmente restaurada em convênio com a Fundação José Augusto, transformou-se no Centro Histórico e Cultural Manoel Hemetério. Ocupa seus espaços a Biblioteca Pública, o Museu Municipal e o Panteão Abolicionista. Mas, isso, é apenas um elo do grande sistema: o «Corredor Cultural» dominará grande parcela do centro da cidade, pegando a Avenida João Marcelino e contornando o Hotel Termas, restaurando praças, ruas, becos e monumentos.

REALIZANDO UM SONHO

— Os olhos de Mossoró para o futuro, entretanto, não estão somente na preservação de seus monumentos históricos. Entende a administração municipal que, congelando um dado momento histórico da cidade, não pode parar na busca do progresso, tendo seus filhos como o alvo das suas realizações. Nesse campo, Mossoró, hoje, assiste a expansão da sua rede escolar municipal abrangendo, em grande escala, o elevador público de 1.º e 2.º graus. O incentivo municipal também chega ao Ensino Superior, onde se encontra a Escola Superior de Agronomia de Mossoró — Esam —, considerada o maior centro de pesquisa no setor do Nordeste.

O expansionismo da eletrificação rural, levando as melhorias da condição de produção e vida do homem do campo, também é uma preocupação da administração municipal mossoroense, que encontrou em Dix-Huit o abnegado, que trocou o Senado Federal para trabalhar mais próximo aos seus contrâneos. Priorizando o homem, ainda, Mossoro conta com um programa de captação de águas através da perfuração de poços tubulares.

Nessa área, a Prefeitura Municipal de Mossoró mantém dez equipes de perfuração. Oito das quais no trabalho de campo e, às demais, em oficinas, cuidando da manutenção do equipamento para que as perfuratrizes não parem. Só na atual gestão 117 novos poços tubulares foram perfurados, trabalho que continuará fazendo jorrar cada vez mais a água que



Capela do Cemitério, um patrimônio

nas cíclicas secas nordestinas — e o fatídico desaparecimento dos mananciais de superfície — se veste no valor do ouro.

ABATEDOURO FRIGORÍFICO — As melhorias mossoroenses também chegam na forma e técnica do abate dos animais a serem consumidos pela população. Os tempos são outros. O crescimento da cidade exigiu e foi atendida. Já existe construído um Abatedouro Industrial que, modernamente equipado, possibilita uma maior demanda de carne para atender os 170 mil habitantes mossoroenses com melhores condições higiênicas. O moderno Abatedouro faz parte de um complexo que incluiu, ainda, um frigorífico e um grande parque de currais para

o manuseio do gado no terreno do Abatedouro.

Todo o complexo ainda não está em atividade, mas já alcançou a cifra de Cr\$ 2 bilhões de investimentos. Dix-Huit ressalta na obra não só o valor material, mas — e principalmente — o social, que, sem sombra de dúvidas, já repercute na vida da cidade. O novo Abatedouro ocupa uma área de 3.570 metros quadrados, somados aos 1.342 metros quadrados de currais. A sua capacidade de abate é de 40 reses por hora. A câmara frigorífica armazena até 80 reses de uma só vez.

Todas as instalações físicas do novo Abatedouro de Mossoró já se encontram concluídas. Falta somente a operacionalização da parte industrial, onde serão aproveitados os subpro-

duto das reses: a graxaria, a triparia e os miúdos. Mas o funcionamento do setor industrial do Abatedouro não tardará a acontecer, pois todo material necessário já se encontra em fase de instalação na unidade. Buscando um melhor padrão de higiene, o complexo conta ainda com um box de atordoamento, chuveiro de sangria e uma moderna área de tratamento da carne.

EDUCAÇÃO PARA TODOS

— Como não poderia deixar de ser, a Educação pública e gratuita está nas metas da administração municipal. A atual gestão submeteu a rede municipal de ensino a um **rush** de restauração e construção de prédios escolares. Sempre procurando o extensionismo das suas ações aos setores mais carentes da população. Daí, hoje, o maior número de escolas de Mossoró está localizado na zona rural, assegurando a educação aos filhos do homem do campo.

Os bancos escolares da rede municipal de ensino contam, hoje, com 10.133 alunos. Sob a responsabilidade mantenedora da Prefeitura estão 66 escolas públicas. Dessas 15 estão na zona urbana da cidade, enquanto as 51 demais se espalham pela zona rural do município. Ainda dentro do universo educacional da região, a municipalidade mantém 12 mil alunos no campo da alfabetização e da educação integrada. Fecha o complexo educacional as escolas da rede particular e estadual de ensino.

Das 66 escolas municipais de Mossoró, nove foram construídas ou ampliadas na atual gestão. Uma na zona urbana, a Antônio da Graça Machado, e as demais na zona rural: Escola Curral Baixo, Rancho da Caça, Gerôncio Rosado, Manoel Duarte Ferreira, José Gonçalves, Escola Duarte Mariz, Professora Dolores Freire de Andrade e Raimundo Fernandes. Todas essas de 1.º e 2.º graus.

O trabalho de restauração possibilitou o pleno funcionamento de escolas que se encontravam deterioradas pelo uso. Foram as Escolas Francisco de Assis Nogueira, Vereador José Bernardo, Ricardo Vieira do Couto, Senador Dinarte Mariz, Senador Duarte Filho, Cônego



Dix-huit e sou...

O PREFEITO DIX-HUIT ROSADO ANUNCIA A SUA QUARTA CHAMADA À LISTA DAS RUAS QUE SERÃO REFORMADAS E QUE SERÃO REFORMADAS EM Mossoró

ZONA URBANA		ZONA RURAL	
R. GONÇALVES S. DOS	3.150	R. CIBELIO NETO	1.800
R. G. DE J. J. JUNIENHO	1.836	R. MANOEL MESSIAS	3.000
R. FRANCISCO FERREIRA	4.350	Tr. P. SÃO VICENTE	650
R. VICENTE FERNANDES	6.480	Tr. S. ANTONIO DE N. S.	1.000
R. CARLOS PAULA	9.073	Tr. SILVIO PEREIRA	2.100
R. ANTONIO FERREIRA	4.840	R. PADRE URSINO	2.000
R. FERNANDO FERREIRA	1.912	R. JOSÉ DOMINGOS	1.350
R. SEVERINO	5.145	Tr. VICENTE FERREIRA	1.120
R. I. DE A. DE A. DE A.	5.120	Tr. ALDINO FERREIRA	1.700
R. ALAN	2.173	R. RAIMUNDO JULIANO	2.300
R. MANOEL DUARTE-FR	4.840	R. ANA NERI	1.900
R. ANTONIO DUARTE-FR	2.224	R. ALEXANDRE SILVA	1.750
R. MARCELO GONÇALVES	6.400	R. FERREIRA BALBUENA	1.650
R. DOMINGOS FERREIRA	6.960	R. SÃO VICENTE	1.450
R. JOAQUIM MABUCA	6.639	R. FERMINO CARNEIRO	2.000
R. ENFERM. OLIVEIRA	3.125	R. LEOPOLDO TRINDADE	13.000
R. M. MESSIAS	1.500		

ZONA URBANA - TOTAL: 66.513

ZONA RURAL - TOTAL: 162.513

... rush de pavimentação de ruas

Francisco Sales, Joaquim Silveira Borges, Nono Rosado, Professor Manoel Assis e a Professor Antônio Fagundes.

PAVIMENTO E GALERIAS

— No setor urbanístico, a gestão Dix-Huit Rosado vem expandindo em Mossoró a pavimentação das ruas e avenidas, utilizando o sistema Bripar (pavimento de concreto rejeitado com brita asfáltica) e a construção de galerias e drenagens das águas pluviais. Com recursos próprios e em convênio com o Projeto CURA, a Prefeitura Municipal de Mossoró investiu só este ano Cr\$ 2,8 bilhões em drenagem, construindo perto de cinco mil metros de drenos em vários trechos da cidade que

sofriam inundações por ocasião das chuvas.

Trechos como os da Avenida Alberto Maranhão, a Avenida Rio Branco e as ruas Cunha da Mota e Lopes Trovão, entre outras, que há bem pouco tempo se ressentiam da falta de sistemas de escoamento das águas pluviais, hoje já contam com a solução. Os serviços urbanos, também, atingiram o setor de pavimentação, peça fundamental para o conforto e a segurança de quem trafega em transportes urbanos ou particulares. Mais 162.513 metros quadrados de pavimentação surgiram em Mossoró nessa gestão Dix-Huit Rosado, abrindo os caminhos do amanhã para o município.

FURRN e comunidade juntas para o desenvolvimento

Apesar das dificuldades financeiras que assolam a instituição — e que perfazem um retrato localizado do quadro da Educação pública no Brasil, como um todo — o ano de 1984 representa uma espécie de marco na existência da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte. Concretizando uma aspiração que remonta à fase embrionária da FURRN, o Reitor Laplace Rosado Coelho iniciou o processo de atuação da Universidade no campo da Extensão, abrindo-a ainda mais à participação da comunidade.

Três projetos inscrevem-se neste âmbito, todos dirigidos para a integração Universidade/escolas básicas ou Universidade/comunidade. A amplitude da iniciativa pode ser vista a partir do alcance geográfico do chamado «Projeto da Cultura do Sal», que trabalhou junto aos ciclos básicos da Educação. O objetivo: orientar os alunos do 1.º Ciclo, levando-lhes estímulos direcionados à descoberta da sua vocação profissional. «O projeto introduziu uma metodologia diferente, com o professor encaminhando o aluno no sentido dessa descoberta. Embora a denominação enseje relações com a área salinera, a referência tem razão de ser no fato de que o projeto atuou em cidades da região salinera do Estado», explica o professor Laplace Rosado.

Assim, além de Mossoró, o projeto atuou junto a estudantes das cidades de Areia Branca, Guaporé e Grossos, contando com recursos de Cr\$ 40 milhões, liberados pela Subsecretaria de Desenvolvimento do Ministério da Educação e Cultura. O projeto teve a coordenação executiva do Centro de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte — Cendern, organismo semi-autônomo da FURRN voltado para o trabalho de integração com a comunidade.

OUTROS PROJETOS — Além deste, dois outros projetos destacam-se no rol das ini-

ciativas extensionistas da FURRN. O «Universidade Aberta», resultante de convênio entre a FURRN, a Universidade Estadual do Ceará e jornal «O Povo», de Fortaleza, e a «Escolinha do Povo». O «Universidade Aberta» utilizou-se dos fascículos editados pela Universidade de Brasília no intuito de levar à comunidade sem acesso ao ensino superior — e aos próprios universitários — informações e conhecimentos normalmente difundidos nas salas de aula acadêmicas.

Já a «Escolinha do Povo» apresenta iniciativa pioneira no Rio Grande do Norte. «Para que o aluno do Curso de Pedagogia dispusesse de laboratório onde cumprir o estágio regulamentar, nós criamos uma esco-



Na FURRN, uma aspiração realizada

la de 1.º grau dentro da própria Universidade. A escola atende hoje a cerca de trezentos alunos e os professores envolvidos no projeto são dispensados do pagamento das taxas mensais», explica o Reitor da FURRN. Uma outra iniciativa da instituição dirige-se às camadas sociais menos abastadas: um ambulatório médico assistido por estudantes da Escola de Enfermagem, que atende uma média diária de quarenta pessoas.

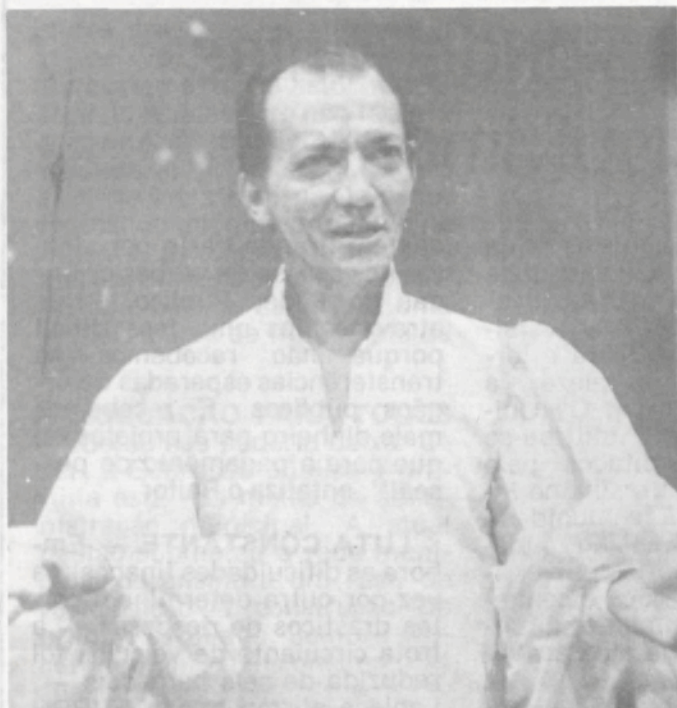
«Além da assistência médica», afirma Laplace, «nós fornecemos também uma boa parte dos medicamentos necessários ao tratamento desta população, gratuitamente». Todo este trabalho é executado a despeito das dificuldades financeiras da FURRN, motiva-

das em grande parte por atrasos no repasse de verbas oriundas do Poder Público. «Nós atravessamos uma fase difícil porque não recebemos as transferências esperadas de órgãos públicos. E recebemos mais dinheiro para projetos do que para o pagamento do pessoal», enfatiza o Reitor.

LUTA CONSTANTE — Embora as dificuldades financeiras vez por outra determinem cortes drásticos de despesas — a frota circulante de veículos foi reduzida de seis para dois —, Laplace afirma que a FURRN prosseguirá no projeto de expandir o seu raio de ação, abrindo-se cada vez mais à comunidade. E criando alternativas capazes de reduzir o custo de funcionamento: «Uma das

razões de nossa sobrevivência é a não criação de cursos sofisticados. Dos dezesseis que temos hoje, somente quatro não são ainda reconhecidos pelo MEC».

Um reconhecimento que não deve tardar, já que atualmente tramita nos gabinetes burocráticos do MEC um processo pedindo a federalização da FURRN, condição que minimizaria alguns dos problemas atualmente frequentes no cotidiano da instituição. «O processo já foi encaminhado ao MEC e nós deveremos receber a visita de uma equipe do Ministério que produzirá o relatório do qual dependerá a federalização. Se isso ocorrer, então o reconhecimento dos demais cursos será automático», concluiu o Reitor da FURRN.



Jesiel, à luz de Cacilda



Um poeta em cada esquina

CULTURA

Em 15 anos, pouca coisa muda na cultura potiguar

No final da década de 60, um grupo de poetas — e de pessoas que comumente gravitam em torno da poesia transformou o «Grande Ponto» num Tribunal da Inquisição e destruiu livros do poeta Carlos Drummond de Andrade. Em nome, alegavam, da renovação das formas e da linguagem poética, bandeira de movimentos pretensos vanguardistas em que os anos 70 foram pródigos. Hoje todos cederam às evidências factuais e passaram de condição de traças à de espanadores dos poemas do bardo de Itabira. Um deles é o jornalista Vicente Serejo, que não regateia elogios públicos à obra de Drummond e pode confirmar a tal performance.

A evocação a este **happening** serve como indício do que efetivamente ocorreu no âmbito da cultura do Estado nos últimos quinze anos. Um período em que os ecos de alguns movimentos de renovação da arte brasileira chegaram às latitudes potiguares em moldes bem pouco aceitáveis, diluídos que foram numa sucessão de performances demagógicas que nada acrescentaram ao nosso panorama artístico-cultural. Um fato sentido prin-

cipalmente na Literatura, onde os nomes exponenciais continuam sendo os nascidos para a arte há pelo menos duas décadas.

Em função disso, bem se poderia dizer da existência de uma espécie de casta intelectual, o que hierarquiza o grande grupo dos produtores de arte no Estado, fomentando uma espécie de divisão em classes que redundam na concessão de grande espaço para alguns e de nenhum para a maioria. Que, indubitavelmente, detém nomes também qualificados, senão para renovar em absoluto a cena artística, ao menos para imprimir-lhe rotas diferentes ou não tão monótonas como as que hoje são navegadas.

AS DELÍCIAS DO COMPADRIO — Afinal, além das performances, o que houve de destacado nas letras potiguares durante os quinze anos em que existe a revista **RN/ECONÔMICO?** O compadrio. É este o fator preponderante a determinar a enxurrada de títulos publicados pelas editoras do aparelho cultural do Estado ou pelas pouquíssimas do setor privado que insistem na perpetuação do

escrito pelos nossos poetas, ensaístas, ficcionistas e outras variantes do mundo da Literatura.

A par dos arranjos, fica mais fácil dizer que, contrariando uma velha lei artística — que diz da necessidade do número excessivo como condição para a emergência de literatos de qualidade —, o Rio Grande do Norte quase nunca conseguiu ser projetado literariamente para fronteiras além das suas. A exceção, reverenciada e cantada em prosa e verso, continua sendo um certo Luís da Câmara Cascudo. Outros porventura lembrados pelo leitor, se conseguiram ir além em termos de consumo, o foram porque trataram de prosar e poetar sob climas mais propícios à «federalização» dos seus escritos.

Para os que ficaram, sobrou o consolo de executar as desgastadas performances nos palcos, bares e festivais da vida, digladiando-se numa eterna troca de insultos — ou de elogios — que é, em suma, o motivo maior da sua arte. Ao menos por aqui. Entre os que permaneceram provincianos, além da casta composta pelos mais experientes no manejo da pena e das relações pessoais — e onde figuram poetas de porte, como Luís Carlos Guimarães, Jarbas Martins, Nei Leandro de Castro, Sander son Negreiros, Myriam Coeli (falecida), Zila Mamede e outros menos públicos —, sobrevivem os **marginais**. Os que se pretendem à margem do oficialismo, embora, vez por outra, recorram às benesses paternalistas

do Estado para conseguirem um lugar ao sol da cidade. Além de outros menos susceptíveis a simpatias de primeira hora com rótulos e rotulações.

REEDIÇÕES BEÓCIAS — Entre os auto-intitulados marginais, a regra é cuidar dos trejeitos fisionômicos e relegar ao plano das divagações vanguardistas os versos — ou poemas-objeto, poemas-processo e variações afins. Não satisfeitos com a diluição dos movimentos que cultuam — absorvidos pela linguagem literária como um modo a mais de se extrair de uma palavra tudo o que ela pode dar e, portanto, esvaziados como movimentos autônomos — esses adultos que permanecem adolescentes da arte, insistem na valência dos mesmos.

E continuam a tecer objetos artísticos que misturam o que sobrou do poema-processo, da poesia práxis e da poesia concretista, num amálgama enfadonho que apenas reafirma o marasmo em que se debate a maior parcela da nossa juvenildade (**gracias**, Mário de Andrade) literária. Os meios são os mesmos: as performances. Ou — suave cosmopolitismo — os **happenings**, degustados tão

somente pelos sectários mais sectários — vale o pleonasmão — perdidos na ânsia de atualização do passado, desmentida pela própria evolução da Literatura brasileira.

Um exemplo típico da extemporaneidade de tais tentativas ocorreu em 1980, num seminário sobre Literatura Brasileira, com a participação da professora carioca Heloísa Buarque de Holanda. No intervalo de uma das suas palestras, eis que irrompe aquele rapazinho louro — com pose de **enfant terrible** — e principia a envolver o grupo que conversava no pátio da Reitoria da UFRN com rolos de papel higiênico cor-de-rosa. No papel, uma só expressão: **status cu**, paródia de **status quo**.

Retomada a palestra, Heloísa Buarque não poupou a sanha vanguardista de J. Medeiros, indefectível guardião dos movimentos perdidos nos confins dos anos 60 e 70, e disse não compreender o significado da manifestação na década de 80. Seguiu-se um princípio de polêmica entre os dois, mediada pelo poeta Volonté, que não conseguia se situar bem no assunto, evidenciando toda a fragilidade da média dos «jovens» in-

telectuais, que encaram os livros como algo não a ser lido, mas devorado. O que os transforma numa máquina de citações que jamais conhecerá o óleo «amaciante» do senso crítico. São assim, esses poetas...

OPERÁRIO E ESTRELA — Além da Literatura, que outras luzes artísticas poderiam (tentar) justificar o emblema de cidade solar emprestado a Natal pela indústria publicitária do Poder, sempre de olho em cifras e cifras? No Teatro, o brilho é individual. Um nome, ao longo de duas décadas, transformou o hábito de subir ao palco numa profissão de fé dignificante e bonita: Jesiel Figueiredo. Sem exagero, pode-se dizer que esse nome praticamente resume a história do teatro contemporâneo no Rio Grande do Norte.

Conhecedor dos bastidores por onde obrigatoriamente passam as decisões sobre o que é e o que não é apoiado pelos organismos estatais encarregados de amparar o fazer artístico em Natal, Jesiel reúne em torno da legenda representada pelo seu trabalho boa parte dos escassos recursos materiais e financeiros desti-

Menos abundantes, prosa e cinema começam a ter vez

A literatura de ficção e o cinema são um caso à parte neste quadro todo. Não sem razão, costumam dizer que em Natal há um poeta em cada rua, o que aponta de saída para a escassez de prosadores. Mesmo assim, nos últimos quinze anos, eles deram o ar da sua prosa, com alguns até sendo ungidos com a bem-aventurança do sucesso — narrado por eles próprios — no eixo que domina a vida cultural do País.

Socorro Trindade, por exemplo, é um desses nomes. Valendo-se da prosa e da poesia para produzir suas peças literárias quase sempre pautadas por um tom de denúncia e inconformismo com a organização social do País, a escritora mereceu elogios de muitos escritores e críticos consideráveis. Jorge Amado, Fausto Cunha e Edilberto Coutinho, por exemplo. Tanta ad-

miração lhe valeu o trânsito por cargos e funções certamente cobichadas por outros intelectuais. Dirigiu o Laboratório de Literatura do Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, transportando depois a experiência para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Hoje é assessora de alguma coisa no Conselho Federal de Educação. Tem livros publicados por pequenas e grandes editoras. No último caso, há o “Cada cabeça uma sentença”, editado pela Ática. O mesmo caminho foi seguido por dois outros prosadores: Francisco Sobreira e Eulício Farias de Lacerda, com os volumes “A noite mágica” e “As filhas do arco-íris”, respectivamente. Outro exportado: Ney Leandro de Castro, com “O dia das Moscas”, editado pela Codecri.

O naipe de bons prosadores se

completa com a menção de nomes mais domésticos, como Tarcísio Gurgel e Edna Duarte Dantas, senhores de uma habilidade literária indiscutível, como reconhecem os acadêmicos de áreas afins. A professora Irma Chaves, por exemplo, «legítima» a obra de Tarcísio Gurgel em dois ensaios reunidos no livro “O Jogo da criação”. No primeiro ensaio — “Macatuba não é Pasárgada” — debruça-se sobre o primeiro livro (publicado) de Tarcísio — “Os de Macatuba”; no segundo, “Macatuba é o eterno paraíso”, Irma esmiuça os jogos criativos de escritor em “O Eterno Paraíso”.

Quanto ao cinema... Bem, até prova em contrário, apenas um filme produzido por cineasta do Estado — e rodado aqui — chegou ao circuito exibidor: “Meu Boi de Prata”, de Augusto Ribeiro Júnior. Talvez pelas dificuldades de colocar «uma câmara na mão» — fazer cinema custa caro — e passar para o celulóide «a idéia na cabeça», cineastas são uma espécie rara por estes lados. Ou seria por razões não tão técnicas ou financeiras? Cartas para a redação...

nados à encenação de peças. Ganhou alguns prêmios nacionais — num Festival no Rio — e divide seu tempo em montagens encenadas pelo seu próprio grupo — nas quais, merecidamente, é a grande estrela — e no trabalho que desenvolve junto ao grupo mantido pelo Serviço Social da Indústria.

Uma de suas últimas peças encenadas — há pouco, em cartaz no teatro que leva o seu nome e simboliza bem o seu empenho de seguir representando —, «Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá» tem sido vista por um público considerável, pródigo em aplaudir a performance daquele que, confessadamente, tem em Cacilda Becker um modelo de profissionalismo. Afora as experiências procedidas por Jesiel Figueiredo, sobrevivem grupos pouco dados a um trabalho contínuo e sistematizado, restringindo-se a encenações esporádicas.

TINTAS E NOTAS DOMÉSTICAS

— Tirante a Literatura e o Teatro, a outra forma de expressão artística mais disseminada entre os que se arrogam a capacidade de fazer arte no Estado é a Pintura. Ou as Artes Plásticas, para se ser mais genérico. A



Edna Duarte: habilidade

verdade — pouco aprazível — é que qualquer vivente que se julgue dotado de alguma habilidade no manejo dos pincéis não vacila em expor os seus borrões, deformações ou o seu paisagismo kitsch aos olhos dos interessados. Para afrontar a regra da mesmice, ressaltam alguns nomes cujo trabalho contém elementos realmente artísticos, ao ponto de serem

convidados a exposições fora do Estado.

Leopoldo Nelson, Newton Navarro, Fernando Gurgel e Diniz Grilo (os dois últimos, da safra mais recente) são nomes emergentes e considerados pelos críticos e semi-críticos de Artes Plásticas como expoentes da pintura no Estado.

Se a pintura ainda consegue ser de

NOSSOS PARABÉNS

A Revista RN/ECONÔMICO vive a história dos seus 15 anos de existência, e a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte saúda a todos os profissionais que fazem esse órgão de imprensa, certa de que está homenageando uma equipe que, procurando formar opinião pública, luta pelo bem-estar de nossa Nação.

**ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

exportação, os últimos quinze anos revelam que a Música produzida pelos nossos compositores é ainda de consumo doméstico. Em que pese a qualidade indiscutível de diversos músicos formados pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — que dispõe, ainda, de excelentes professores. Justamente por isto, fica patente que a chamada Música Erudita — o trabalho acadêmico com este tipo de arte — domina o contexto qualitativo, uma vez que os ditos compositores de Música Popular não conseguiram ainda extrapolar os limites dos bares e dos teatros da cidade.

Para explodir com os complexos de inferioridade dos mais bairristas, há uma grande opção: os cantores **brega**. Gilliard e Carlos Alexandre estão por aí, com suas canções que vão ao encontro do mau gosto que orienta os padrões estéticos da maioria da população brasileira. Vendem milhares de discos, têm suas canções executadas nas rádios e aparecem nos programas de televisão, mesmo esporadicamente. Gilliard, então, tornou-se um dos muitos mitos do universo artístico **brega** e talvez o único artista norte-riograndense que pode afixar na entrada da sua casa aquelas palavrinhas do imperador romano Júlio César: "Vim, vi e venci". (OLGA DE MATTOS)



Música, império do brega



J. Medeiros, polêmico

CONJUNTURA

Na crise, natalense poupa menos, mas bebe muito

Nos últimos anos, a palavra «crise» tem se transformado em vocabulário rotineiro de uma nação inteira, e também motivo para dor-de-cabeça, principalmente daquela faixa da população que está entre a classe média e a baixa, onde os salários são menores e as aspirações, maiores. O Governo receita «apertar o cinto», embora ele mesmo não se preocupe com isso. E, enquanto diminuem as chances de se adquirir o que é considerado importante, segundo alguns observadores, o consumo do chamado **supérfluo** aumenta em proporção igual. Sem dinheiro para poupar ou comprar bens duráveis e imóveis, gasta-se com aquilo que é mais barato e tem resposta imediata — como roupa e até bebidas.

Essa teoria poderia ser confirmada

se tomarmos como exemplo para observar o movimento na orla marítima nos finais de semana: apesar da proliferação de bares, eles sempre estão lotados, e a clientela, sempre bem vestida, seguindo o rigor da moda. O aumento constante no preço da gasolina não é motivo para que se deixe o carro em casa: a partir das 9 horas da noite, de uma sexta-feira ou sábado qualquer, o engarrafamento na Avenida Café Filho, entre as Praias de Areia Preta e Praia do Meio, chega a ser irritante para os mais impacientes, ainda que motivo de paquera para a maioria. Por outro lado, o vai-e-vem no comércio local continua o mesmo.

O aumento do custo de vida em todo o País é um fato indiscutível, e o achatamento dos salários, origem de

COMERCIAL JOSÉ LUCENA A FERRO E AÇO



Uma boa construção se conhece pelos alicerces. Fortes, seguros. Que ultrapassam o tempo vencendo as dificuldades. A Comercial José Lucena é assim: como uma construção sólida. Há meio século, fornecemos qualidade nos nossos produtos em ferro e aço. E você pode comprovar que a aquisição dos nossos artigos — ferro para construção civil, ferro quadrado, chato, barras e cantoneiras — é uma boa empreitada. Tudo isso com um preço amigo e um prazo vantajoso, além do serviço de entrega automática. Venha até nós. Com a Comercial José Lucena, a casa nunca cai.

Meio século fornecendo qualidade



COMERCIAL JOSÉ LUCENA LTDA.

Agora também com a loja de ferro
Av. Presidente Bandeira, 882,
Alecrim — Fone: 223-4820

reclamações de quase toda a população brasileira, que se vê encurralada e sem as mínimas condições ou mesmo esperança de mudar o seu padrão de vida. No caso específico de Natal, o custo de vida aumentou 10,88% em setembro, e — de acordo com dados fornecidos pela Federação do Comércio do Estado do Rio Grande do Norte — no período de janeiro a agosto do corrente ano, o custo com as necessidades básicas (alimentação, transporte, água, energia elétrica e habitação) cresceu 89,2%. O custo com o vestuário, no mês de setembro, teve um crescimento de 12,01%

BEBIDA SIM — Apesar da inflação, que obviamente atinge o setor de bebidas, o consumo de álcool não teve grandes decréscimos. Alguém diria que, em época de crise, se «bebe para esquecer». Confirmada ou não essa teoria, o fato é que o consumo da cerveja — da Brahma mais especificamente — não teve a queda que se esperava, segundo afirmou o gerente da Brahma em Natal, José Aurélio Ribeiro. Ele disse que, a nível nacional, se esperava uma queda de 40%. O índice, porém, diminuiu apenas em 20% e em Natal, no mês de setembro, as vendas tiveram um aquecimento de 30%.

José Aurélio observa que crise séria existiu em 83 — “um ano crítico” — mas, este ano, as coisas estão melhores, e ele acha que o inverno influiu um pouco. Outro fator que contribui para a permanência no índice de consumo é o tipo de clientela de Natal: funcionários públicos e militares. Aurélio acredita que a clientela mais fiel ao copo está nestas duas categorias, que formam o grosso da população natalense (cerca de 80%).

Se os índices da Brahma não acusam uma queda no consumo de bebida (e esse é um exemplo que não pode ser generalizado), alguns bares reclamam que, se a frequência não diminuiu, o consumo não é o mesmo. Jô (José Terraguso Neto), do Bar «Tirraguzo», confessa que a frequência não caiu, contudo, em compensação, quem tomava cinco cervejas agora toma duas. Mas a tendência é melhorar com a chegada do verão e conseqüente «leva» de turistas que aqui chegam no período de férias escolares (dezembro a fevereiro).

No chamado «Baixo», onde está localizado o Tirraguzo, de um ano para cá foram abertos cerca de 15 novos bares. Uns fecham para abrir depois, outros arrendam, outros fecham para



Vestir bem, apesar da crise

reforma e, assim, o «Baixo» vai ganhando novos bares, todos com frequência regular. “Embora nenhum tire a frequência do outro”, conforme diz Jô, cujo bar é um dos poucos que, em dois anos e meio, não sofreu muito com a crise, mantendo sua clientela estável. Se a frequência em bar aumenta em época de crise, Jô acha natural, porque essa é uma forma de fugir do problema.

Em período de recessão, a população tem de fazer opções, eleger prioridades, baixar o padrão de vida e assumir a filosofia da substituição — neste último caso, quando se trata de alimentação, por exemplo. Carne de primeira somente é consumida por uma pequena minoria, que não vê muita necessidade de diminuir os gastos. A classe média, no entanto,

se vê obrigada a substituir produtos; em contrapartida não sente «necessidade» de deixar de consumir por consumir. É a «doença do consumismo» resultante do sistema capitalista vivido no País. O gerente do «Hiper Bompreço» — que abrange supermercado e magazine (confeções, sapatos, perfumaria e eletrodomésticos) — Osmar Ramalho de Figueiredo, baseado em sua experiência, afirma que “o momento atual não parece ter crise”. Ele informa que o povo continua comprando, e as perspectivas são as melhores para este final de ano.

Talvez um caso a parte pelas aparentes facilidades de compra que oferece (sistema de crediário e de cartão de crédito), o «Hiper Bompreço» é campeão na venda de eletrodomésti-



A cerveja ameniza a crise

cos. A seção de brinquedos, afirma Osmar Ramalho, vende o ano inteiro — “é a seção que mais se destaca — seguida da seção de confecções, “que vende muito bem”. No caso de vestuário, diz ele, também vendemos a crediário, e isso ajuda muito na venda.

GASTO É ILUSÃO — Enquanto alguns afirmam que o consumo de supérfluo não tem caído, Tião (como ele se auto-denominou), professor do curso de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, acha que gasto com supérfluo é uma ilusão — “na verdade, o salário real não está acompanhando”.

Tião não acredita que o consumismo esteja prejudicando a poupança, uma vez que o indivíduo consome em proporção à renda que ele tem. Se ele não tem poupança e o salário diminuiu, “o consumo será restringido”. É uma consequência natural, raciocina. “Não acredito no aumento do consumo da bebida, por exemplo, quando sabemos que o salário está caindo. Quando o sujeito não é assalariado, o consumo cai menos que o consumo do assalariado. Voltando ao caso das bebidas, pode haver estrati-



Mayra Galvão: status

ficação do consumo: alguns bebem mais, mas não se pode generalizar”.

O professor Tião argumenta que tem se usado bastante a tática da substituição para sobreviver à crise, e argumenta que, se estiver havendo um certo consumo de supérfluo, “é na classe média ou num certo grupo dessa classe”.

Sem o mesmo embasamento teórico do professor Tião, porém observando na prática, a vendedora Fátima Amorim (da Boutique «Mila», no

«Hiper Bompreço») afirma que o índice de venda não é o mesmo há alguns meses e que a clientela não tem mudado. Trata-se das clientes tradicionais, que compram sempre numa mesma boutique, e mesmo essas frequentes têm diminuído a frequência. Sem especificar o caso da boutique em que trabalha, Fátima afirma que às vendas de um modo geral têm diminuído, “porque a inflação vive em torno da gente”.

Estudante de Economia, família classe média, Mayra Galvão também está sentindo na pele a necessidade de apertar o cinto e faz uma comparação: “Há um ano atrás, a gente podia poupar X e gastar Y, e agora eu não posso fazer isso. Hoje, tenho de optar por fazer uma poupança”. Diante dessa crise — “o aumento do salário da gente é muito menor que o índice de inflação” — Mayra informa que diminuiu muito os gastos com roupa, calçados e cabeleireiro.

Mayra Galvão observa que, em época de crise, a classe média se preocupa em não baixar o consumo de roupa, por exemplo, “para não demonstrar que você não está bem. Mas não é roupa quem vai dizer que você está bem ou não”. Uma das for-

VENÇA A CRISE

VESTINDO BEM

Pensar em crise, não dá roupa a ninguém. A Herbus Confecções, por exemplo, não pensa nessas coisas. Com toda sua produção vendida até dezembro, a empresa comprova seu bom desempenho. A Herbus pensa, sim, na sua clientela. Confecções é uma arte e Herbus Confecções faz a arte moderna de todas as suas criações. Herbus é uma marca que persegue o futuro e assim trabalha em conjunto com: Hela Moda Feminina, Unilijas Confecções, Reembolso Heru's. Herbus — uma marca nordestina, gerando novos empregos, ajudando a vestir o Brasil.

HERBUS
CONFECÇÕES LTDA
Av. Bernardo Vieira, 986 — Tel.: 223-4439

mas encontradas para driblar a crise, nesse aspecto, diz ela, é comprar uma roupa boa, que tem maior durabilidade e "dessa forma" você termina economizando".

Ceres Varela Bezerra, funcionária pública e estudante de Farmácia, concorda com Mayra e procura racionalizar "o pouco que a gente ganha, gastando meios e naquilo que é mais essencial para se viver, como por exemplo na alimentação, habitação, saúde e vestuário". Os gastos com lazer já ficam em segundo plano e também "são racionalizados, de acordo com o padrão de vida que cada um de nós vive".

Racionalização e substituição, são

vocábulos usados e práticas constantes da vida de grande parte da população. A pesquisa também tem sido uma saída para aqueles que desejam consumir (ou necessitam) e o dinheiro é curto. Ângela Soares, pré-vestibulanda e também funcionária pública estadual, afirma que a inflação é tão grande que vive fazendo pesquisas no mercado para saber o que é mais acessível ou, pelo menos, o preço mais razoável. Ângela não confia nos menores preços porque, em muitos casos, o produto é de péssima qualidade. A saída, diz ela, foi deixar de lado as coisas supérfluas. Afirmação a confirmar com os frequentadores do «Baixo». □

devem principalmente à redução do número de exames preventivos. De cinco anos para cá, esses exames diminuíram em cerca de 50 por cento. Na época, a média era de mil exames mensalmente. Hoje, é de 500. Esses exames são muito importantes, primeiro porque, fazendo a prevenção, evita-se o câncer; segundo porque, na opinião de Aluizio Bezerra, se o câncer não estiver na fase de metástase, este é curável em 100 por cento dos casos.

A LUTA INCANSÁVEL — Explica, ainda, que a situação está equilibrada porque, se a receita diminuiu, a direção do Hospital vem procurando controlar as despesas. Mas para isso, acrescenta, é preciso vencer as muitas dificuldades. A principal é a falta do Acelerador Linear. Também a falta de mais leitos — hoje, o Luiz Antônio funciona com 71, para atender a todo Estado. O Inamps tem contribuído insuficientemente, e a cota de cirurgias está limitada a 95 por mês. Insuficiente também tem sido o pagamento feito pela maioria dos órgãos que mantêm convênio com o Hospital, como por exemplo o Iprevinat e o IPE. A isso, some-se a falta de apoio financeiro dos órgãos governamentais.

Além das cirurgias, os outros tratamentos são através de radioterapia — atualmente este é feito pela dispendiosa e antiquada bomba de cobalto, que deverá ser substituída pelo Acelerador Linear — mais a quimioterapia (remédios) e imunoterapia. A bomba de cobalto, hoje, está atendendo insuficientemente porque a pastilha do aparelho está com um rendimento também em cerca de 50 por cento a menos. No ano passado, este atendimento era de 90 pacientes por mês.

O INDISPENSÁVEL ACELERADOR — O Acelerador Linear — de seis milhões de eletrowatts, em termos de moderna tecnologia perde apenas para a recente descoberta do transplante da medula óssea, recentemente introduzido no País. O Rio de Janeiro é um dos primeiros centros a utilizá-lo. Do ponto de vista de eficácia, o aparelho apresenta três grandes vantagens em relação à bomba de cobalto: não precisa mudar pastilha — a unidade custa Cr\$ 130 milhões —, o que é feito de três em três anos; tem rendimento muito alto e por isso dá para atender três vezes mais que a bomba de cobalto; e, quanto às aplicações — indolores,



Atendimento insuficiente

SAÚDE

Câncer: fantasma que o RN ainda não pode combater

É uma doença que não poupa ninguém. Desde o mais ilustre desconhecido a pessoas famosas como, por exemplo, o cineasta Gláuber Rocha. Que, por sinal, tem um filme intitulado **Kâncer** (com k mesmo). "O câncer é uma doença que tem atingido, em número sempre crescente, todas as raças, todas as classes e idades. Devemos envidar todos esforços para que haja prevenção da doença e diagnóstico precoce". A colocação é do presidente da Liga Norte-Riograndense Contra o Câncer e diretor do Hospital Dr. Luiz Antônio (Hospital

do Câncer, nas Quintas), Dr. Aluizio Bezerra.

Próximo do término da campanha para compra de um dos mais modernos aparelhos para tratamento do câncer — o Acelerador Linear — nos Estados Unidos, Doutor Aluizio comenta a campanha e sua repercussão junto à sociedade norte-riograndense. Antes de tudo, Aluizio Bezerra comenta a situação atual do Hospital do Câncer. "Apesar das restrições do Inamps, a situação do Hospital vai equilibrada", afirma ele.

Com relação às restrições, estas se

tanto num como no outro aparelho, o Acelerador reúne condições técnicas mais perfeitas.

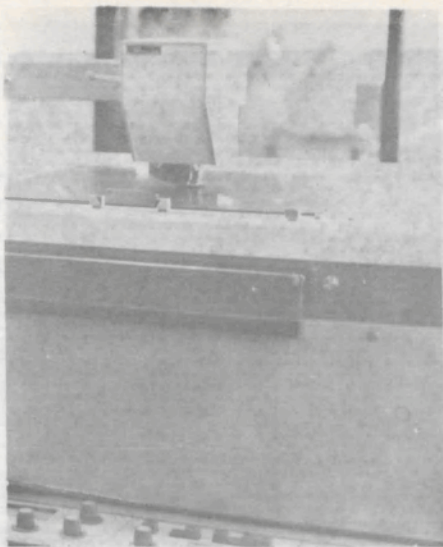
Aluízio Bezerra calcula em cerca de 1.000, o número de pacientes atendidos mensalmente no Hospital Dr. Luiz Antônio. Já que 600 são consultas registradas e cerca de 400 são de consultas não registradas. Nesse sentido, ele lembra a importância do Acelerador Linear: "Deixamos de atender, ou internar, porque às vezes não há vagas para tratamento na bomba de cobalto. Por outro lado, a bomba deve funcionar no máximo oito horas diárias e está funcionando 13 horas diariamente". A maior parte dos pacientes é formada por pessoas de condições sócio-econômicas baixas.

CÂNCER PODE SER EVITADO —

No sexo masculino, a maior incidência é de cânceres de pele, estômago e boca. O de pele se deve à demasiada exposição aos raios solares e ocorre muito nos sertanejos da zona do Seridó. O câncer da boca se deve à má higiene, falta de cuidados com os dentes e ao consumo de álcool e fumo. Já o de estômago, está comprovado que o álcool e o fumo concorrem para a doença. Nas pessoas do sexo feminino, há três principais tipos de câncer: o de pele, do colo de útero, e o das mamas. Os dois últimos tipos se devem principalmente à falta de prevenção.

Para o médico, o câncer de colo de útero — o que atinge as mulheres em maior número — era um tipo da doença que deveria nem mais existir. Bastaria a prevenção. Como não ocorre com frequência, o médico explica, que em 1983, de cada 100 mulheres do Estado que procuraram o Hospital — por ter câncer — cerca de 60 por cento tinham câncer de colo de útero ou de mama. E ressalta como muito importante o trabalho de conscientização que, por exemplo, a Rede Feminina Contra o Câncer vem fazendo. Aproveita a oportunidade para esclarecer que a Rede Feminina é presidida pela professora Maria Alice Fernandes. "Muita gente confunde e pensa que sou presidente da Rede Feminina. Registre-se também que temos contado com importante apoio de voluntárias da sociedade".

A COLABORAÇÃO PEDIDA — Se o Hospital Dr. Luiz Antônio comprar o Acelerador Linear até janeiro, este custará Cr\$ 1 bilhão e 300 milhões, ou seja, US\$ 500 mil. Desse total, a cam-



Equipamento sofisticado faz falta

panha só arrecadou até agora em torno de Cr\$ 300 milhões. Mesmo assim, o diretor do Hospital está muito otimista e confiante na boa repercussão que a promoção vem tendo. Na verdade, a campanha teve um momento um tanto quanto passível de crítica. Foi quando, a partir de setembro e com término previsto para janeiro, a Cosern começou a cobrar, a título de ajuda para o Hospital, uma cota na conta da luz dos seus usuários. Questionado a respeito, Aluízio

Bezerra preferiu não fazer comentários. Explicou, entretanto, que o usuário tem opção de, se não aceitar, procurar a Cosern e solicitar a correção. "Pouca gente foi fazer isso", acrescenta Aluízio.

O médico acrescentou, ainda, que o Governador José Agripino está dando seu apoio e já se comprometeu a ajudar financeiramente para a compra do Acelerador. Nesse sentido, ele abriu uma exceção e autorizou a realização do bingo que o Hospital realizará no próximo dia 23 de dezembro, para arrecadar recursos para a compra. A promoção contou, inclusive, com o apoio dos empresários do setor lojista. O que foi uma grande contribuição, porque estes não vêm com bons olhos a realização de bingos. O sorteio será de nove automóveis e um caminhão.

Também o povo, em geral, tem contribuído. "Esperamos que mais gente contribua", ressalva ele. E faz uma chamada geral às repartições federais, estaduais, municipais, bancos, colégios e Prefeituras para virem doar suas contribuições próprias, além do arrecadado dos funcionários, quando da realização da campanha "Doe um dia do seu trabalho". □

EDUCAÇÃO

Apesar do esforço conjunto, são muitas as dificuldades

Natal representa um verdadeiro paradoxo em relação aos outros municípios do Rio Grande do Norte que diz respeito à educação. E do seu lado, a cidade tem até a questão do salário dos professores — que não chega a ser o ideal, mas certamente não dá muita margem para que aconteçam sucessivas paralisações e choques entre a categoria e o poder público, como acontece a nível estadual. Metida entre municípios que pagam 5 mil cruzeiros a seus professores, Natal consegue, além de tudo, combater com eficácia o déficit escolar.

Apesar dos problemas visíveis, é consenso entre as autoridades ligadas à educação no Estado, que o Rio Grande do Norte, mesmo enfrentando as dificuldades comuns ao resto do Brasil, sempre apresenta um quadro melhor do que a média nordestina. E um dos seus pontos negativos é justamente a questão dos salários dos

professores, os menores do País, um dos parâmetros, talvez, em que se baseou José Antenor de Azevedo, presidente da Associação dos Professores do Rio Grande do Norte, para dar seu parecer sobre a educação: "Eu diria que, se nos outros Estados, a educação vai mal, aqui vai pra lá de mal".

Segundo informa o Secretário da Educação e Cultura do Estado, Hélio Vasconcelos, o déficit escolar para o 2.º grau é o maior problema, e chegava em 83 ao índice de 90,34%. Para o 1.º grau, ele atingia 21,46%. Apesar disso, Hélio sustenta que a educação aqui "vai bem, obrigado". E põe sua confiança nas modificações que vêm sendo feitas, e que vão ser aceleradas no próximo ano. "Em novembro de 83, quando assumimos a Secretaria, o orçamento e o Plano de Trabalho Anual já estavam aprovados. Para o próximo ano, vamos investir pra valer ▶



Aprendendo a ler em casa

na capacitação de recursos humanos e no material didático e pedagógico de consumo permanente pelas escolas”, anuncia.

Como medidas de combate a esse déficit, no período de novembro de 1983 a outubro de 84, a Secretaria Estadual de Educação concluiu 58 prédios escolares, representando mais 190 salas de aula, e 15 mil e 200 novas vagas. Além disso, foram ampliadas 62 salas de aula em todo o Estado, representando 4 mil, 960 novas vagas. Outros 88 prédios escolares em situação precária também foram restaurados nesse período.

Em Natal, ou seja, nas escolas da rede municipal de ensino, o quadro é melhor. O Secretário Lúcio Teixeira considera a situação «satisfatória». A evasão escolar em 83 foi de 12,9%, enquanto a nível nacional esse índice é de nada menos do que 50%. A média de repetência, de 29,9%, também fica aquém dos índices estadual e nacional, que estão em torno de 40%. O motivo apontado pelo secretário é sintomático: “Isso deve-se ao nível de salário do município, que é o melhor de todas as capitais brasileiras”. Sua expectativa é de que a situação melhore.

RUIM, MAS DOS MELHORES — “O Nordeste apresenta as estatísticas mais lamentáveis com relação à evasão escolar, à repetência, ao alto índice de professor leigo, à remuneração dos professores. O Rio Grande do Norte, com relação a isso, pelas últimas informações que tenho, sempre apresentou quadro mais favorável do que a média nordestina. É um quadro realmente ruim, mas não dos piores. Ainda indesejável, mas no Nordeste, há situações mais preocupantes, como o Maranhão, o Piauí, Alagoas, além de outros”.

A opinião é do Delegado do Ministério da Educação e Cultura no Rio Grande do Norte e ex-Secretário de Educação do Governo Lavoisier Maia, Luís Eduardo Carneiro Costa. Para ele, a má situação do ensino tem basicamente um motivo: a questão da prioridade educacional tem sido, na história, muito mais uma questão retórica do que uma realidade. “Os recursos para a educação são o princípio de tudo porque, na verdade, tem havido uma oscilação de percentual no passar dos tempos que não permite um equilíbrio permanente que possibilite a continuidade das propostas educacionais”.

O déficit escolar, para Luís Eduardo, vem sendo diminuído pela pressão das comunidades pelo acesso à escola. Ocorre que a pobreza da economia da região faz com que os Estados não tenham conseguido acompanhar, em termos de qualidade, “a notável expansão da rede escolar”. “A qualidade vai desde o aspecto relativo à formação do educador, tomando caminho pela necessidade de permanente qualificação docente, aliado à renovação das práticas pedagógicas, à instrumentalização das escolas, além do sério problema salarial”, complementa ele.

1.º GRAU: PRIORIDADE — O alto índice de analfabetismo fez com que o Ministério da Educação e Cultura e os próprios Governos Estaduais se preocupassem em investir maciçamente no 1.º grau. No entender do Secretário Hélio Vasconcelos, esse fato justifica, de certa forma, o alto índice do déficit para o 2.º grau no Rio Grande do Norte. Em 84, para o 1.º grau, o MEC liberou 2 bilhões e 348 milhões de cruzeiros. Para o 2.º grau, o montante alcançou os 67 milhões de cruzeiros. “Para 85, vamos investir sobretudo na alfabetização, mas também no 2.º grau”, anuncia Hélio.

NEI LEANDRO DE CASTRO



MUSA DE VERÃO

Opção por «Mulheres» e «Crônicas de Um Amor Louco», por exemplo. Opção pela «Antologia Poética de Vinicius de Moraes». Opção por «Diário da Crise». Opção por «Feliz Ano Velho». Opção por «Alma Beat». Opção pela «Musa do Verão». Estes são títulos de alguns dos livros mais vendidos no mês, escritos por autores de sucesso e talento como Bukowski, Fernando Gabeira, Marcelo Rubem Paiva, Ginsberg, Burroughs, Nei Leandro de Castro. A Livraria Opção optou pelo que há de melhor em tudo. Em todos os artigos de papelaria, material escolar e de escritório. Tem preço e atendimento. Livraria Opção — J. Pereira & Cia. Ltda. distribuidores exclusivos, no Rio Grande do Norte, da linha de fitas Burroughs.

QUALQUER OPÇÃO SEDUZ



LIVRARIA OPÇÃO

Matriz: Rua Ulisses Caldas, 120, Cidade Alta. Filiais: Galeria do Edifício Barão do Rio Branco, lojas 17/19 e no Hiper Center, loja 5, Lagoa Nova. Fones: (084) 222-2277, 222-6118 e 231-7033.

A intenção do Secretário talvez esbarre na questão burocrática, e para acreditar nesta previsão, se dispõe de exemplos recentes aqui no Estado. No Plano de Trabalho Anual do MEC, o Rio Grande do Norte teve alocado um total de 4 bilhões para todos os programas. O Governo do Estado ainda conseguiu negociar mais cerca de 7 bilhões em projetos específicos, com recursos do Tesouro e do Finsocial. "Desses cerca de 11 bilhões de cruzeiros, até setembro último, foram repassados 3 bilhões, 737 milhões, 340 mil cruzeiros. Aí se perguntaria: e o resto como vem? Estamos lutando, mesmo porque os recursos estão comprometidos com programas de fortalecimento dos organismos municipais de Educação", comenta o Secretário.

Para o próximo ano, os estudantes têm uma novidade: a dispensa da taxa de matrícula, já anunciada. Segundo disse o Secretário, o Estado vai deixar de receber, com isso, cerca de Cr\$ 50 milhões, que vão ser cobertos com recursos que serão alocados pelo Governo. Além disso, o próximo ano letivo deverá ser iniciado sob mudanças no Estatuto do Magistério, que será reformulado por uma equipe da Secretaria de Educação e mais representantes de entidades da categoria dos professores, que garantiram a participação.

CINCO MIL POR MÊS — Um problema, no entanto, denunciado há al-



Hélio Vasconcelos: lutando

gum tempo e que vem tendo providência cobrada das autoridades é quanto aos salários de professores de escolas da zona rural, com casos em que recebem Cr\$ 5 mil por mês. Embora não precisando a fonte ou o montante, o Secretário Hélio Vasconcelos anuncia que o Governador — que "tem sido sensível" — vem alocando recursos para complementar os salários dessas professoras. "Agora", adverte ele, "a quantidade de professores do Estado impede salários dignos e justos. Temos de 16 a 17 mil professores. Tão logo o Estado tenha recursos, o Governador terá dado salários justos".

Ocorre também que as professoras geralmente são contratadas das Prefeituras Municipais, que não dispõem de meios de pagar melhores salários, daí a intervenção do Governo do Estado, fazendo a complementação. O presidente da Associação dos Professores do Rio Grande do Norte, José Antenor de Azevedo, foi mais objetivo ao anunciar uma providência. "A APRN vai acionar seu setor jurídico para que as Prefeituras Municipais cumpram a Constituição e paguem pelo menos o salário mínimo às professoras". Para isso, a entidade só espera receber poderes da Confederação dos Professores do Brasil, para representar coletivamente os educadores.

O baixo padrão de vida desses «assalariados» é um dos fatores que contribuem para a má qualificação dos professores, formando um círculo vicioso que precisa ser combatido. Consciente da contribuição dos baixos salários para esta situação, a Confederação dos Professores do Brasil prepara, para o próximo ano, uma campanha de nível nacional pelo estabelecimento de piso de 3 salários mínimos para professora pedagógica. E José Antenor vislumbra outro motivo para a má qualificação: "Existem professores leigos no interior. Incompetência do Governo, em não querer preparar os professores para o ensino".

"A Secretaria da Educação", continua ele, "até hoje não se preocupou

Nos índices da educação, o espelho da pobreza

Sendo um Estado pobre da Região Nordeste, o Rio Grande do Norte teria tudo para ser um dos mais afetados pelas deficiências verificadas no campo da Educação no Brasil. E o quadro a nível nacional não é muito animador. Comparado às estatísticas estaduais, pode-se deduzir que o Rio Grande do Norte apresenta uma situação satisfatória — como aliás, definem as autoridades diretamente ligadas à Educação no Estado e também, especificamente, na capital.

O Brasil é o 6.º País do mundo em população, e o 8.º em Produto

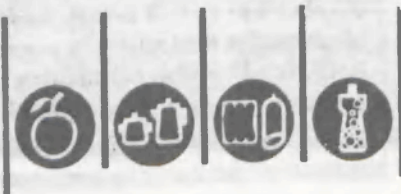
Nacional Bruto. No entanto, é o que menos investe em educação, ficando atrás dos 7 outros países, nessa aplicação: só investe 3,3%. Em 1973, em cada grupo de 100 alunos do 2.º grau, 19 eram normalistas. Esse número decresceu, e no ano passado, passou a ser 9 normalistas em cada grupo de 100 estudantes do 2.º grau, e com tendência a diminuir.

E os que nem sequer chegam à escola? Em cada 4 brasileiros com idade maior de 15 anos, 1 é analfabeto, sendo problema maior na zona rural, onde 53% da população

está nesta faixa etária. Nada menos do que 8 milhões de crianças hoje, na idade de 7 a 14 anos, se encontram fora da escola, a metade delas na Região Nordeste. Dos que vão à escola, de cada 100 pessoas que ingressam na 1.ª série do 1.º grau, somente 18 delas chegam a concluir a 8.ª série.

Isso tudo se reflete em outro campo: de 28 milhões de domicílios brasileiros, 9 milhões não apresentam sequer um livro; outros 9 milhões têm 10 livros, quase sempre didáticos. E ainda: dos 500 mil funcionários públicos federais, somente 43% têm o 1.º grau completo. O mais grave, no entanto, fica para a situação das pessoas que lecionam da 1.ª à 8.ª série: em todo o Brasil, 13% desses professores sequer concluíram o 1.º grau. Ou seja, ensinam o que, teoricamente, não sabem.

NATAL BELLA NATAL



supermercado
Nordestão
 sua preferência, nossa dedicação

em reciclar conhecimento dos educadores. Isto é uma forma de manipular o professor, que fica menos informado e mais submisso àquela situação reinante. Tendo em vista o não compromisso da Secretaria em fazer essa reciclagem, a APRN está fazendo cursos de melhoria do ensino e organização dos professores”.

A qualificação dos professores foi o primeiro motivo atribuído para o baixo índice de aprovação no último concurso público para professores da rede estadual de ensino. Mas, segundo o Secretário Hélio Vasconcelos, depois de “uma avaliação metódica” feita pela própria Secretaria e pela APRN, concluiu-se que houve falhas na formulação de questões, na bibliografia, e em estabelecer a média 7 para aprovação. Para o próximo concurso, em dezembro, com 5.921



Antenor: os menores salários

inscritos e média 5, o Secretário já adverte que, “se alguma culpa houver, será pelo nível de escolaridade”.

ABERTURA E DEMOCRACIA — “Nem a escola democrática do senhor Hélio Vasconcelos tem resolvido muito o problema da educação no Estado”. A declaração de José Antenor, ao falar sobre a situação educacional do Rio Grande do Norte, mostra bem a decepção que tiveram as pessoas interessadas ver concretizado o processo de escolha dos diretores das escolas pela via direta, e que não mostrou bons resultados nas primeiras tentativas. Esse «fracasso», na opinião do Secretário Hélio Vasconcelos, faz ver que a eleição direta para diretor de escola é um passo na democratização, mas não necessariamente o primeiro.

Aberta e democrática ou não, o cer-

to é que a escola sempre se vê às voltas com paralisações e greves por melhores salários para os professores, mais uma marca da crise. No Rio Grande do Norte, a luta é feita com mais entusiasmo quando o professor tem oportunidade de fazer um comparativo entre os salários pagos aqui e os de outros Estados do Nordeste, e ver que, como diz o presidente da Associação dos Professores, no Rio Grande do Norte, eles são os menores. No Ceará, por exemplo, um professor no início de carreira, trabalhando 40 horas semanais, tem um salário de Cr\$ 552 mil; no Rio Grande do Norte, a remuneração cai para Cr\$ 242 mil.

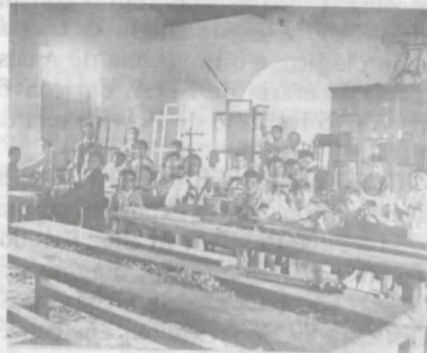
Na rede municipal de ensino da capital, segundo declara o Secretário Lúcio Teixeira dos Santos, esse problema não existe. O salário é vinculado, e o professor com licenciatura plena recebe, por aula, 3,5% do salário mínimo. Para quem tem licenciatura curta, o valor de uma aula é 3% do salário mínimo. No caso dos professores que têm o curso pedagógico, e ensinam da 1.ª à 4.ª série, os seus vencimentos representam 130% do salário mínimo vigente. “Problemas de salários, não temos”, observa Lúcio Teixeira.

CONTRA O ANALFABETISMO —

Com 38 escolas próprias, sendo 9 de 5.ª a 8.ª série, e abrigando, nessas escolas, um total de 18 mil alunos, a Secretaria Municipal de Educação tem, paralelo a isso, o programa «Em Casa Também se Aprende a Ler», que tem hoje um total de 13 mil alunos com aulas em casa, em salões de Igrejas, clubes de mães, ou qualquer outro prédio capaz de ocupar algumas pessoas, geralmente crianças pobres. O programa não exige do estudante qualquer despesa com fardamento, matrícula ou mesmo material escolar.

No próximo mês, dezembro, forma-se a primeira turma do programa «Em Casa Também se Aprende a Ler», que foi implantado em maio último, e seus «formandos» ingressarão em uma escola de ensino regular ou no ensino supletivo, dependendo de sua idade. Para o próximo ano, a Secretaria vai construir mais 10 salas de aula no ensino regular, para mais 2 mil alunos. Além disso, o programa «em Casa Também se Aprende a Ler» vai ganhar mais 500 turmas, enquanto que o programa Educação Integrada em convênio com o Mobral ganha também 500 turmas.

RN/Econômico e ETRN juntos em todos os momentos



No início, eram as oficinas primeiras, que procuravam ensinar ao aluno a arte de um ofício...

RN/ECONÔMICO — A solidez de uma Revista que há 15 anos analisa, opina, comunica e informa a um público que decide.

RN/ECONÔMICO e ETRN — Juntos e presentes em todos os momentos que decidem e definem o futuro do Rio Grande do Norte.

ETRN — Aos 75 anos de vida, a ascensão e o progresso contribuíram para transformá-la numa Instituição de ensino técnico-profissionalizante verdadeiramente impar no cenário educacional brasileiro, formando técnicos em Edificações, Estradas, Eletrotécnica, Mecânica, Mineração, Geologia e Saneamento.



... e hoje, formando técnicos que ajudam na construção do Brasil.



ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Av. Salgado Filho, 1559 Caixa Postal 601
Telex: 231-1300 e 231-1304
Natal-RN — CEP 59.000

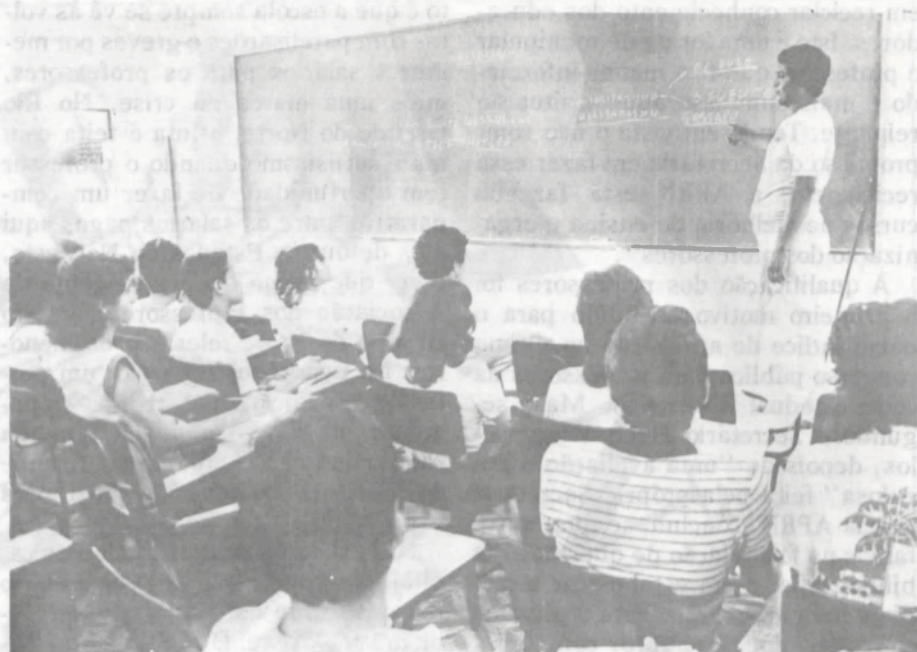
Para combater o aumento do déficit escolar ou a repetência e evasão, a Secretaria de Educação tem usado de vários meios. Um deles vai ser, a partir deste ano, premiar o aluno que passar em 1.º lugar em cada escola. Dentre outros projetos e programas, a Secretaria também tem o de saúde escolar com assistência médica e odontológica, atendendo nas próprias escolas. Cinco escolas têm o consultório fixo, e existe ainda o **trailer** odontológico, e o Programa de Assistência Dentária de Natal, em convênio com o Instituto de Previdência de Natal.

Outro projeto é o da «Escola Produtiva», com cinco experiências em todo o País: Brasília, Recife, Estados de Alagoas e Maranhão, e agora Natal. Os recursos são da Organização dos Estados Americanos, em convênio com a Secretaria de Assuntos Internacionais do Ministério da Educação e Cultura. Consiste no ensino de marcenaria, arte culinária, ou qualquer outra atividade, com os produtos sendo comercializados através dos Centros Comunitários de Bairros, e o dinheiro sendo distribuído com os alunos ou reaplicado no projeto.

Segundo informou Lúcio Teixeira, já foram concluídas as instalações físicas de 2 oficinas, e o Ministério da Educação já autorizou a apresentação de dois outros projetos: para a Escola José Sotero, em Igapó; e para a Escola Iapissara Aguiar, no Conjunto Panatis, sendo a primeira de marcenaria e a segunda de artes gráficas. O Programa da Escola Produtiva tem o objetivo de ensinar desde cedo uma profissão ao estudante, ao mesmo tempo em que dá a ele uma pequena fonte de renda.

E ENTÃO? — Na constante busca de mais recursos, as autoridades ligadas à educação não deixam de cobrar do Poder Central o cumprimento da Emenda João Calmon, que destina, no caso, da União, 25% da arrecadação de impostos para a educação, e 13% no caso dos Governos Estaduais. Até agora, nem um nem outro cumpriu o que determina a Lei, mas existe pelo menos a expectativa e a esperança de que isso venha a ser cumprido agora, embora existam indícios de que ainda não vai ser desta vez: o Governo do Estado elaborou o orçamento com 19%.

No entender do delegado do Ministério da Educação no Estado, Luís Eduardo Carneiro Costa, uma saída para melhorar o ensino seria “a tão



A merenda ainda é o mais importante

falada reforma tributária”. “Evidente que a partir daí, as coisas poderão variar de Estado a Estado, a partir do maior ou menor comprometimento com a educação, no caso dos adminis-

tradores públicos dos Estados e municípios. Os recursos somente não é a solução. A gestão educacional é tão importante quanto o dinheiro público” (IRANILTON MARCOLINO). □

TRANSPORTES

Se não mudar política, a situação pode virar caos

“Se não houver uma política de transporte urgente, o setor vai ao caos”, garante Eudo Laranjeiras, um dos diretores da empresa Cidade do Sol, baseado na própria experiência e nas conclusões do I Congresso Na-

cional dos Empresários dos Transportes de Passageiros, realizado em Recife no final de outubro. A constatação final, de que o serviço chegou ao fim da linha em decorrência das taxas altas demais para a população e baixas demais para cobrir os custos das empresas, é no mínimo preocupante.

As queixas dos empresários do setor voltam-se maciçamente para o preço do óleo diesel, encarecido em até 40% por subsidiar atividades alheias ao transporte urbano, como a Previdência Social e o programa Pró-álcool, e que provocam um aumento substancial no preço das passagens, a cada novo reajuste.

A cobrança por uma política efetiva por parte do Governo, capaz de recuperar a potencialidade do transporte de massa “não é de hoje”, lembra Eudo, desde que constatou-se que empresários e usuários “estão do mesmo lado da mesa”, vítimas de uma “política econômica que não atende à necessidade de ninguém”.



Batinga preocupado

Justificando a sua parte na polêmica, assegura que o usuário não pode mais pagar a passagem e revela, atônito, que "estamos perdendo usuário". Sem que se afirmasse isso, um olhar pelas principais avenidas e ruas da cidade, durante as horas de «rush», flagraria uma quantidade ímpar e crescente de bicicletas nos últimos meses, alternativas de um orçamento que comporta cada vez menos os aumentos sucessivos das passagens.

O LUXO DO DESCONFORTO — Eudo Laranjeiras acusa a penúria e admite que "transporte está se tornando um luxo para a população de baixa renda". Apelando para "o direito do cidadão" em ter acesso ao ônibus, repete que o Governo tem que dar condições para o funcionamento mais adequado do setor, quer no que diga respeito à infra-estrutura como ao custo final repassado ao usuário. Afinal, pondera, trata-se de uma "economia dirigida", voltada para a "prestação de serviços".

Com o que concorda Carlos Batinga, titular da Superintendência de Transportes Urbanos — STU, órgão criado há menos de 1 ano com a fina-



Ônus para trabalhador

lidade de botar ordem no conturbado sistema de transporte urbano natalense.

Segundo ele, os deslocamentos a pé têm aumentado para trajetos de até 2 Km, constatação agravada pelas estatísticas que demonstram que nos últimos 3 anos, não tem aumentado o número de passageiros, embora a cidade tenha crescido e a frota de ônibus também, passando de 230 para 294 veículos atuais, habilmente dis-

tribuídos por 4 zonas que dividem a cidade por áreas de atuação das várias empresas.

Reconhecendo o caráter "estritamente político" de medidas que provocassem uma melhoria no setor, Batinga é utópico, considerando a necessidade de "se pagar bem por bons serviços", citando exemplos europeus pouco compatíveis com a realidade sócio-econômica brasileira e particularmente, nordestina.

FROTA GASTA — Há 19 anos atuando no setor de transporte coletivo, a empresa Guanabara enfrenta problemas de manutenção que, se não chegam a provocar o colapso da sua frota, causa prejuízos, como conta o diretor-presidente da empresa, Olinto Gomes, preocupado com "a falta de dinheiro para comprar novos veículos", como estabelece a legislação em vigor, que torna obrigatória a renovação de 20% ao ano, da frota original.

Mera peça legislativa, obsoleta como outras tantas no País dos contrastes, a medida é desdobrada por 15, 10 e até 5% de renovação, quando não chega a zero em várias capitais, diz Olinto Gomes. Por sinal, há garagens

Tradição e Experiência



Há 37 anos, Almeida Aires vende peças para carros de todas as marcas. E é com a experiência de todos esses anos que se mantém na liderança do mercado de peças em Mossoró. Na loja de Almeida Aires, você encontra o

melhor atendimento e o menor preço, e dispõe de um posto de serviço para lavagem, manutenção e abastecimento de seu carro. Confie na tradição e na experiência de Almeida Aires.



ALMEIDA AIRES & CIA.

R. Cal Gurgel, 506 — Bairro Paraiba — Mossoró-RN — Tel.: 321-4420.

de ônibus em Natal, que, à noite, lembram nitidamente um cemitério de veículos de grande porte.

Quem não pretende se aventurar por esses locais, pode experimentar andar de ônibus durante uma semana ininterrupta, para constatar a frequência da «quebradeira», atenuada por Eudo Laranjeiras com a desculpa de que «ônibus também é falível».

Ademais, argumentam em coro os empresários, «se aumentamos a frota, aumentam os custos e, em consequência, as tarifas». Um círculo vicioso aparentemente sem saída.

O FAMIGERADO «TICKET» — Empenhado em melhorar a imagem do setor, o empresariado julga impropriedade as críticas insistentemente a ele dirigidas e dão razões para isso. Uma das mais fortes coloca o passe escolar, ou **ticket**, no rol dos itens considerados «inflacionários», no preço da passagem. Justificando, o diretor-executivo da Cidade do Sol, comenta que o passe «onera sensivelmente o custo da tarifa», repassado ao trabalhador, que funciona como subsidiário do benefício estudantil. Drástico, para ele, é a quantidade de pessoas utilizando **ticket**, chegando aos 45% do total de usuários, quando os números apontam algo em torno de 25% de estudantes reais. Além do mais, reclama, 180 **tickets** para cada estudante é um exagero, pois não se admite que um estudante gaste mais de 60 **tickets**/mês indo às aulas. O excesso, segundo Eudo Laranjeiras, provoca o comércio paralelo, uma espécie de câmbio negro no qual transitam verdadeiros profissionais.

Destacando outro aspecto, Eudo aponta para a necessidade do estudante conscientizar-se em utilizar a carteira, já que os cobradores têm se mostrado impotentes para controlar a «devassa», ao mesmo tempo em que se isenta de acusações ao declarar que é favorável ao **ticket**, desde que sirva aos seus reais interesses.

Enquanto Olinto Gomes, da empresa Guanabara, defende que o uso do **ticket** deve ser abolido aos sábados, domingos e feriados, Carlos Batinga, da STU, prega a reformulação



Frotas gastas

do Decreto-Lei que estabelece «uma quantidade exagerada de passes», obrigando o estudante a utilizá-lo só para a escola. E revela, com isso, a dúvida incômoda sobre o mais carente: o estudante ou o operário que ganha o salário mínimo.

Se os males são múltiplos, a receita é uma só, acobertando todas as demais medidas e refletindo a preocupação de um representante tradicional do setor, como Olinto Gomes, que admite que «o negócio tá meio feio», acrescentando, crédulo, que «com a mudança de Governo, vai ter de mudar alguma coisa». Nessa perspectiva, situa-se o desejo de não poucos, uns e outros amontoados em veículos sobre rodas que lembram cada vez menos um ônibus. □

ARTE

Fernando Gurgel, pintor que despreza os rótulos

Anos 80. Ou melhor dizendo, ano de 1984. Livre pensar e livre criação. Abstracionismo, e o novo como principal preocupação. É o que propõe Fernando Gurgel, 26 anos, artista plástico dos mais respeitados na cidade, que rabisca seus quadros desde os quatro anos e que, a partir de 21 de dezembro, estará expondo 12 trabalhos numa mostra individual na Galeria da Biblioteca Câmara Cascudo. Não segue nenhum estilo, não se detém numa técnica específica e nem procurou um tema como ponto de partida. Isso porque ele se auto-define como uma pessoa muito inquieta, que não gosta de limites, de definição ou rótulo.

«Não tem tema porque fica mais fácil transar com seu trabalho, dando mais liberdade à criação. Desde a última exposição (em 81), não tenho essa preocupação com uma linha definida de trabalho, até para não criar um rótulo». Está explicado, principalmente quando ele frisa que procura,

antes de tudo, acompanhar a evolução do tempo «e é daí que acho que meu trabalho tem alguma coisa de vanguarda», argumenta. Os títulos de alguns dos quadros que serão expostos dão exemplo dessa contemporaneidade: **O Fotógrafo de Asa Delta**, **Homenagem a Nina Hagen**, **Som**, **Moça ou Rapaz 1984**.

Definindo-se sempre como uma pessoa inquieta e instável nas idéias, Fernando Gurgel afirma que essa sua fase atual — começou com o primitivo, passando por ingênua, primitiva-ingênua, surrealista e agora abstrata — dá continuidade a seus trabalhos iniciados em 81 quando, retornando do Rio de Janeiro, apresentou algo totalmente diferente de sua fase anterior (surrealista), inclusive chocando algumas pessoas acostumadas com seu traço. Nessa exposição, ele mostra trabalhos em óleo, acrílico e até tinta de parede. «Principalmente em óleo», frisa, e as cores são fortes, predominando o azul.

Não troque de mulher. Troque de ambiente.

É bem provável que a melhor mulher do mundo esteja pertinho de você, todos os dias. E talvez você nem desconfie. Experimente fazer um convite a sua mulher para uma esticada no Tahiti. Val ser uma tremenda lua-de-mel, independente dos anos de casados. E ela vai dar em dobro todo o prazer recebido.

MOTEE TAHITI
O paraíso é aqui.

Depois dessa exposição, ele retornará ao Rio para estudar e também tentar mostrar seu trabalho numa «praça» maior. Sua única preocupação é com a aprendizagem, uma vez que gosta de vanguarda.

MERCADO DE ARTE — Mercado de arte é um assunto que sempre «pinta» quando se conversa com um artista plástico. E a pergunta é: «existe»? Para Fernando Gurgel, há em Natal um círculo muito restrito de compradores de arte, e agora estão aparecendo alguns **marchands**, figuras tão conhecidas nos meios artísticos das grandes cidades. «Mas elas não divulgam o artista, que é o que poderia formar o mercado de arte. Isso, antes da preocupação comercial do artista».

Se o mercado é restrito, raciocina o pintor, não é por falta de dinheiro. E para essa afirmação ele tem um argumento: «Aqui em Natal muita gente troca de carro todo ano, e quantas vezes um carro do ano é mais caro que meu trabalho?» A restrição de mercado é, muitas vezes, driblada

pelos artistas plásticos com a promoção de exposições e inclusão de patrocínios. O que, segundo Fernando, é uma coisa ultrapassada, meio careta até. Ele acha que existem outros meios mais eficientes de se vender a obra de arte, e exemplifica a produção de exposições (incluindo aí toda a organização do evento, de divulgação até distribuição de convites).

Fernando Gurgel tem um currículo recheado com exposições no Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e capitais do «Nordeste quase todo», num total de 40 mostras, entre coletivas e individuais. É o responsável pelo painel na entrada da Secretaria de Trabalho e Bem-Estar Social, e participou agora da exposição nacional de «Art-Door», promoção da Prefeitura de Natal, cujo tema foi «Natal em Natal». Com a experiência de exposições e de estilos, Fernando Gurgel esclarece que, de todas as fases, ficou algum traço que hoje forma seu trabalho. Se hoje faz pintura abstrata, pode ser que algum dia chegue a uma definição, mais como um estágio da idade que como um propósito. □

HUMOR

O cotidiano na visão de dois chargistas de Natal

Natal é prodiga em poetas e até pintores de seus miríades de tons e subtons climáticos, mas padece de uma crônica insuficiência de retratadores do nosso cotidiano extenso e variado, senão folclórico, como Câmara Cascudo fez questão de documentar, noutras épocas.

Não se trata de paisagistas bucólicos, mas de chargistas, essas criaturas maravilhosas que fazem do por vezes inosso e simplório cotidiano uma profusão de risos e sensações de prazer somente comparável ao último e derradeiro respiradouro para a asfixia recessiva.

O exemplo macabro, mas real, é a tônica de uma arte que reproduz em tipos caricaturados ou simulados, os sonhos, ânsias e frustrações de uma massa de pessoas que vão e vem todos os dias, empenhados em ganhar um pão cada dia mais confiscado.

E eles são imprescindíveis a ponto de quem folheia o «Diário de Natal», a «Tribuna do Norte» ou a RN/ECO-

NÔMICO, não se furtar a uma olhadela, furtiva ou não, que provoca invariavelmente expressões deliciosas de cumplicidade. Não é para menos que personagens como Delfim Neto, Pastore, Figueiredo, Agripino Maia, governantes e senhores da situação política do Baís despertam reações que oscilam entre a convivência e a recusa.

Mas quem são, como trabalham e o que pensam Cláudio e Edmar? São esses dois dos chargistas que parodiavam o mundo em que vivem brasileiros, norte-riograndenses, retratados todos os dias num traço ágil, grosseiro ou refinado, mas sempre meticuloso e implacável para com os deslizes. E são senhores da técnica de relaxar os nossos tensos nervos de espera indefinível por dias melhores.

INÍCIO COMUM — O mais antigo deles, Edmar Viana, começou em 1973 com o afamado «Cartão Amarelo», que produz em dupla com Eve-



ECONOMIZE COMPRANDO NO ARMAZÉM PARA

Para o ARMAZÉM PARA é tarefa fácil e oportuna homenagear a RN/Econômico em seus 15 anos. Você sabe disso, porque na hora em que quer ficar bem informado e atualizado com os fatos mais importantes nas áreas sócio-econômico e político-cultural do Estado, lê RN/Econômico. Parabéns RN/Econômico! Da mesma forma, hoje quando você quer construir, reformar, ampliar e economizar adquirindo material de qualidade, já sabe que a solução está no ARMAZÉM PARA. O caminho certo em material de construção

ARMAZÉM PARA

**IMPORTADORA
COMERCIAL
DE MADEIRAS LTDA**

Rua Antônio Basílio, 180
PABX (084) 223-4977

raldo Lopes, dono do texto e parceiro sintonizado aos extremos, a ponto de não se dissociar um estilo do outro. Depois de 2 anos produzindo charges esportivas, Edmar voltou-se para o cotidiano, preocupado em reproduzir cenas engraçadas que incluíam a política, em função da evidência do fato e da sua repercussão junto ao grande público, aspecto básico para Edmar, ele próprio um representante legítimo dessa faixa de consumo.

Noutro extremo, situa-se Cláudio, reproduzidor de cenas políticas, mais intelectualizado e voltado para um tipo de desenho que transparece a sua própria opção nessa área, que se adapta como uma luva às intenções do jornal onde trabalha desde '76 — a «Tribuna do Norte» — e que também transparece nas páginas de RN/ECONÔMICO.

Orientado por Henfil, o consagrado cartunista — que, morando em Natal durante 3 anos, serviu como uma espécie de mentor ao jovem prodígio que se iniciava timidamente — Cláudio hoje coleciona títulos em concursos nacionais e o privilégio de publicar charges no Pasquim, em companhia de outros renomados cartunistas.

Segundo os dois cartunistas, a charge é um feto gerado espontaneamente, podendo nascer inclusive de uma idéia medíocre, desde que oportuna, o que se aplica com exatidão às que destacam Maluf, seus óculos e sua fama de «menino mimado». Acusado de explorar a sucessão até a exaustão, Cláudio defende-se com os fatos apresentados corriqueiramente em manchetes de jornais e que fazem a festa de qualquer reunião, informal ou circunscrita aos gabinetes.

POLITICA EM ATACADO — Edmar, parcimonioso, revela a disposição em produzir formas engraçadas. E, como Cláudio, considera o ato de desenhar e tornar acessíveis, ao grande público, fatos poucos compreendidos uma coisa gostosa, sensação que deve ser passada às pessoas, necessariamente. Para Edmar, gente famosa como Millôr, Jaguar e outros fazem um humor muito sofisticado, não compreensível para as pessoas comuns. Sensível ao humor mais simples, o autor «daqueles calunguinhas» — como Edmar é reconhecido nas ruas e bares de Natal — defende uma charge «nem altamente imbecil nem altamente política». Afinal, pergunta, «prá quem se está desenhando?»



Edmar: humor simples

Em matéria de definições políticas, ele não é omissivo, pregando a candidatura de Tancredo Neves nas charges e fora delas, «não porque ele vá mudar nada», mas por se encaixar num processo de transferência política. Contraditoriamente ou não, Edmar e Everaldo fizeram campanha **pró-JAJÁ**, porque sentiram que «o povo estava com ele». Um termômetro da vontade e das manifestações populares, Edmar se justifica com a auto-definição: «Eu sou popular», e, coerente, diz não acreditar nos políticos e transferir para os traços diários a sua perplexidade: «Nem eles próprios acreditam».

Pouco controlados nas suas respectivas redações, os dois chargistas alegam nunca terem enfrentado problemas de ordem restritiva, chegando a 99% de liberdade de criação, cita

Cláudio. Ele, por sinal, fascina alguns peemedebistas com a caricatura de um José Agripino Maia «aristocrático», como é definido pelo seu ilustrador, que destaca no Governador «o olhar prá cima, o nariz idém e o cabelo cheio, prá trás», e ainda de um Lavoisier Maia que lembra um pirata, com um olho aberto e outro fechado, num estilo bastante apreciado, como comenta o seu criador.

Definitivo, Cláudio lembra que «o humorista é o revanchista do povo», um profissional que, travestido de cartunista, «não é nada valorizado em Natal», revolta-se Edmar, pouco ou nada convidado para exposições e colaborações.

Quem pensar que o desenho e a charge em Natal resumem-se aos dois ilustres conhecidos, engana-se ao dobro. Mesmo com falta de divulgação, há o GRUPEQ — Grupo de Pesquisa de Estórias em Quadrinhos — um grupo nascido em 73 e que conta hoje com Alcides Sales na ponta-de-lança, com uma equipe que produz e publica a MATURI, uma revista em quadrinhos ainda em circulação. E vários outros cartunistas.

Enquanto o mercado não aumenta, os menestréis do traço continuam «fazendo a cabeça de todo mundo» no bom sentido, incomodando, despertando um resquício de consciência crítica em todo mundo, diariamente. «E a platéia ainda aplaude e ainda pede bis», canta Gonzaguinha. □

O PONTO CERTO DO CONSTRUTOR



O ponto certo do construtor. Ferragens de todos os tipos. Chapas pretas e galvanizadas de todas as bitolas. Tintas Ypiranga, conjuntos de banheiro, azulejos e pisos lisos e decorados.

R. BENJAMIM & CIA LTDA.

Rua Coronel Gurgel, 275/283 — Telegrama: RAMIM — Tel.: 321-1134 — Mossoró-RN

A STBS promove II Encart

Cerca de 400 artesãos de 50 municípios do Estado estarão participando do 2.º ENCART — Encontro e Feira de Artesanato, no período de 12 a 16 de dezembro, na Praça Cívica, numa promoção da Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social, através do Programa Integrado de Desenvolvimento do Artesanato do Rio Grande do Norte — PROART/RN.

O empreendimento terá grande significado, uma vez que nos últimos cinco anos o artesanato passou a representar uma opção sócio-econômica frente ao desemprego. Hoje em dia, cerca de 50 mil pessoas vivem, direta ou indiretamente, ligadas à produção artesanal, um contingente representativo, que chega a envolver comunidades inteiras.

PRODUÇÃO — Agrupados em seis Cooperativas Singulares de Produção Artesanal e uma Cooperativa Central de Comercialização, ou até mesmo trabalhando isoladamente, esses artistas produzem uma ampla variedade de peças, onde constam artigos de couro, cerâmica, bordados, croché, labirinto, palha, sisal, fibra de côco, madeira e pedra. Todos esses produtos estão sendo comercializados no mercado local e também através de representantes dos Estados de São



Cestaria



Aspecto da feira

Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Amazonas, Brasília, Rio Grande do Sul além do Programa de Exportação, iniciado em 1981.

Este ano, a promoção da STBS/PROART apresentará como inovação a presença de pequenas e microempresas, que teve seu Estatuto regulamentado este mês. Desta maneira, além do artesanato, terão vez os produtos manufaturados, artigos produzidos por pequenas indústrias.

Também já estão começando a se mobilizar artesãos ligados ao recém-criado Clube do Artesão, de Natal, e a União dos Artesãos, de Mossoró, afóra a Associação das Bordadeiras, de Caicó e os Artesãos Isolados, que estiveram em Natal, no ano passado, quando foi realizado o Encontro e a Feira de Artesanato pela primeira vez.

Ainda durante o 2.º ENCART será promovido um Encontro de Técnicos de todo o Nordeste, envolvendo também

o Ministério do Trabalho, através do PNDA e a Coordenadoria de Turismo e Artesanato, da SUDENE (CTA). O Encontro será realizado no dia 14 de dezembro.

A manhã será dedicada aos debates entre os artesãos, que participam da Feira e o tema em questão será "O Artesanato: solução em debate".

Dando seqüência a uma Campanha de Valorização do Produto Potiguar e para estimular a participação da comunidade natalense, o PROART/RN pretende envolver o empresariado local, através da promoção de um Concurso de Vitrines, cujo tema será o Artesanato Potiguar. Será oferecido um prêmio de Cr\$ 1 milhão ao comerciante que apresentar a melhor divulgação do Artesanato do Rio Grande do Norte. Os classificados em segundo e terceiro lugares receberão Cr\$ 600 e Cr\$ 400 mil respectivamente.



2.º ENCART

Encontro e Feira de Artesanato



Parelhas sai às ruas...

Povo de Parelhas vai às ruas e diz SIM ao governador Agripino

Ao explicar sua posição política pró Tancredo Neves-José Sarney, para quase 10 mil munícipes de Parelhas, o Governador José Agripino voltou a reiterar que "todos estejam certos. Embora nosso bloco tenha divergências, mas, pela minha vontade, estaremos todos juntos para derrotarmos os adversários de 82, que serão os mesmos de 86".

No mesmo tom, antecedendo o pronunciamento do Governador José Agripino, o Deputado Wanderley Mariz após reconhecer que o Governador é a maior liderança do PDS no Rio Grande do Norte disse que divergências no partido "jamais existirão", e que os problemas políticos "são outros", para em

seguida reafirmar que os mesmos companheiros de 82 "sempre estarão juntos em campanhas futuras para derrotar aqueles que todos sabem que são os nossos adversários".

O Governador José Agripino esteve em Parelhas, no último dia 8, para participar dos 58 anos de emancipação política do município, ocasião em que inaugurou obras do Estado e do município, repassou recursos para ceramistas, visitou obras em andamento e garantiu novos benefícios para Parelhas.

Junto com o Governador, que foi recebido pelo Prefeito Mauro Medeiros e lideranças locais, estiveram em Parelhas o Deputado Wanderley Mariz, prefeitos do Seridó, vereado-

res, secretários e diretores de empresas de economia mista.

MARATONA — José Agripino chegou em Parelhas por volta das 10:30 horas, se deslocando para o bairro Cruz do Monte onde está sendo executado, através da Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social, o Projeto Crescer com a construção ou melhoria de 100 unidades habitacionais, com a participação da comunidade e onde o Estado está investindo mais de Cr\$ 100 milhões.

No Fórum Valentim Nóbrega o Governador presidiu solenidade de assinatura de 37 contratos de financiamentos, através do Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte — BDRN e CEAG, para ce-

ramistas de Parelhas e municípios vizinhos, totalizando recursos da ordem de Cr\$ 72 milhões, o que permitirá a geração de 600 empregos diretos.

Daí, José Agripino esteve no Centro de Lapidagem e Artesanato Mineral, laboratório da Companhia de Desenvolvimento de Recursos Minerais — CDM, que vem oferecendo emprego a dezenas de rapazes e moças do município através da fabricação de objetos artesanais de pedras semi-preciosas.

MEIO RURAL — Colocado na agenda por insistência sua, o Governador esteve no meio rural visitando três distritos, procedendo inaugurações e conversando com as comunidades. O primeiro distrito foi o de Santo Antônio, entregando serviços na área de ampliação de energia, salas de aula, instalação de 5.ª e 6.ª séries do 1.º grau e sistema de telefonia rural.

No povoado Juazeiro, José Agripino conversou com a comunidade sobre seus problemas e prometeu a ampliação da escola local e do Açude Fechado uma reivindicação dos agricultores, feita através de Ulisses Potiguar. No povoado Boa Vista foi recebido pela comunidade negra, descendentes de africanos, que até hoje preservam suas tradições.

Para a comunidade negra o Governador prometeu fazer a titulação de suas terras e estender os benefícios que seu Governo está levando a todas comunidades rurais do Estado. Na parte da tarde, José Agripino instalou o 1.º Pelotão Destacado de Parelhas, subordinado a Companhia Independente de Polícia Militar, sediada em Caicó.

As 15 horas, o Governador assistiu ao desfile cívico-militar que marcou as festividades dos 58 anos de emancipação do município, que teve as participações do Batalhão de Engenharia de Caicó, de pelotões da Polícia Militar, escolas municipais e estaduais, clubes de serviços, comércio e indústria local.

CONCENTRAÇÃO — Após o desfile cívico ocorreu uma grande concentração pública, quando a população parelhense permaneceu no local para ouvir e aplaudir as lideranças



... para dizer sim ao Governador

políticas e agradeceu os benefícios que o Governador José Agripino tem levado para aquele município.

O primeiro orador foi o presidente do IPE, Ulisses Potiguar que falando em nome do Prefeito Mauro Medeiros destacou as várias obras da administração José Agripino no município e, também, sobre as obras que Mauro Medeiros vem realizando. Na ocasião foi assinado um decreto municipal que o Prefeito Mauro Medeiros homenageava diversas personalidades de Parelhas. E dentre estas, o Senador Dinarte Mariz teve uma homenagem póstuma com a criação do bairro «Dinarte Mariz».

Agradecendo a homenagem que Parelhas prestava a seu pai, o Deputado Wanderley Mariz lembrou toda vida pública de Dinarte «cuja dedicação ao Rio Grande do Norte e ao Brasil se deu até o último dia de sua vida». Quanto ao aspecto político Wanderley Mariz disse ser José Agripino o líder maior do PDS «porque José Agripino foi o homem que Dinarte Mariz confiou e em quem acreditou para governar este Estado».

Em se tratando das divergências dentro do PDS, Wanderley Mariz enfatizou que as desavenças entre os partidários do partido jamais existirão «podendo haver divergências de pontos de vistas. Os problemas políticos são outros», para em seguida acrescentar de que

«tenho a certeza de que sempre estaremos juntos nas campanhas futuras para derrotar aqueles que todos sabem que são os nossos adversários».

POSIÇÃO PATRIÓTICA — Ao iniciar seu discurso o Governador José Agripino enumerou os vários programas que vem desenvolvendo no Estado, todos eles voltados para minimizar as dificuldades enfrentadas pelo povo norte-riograndense. Entre estes, o Governador destacou os projetos «Crescer», «Vilarejo» e «Terra Verde» todos eles voltados para atender aqueles que mais necessitam da ação do Governo».

Em se tratando de sucessão presidencial, o Governador disse que gostaria de dar uma palavra «porque, ela diz respeito a todos nós», quando é chegada a hora de cada brasileiro, com coragem, com responsabilidade e com firmeza «dar sua contribuição às mudanças que o povo brasileiro exige e precisa».

Agripino acrescenta que nenhum brasileiro está satisfeito com os níveis de inflação, com o desemprego, com a recessão econômica que o País atravessa. «Daí, o povo brasileiro está a exigir mudanças e, eu, que fui eleito pelo voto do povo, não poderia me distanciar da vontade do povo. Por isso, já tomei uma posição corajosa e patriótica, que haverá de trazer as mudanças que todos nós queremos, apoiando e votando em Tancredo e José Sarney».

Passou sem registro na imprensa natalense a realização, no Atelier Dorian Gray (Av. Nascimento Castro, 1900-A), do **I Salão de Pintores Primitivos**. Um evento pioneiro, sem dúvida, que reuniu, sob a coordenação de Elmano Marques e do próprio Dorian Gray, a produção de oito artistas norte-riograndenses e, numa sala especial, ao lado, desenhos e gravuras de Sílvia. Sílvia de León Chálreo, carioca, que no próximo ano estará completando oitenta anos, sessenta dos quais prodigiosamente dedicados a elaboração de uma pintura lírica, otimista nas suas raízes, mas de um otimismo revestido de dignidade. Em suma, uma pintura luminosa e azulada, cheia de verdes e de transparências, de alegria interior — resultante de um estado de graça permanente, sobre a qual Carlos Drummond de Andrade, em **Viola de Bolso**, se extasiou e definiu em uns versos, que rezam: "Ó pintura de Sílvia, onde tu fores, levas algo de nós, puro e gentil". Arruda Sales, José Estelo, César Revedo, Maria dos Cabelos Compridos, Nivaldo Rocha do Vale, Iaponi Araújo, Maria do Santíssimo e Iaperi completam o elenco dessa inesperada representação artística.

Embora discordando da nomenclatura, que caracteriza o espírito de exceção dessa corrente do pensamento estético, adotada pelos organizadores da mostra para justificar, aos olhos dos espectadores, o congratamento de uma produção em geral marginali-



Sílvia de León Chálreo

zada, excluída até mesmo dos debates feitos com seriedade e boa fé, aplaudo aqui a pertinência do evento. Mesmo sem atinar com a propriedade da presença de um artista elegante como Iaponi, o impecável: o realmente **dândi** da pintura potiguar. Iaponi, o sofisticado pintor que glamurizou o cordel e a oralidade nordestinas, reelaborados por ele como imagens pessoais que extrapolam a tradição. E o que dizer, então, de Iaperi e do seu ofício de pintor competente como registrador de uma tradição que se esgarça, em choque com os apelos de um mundo novo de informações, redimensionadas pela televisão e pelos jornais? E de Sílvia, o que se diria, em confronto com uma obra esquemática como a de, por exemplo, Nivaldo Rocha do Vale? Sílvia, a jovem animadora dos jovens principiantes, querida como pessoa e admirada como artista, se bem que num

TEATRO



MÁGICO

... "Para Loucos"

círculo reduzido de apreciadores. Sílvia, a transparente e a generosa amiga, enfim a madrinha de tantos obscuros e gloriosos artistas, tenham ou não talento; vesgos; altos; baixinhos, magros ou obesos, que lhe importava e importa? Para Sílvia, na sua imensa bondade, era tudo boa gente, gente filha de Deus, que merecia e merece a recompensa dessa alegria que se destila da inocência.

É verdade, porém, que compreendo e participo, como intelectual e cristão, da urgência do debate em torno de uma tendência artística sempre menosprezada pelas elites do pensamento e pelos eruditos, que torcem o nariz diante da simplicidade de um verdadeiro e genuíno manancial criativo. Mesmo que seja somente por uma questão de justiça, porque não posso aceitar sem um protesto, por mais débil, a exploração em torno dessa corrente artística, que já enrique-

ceu a história das artes plásticas no Brasil com a presença de um Raimundo de Oliveira, morto prematuramente; de um Alcides Santos; de uma Luben; de um Pedroso; de tantos e tantos artistas sensíveis e inventivos, espalhados por todo o Brasil, que viram a sua obra ser transformada em produto folclórico, digestivo, ótimo somente para saciar a sede da curiosidade turística.

Espero que esse Salão se fortaleça e se reedite por muitos e muitos anos, transformando-se em acontecimento dinâmico, atrevido e questionador. Um acontecimento, em síntese, democrático e aberto a todas as manifestações e credos estéticos; sobretudo aqueles que se houvessem conjurado através de uma opção sigilosa, feita intimamente por cada um, em separado e sem consultas prévias, em torno da preservação da natureza e do direito de ser diferente, que não pode ser concedido como

CULTURA

prêmio, porque já se constitui, de fato, num direito natural de cada um e de todos nós, que não nascemos para o cativo.

Dorian Gray e Elmano Marques nos dão exemplos patentes de que ainda há gente no Rio Grande do Norte que ousa e que pensa.

○ ○ ○ ○ ○ ○

TEATRO PARA LOUCOS — Numa edição do Hotel das Estrelas Edições Ltda., chega finalmente às livrarias da cidade o volume modesto, mas provocante, do Teatro Mágico Para Loucos, contendo três peças curtas de Sw. Amrita Subhadro — discípulo do guru indiano Rajneesh, indiscutivelmente o introdutor, no Rio Grande do Norte, de numerosas correntes do pensamento filosófico asiático-oriental; da macrobiótica; do zen e do budismo; do hinduísmo e do taoísmo; do tai-chin e daquela dança chinesa que congrega os idosos que, de mãos dadas e ao amanhecer do dia, num ritual que remonta a milênios, se energizam e se rejuvenescem, tocados por uma força cósmica capaz de reeditar o milagre da juventude, despreocupada e infensa a miséria que faz decair os corpos.

Atuando em diversas frentes de combates, levado por um temperamento inquieto e audaz, de aventureiro, foi somente através do teatro que Vécio Lisboa conseguiu, de fato, fazer circular e expor ao debate suas idéias e sua visão do mundo, que então se constituíam num credo político de cunho radical, ainda mal assimilado pe-

la experiência. Capaz de levá-lo, inclusive, à imolação e ao haraquiri, o suicídio honroso que obriga o samurai a rasgar o ventre com uma faca especial, enobrecida pela tradição, que não costuma andar na mão de qualquer infiel; faca privativa dos heróis, dos grandes dignatários da corte, dos mandarins e dos sábios. Símbolo de eleição.

De '73 a '78, em Natal, sem nunca jamais ter pisado um palco, Vécio Lisboa, sem a orientação de mestres e professores, resolveu que deveria escrever e dirigir peças de teatro. E foi assim que a cidade acompanhou, no mínimo sobresaltada com o esoterismo da novidade, a encenação solene e ritualística, com um não-sei-qué de litúrgica, levada a efeito por aqueles atores indisciplinados e cabeludos, envoltos em cáftãs vistosos, intérpretes de um repertório anti-acadêmico, que certamente feria as sensibilidades estreitas, composto de peças como A Ampulheta e o Espelho, La Serpente e O Caminho do Bosque. Mais que simples encenações de textos em sua essência anárquicos, uma orgia do corpo e da alma: uma orgia escandalosa para os velhotes impermeáveis às experiências novas e uma verdadeira bacanal para os castos de sacristia, hipócritas e dissimulados e, por isso mesmo, bem capazes de rezar o credo, a um tempo, para o Pai do cristianismo e para o seu único adversário e opositor, o Diabo.

Um teatro ritualístico, catártico, que mexeu com todos os valores ex-

tratificados da sociedade provinciana. Um teatro que difundia entre nós o ritual dionisiaco, proposto por um grande diretor e pensador polonês, então muito badalado: Grotowski. Um teatro que extrapolava os limites do palco, que voltava ao seu lugar de origem: a rua, os espaços abertos que refundiam, na alma dos atores e do público transformado em ator, as danações jubilosas da natureza, numa profunda comunhão de todos os sentidos. Vécio Lisboa levou o seu teatro para as ruas, para os becos, para as aglomerações e feiras, dentro de um barco a motor em travessia pelo Potengi, um barco fantástico, iluminado por tochas e luz de velas, a vagar sob o brilho imemorial das estrelas.

Através do teatro, Vécio Lisboa ousou questionar a problemática da droga, pois as drogas então faziam a cabeça desses jovens desesperados, conflitados, perplexos e desnorreados em face do desabamento moral de todos os valores humanos, pela família ensinados. Enfim essa dormência voluptuosa que nos atinge, por um ou outro motivo, quando diante do medo sucumbimos à vertigem.

Uma juventude sem destino, amputada nos seus melhores anseios, excluída da sociedade futura pelos homens-lá-de-cima, os verdadeiros donos de tudo, encurralada e sem perspectivas de crescimento interior e de vida. Uma juventude dividida entre o apelo das drogas, que geram sonhos e delírios, e de uma entrega absoluta, cerimoniosa, da alma e

do corpo a uma verdade filosófica intuída, ecuménica em sua essência, representada pelo ensinamento nutritivo de Hermann Hesse, assimilada por ele do Oriente.

Foi Hermann Hesse o grande guru dessa gente sofrida, embora ainda mal desabrochada para a vida. Seus livros foram porta-vozes de uma mensagem confortadora para os jovens do mundo ocidental, presas inocentes de tantas contradições. Por isso mesmo, Hermann Hesse paira como uma sombra fresca sobre os textos teatrais de Vécio Lisboa. A partir inclusive do título desse seu livro — Teatro Mágico Para Loucos — que nos remete, numa primeira leitura, à obra-prima de Hesse, O Lobo da Estepe, cujo atormentado personagem principal, Harry Haller, o verdadeiro solitário, o lobo que vaga pelas estepe da vida, fustigado pelo gelo da amargura e da descrença em face da justiça dos homens, escreve, no corpo do livro que se passa em dois planos distintos, um diário intitulado "Só para loucos", que vem a ser a chave da própria obra e do ensinamento de Hesse.

Embora modesto, composto em máquina IBM, mas de bom gosto e enriquecido com uma capa em serigrafia e desenhos internos, excelentes, de Novenil, esse livro de Vécio Lisboa — isto é: Subbadro — sintetiza o espírito febril e as inquietações juvenis de uma época, fértil em reinvenções motivadas pelo comum desespero.

FRANKLIN JORGE



Melão: 350.000 caixas exportadas em um ano

Maisa: um exemplo de que o Nordeste é viável

Depois de marcar sua presença nos mercados da Bélgica, Holanda, Inglaterra e Estados Unidos, o melão produzido em terras norte-riograndenses pela Mossoro Agro-Industrial S/A — a MAISA, será servido, neste final de ano, também na mesa dos franceses. É mais uma batalha ganha pela empresa na guerra para expandir as suas exportações — hoje o seu grande objetivo mercadológico — e que consolida a filosofia de investir na potencialidade agrícola do Nordeste, desmontando o mito da região de terras áridas e improdutivas.

A MAISA é nomeada pelos seus fundadores e diretores como a mais destacada das realizações do grupo EIT, distinguida nacional e internacionalmente como demonstração de viabilidade econômica do semi-árido nordestino. Do sucesso desse trabalho resultou a identificação do conglomerado como símbolo de desenvolvimento do Nordeste, sendo a MAISA a tradução mais precisa de tal identidade. Afinal, do que é feita essa identificação?

O grande salto da MAISA na direção dessa afinidade aconteceu em 1978, quando a empresa consolidou a exploração

total dos 22 mil hectares de área legalizada, de onde saem os melões, caju, maracujás, melancias e outros frutos tropicais e produtos hortigranjeiros. Baseados em previsões que indicavam um ciclo de seis anos de estiagem no Nordeste, a diretoria e os técnicos da empresa decidiram-se pela ampliação do número de poços artesianos que abastecem o seu sistema de irrigação e de consumo.

Assim, três novos poços foram somados aos sete já existentes, totalizando dez poços artesianos de 700 metros de profundidade média, ao custo final, cada um, de Cr\$ 2 bilhões. Para se demonstrar o gigantismo que caracteriza o trabalho da MAISA é bastante citar a vazão total dos mananciais escavados: 1.650.000 litros/hora de água mineral. E é desse conjunto que depende, por exemplo, a produção das 350.000 caixas de melão previstas para o ano agrícola 84/85 e destinadas exclusivamente à exportação, para os mercados europeu e norte-americano.

O PRINCIPAL PRODUTO — O ano agrícola da MAISA vai de julho de um ano a junho do ano seguinte, e todo o trabalho

que será desenvolvido ao longo do período é planejado com vistas à venda da produção para os mercados externo e interno. Esse planejamento tem resultado num modelo de eficiência produtiva que tem a ilustrar diversos exemplos, em qualquer uma das áreas agrícolas que a empresa explora na sua fazenda.

O mais significativo desses exemplos envolve o melão, o principal produto cultivado pela empresa e — graças principalmente ao contingente exportado — o carro-chefe do seu faturamento. Em 1983 a MAISA alcançou mais de 40% de toda a produção nacional do produto, colhendo 5.750 caixas por hectare/ano, em duas safras e meia, o que perfaz quase o triplo da média de outras áreas do País. Para que esse feito fosse obtido, a empresa mobilizou o seu arsenal tecnológico, envolvendo irrigação, as condições de solo e cerca de 3.000 horas/luz por ano.

Para o exercício 84/85 as exportações de melão atualmente contratadas já garantem um faturamento de três milhões de dólares, aos quais deve ser acrescido o contrato fechado para a venda do produto aos

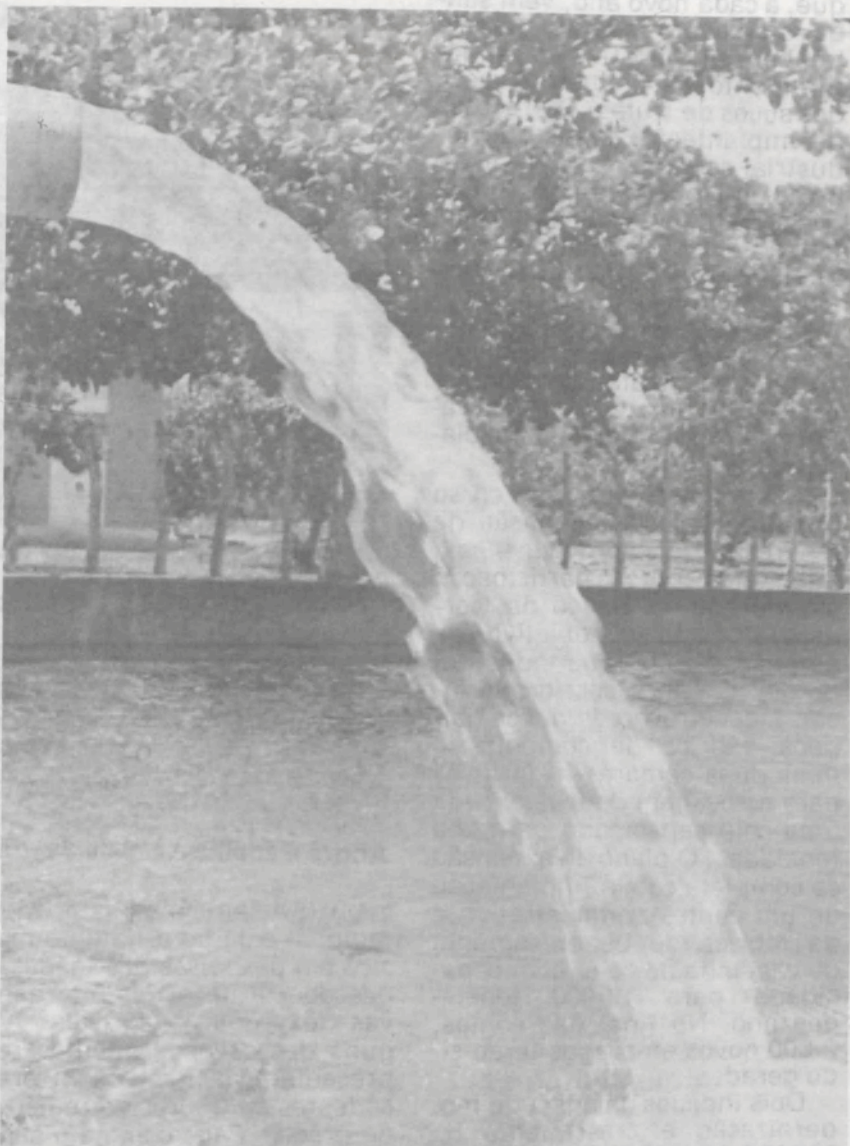
franceses, no valor de quatro milhões de dólares. Do que a empresa, segundo o seu diretor-comercial, Marcelo Barroso, espera um faturamento final de sete milhões de dólares. Até hoje, o ano agrícola 84/85 já rendeu à MAISA o correspondente à venda de 40.000 caixas de melão, embarcadas — ao preço médio de dois dólares e noventa e sete centavos — para a Inglaterra, Holanda e Bélgica.

Embora a grandiosidade de tais números já bastasse para ressaltar o vigor da capacidade produtiva da empresa, uma olhada nos números finais previstos para o ano agrícola 84/85 é ainda mais convincente. No caso do melão, a produção prevista é de 1.200.000 caixas; de melancia, 4.600 toneladas; de abóbora, 4.000 toneladas; de maracujá, 4.000 toneladas; do caju, 6.000 toneladas; e de castanha-de-caju, 1.500 toneladas.

PROBLEMAS COM O PORTO — Se confirmadas as metas previstas, o ano agrícola 84/85 significará um faturamento total de Cr\$ 24 bilhões e 240 milhões, contra Cr\$ 3 bilhões e 943 milhões faturados no ano 83/84. Todo o complexo montado pela MAISA estaria ainda melhor se não tivesse que encaminhar a sua produção para ser exportada através de Portos de outros Estados, dado o absoluto desaparecimento do Porto de Natal, como afirmou o diretor-administrativo e financeiro da empresa, Múcio Gurgel de Sá.

Ao lado do diretor comercial Marcelo Barroso e do diretor de agropecuária, André Gadelha, Múcio Sá é o responsável direto pela conquista dos números expressivos que a MAISA pode anotar a cada balanço contábil. E se o Governo estava ausente da vida da empresa já na área de financiamentos — “Estamos provando ser possível viver sem a ajuda de Brasília”, disse certa vez Geraldo Rola, ao lado de José Nilson de Sá, sócio-fundador da empresa — repete o fato na questão do Porto.

Hoje, o Estado do Rio Grande do Norte deixa de arrecadar parcelas significativas de impostos e taxas fiscais porque é impossível embarcar a produção agrícola da MAISA no Por-



Dez poços artesianos garantem água o ano inteiro

to de Natal, que, entre outras deficiências, não tem condições de receber navios de grande porte. Em função disso, o montante de taxas — sem falar no que as exportações via Natal significariam em trabalho para os operários portuários — é recolhido aos cofres dos Estados do Ceará, Bahia, São Paulo e Paraíba.

É nos Portos de Fortaleza, Salvador, Santos e Cabedelo que a MAISA concentra o embarque da produção destinada aos mercados externo e interno. A concentração maior é no Porto de Fortaleza, de onde saem os navios transportando o melão vendido para os Estados Unidos. “Para os Estados Unidos, que é um mercado mais exigente e de condições ainda mais privilegiadas que os demais, há sempre uma maior

disponibilidade de navios, com frequência maior na área de Fortaleza”, diz Múcio Sá.

AINDA NO INÍCIO — Embora os números e dados mencionados indiquem uma estabilidade financeira invejável, a direção da MAISA considera ainda no estágio inicial o trabalho de comercialização dos seus produtos agrícolas. O grande objetivo é especializar-se no mercado exterior, expandindo gradualmente as áreas já conquistadas e apareilhando-se de modo a evitar o que ocorre hoje, quando foi possível atender a somente um terço dos contratos de exportação de melão, maracujá, melancia e abobrinha, todos *in natura*.

Mas a produção agrícola da MAISA serve ainda como suporte para uma outra atividade

que, a cada novo ano, vem sendo reforçada e constitui parcela também significativa do seu faturamento: a industrialização dos sucos de frutas. O processo de implantação do parque industrial remonta a 1981, quando foi criada a MAISA Indústria e Comércio S/A, com a participação da Sudene/Finor. Naquela época, havia 16.754 metros quadrados de área construída, com modernos equipamentos de extração, pasteurização e engarrafamento de sucos e uma câmara frigorífica capacitada a estocar 500 toneladas do produto.

Atualmente, está em curso um programa de expansão da empresa, já aprovado pela Sudene e com a participação assegurada do Banco do Nordeste do Brasil. O objetivo é a ampliação do parque industrial de doces e de sucos, o que inclui a construção de novos galpões, fábrica de compotas e mais duas câmaras frigoríficas para estocagem de frutas, cada uma com capacidade para 250 toneladas. O plano de expansão se completa com a implantação de um centro administrativo e da fábrica de beneficiamento de castanha de caju, com capacidade para 10.000 toneladas/ano. No final das contas, 2.000 novos empregos terão sido gerados.

Dois indícios da ânsia de modernização e crescimento da MAISA se enquadram nesse plano de expansão: a associação com a Companhia Antártica Paulista e a aquisição de um concentrador de sucos — o «Alfa Laval CT-09» — dos mais modernos em todo o mundo. Com esse equipamento a MAISA estará habilitada a processar até 3.000 quilos de matéria-prima por hora, o correspondente à extração de 750 toneladas de suco concentrado. Esses concentrados — atualmente extraídos do melão, maracujá, caju, melancia e abacaxi, constituem outra área de interesse da empresa, que já iniciou o trabalho de exportação para a Europa e os Estados Unidos.

UM GRANDE LABORATÓRIO — Além das condições de infra-estrutura técnico-operacional que garantem o sucesso de todos esses investimentos,



André Gadelha e Múcio Sá, diretores da Maisa

a MAISA tem-se caracterizado também pelo investimento maciço em pesquisas destinadas à descoberta de novas alternativas de produção agrícola. Alguns desses experimentos representam incursões sem precedentes anteriores na região e no próprio País, como é o caso da «manga sem caroço», na qual a semente convencional é substituída por uma outra cartilaginosa. A polpa do fruto também difere das espécies convencionais, apresentando-se não tão fibrosa e, portanto, mais rica em suco e carnadura.

Além disso, a MAISA — que detém a maior cultura extensiva de caju do mundo, com 1.300.000 pés plantados — enveredou por outros gêneros de atividades agropecuárias, consorciando espécies distintas numa mesma área. No caso do caju, a pretensão inicial era consolidar uma área que permitisse o desenvolvimento simultâneo da plantação de caju e a criação de gado bovino. Depois, dentro da filosofia de evolução constante que orienta as ações da empresa, o consórcio foi alterado, com o acréscimo de outras espécies vegetais, objetivando a multiplicidade de uso do solo com vistas ao de-

senvolvimento do parque industrial.

Hoje a multiplicidade produtiva abriga tanto espécies frutíferas (como as já mencionadas) quanto hortigranjeiros — cenoura e beterraba são produzidas já em larga escala, embora sejam ainda plantações incipientes — e até especiarias. A pimenta-do-reino, por exemplo, atravessa ainda um período de cultivo experimental, embora a empresa tenha reserva de mercado assegurada em países africanos dispostos a adquirir tudo o que vier a ser produzido.

Tal multiplicidade e tanto vigor produtivo revertem em benefício para o Estado, com a criação de alguns milhares de empregos diretos nas duas empresas. Além dos técnicos experimentados e especializados, há um contingente fixo de 1.200 empregados, número que sobe para mais de três mil no período de safra do caju. A maior parte deles reside na Vila Ângelo Calmon de Sá, encravada nas terras da própria empresa, e dispendo de uma completa estrutura educacional, assistência médico-odontológica e recreação, administrada pela Fundação Aproniano Sá.

Somos PhD em Rio Grande do Norte.

A revista RN/Econômico tem 15 anos de circulação ininterrupta. Pra quem conhece o mercado do Rio Grande do Norte, isso já significa um certo heroísmo.

Mas a RN/Econômico não quer ser heroína.

Quer ser mais lida por pessoas com poder de análise e decisão.

Pessoas como você: empresário, intelectual, político, comerciante, industrial, advogado, enfim, pessoas que ajudam a fazer o Rio Grande do Norte.

Para satisfazer esse público exige te, a RN/Econômico procura se aperfeiçoar a cada número

Em suas páginas, você encontra cultura, lazer, turismo, esporte, política, economia e humor.

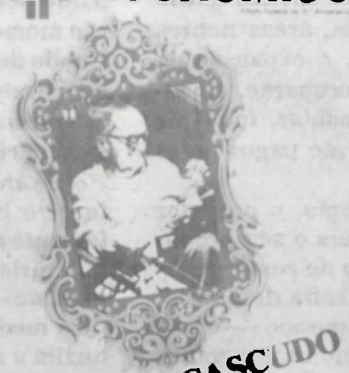
Tudo na medida certa, tratando de maneira séria e profissional assuntos

ligados ao Rio Grande do Norte.

Não é por acaso que, nesses 15 anos, a RN/Econômico tornou-se uma espécie de PhD em assuntos do Estado.

Prestigie a RN/Econômico, para que o Rio Grande do Norte continue sendo nosso tema principal.

RN/ECONÔMICO



CASCUDO
Um Perfil de Mestre,
do RN para o País.

SIM, EU QUERO FAZER UMA ASSINATURA DA RN/ECONÔMICO.

Nome: _____

Endereço: _____

Assinatura anual: Cr\$ 20.000

Por favor, preencha e remeta para: RN/ECONOMICO

Rua São Tomé, 421 — Cidade Alta — Natal-RN.

Com que roupa?

ALUÍSIO LACERDA

Um leve movimento de volta ao campo começa a ser observado no interior do Rio Grande do Norte. A oferta de mão-de-obra no meio rural indica que a vida nas cidades não é nada fácil. Empurradas pela fome essas pessoas começam a procurar trabalho nos sítios e fazendas. Qualquer trabalho, às vezes até mesmo em troca da «bóia». Isso acontece no Seridó e parte do Oeste.

Esse «retorno» não será fácil. O proprietário rural dos dias atuais entende mais de mercado financeiro do que qualquer aluno de Economia. Seu trabalho envolve gado, caderneta de poupança, over, open, certificado de depósito bancário, etc. A exemplo das nossas autoridades financeiras, eles têm suas vistas voltadas para o mercado de capitais e as oscilações da Bolsa.

Como atividade que acumula riscos sem conta, desde os fatores climáticos à ausência de uma política correta para o setor, a agricultura foi praticamente abandonada. A plantação de alimentos básicos quase foi reduzida a zero. Em contrapartida, áreas nobres foram ocupadas pela cana-de-açúcar. A expansão da monocultura causa transtornos e preocupação, transferindo ao homem do campo, ao produtor, todos os castigos através dos altos juros que são pagos pelos recursos tomados.

Além de ser penalizado pela inflação, o produtor agrícola nunca recebeu preço justo para o seu produto, às vezes sequer alcançado o preço de custo. A arroba de algodão (em caroço), que na safra de 83 chegou a Cr\$ 12 mil, atualmente custa o mesmo — e não há comprador. Quem estocou o produto na esperança de obter melhor resultado está atolado até o pescoço.

«Bem feito», nos contava um experimentado agricultor de Serra Negra do Norte. Seu raciocínio tem uma certa lógica: «Em tempos de crise, meu filho, algodão é o pior negócio. Quando seu salário encurta, qual a primeira providência? Comprar menos roupa», ele mesmo responde.

O excessivo apetite tributário também tira o sono do proprietário rural. Neste exato momento, diversas entidades que reúnem o empresariado nordestino

mantém intensa mobilização, no sentido de obter do Governo Federal a extensão, para o próximo exercício, do redutor de 90 por cento do Imposto Territorial Rural que vem sendo concedido aos proprietários rurais em virtude do longo período de seca. O argumento é muito forte: «Em matéria de calamidade pública, os efeitos não cessam com as causas, mas se projetam muito além delas».

Resta outra esperança. A garantia do Banco Mundial, independentemente de quem venha a assumir os destinos do País, de 720 milhões de dólares para o início do Projeto Nordeste. Os recursos internos, a contrapartida — dizem — também estão assegurados.

Dos municípios não se pode esperar nada. Estão todos falidos. Não resistem a uma cobrança dos débitos para com o BNH e o IAPAS. Faltam recursos até mesmo para atender aos problemas mais imediatos das comunidades. E as dificuldades não param aí. Até 31 de dezembro, os administradores municipais viverão momentos terríveis, com o corte de 42 por cento no Fundo de Participação dos Municípios, uma desgraçada estratégia adotada pelo sistema que se exaure, como forma de punir os não-alinhados com a candidatura situacionista.

Da mesma forma, pouco, ou quase nada, poderá fazer o Executivo estadual. Quem duvida que nesse instante esteja havendo um entesouramento por parte do erário estadual como forma de sobreviver à «tempestade»? Apesar de louvável a intenção, do outro lado a medida (se realmente esteja sendo adotada) conduzirá a resultados danosos a nossa economia, sem falar na compressão salarial do funcionalismo público.

Do futuro Presidente da República, o setor espera tudo. Melhorias da produtividade, que implicará mudanças na estrutura agrária, reordenação da ocupação do solo, privilegiando os espaços inexplorados ou mal utilizados, e, também, maior estímulo às cooperativas.

A questão fundiária é básica. Sem distribuição de terras, sem democratização de sua propriedade, não haverá avanço.

Não existe sexo frágil.



Você já chamou o seu marido para uma esticada no Tahiti? Se ainda não, experimente. É o tipo do convite que nenhum homem resiste.

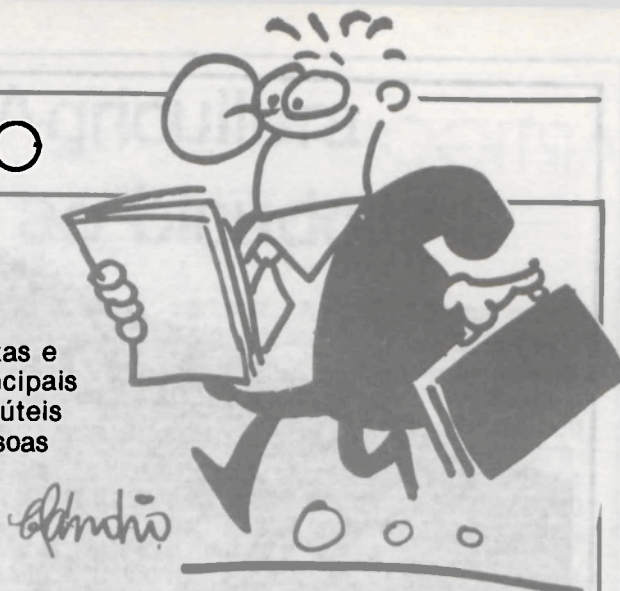
Para o Tahiti não existe esse negócio de sexo frágil. É tudo forte, lindo e maravilhoso.

MOTEE TAHITI

O paraíso é aqui

AGENDA DO EMPRESÁRIO

RN/ECONÔMICO mantém atualizados os índices, taxas e percentuais que permitem o acomodamento dos principais indicadores e as variações da economia no País, que são úteis não somente para o empresário, mas para todas as pessoas que precisam dessas informações.



ORTN		
Setembro	Cr\$ 16.169,61	200,22%
Outubro	Cr\$ 17.867,00	202,96%
Novembro	Cr\$ 20.116,17	210,94%

UPC	
(outubro-dezembro)	Cr\$ 17.867,00
No trimestre	34,798%
No ano	202,9%

ALUGUÉIS	
Semestral	
Novembro	57,04%
Dezembro	58,16%
Anual	
Novembro	153,23%
Dezembro	149,58%

INPC	
Setembro	9,88%
Seis meses	71,3 %
(Reajusta salários de novembro)	
Outubro	11,25%
Seis meses	72,7 %
(Reajusta salários de dezembro)	
12 meses	186,98%

INFLAÇÃO	
Outubro	Novembro
No mês: 12,6%	No mês: 10,5%
No ano: 166,6%	No ano: 136,8%
12 meses: 211,0%	12 meses: 212,9%

IPC (Índice de Preços ao Consumidor)	
Outubro	10,7%
157,1% (No ano)	
198,4% (12 meses)	

IPC (NATAL)	
Outubro	Variação percentual
Índice de preços	13,76%
Alimentação	19,97%
Despesas pessoais	12,65%
Habitação	7,06%
Bens duráveis	1,95%
Transportes	8,41%
Vestuário	17,47%
Educação	1,03%
Saúde	6,88%
Fonte: IDEC	

ICC (Índice de Custo de Construção)	
Setembro	Outubro
5,6%	8,6%
No ano: 145,5%	No ano: 166,7%
12 meses: 203,3%	12 meses: 213,6%

MVR (Maior Valor de Referência)	Cr\$ 87.997,20
Salário Mínimo	Cr\$ 166.560,00

CORREÇÃO CAMBIAL		
Setembro	Outubro	Novembro
6,915%	7,078%	6,056%
No ano: 129,009%	153,422%	182,635%
12 meses: 221,203%	219,716%	214,790%

CADERNETA DE POUPANÇA (RENDIMENTOS)	
Setembro	11,153%
Outubro	11,052%
Novembro	13,163%

INDICATIVOS AGROPECUÁRIOS	
Preços Mínimos -- Safra 1984 (em kg)	
Algodão (pluma)	Cr\$ 2.439,23
Algodão (caroço)	Cr\$ 661,62
Mandioca: farinha	Cr\$ 161,45
Mandioca: fécula	Cr\$ 148,63
Mandioca: raspa	Cr\$ 98,76
Milho	Cr\$ 190,29
Preço da Tonelada da Cana (Região Nordeste)	
Posta na esteira	Cr\$ 38.398,40
Preço líquido	Cr\$ 28.599,44
Preços Diversos Para o Produtor	
Litro de Leite (CLAN) — Bruto	Cr\$ 500,00
Litro de Leite (CLAN) — Líquido	Cr\$ 487,50
Arroba do gado bovino (Boi em pé)	Cr\$ 60.000,00
Quilo de Ovino e Caprino	Cr\$ 4.000,00
Quilo de Suíno	Cr\$ 3.500,00
Custo Médio da Diária no Campo	Cr\$ 5.000,00

Fonte: SERTEL S/C LTDA. — Dados válidos para o RN



© novo Show Room de Móveis Silvan

A tradição de 28 anos fabricando móveis de acordo com os mais criteriosos padrões de qualidade, investindo sempre na modernização de suas criações em salas, quartos, num trabalho contínuo de uma indústria cuja maior preocupação é garantir a qualidade do que faz. Agora, para quem vai à fábrica escolher, comprar, sonhar, sugerir novos estilos, sentir o conforto do moderno **design** já em exposição no **show room** de Silvan, vai conhecer uma fábrica de móveis que está entre as melhores do País.

**INDÚSTRIA DE MÓVEIS
SILVAN S.A.**

Av. Presidente Dutra, 960 — Tels.: 321-1012/2554 — Mossoró-RN



Delegacia de Agricultura declara guerra ao bicudo

Ele tem um nome científico, **Anthonomus grandis** Boheman. Foi originalmente descrito por C. H. Boheman, em 1843, de insetos coletados em Vera Cruz, no México. Mas é mais conhecido como o bicudo, uma praga que devasta terrivelmente todo o algodão que encontra pela frente. No Brasil, o bicudo foi observado pela primeira vez em 1983, na região de Campinas, em São Paulo. No Rio Grande do Norte, a primeira constatação do Bicudo do Algodoeiro foi em junho de 1984 no perímetro irrigado Itans/Sabugi, em Caicó, quando foram capturados insetos em armadilhas de feromônio — substância produzida pelo bicudo macho que serve como elemento de comunicação entre populações do inseto — localizadas em um campo de produção de sementes, em uma área de cinco hectares, constatando-se simultaneamente a infestação de campo.

Quando o bicudo chega num algodão, o botão floral é o primeiro alimento que ele procura. Devora tudo, bem como as maçãs do fruto do algodão são também severamente danificadas. As mandíbulas sobre a extremidade do bico são usadas para picar ou perfurar os botões florais e maçãs para alimentação ou postura de ovos. O método de alimentação é igual para ambos os sexos. As dentadas e afiadas mandíbulas servem para cortar e rasgar, enquanto isso o movimento de rotação do rostro funciona como um trado.

O adulto do bicudo mede, em média, sete milímetros de comprimento com uma variação de quatro a nove milímetros, e com uma largura correspondente a um terço do seu comprimento. Essa medida inclui o bicudo ou a tromba, que corresponde, aproximadamente, à metade do comprimento do corpo. A cor (cinzenta ou castanha) depende do tempo decorrido após a transformação para o estágio adulto. Pouco antes dessa metamorfose, o bicudo

adulto também apresenta a cor branca-amarelada. Há muitos insetos que são morfologicamente semelhantes ao bicudo, daí ser necessário tomar determinadas precauções para evitar pânico e erros.

COMBATE À PRAGA — Dentro da economia estadual, fortemente dependente do setor primário, o algodoeiro é o principal produto em importância econômica, não só pela ocu-



Laércio Bezerra

pação de mão-de-obra por parte de proprietários, posseiros, arrendatários, como pela participação no valor bruto da produção agrícola e na arrecadação tributária do Estado. Dos 151 municípios do Estado, por exemplo, o IBGE registra a produção desta malvacea em 138 municípios. Com a presença do bicudo em vários municípios do Agreste, Seridó e Sertão surgiram novas dificuldades para os produtores dessa importante cultura.

Diante disso, o Ministério da Agricultura declarou guerra ao bicudo. Nesse sentido, o diretor técnico da Delegacia Federal da Agricultura/RN, Laércio Be-

zerra de Araújo, afirma que o Ministério, através da Delegacia de Agricultura local está se propondo a fornecer recursos financeiros e materiais para o combate e erradicação da praga. Já foram remetidos para o Rio Grande do Norte Cr\$ 330 milhões. Adianta ainda que daqui para dezembro próximo, serão remetidos mais Cr\$ 215 milhões, além de Cr\$ 200 milhões que foram repassados pelo Ministério para o Centro Nacional do Algodão, com sede em Campina Grande, para serem gastos no Rio Grande do Norte. Dos Cr\$ 330 milhões recebidos, a DFA já repassou recentemente Cr\$ 100 milhões para a Secretaria Estadual de Agricultura.

“Com estes recursos”, comenta Laércio, “a DFA programou aquisição de veículos, de pulverizadores motorizados, armadilhas, inseticidas, preparando assim a estrutura de combate ao bicudo em 1985. E, com novos recursos, desencadear o processo de erradicação da praga dos algodões do RN”. Os Cr\$ 100 milhões da Secretaria se destinam a cobrir as despesas com arranquio e queima dos restos da cultura das áreas atacadas. Laércio explica que é necessário arrancar esses restos de algodões danificados, agora, para que a praga não passe para a nova safra, em 1985.

Por isso, destaca ele, é necessária a colaboração integrada entre os órgãos públicos — federais, estaduais e municipais, as indústrias, os agricultores e compradores, no programa de combate ao devastador bicudo. Afinal, os danos causados pela praga reduziriam a produção de algodão em caroço em aproximadamente 80 por cento — sem nenhum tipo de controle — e em 40 por cento — com seis aplicações de inseticida. “Portanto, não se pode conviver com os bicudos, porque a pulverização sai mais cara do que o valor da produção. A única solução é a erradicação”.

50 anos da Diocese de Mossoró

MONSENHOR AMÉRICO SIMONETTI

A Diocese de Mossoró está celebrando neste ano o seu cinquentenário de criação e instalação. Os que conhecem a história religiosa do Estado, sabem muito bem, que a presença da Igreja Católica nesta Região se faz marcante não apenas nestas 5 décadas.

Mesmo antes de ser Diocese, vencendo todas as dificuldades, distâncias e precariedades do tempo, esta área geográfica era assistida e visitada por dedicados sacerdotes como o Padre Vigário Antônio Joaquim e Missionários da envergadura espiritual dos Padres Carmelitas.

Com o surgimento da Diocese de Mossoró, hoje oficialmente titulada de Diocese de Santa Luzia de Mossoró, e desmembrada da Arquidiocese de Natal, a vida religiosa, social, político e porque não dizer econômica, da Região veio tomar novo impulso.

Nos primeiros anos, de 1935 a 1940, voltou-se a Diocese para a classe trabalhadora, de modo particular para os operários de salinas. O que era absolutamente inusitado e até temerário, Dom Jaime de Barros Câmara, o primeiro Bispo, passa a visitar as salinas e a conversar com os operários que, na época, trabalhavam em péssimas e precárias condições. Surgiam os Círculos Operários que a seu modo, iniciavam uma conscientização trabalhista.

A fase seguinte, anos 50, a Diocese de Mossoró dispara uma intensa ação social, de tal forma que se envolve no setor de saúde, de agricultura, de habitação, de educação rural, de formação de líderes. Constroem-se maternidades, postos de saúde e a Missão Rural leva a técnica aos Vales Secos do Açú e Apodi e tenta mobilizar as comunidades rurais. Naquele con-

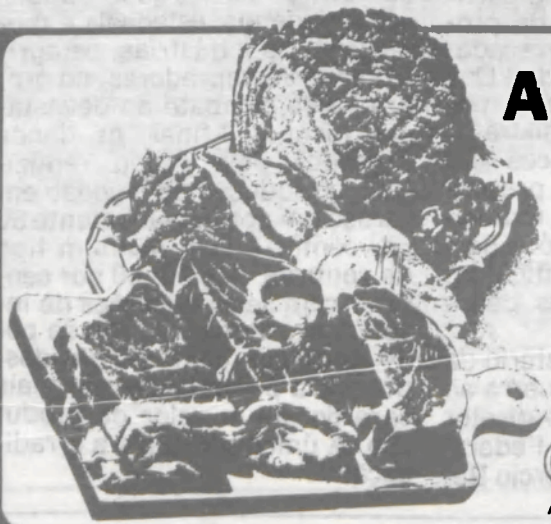
texto fazia a Igreja um trabalho supletivo que só mais tarde o Governo vem assumir.

Nos últimos 20 anos a contribuição da Diocese ao desenvolvimento e ao crescimento da Zona Oeste do Estado tem se colocado em outros termos. A Igreja tem visado despertar de uma consciência crítica e a tomada de consciência sobretudo na porção mais marginalizada do povo. Daí o trabalho nas pequenas comunidades, a ação do MEB (Movimento de Educação de Base) e o esforço da Rádio Rural.

Uma outra contribuição da Diocese de Mossoró ao Rio Grande do Norte, se situa na educação sistemática. Colégios e escolas não apenas em Mossoró mas espalhados também em outros recantos como Pau dos Ferros e Açú.

O desejo de participar da vida e dos problemas da comunidade e do povo tem levado a Diocese a tomada de posição muito clara e definida, por exemplo, na controvertida Barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Neste aspecto, a Diocese, sem querer imiscuir-se em assuntos propriamente técnicos, questiona «o modo» como se faz e implanta um empreendimento desta envergadura.

Olhando, então, toda esta realidade verifica-se que dentro do que lhe é peculiar e dentro dos seus objetivos, a Diocese jubilar, não tem fugido aos desafios das diversas épocas que tem vivido. Mais ainda: tem tentado dar pequena contribuição para que na «cidade dos homens» reine a Justiça e melhorem as condições para que todos se sintam felizes e possam realizar seus anseios.



Ainda somos a melhor...

Churrascaria Laçador. Um lugar de festa, de reunir amigos, da família mossoroense comungar uma boa refeição. Funcionando diariamente, é também um ponto de encontro dos que precisam falar de negócios. Porque ninguém é de ferro para viver só no escritório. Nem em casa.

Rodízio com sabor da natureza e hospitalidade gaúcha. Aceitamos reservas para festas e banquetes.



CHURRASCARIA LAÇADOR

Av. Presidente Dutra, 2335 — Tel.: 321-2350 — Mossoró-RN

Uma empresa nordestina na corrida do aço: Brasinox

A BRASINOX — Brasil Inoxidáveis S/A é uma das mais importantes empresas do setor metalúrgico nordestino. Sediada em Eduardo Gomes, a **BRASINOX** é especializada em engenharia, fabricação, comercialização e instalação de máquinas e equipamentos para cozinhas e lavanderias industriais, laboratórios, terminais pesqueiros, matadouros, frigoríficos industriais e comerciais, saunas e equipamentos para indústrias químicas e alimentícias, tais como: aquecedores, misturadores, despoldadores de frutas e outros.

No ramo de produção de equipamentos para cozinhas e lavanderias industriais, a **BRASINOX** tem se destacado participando de importantes eventos, como, por exemplo, a recente Equipotel/84, realizada em São Paulo.

A INDUSTRIA EM DESENVOLVIMENTO — Possuindo um capital autorizado de Cr\$ 16.000.000.000 (dezesseis bilhões de cruzeiros), a **BRASINOX** oferece atualmente, 300 empregos diretos. Após concluída a sua implantação, a **BRASINOX** oferecerá, aproximadamente, 1.000 empregos diretos.

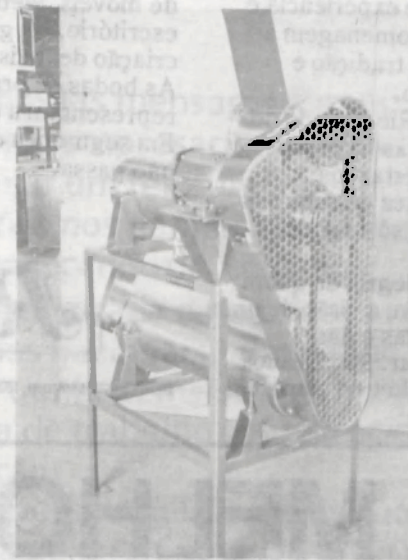
Ressalta-se que, enquanto prossegue a sua implantação, caminha paralelamente, a fabricação de equipamentos de sua linha, contribuindo dessa maneira, para o desenvolvimento Sócio-Econômico do Estado.

A cada dia, novos e modernos equipamentos vêm sendo desenvolvidos pela **BRASINOX**, consolidando sua posição no mercado nacional, em face do seu alto padrão tecnológico, aliado à sua tradicional atuação no setor.

Mas, o Grupo-Líder não repousa sobre os êxitos alcançados. Não pára no tempo, nem no espaço. Sua mais recente aquisição das instalações, parque fabril e atividades operacionais da BONNET — Equipamentos Industriais Ltda., de origem francesa, demonstra



Cozinha Industrial Brasinox



Extrator de sucos



Equipamento para laboratório



Lavador de pescado

preocupação com o futuro, chegando, agora, a São Paulo para, como empresa nossa, servir cada vez mais ao Brasil. Conseqüentemente, enquanto dá um passo importante em termos de avanço tecnológico, ganha novos espaços no mercado nacional.

O nome **BRASINOX S/A** figura, hoje, para orgulho nosso, em cozinhas industriais, funcionando em todo o Brasil e em alguns países da América Latina. Como exemplos, poderíamos citar: NESTLÉ, CITROSUCOS, PAES MENDONÇA e MAPPIN, dentre muitas outras em São Paulo. Em hotéis de renome como Clube Mediterané e Monte Hotéis, em Salvador, Grupo Othon, em Recife, Natal e Salvador, além dos

Centros de Convenções de Salvador, Recife, Natal e Fortaleza, na Alcoa e Universidade Federal do Maranhão etc; nas Bases Aéreas de Rondônia, Manaus e Porto Velho. Merecem também registro especial o Matadouro Industrial de Roraima e o Abatedouro Frigorífico de Mossoró, este último recém-inaugurado na capital do oeste Potiguar. Ambos instalados com equipamentos da tradicional marca **BRASINOX**.

Não obstante as dificuldades da hora presente, a **BRASINOX S/A** vai vencendo os desafios que se lhe apresentam, como empreendimento, apoiado pela **SUDENE**, e que se constitui em demonstração expressiva da capacidade realizadora do homem brasileiro.

ESTAMOS CONTENTES POR NOSSOS ANOS



Nada melhor que 25 anos de experiência e tradição para prestar uma homenagem a quem comemora 15 anos de tradição e experiência: RN/Econômico.

A quem vive no dia-a-dia o Rio Grande do Norte, expressando de muitas formas as lutas do seu povo, as conquistas, os problemas, e que faz da busca de soluções uma forma de contribuição, só se pode dar os parabéns.

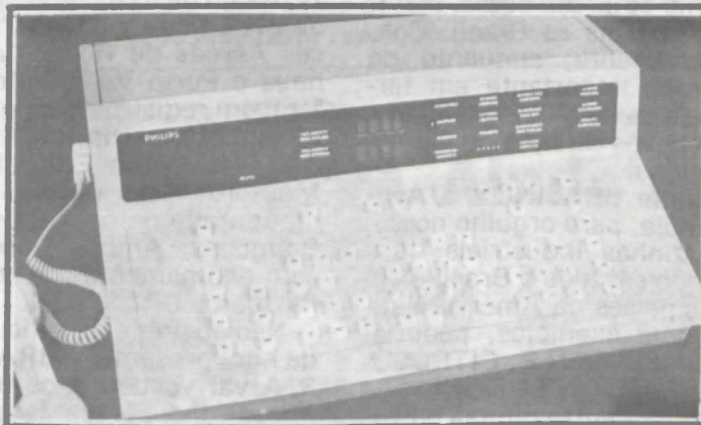
J. Resende faz isso com a alegria de quem entende do assunto. Não com a visão de uma revista. Mas do lado das lutas e das conquistas da gente potiguar. São 25 anos de batalhas para servir melhor no comércio

de móveis, eletrodomésticos e material de escritório. Na geração de empregos. Na criação de divisas para o nosso Estado. As bodas de prata de J. Resende representam a qualidade dos nossos artigos. E a segurança de que o que é bom, não passa.

Resende

Rua Cel. Estevam, 2008 — Tels.: 223-2455 — 223-2726 — Natal

A MELHOR QUALIDADE EM SOM



- Prestação de serviços de som e telefonia;
- Representante da PHILIPS — PABX;
- Representante da NEC — Key — Sistem.

**Helisom Gravações e
Publicidade Ltda.**

Rua Cel. Costa-Piñhalro, 1280 — Tel.: 222-3844 — Tirol — Natal-RN.

Insistir é preciso

Temos aproveitado nossas mensagens natalinas para levantar a bandeira da teimosia, pelo empresariado da indústria. Sabemos que a melhor maneira de desejar um feliz ano novo é estimulando a produção denunciando as distorções nos ganhos de capital, persistindo na vontade de fazer, realizar, produzir, construir.

Na antevisão de uma alvorada de mudanças com maior participação da sociedade nas decisões nacionais, almejando que isso se torne realidade o mais breve, também insistimos na necessidade da plena utilização da nossa força de trabalho e no direcionamento dos estímulos para os meios de produção.

A teimosia dos que optaram pelo trabalho haverá de ajudar a superar os problemas nacionais. É com essa disposição que vamos nos confraternizar na Festa do Natal, encontrando força para fazer o Feliz Ano Novo que todos desejamos.

Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte — FIERN

Serviço Social da Indústria — SESI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial — SENAI

Instituto Euvaldo Lodi — IEL

E O PIOR
É QUE O NO
TIME NÃO
TORCIDA!



ISSO TEM



Turismo já é uma opção econômica para o RN

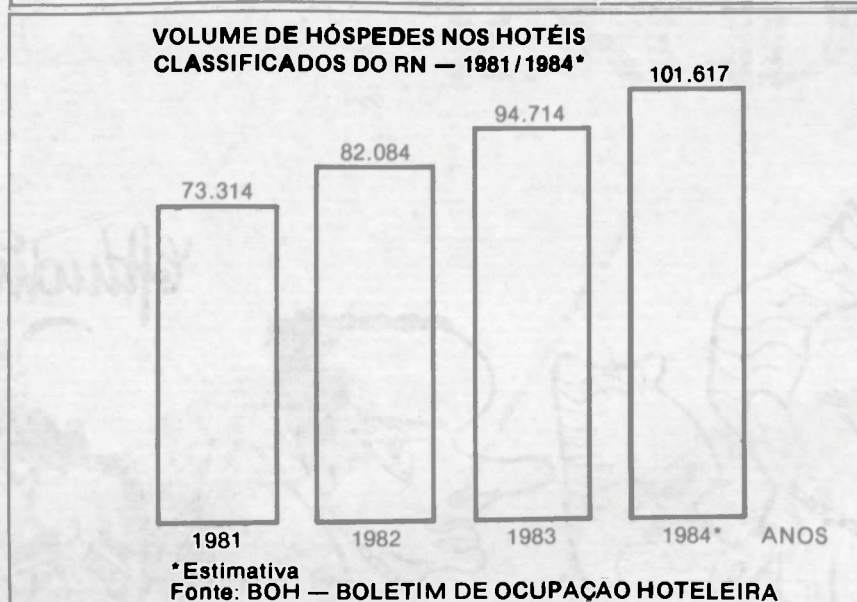
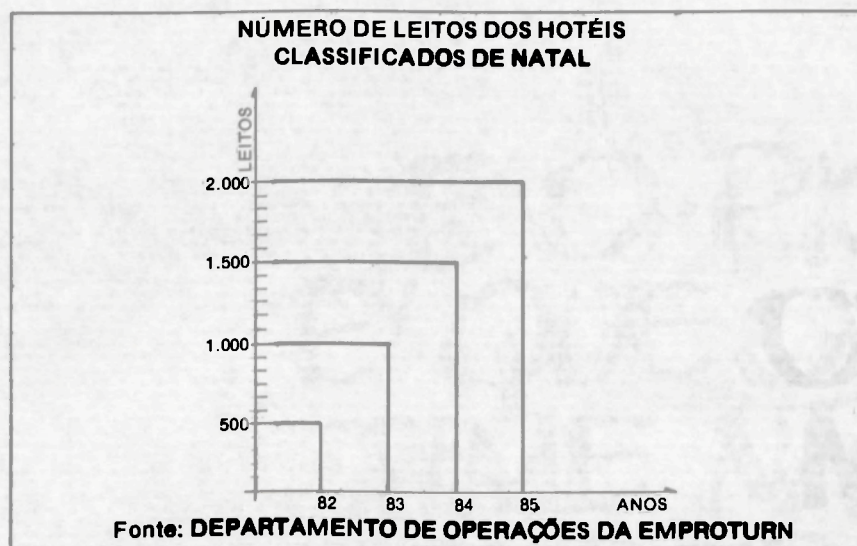
A indústria do turismo é hoje uma das principais fontes de receita para o Rio Grande do Norte e, de modo especial, para Natal que no ano passado faturou cerca de 10 bilhões de cruzeiros e registrou um fluxo de turistas em torno de 237 mil visitantes, segundo os dados revelados pela Pesquisa Estudo da Demanda Turística, promovida pela Embratur em convênio com a Emproturn.

De simples retórica, quando se dizia "o potencial turístico de Natal é enorme" ou "Natal tem uma vocação turística incomum", o setor turístico é atualmente o que recebe as maiores somas de recursos, canalizados para a concretização da Via Costeira ou Distrito Industrial do Turismo, onde estão sendo construídos treze hotéis de 2 a 5 estrelas, triplicando a oferta hoteleira atual.

A retórica é uma realidade palpável mostrada através dos indicadores econômicos da Pesquisa realizada pela Embratur/Emproturn e pela Diretoria Técnica da Emproturn que revela através de gráficos (veja ao lado) os números do crescimento turístico do Estado: em 81 estiveram na cidade 73 mil 314 turistas; em 82 esse número cresceu para 82 mil, em 83 para 94 mil 714 turistas e, para este ano estão sendo esperados 101 mil 617 turistas, só nos hotéis classificados pela Embratur.

Revela ainda a Emproturn que os investimentos estão aumentando no setor, esperando-se para os próximos anos a aplicação de recursos da ordem de 32 bilhões de cruzeiros, através do Fungetur e Governo do Estado, na Via Costeira. Com isso, o número de leitos que em 83 era de 1 mil, passará para dois mil leitos em 85.

MAO-DE-OBRA E PERMANÊNCIA — A Pesquisa da Embratur/Emproturn revelou também que o tempo de permanência dos turistas em Natal aumentou para 3,7 dias, em vez de um dia, a segunda-feira es-



pecificamente que os turistas visitavam Natal nos anos anteriores. Nos hotéis classificados pela Embratur hospedaram-se 33,7 por cento dos entrevistados, com uma faixa etária de 28,2 anos.

O índice atrativos turísticos registrou o maior percentual, referente a qualidade da região turística, 4,5%. Os maiores polos emissores continuam sendo São Paulo, com 13,8 por cento e Rio de Janeiro, daí o esforço da Emproturn em criar a Casa do Rio Grande do Norte na capital paulista, na tentativa de atrair o maior número de turistas.

Com a concretização da Via Costeira, o setor turístico vai gerar renda e mão-de-obra para o Estado, a partir do funcionamento da Escola de Hotelaria e Turismo do Natal, no próximo ano, responsável pela formação de mão-de-obra especializada para os hotéis.

Na Via Costeira serão criados mais de três mil empregos especializados e serão oferecidos aos turistas hotéis de categoria internacional, concluindo assim o trio de atrativos para os turistas: Natal tem praias lindas, sol o ano inteiro e hotéis modernos e confortáveis.

Pague menos é de Mossoró para bem servir o mossoroense

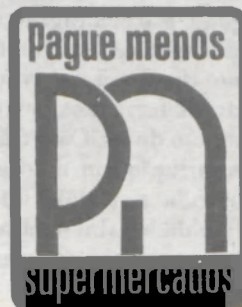


São seis lojas de supermercados que atendem a grande clientela de conterrâneos que dá preferência a uma empresa da terra da gente onde trabalham mossoroenses que ajudam no crescimento econômico de Mossoró. Hoje, com amor a terra comum e o melhor auto-serviço de supermercados da região, já estamos presentes nos 5 maiores bairros de Mossoró e mais uma loja na cidade de Pau dos Ferros.

PAGUE MENOS TODO DIA

SUPERMERCADO PAGUE MENOS

Escritório Central, Rua Meira e Sá, 84 — Tel.: 321-2521 — Mossoró-RN.



A Idade da Mesmice

OLGA DE MATTOS

Em 1968, o Alecrim ganhou o seu último título estadual. A partir daí, ABC e América revezaram-se na disputa dos títulos subseqüentes, o que indica de saída o que foi feito do futebol deste Estado nos últimos quinze anos. Compôs-se, então, uma espécie de Idade da Mesmice, que não admite o surgimento de fatos novos capazes de tornar interessante o acompanhamento do circo do futebol no Rio Grande do Norte durante o período.

O grande feito dos nossos clubes nesse espaço de tempo foi protagonizado em 1973, pelo América, na sua estréia em competições nacionais. Ao longo do Campeonato Brasileiro daquele ano, o clube rubro venceu todos os demais do Norte-Nordeste na soma de pontos e arrebatou a Taça Almir, instituída pela então Confederação Brasileira de Desportos para homenagear o jogador Almir, assassinado em 1973 e célebre pelo temperamento explosivo. Além do gênio exacerbado, Almir colocou o seu futebol refinado a serviço de clubes como Flamengo, Santos e Vasco.

Depois do feito, somente em 1975 o América conseguiria nova campanha meritória, conseguindo resultados expressivos aqui em Natal e em outras cidades. De resto, duas conquistas solitárias, já que o ABC jamais logrou grandes êxitos durante sua participação nas competições nacionais. E a nível estadual, o que se pode ressaltar não serve — repito — como alento ou estímulo para supor que o futuro do nosso futebol venha a ser tão brilhante quanto o desejado. Principalmente pelos cronistas medianos, que fazem de locuções demagógicas o seu lugar-comum profissional.

A Idade da Mesmice legitimou, por exemplo, uma prática bastante danosa à renovação do quadro de jogadores talentosos formados sob o sol turístico do Estado. Com o acesso do ABC ao Campeonato Brasileiro de 1972, a importação em massa de jogadores virou regra só afrontada nos dois ou três últimos anos, quando as dificuldades financeiras crescentes obrigaram os dirigentes a repensar seus métodos adminis-

trativos. Uma crise que é, em muito, conseqüência dessa política suicida de importação.

O outro grande elemento neste contexto viria a ser a dilapidação do patrimônio dos clubes, até um ponto tal que o América viu a sua sede ser colocada em leilão para o resgate de dívidas referentes a obrigações trabalhistas devidas. Um fato recente que tem raízes — e exemplos semelhantes — no começo da década de 70. O ABC foi o primeiro a entrar nesta corrida de empobrecimento, «organizada» por dirigentes de visão estreita, que viam no recurso a única fórmula para quitar dívidas assumidas com a «central de exportações» — os clubes de outros Estados — onde buscavam os jogadores que formariam suas equipes.

Ou para isto ou para se ressarcirem das quantias que empataram no clube, os dirigentes foram mestres neste tipo de dilapidação. Tanto que, em determinada época, o ABC sequer dispunha de campo para treinamentos. Afora o citado, os dirigentes continuam exercendo uma prática que transcende os limites do Rio Grande do Norte e caracteriza toda a cúpula dirigente do futebol brasileiro: utilizar clubes e Federações como instrumento de projeção política.

O Deputado Estadual Rui Barbosa, do PDS, é apontado como candidato a uma vaga na Câmara Federal nas próximas eleições. O seu combustível para tal vôo virá principalmente do título conquistado pelo ABC no ano passado, quando interrompeu uma série de três conquistados pelo grande rival — o América. Sempre que pode, o parlamentar associa sua trajetória política à imagem do clube alvinegro, olhos e ouvidos atentos para futuras conquistas de cargos parlamentares.

E assim segue o circo futebolístico no Estado, entre lances sempre iguais e desinteressantes. Para conferir a que ponto chegou a Idade da Mesmice, é só passar na sede da Federação local e pedir a média de renda e de público do Campeonato de 1984.

**Eficiência, agilidade,
competência, seriedade.
Valores que o Banco Safra
guarda com segurança
há muitos anos.**



Banco Safra SA

Tradição Secular de Segurança

15 ANOS DE QUERER BEM.

Parece que foi ontem. Mas já faz quinze anos desde o aparecimento do primeiro número do RN-Econômico, uma publicação que se propunha a querer o bem do nosso Estado a partir do seu próprio título. Com o RN-Econômico, o Rio Grande do Norte ganhou um espaço para debater seu desenvolvimento, noticiar sua economia e divulgar as suas potencialidades. Ou seja, fazer na imprensa o que nós do Bandern, atuando noutra área, já vínhamos fazendo há muito mais tempo. Há 78 anos, desde a nossa fundação. Pelo que se propõe, o RN-Econômico está se transformando também num patrimônio de nossa terra e da nossa gente. Um bem de todos. A quem todos devem querer bem.



Sistema Financeiro
bandern
um bem da terra.